

Redação

VOLUME 2

3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO E PRÉ-VESTIBULAR

NOME:

CURSO:

TURMA:

TELEFONE:

E-MAIL:

OBSERVAÇÕES:



São José dos Campos-SP
Telefone: (12) 3924-1616
editora@sistemapoliedro.com.br
www.sistemapoliedro.com.br

Copyright © Editora Poliedro, 2018
Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro
ISBN 978-85-7901-548-9

Autoria	Gabriela de Araújo Carvalho e Luiz Antonio Callegari Coppi.
Direção geral	Nicolau Arbex Sarkis.
Gerência editorial	Emilia Noriko Ohno.
Coordenação de engenharia de produção	Juliano Castilho Laet de Holanda.
Coordenação de projeto editorial	Marília L. dos Santos G. Ribeiro e Viviane R. Nepomuceno.
Analista de projeto editorial	Brunna Mayra Vieira da Conceição.
Coordenação de edição de texto	Anaiza Castellani Selingardi.
Edição de texto	Érica Mitico Bettoni Hayashibara e Thaís Inocêncio.
Coordenação de revisão	Mariana Castelo Queiroz.
Edição de arte	Kleber S. Portela e Wellington Paulo.
Ilustração	Equipe de ilustração da Editora Poliedro.
Coordenação de licenciamento	Kelly Garcia.
Analistas de licenciamento	Letícia A. Tashiro Lopes, Margarita Veloso e Souza e Nathalie Pimentel.
Auxiliar de licenciamento	Jade Cristina Bernardino.
Analista de produção editorial	Claudia Moreno Fernandes.
Coordenação de PCP	Anderson Flávio Correia.
Analista de PCP	Vandré Luis Soares.
Projeto gráfico e capa	Wellington Paulo.
Impressão e acabamento	Nywgraf.
Colaboração externa	Edição técnica: Cione Haires dos Santos. Edição de texto: Lívia Scherrer dos Santos. Diagramação: Antonio José Domingues da Silva. Revisão: Tamires Maldonado C. de Almeida.
Imagem de capa	STILLFX/iStockphoto.com

Carta ao estudante

Ao longo do tempo, a educação no país passou por mudanças, adaptando-se e alinhando-se às transformações da sociedade, tanto tecnológicas quanto culturais. Dessa forma, tornou-se necessário que o aluno apresente, entre outras características, as capacidades de resolver problemas, tomar decisões, aprender novos procedimentos e agir de forma ética.

Assim, além de habilitar o estudante para os processos seletivos que irá realizar ao final da Educação Básica, a formação escolar também deve prepará-lo para a vida, qualificando-o para o exercício da cidadania e para o aprendizado permanente, seja na continuidade dos estudos ou no campo profissional.

Dessa maneira, este material foi desenvolvido pelo Sistema de Ensino Poliedro e apresenta os conceitos da construção da escrita e as estratégias da linguagem para que você se expresse por escrito de maneira clara, coerente e coesa.

Dividido em 2 volumes, o volume 1, composto de 15 capítulos, trata de temas como gênero textual, dissertação argumentativa, assunto x tema, contextualização, argumentação, desenvolvimento dissertativo; enquanto o volume 2, com mais 15 capítulos, discute textos verbais, redações com temas polêmicos e com perguntas, tipos de conclusão, sofisticação textual, refino com a linguagem, dissertação clássica e redações com foco no Enem.

Para tanto, alguns recursos didáticos no decorrer da teoria enriquecerão a leitura do material, entre eles:

Atenção!

Destaca um conteúdo que precisa ser lembrado ou que é relevante para a compreensão de teorias posteriores.

Oferece, de forma breve e objetiva, os significados das mais variadas expressões e palavras que aparecem na teoria.

Saiba mais

Apresenta uma curiosidade do assunto tratado, além de fornecer informações breves sobre a vida de grandes cientistas, historiadores, escritores, artistas, descobridores, teóricos etc.



Quer saber mais?

Fornecer uma sugestão de livro, filme ou site, para que o aluno possa consultar, no intuito de ampliar seus conhecimentos.

Fundamentação

Redação é o nome dado à disciplina que contempla a produção de textos escritos, suas motivações e suas técnicas. No contexto escolar, organizar em gêneros textuais tudo o que está disponível de forma escrita é uma opção não apenas frequente, mas inteligente, dado que a partir dela é possível compreender a lógica que rege cada discurso e produção.

Um primeiro aspecto a ser considerado na produção de textos diz respeito à crescente percepção, pelos alunos, das condições em que essas unidades de sentido são produzidas. Diante de uma dada proposta de produção, o aluno deve ter clareza sobre:

- o que tem a dizer sobre o tema proposto, de acordo com suas intenções;
- o lugar social de que ele fala;
- para quem seu texto se dirige;
- de quais mecanismos composicionais lançará mão;
- de que forma esse texto se tornará público.

(PCN+ Ensino Médio, p. 80.)

Tendo por objetivo abordar aspectos referentes à leitura e à escrita, o material de Redação não perde de vista a importância de tais habilidades não só no contexto educacional, como também no desenvolvimento de uma comunicação mais elaborada e efetiva socialmente. Assim, a disciplina é aqui tomada como parte de um todo mais complexo de relações que exige dos indivíduos perspicácia, observação e organização de discursos e opiniões, buscando como consequência auxiliar a formação de alunos mais bem preparados para o mundo contemporâneo em que se torna cada vez mais indispensável estar informado a respeito dos acontecimentos mais recentes, manter-se disponível para a percepção crítica dos acontecimentos e atuar por meio de mídias essencialmente escritas disponíveis ao cidadão comum.

Organizados para otimizar a construção de uma relação com textos que os observe dentro de uma linha lógica e sensível, os exercícios propostos aqui simulam situações reais de interlocução e de produção acadêmica do mais alto nível que visam à autonomia do estudante. Sendo assim, optamos por uma sequência didática que primeiro observa a escrita em seu contexto mais amplo, que observa seus objetivos e interlocutores para apenas depois pensar em textos essencialmente argumentativos e desencadear, de forma progressiva, na dissertação de vestibular, um gênero textual complexo e bastante exigido por provas de seleção. Dentro dessa ideia, optamos por caminhar seguindo a lógica demandada por esse gênero e a construção de um raciocínio que se estrutura de forma organizada e clara, sem ruídos.

Na produção, entretanto, é preciso que o aluno mobilize uma série de recursos, também relacionados às suas competências interativa e gramatical:



- utilizar relações várias, de acordo com seu projeto textual – tese e argumentos; causa e consequência; fato ou opinião; anterioridade e posterioridade; problema ou solução; conflito e resolução; definição ou exemplo; tópico e divisão; comparação; oposição; progressão argumentativa;
- quanto ao texto dissertativo (expositivo ou argumentativo), relacionar adequadamente a seleção e a ordenação dos argumentos com a tese;
- quanto ao texto argumentativo, identificar o interlocutor e o assunto sobre o qual se posiciona para estabelecer interlocução;
- considerando as condições de produção, utilizar diferentes recursos resultantes de operações linguísticas – escolha, ordenação, expansão, transformação, encaixamento, inversão, apagamento.

(PCN+ Ensino Médio, p. 80.)

Na teoria, é abordada a ideia de interlocução sob a perspectiva do pensador Mikhail Bakhtin, que nos auxilia a entender o texto como um diálogo, um processo de construção interativa de significado. Para tratar propriamente da dissertação argumentativa, as categorizações propostas pelos professores universitários Wayne C. Booth, Gregory G. Colomb e Joseph M. Williams, principalmente, foram escolhidas por estarem em plena consonância com aquilo que se entende por estrutura dissertativa nas provas aplicadas hoje no Brasil. O respeito ao raciocínio lógico baseado em evidências é o principal eixo da proposta pedagógica deste material, que entende a linguagem, portanto, como uma área multidisciplinar integrada plenamente ao diálogo com outras disciplinas, dado que saber compreender, argumentar e manter-se em atitude de aprendizado contínuo possibilita um enfrentamento menos conflituoso com os problemas e com as tomadas de decisão futuros.

Assim, este livro possibilita que os alunos produzam textos mais seguros, capazes de traduzir com precisão aquilo que se planejou, problematizando fenômenos que ocorrem na sociedade atual e seus efeitos, de forma sugerir intervenções.

Bibliografia sugerida

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOOTH, W. C.; COLOMB, G. G.; WILLIAMS, J. M. *A arte da pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRASIL. MEC. *PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Vol. 2. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2017.

DISCINI, N. *O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura*. São Paulo: Contexto, 2003.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto: leitura e redação*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1999.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. 2008. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da Língua Portuguesa*. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

PERELMAN, C., OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. Tradução de M. E. G. G. PEREIRA. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto: leitura e redação*. 16 ed. São Paulo: Ática, 2000.

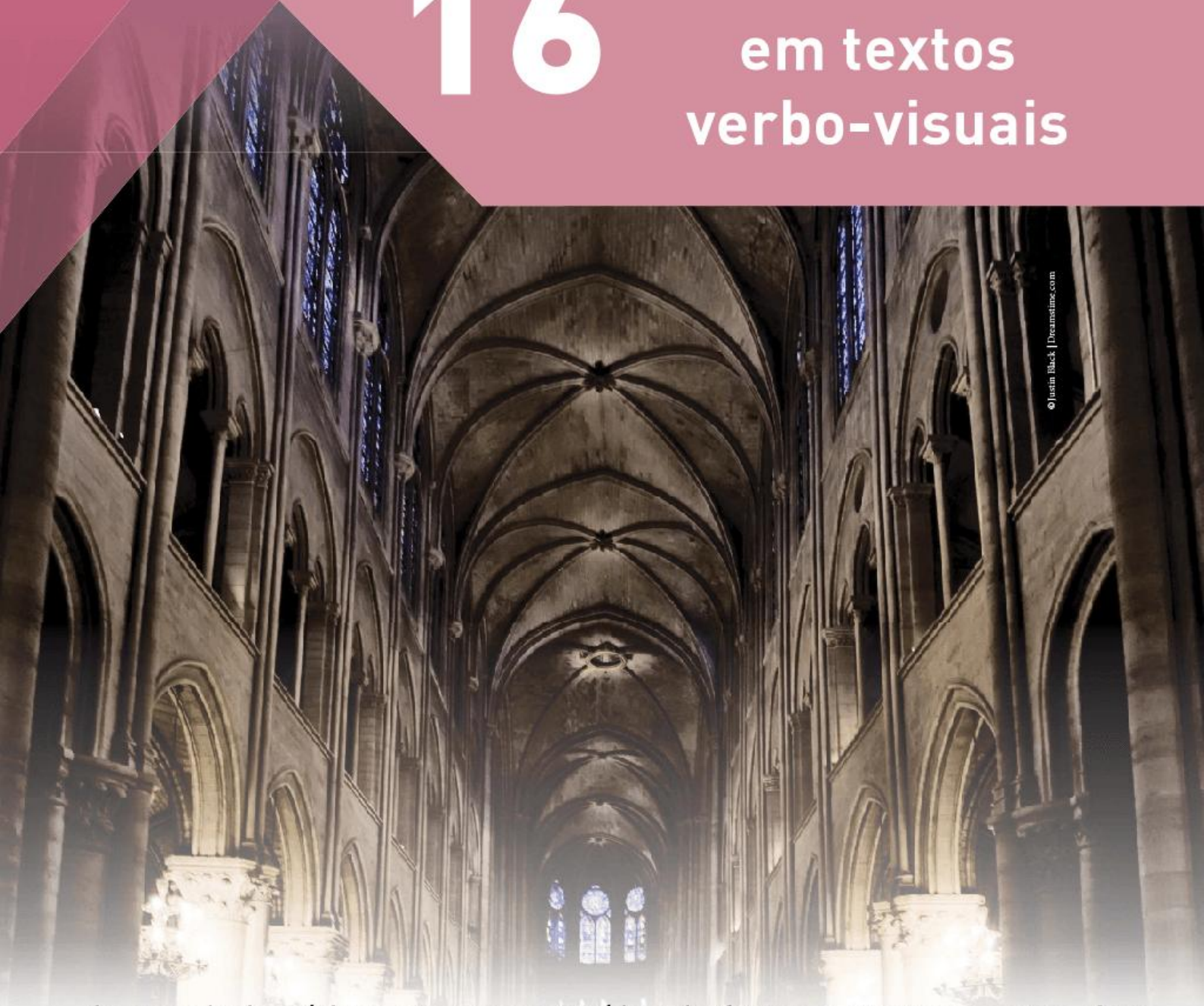
Sumário

▶ Capítulo 16 - Propostas baseadas em textos verbo-visuais	09
Ler o que não está escrito	10
Para praticar.....	15
Proposta de redação	16
Resumo teórico	18
▶ Capítulo 17 - Análise de textos: a evolução argumentativa	19
As fases argumentativas.....	20
Para praticar.....	27
Proposta de redação	30
Resumo teórico	32
▶ Capítulo 18 - Polêmicas	33
Objetividades apaixonadas.....	34
Para praticar.....	40
Proposta de redação	41
Resumo teórico	42
▶ Capítulo 19 - Conclusão I	43
Terminar: entre confirmar e inferir	44
Para praticar.....	48
Proposta de redação	51
Resumo teórico	54
▶ Capítulo 20 - Conclusão II	55
Terminar: intervir, consertar	56
Para praticar.....	61
Proposta de redação	64
Resumo teórico	68
▶ Capítulo 21 - Análise da conclusão	69
Conclusões diferentes.....	70
Para praticar.....	80
Proposta de redação	82
Resumo teórico	84
▶ Capítulo 22 - Sofisticação textual	85
A argumentação nos detalhes.....	86
Ousadias linguísticas na dissertação.....	88
Possíveis aplicações.....	95
Para praticar.....	99
Proposta de redação	101
Resumo teórico	104
▶ Capítulo 23 - Refinos de linguagem I	105
Repetição de palavras.....	106
Contextualização detalhada.....	110
Características sociais.....	111
Para praticar.....	113
Proposta de redação	114
Resumo teórico	118

▶ Capítulo 24 - Refinos de linguagem II	119
Catáfora e anáfora.....	120
Escolha vocabular.....	123
Análise de parágrafos.....	123
Para praticar.....	125
Proposta de redação.....	126
Resumo teórico.....	132
▶ Capítulo 25 - Construindo a dissertação	133
Pensando juntos.....	134
Para praticar.....	146
Proposta de redação.....	147
Resumo teórico.....	148
▶ Capítulo 26 - Grades de correção I: dissertação clássica	149
O que é relevante na correção do texto.....	150
Os critérios avaliados.....	152
A aplicação em um texto.....	156
Dúvidas frequentes.....	158
Para praticar.....	159
Proposta de redação.....	161
Resumo teórico.....	164
▶ Capítulo 27 - Grades de correção II: Enem	165
A prova do Enem segundo o Inep.....	166
As competências.....	168
Análise de redação.....	174
Para praticar.....	176
Proposta de redação.....	181
Resumo teórico.....	184
▶ Capítulo 28 - Grades de correção III: gêneros textuais	185
A avaliação por gêneros textuais.....	186
Uma possível grade de correção.....	187
Análise de redações.....	189
Gêneros mais solicitados em vestibulares.....	195
Para praticar.....	196
Proposta de redação.....	200
Resumo teórico.....	204
▶ Capítulo 29 - Revisão I	205
Tipos e gêneros textuais.....	206
Análise da prova.....	206
Para praticar.....	214
Proposta de redação.....	216
Resumo teórico.....	220
▶ Capítulo 30 - Revisão II	221
A introdução.....	222
O desenvolvimento.....	222
A conclusão.....	223
Para praticar.....	225
Proposta de redação.....	227
Resumo teórico.....	232
▶ Gabaritos	233

Capítulo 16

Propostas baseadas em textos verbo-visuais



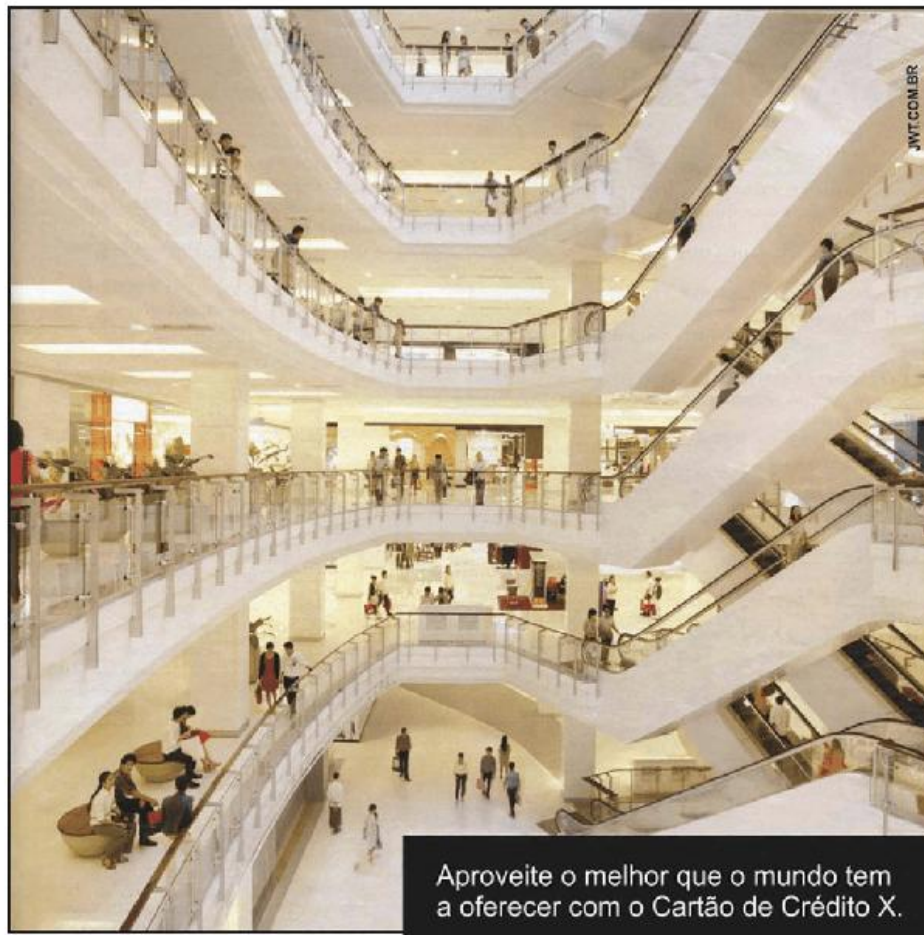
© Justin Black | Dreamstime.com

As catedrais góticas eram construídas de forma a provocar sensações que levassem o homem a refletir sobre si mesmo em relação ao mundo. Nossa dimensão diminuta frente à grandeza do edifício deixa clara a mensagem de que o homem não é nada diante do poder divino. Nesse cenário, sequer são necessárias palavras, pois os elementos, a disposição dos objetos, as cores e os tamanhos falam por si só, fazendo com que seja imprescindível saber ler sem as palavras.

Ler o que não está escrito

Nem sempre as propostas apresentadas nos vestibulares trazem somente textos verbais. Há vezes em que nem aparecem palavras.

Em 2013, a proposta da Fuvest apresentava, como texto de apoio, apenas uma propaganda, e é isso que analisaremos.



Esta é a reprodução (aqui, sem as marcas normais dos anunciantes, que foram substituídas por X) de um anúncio publicitário real, colhido em uma revista, publicada no ano de 2012.

Como toda mensagem, esse anúncio, formado pela relação entre imagem e texto, carrega pressupostos e implicações: se o observarmos bem, veremos que ele expressa uma determinada mentalidade, projeta uma dada visão de mundo, manifesta uma certa escolha de valores e assim por diante.

Redija uma dissertação em prosa, na qual você interprete e discuta a mensagem contida nesse anúncio, considerando os aspectos mencionados no parágrafo anterior e, se quiser, também outros aspectos que julgue relevantes. Procure argumentar de modo a deixar claro seu ponto de vista sobre o assunto.

Instruções:

- A redação deve obedecer à norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas, com letra legível.
- Dê um título à sua redação.

A proposta

O texto da proposta deixa claro que é importante pensar não apenas na imagem em si, mas no que ela revela sobre o mundo que a produz. Afinal, o anúncio publicitário expressa a visão de mundo e a escolha de valores que refletem os interesses do anunciante.

A mensagem, no canto inferior direito, indica alguns aspectos dessa mentalidade ao associar “o melhor que o mundo tem a oferecer” por meio das possibilidades oferecidas pelo cartão de crédito X com a imagem do interior de um *shopping*, o que reforça o pensamento de que o melhor está ligado ao que se pode comprar.

De fato, não parece um enunciado isolado. Em nossa cultura, a ideia de que o pago é melhor que o gratuito ou de que o caro é melhor que o barato é presente com uma força incontestável. Mas como naturalizamos esse processo? Como nos inserimos nele?

Para responder essas questões, é necessário observar os detalhes trazidos pela fotografia da proposta.



© iStock | Dreamstime.com

O interior × o exterior

Observe que a foto escolhida para compor o anúncio retrata o interior do *shopping*, e, dessa maneira, não há a opção de observar o lado de fora do centro de compras, pois ele ocupa toda a extensão da imagem.

Quando focamos apenas em um recorte das coisas e do mundo, é mais difícil perceber que essas coisas e esse mundo talvez sejam maiores do que o recorte. Ao limitar a atenção a uma parte, torna-se complicado ter dimensão do todo, logo temos dificuldade para entender que há mais o que se ver além desses fragmentos.

Talvez esse tenha sido o efeito pensado para essa foto, pois, se nos fosse dada a visão do lado de fora do *shopping*, reconheceríamos que o que podemos aproveitar “com o cartão de crédito X” é apenas uma parte do mundo que está ligada aos bens de consumo. Além dela, há outra parte que nem sempre exige os mecanismos de pagamento para ser aproveitada.

A escolha da fotografia não foi feita ao acaso. Se pensarmos na existência dentro da nossa cultura, talvez seja difícil imaginar o que não está inserido nessa lógica de consumo, pois pagamos para nascer, viver e morrer. Nossas relações afetivas tampouco ficam de fora, uma vez que a escola ou o bairro onde fazemos amigos implicam determinadas condições financeiras.



© Pavel Lenerky | Dreamstime.com

Assim, como pensar em nós mesmos senão nos ligando, de alguma forma, ao mundo do consumo? Essa dúvida, surgida a partir da observação de um aspecto não verbal do anúncio publicitário, poderia dar origem, por exemplo, à seguinte tese.

Tese 1

Quando o mundo do consumo está por todos os lados, ele tende a ser visto como o único possível. O efeito disso é não conseguirmos mais nos perceber e pensar senão a partir de sua lógica.

Note que outros elementos visuais comprovam esse ponto de vista, como as escadas rolantes, que dão a sensação de que é possível subir e descer no interior do espaço, mas sem sair dele.

Corroborando com essa ideia, podemos observar que o *shopping* é um espaço climatizado e iluminado de uma mesma forma o dia inteiro, construindo, assim, uma realidade interna própria, distinta da que existe no exterior. Quanto mais tempo passamos dentro dessa realidade paralela, menores as chances de a percebermos como uma dentre outras, já que ela não estabelece vínculo algum com essas outras realidades.

A disposição arquitetônica do interior

Observe que o interior do *shopping* apresentado na imagem possui um grande vão central em torno do qual orbitam patamares de onde, aparentemente, pode-se ver tudo. Além disso, há a claridade, a limpeza e a transparência que parecem comprovar essa visão global.

Nesse cenário, se um indivíduo fizer qualquer ação fora do esperado, ele será observado, notado. Dessa forma, não causaria estranhamento se, inibido por essa sensação de vigilância, ele passasse a se comportar conforme as regras do lugar. E quais são as regras ou as expectativas dentro de um *shopping center*?

Novamente, tomando como ponto de partida a reflexão a respeito de um traço da imagem, podemos propor, como tese, algo como o exemplo a seguir.

Tese 2

No interior do mundo do consumo, só há um comportamento possível: o de consumir. Portanto, aqueles que se afastam dessa lógica passam a ser excluídos e marginalizados.

Um exemplo real da tese 2 pode ser notado em 2014, quando aconteceram diversos "rolezinhos" em *shopping centers*. Na ocasião, debateu-se a exclusão daqueles que não se enquadravam nos comportamentos habituais do espaço.

Nessa mesma linha, se analisarmos a marginalização nos casos em que determinadas pessoas são barradas em algumas lojas ou retiradas delas, também encontraremos exemplos para legitimar essa tese.

Para enriquecer a discussão, é interessante pensar naqueles que, por uma razão ou outra, optam pelo não consumo ou, ao menos, por um consumo diferente do representado na fotografia. Por exemplo:

- Como se reage ao morador de rua em um *shopping center*?
- Como o senso comum se porta diante daqueles que levam uma vida alternativa?

Saiba mais

SUSPENSÃO
PELO "ROLEZINHO"



Os chamados "rolezinhos" foram encontros marcados por jovens através das redes sociais em determinados espaços. Em 2014, quando se começou a propor a realização desses encontros no interior de *shopping centers*, as reuniões criaram polêmicas. Observe, por exemplo, o que diz esta notícia: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,medo-de-rolezinho-faz-jk-iguateemi-barrar-menores-e-ate-funcionarios,1117400>>.



A fisionomia das pessoas



Na foto da proposta de redação, não é possível identificar com exatidão a fisionomia de cada um dos indivíduos fotografados. Também não podemos perceber suas características pessoais nem depreender se estão felizes, tristes, angustiados. O único traço que podemos observar é que são frequentadores do centro de compras.

A partir daí, não fica difícil expandir o seguinte raciocínio: em nossa cultura, não é estranho nos identificarmos como consumidores, antes de tudo. Transferimos nossas características a bens materiais dispostos em vitrines. Assim, quando queremos beleza, compramos maquiagem; quando queremos elegância, compramos uma roupa que a carregue; quando queremos sensualidade, compramos um perfume, por exemplo. De forma geral, nesse modelo de vida, é importante que reconheçamos essas características em produtos, pois isso nos leva a consumi-los para, então, possuímos essas características também.

Essa falta que sentimos em nós mesmos não se mostra irrelevante ou desnecessária, pois é preenchida por objetos de consumo. Parece que quanto mais nos sentimos frustrados conosco, mais consumimos aquilo que, supostamente, suprirá essa carência. Esses questionamentos podem ser usados na tese a seguir:

Tese 3

O mundo de consumo atrela a realização individual a seus produtos. O efeito disso é que a frustração consigo mesmo seja a pedra de toque da existência das pessoas nesse sistema.

Ora, mas esses produtos, em sua maioria, são feitos em série. Assim, aqueles que creem que a beleza está em um batom feito em uma linha de produção tenderão a formar a mesma ideia sobre o que é a beleza; aqueles para quem o *sex-appeal* tem a ver com ter um carro tenderão a padronizar esse *sex-appeal* às formas desse objeto. Desse ponto, mais uma tese poderia ser sugerida.

Tese 4

Quando a realização pessoal está em objetos produzidos em série, a realização também se padroniza. Nesse sentido, passamos a não ser mais que manequins uniformizados.

O tamanho das pessoas e o tamanho do *shopping*



Seria possível que o anúncio publicitário selecionasse uma foto em que o destaque fosse dado aos frequentadores do espaço, e não ao tamanho do *shopping*, mas não foi essa a escolha. Quando observamos a imagem, o que vemos são indivíduos sem fisionomia em um espaço que parece sobrepôr-se a eles.

Podemos fazer os seguintes questionamentos:

- Alguém seria capaz de mudar esse *shopping* sozinho?
- Também de forma individual, alguém se sente capaz de inventar uma forma de vida alheia à proposta pelo mundo de consumo em que vivemos?

Aparentemente, o mais comum é que esses sujeitos rareiem. Esse mundo parece funcionar sozinho, independente de nossas escolhas diárias ou hábitos cotidianos, e, porque acreditamos nisso, esses hábitos realimentam a estrutura que os produz.

Nesse sentido, muitas vezes, ainda que saibamos das condições escabras em que vivem os tecelões que trabalham na confecção de uma determinada marca de roupa, continuamos a comprar em suas lojas; ainda que conheçamos a poluição engendrada pela indústria, continuamos a comprar seus produtos; ainda que tenhamos ouvido falar sobre as condições dos abatedouros de animais utilizados por certas redes alimentícias, nutrimo-nos com seus pratos e lanches. A partir dessas reflexões, vamos observar a tese a seguir.

Atenção!

Sempre que notar algum aspecto de nossa cultura em um traço de uma fotografia ou imagem, procure pensar em exemplos de nossa sociedade que confirmem aquilo sobre o que você refletiu. Concretizar a ideia é essencial para prová-la ao leitor.

Tese 5

Dada a imponentia do mundo de consumo, o sujeito contemporâneo tende a se sentir cada vez mais impotente. Quanto mais se sente assim, mais realimenta a estrutura que, muitas vezes, critica.

Ainda que não seja por meio de textos escritos e detalhados, as imagens nos contam diversos aspectos a respeito dos temas. Observá-las com atenção é essencial para fugir ao senso comum, elaborar teses diversas e construir argumentações sólidas.

Texto complementar

Como texto complementar, trabalharemos com uma redação divulgada entre as melhores da Fuvest de 2013, disponível no site da instituição: <www.fuvest.br/vest2013/bestred/103202.html>. Nosso foco de análise será as referências presentes no texto que, de alguma forma, possam nos encaminhar para a interpretação da imagem da proposta.

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

A difícil tarefa de ser

Syler Dunder, concretização de uma série de desejos secretos e de frustrações do personagem principal de "O Clube da Luta", abre uma discussão acerca do ser e do sentir numa era em que o consumo é imperativo. O filme, baseado no livro homônimo, levantou polêmicas ao retratar um indivíduo desconectado de sua identidade que buscou patisfazer no consumo suas faltas. Esse consumo, no entanto, não evitou a criação de Dunder por camadas mais profundas de sua mente, não evitou a criação de um rapaz plenamente consciente de suas vontades e de seu corpo. O longa metragem aponta a metáfora: vivemos suplicando Syler Dunder, aquele que sabe quem é e o que quer, já que há uma ideologia circundante pregando que tudo aquilo que precisamos ou que queremos está à venda e que, se está à venda, é uma necessidade ou um desejo.

Quando o lucro é esperado, nascemos todos individualizados. A ideia de se cumprir um protocolo girado a partir do gênero, por exemplo, que impõe o que se deve ter e o que se deve ser, é quase unânime. Uma mulher mal cuidada é menos feminina e todas as ferramentas de que precisa para acionar o comando "feminilidade", que muitas vezes é cobrado para sua inserção social, estão disponíveis num centro de compras. O que pouco se discute é a relação de um ser humano, hoje, com seu corpo; ela pode ir além daquilo que se pode comprar. O Syler Dunder social por vezes clama por dor ou por angústia - que são humanas, que criam arte, que movem movimentam - mas recebe como resposta: "não estão à venda". Clama por um reconhecimento de fatores femininos no próprio corpo, mas eles estão em um nível. O centro de compras branco, iluminado, transparente e seguro vende apenas o que foi denominado como "o melhor que o mundo tem a oferecer", renegando "o humano que o mundo tem a receber".

É nesse ínterim que acontece uma uniformização. Não se consegue discutir escolha de valores porque ela não mais existe. Existe sim uma pequena gama de valores à venda e todos os desejos acabam por ela limitados. Desejos já dados como naturais e confirmados como naturais sob o argumento de que a maioria está desejando a mesma coisa; inadequado é aquele que não adequa seu desejo ao que oferecido.

Difícil, pois, se torna distinguir o que é corpóreo e humano do que é parte da dívida a que fomos expostos. Difícil seria separar Syler Dunder da mente que o criou. Difícil para a ser, para a maioria dos inseridos na engrenagem capitalista, reconhecer um desejo que não tenha sido criado e que não esteja à venda.

Primeiramente, podemos perceber que a redação se organiza em torno de uma tese relativamente parecida com a tese 3, estudada durante o capítulo, ou seja, é como se calássemos nossas particularidades para aderirmos ao “melhor que o mundo tem a oferecer com o cartão de crédito X”.

Para dar-lhe forma, no entanto, a autora recorre a uma referência própria na qual percebe o mesmo fenômeno. Na descrição que ela faz dos personagens do filme *O clube da luta*, há também a oposição entre o que somos ou poderíamos ser e a artificialidade do mundo de consumo.

Já no D1 do texto, outros trechos parecem dialogar com percepções a respeito da imagem. O exemplo de o gênero estar mais ligado a alguns produtos compráveis estabelece uma ponte clara com o que estudamos acerca da transferência da subjetividade para os objetos de consumo. Conforme vimos, ao nos esvaziarmos de nossas subjetividades, acabamos por transferi-las aos bens dispostos na vitrine, como o rímel descrito pela autora.

Ainda nesse parágrafo, ela demonstra ter levado em consideração a limpeza, a claridade e a cor observadas na imagem da proposta. Em seu texto, isso não foi interpretado como uma maneira de facilitar a observação mútua, mas como aspectos que reforçam a polarização entre a artificialidade oferecida no *shopping* e uma humanidade mais orgânica, sufocada pela atmosfera consumista.

No D2, mais uma vez, parece haver um diálogo com a fotografia. No começo do parágrafo, há uma discussão a respeito da uniformização que tal sistema acarreta. Ao final, dessa padronização decorre a inadaptação daqueles que, por algum motivo, não se acomodam ao desejo dado como sendo da maioria – aqui, talvez, a sensação de que se deve seguir o padrão e adequar-se às expectativas do todo também seja oriunda da observação da disposição do interior do espaço na foto.

Como podemos notar, a fotografia encerra em si uma série de percepções possíveis, as quais, nem sempre, serão trabalhadas isoladamente. Em um texto real, elas tendem a se misturar e se complementar. O resultado é um texto como “A difícil tarefa de ser”.

■ Quer saber mais?



Documentário

- Em *Hiato*, o diretor Vladimir Seixas registra uma ocupação de pessoas pobres em um *shopping* da zona sul do Rio de Janeiro. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=UHJmUPeDYdg>.



Filme

- No longa-metragem *Amor por contrato*, de Derrick Borte, é apresentada uma família que tem como profissão vender um estilo de vida e os objetos que o tornam possível. É um desencadeador interessante para pensar o esvaziamento subjetivo em uma cultura como a nossa.

RESUMO teórico

PROPOSTAS BASEADAS EM TEXTOS VERBO-VISUAIS

É preciso LER o que não está escrito.

É importante pensar não apenas na **imagem** em si, mas no que ela **revela sobre o mundo** que a produz.

Sempre é possível depreender elementos que revelem a mentalidade e o conjunto de valores que a mensagem transmite.

Ao observar a imagem, fuja do senso comum e construa argumentações sólidas.

Tome como ponto de partida a reflexão a respeito de um traço da imagem e proponha a tese.

Capítulo 17

Análise de textos: a evolução argumentativa



© Marjux Aurnakevicius | Dreamstime.com

A lagarta deve se fechar em seu próprio casulo, voltar-se a si mesma e esperar para se tornar uma borboleta, não sendo possível voar sem antes respeitar as etapas necessárias até essa fase.

A argumentação também não surge do nada. Ela demanda tempo, reflexão, desconstrução e reconstrução de certezas que, de alguma maneira, nos envolvem como carapaças, a fim de apresentá-las para defender nosso ponto de vista.

As fases argumentativas



©Stevenrussellhughes | Dreamstime.com

Para argumentar de maneira consistente, é preciso sair um pouco do casulo. Criamos nossa forma de pensar o mundo a partir das referências com que temos contato e, enquanto essa maneira não é questionada ou colocada perante outros entendimentos, tendemos a tomá-la como natural, como sendo a própria realidade. Quando nos deparamos com algo que não havíamos pensado anteriormente, temos uma oportunidade dupla: ao mesmo tempo em que o absoluto dá lugar a um painel mais complexo e colorido da realidade, podemos também rever o que nos levou a pensar de tal forma, isto é, quais as explicações que temos para sustentar, para nós mesmos, o que afirmamos. Em outras palavras, para que o argumento nasça, é preciso desconstruir ideias, fragmentando as certezas que, em algum momento, tornaram-se automáticas, e reconstruir o percurso do pensamento.

Vamos analisar três redações para compreender como se dá essa evolução argumentativa. Por trabalharem com linguagem e estruturação mais ou menos equivalentes, as dissertações nos permitem focar no trabalho argumentativo. Todas elas foram escritas a partir da proposta: **Corrupção no Congresso Nacional: reflexo da sociedade brasileira?**

Texto 1

Sobre reflexos e uma árvore cada vez maior

Segundo o dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, os primeiros sentidos de "corrupção" dizem respeito à decomposição de algo, à adulteração das características originais de alguma coisa.

No campo político, então, isso implicaria que pessoas honestas e responsáveis pelas questões públicas, ao assumirem seus cargos eletivos, teriam essas intenções iniciais deterioradas. Observando o cenário brasileiro, porém, não parece ser esse o caminho, pois, de uma forma geral, por naturalizarmos a sobreposição dos interesses particulares aos coletivos, a corrupção parece apenas um reflexo de uma prática mais incrustada. Os efeitos dessa dinâmica é que os atos ilícitos de congressistas perdurem¹.

1. A introdução atende satisfatoriamente o que foi solicitado na proposta. Há uma contextualização que recorre ao verbete do dicionário para apresentar o que se entende por "corrupção" e uma tese eficaz, que responde à pergunta feita na proposta. Para o autor, a corrupção no congresso é reflexo da sociedade brasileira.

Segundo a Organização Transparência, os números em relação aos casos de corrupção no Brasil são alarmantes. De acordo com os dados, 32% dos deputados e senadores atuantes no Congresso Nacional em 2014 já haviam sido condenados não só por fraudes e desvios, mas também por crimes cometidos fora do âmbito político, como homicídios e exploração de trabalho degradante. Não é à toa, então, que as notícias envolvendo políticos com crimes tomem as páginas dos noticiários. Talvez, por essa razão, em pesquisa feita pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil apareça como o quarto país mais corrupto do mundo².

2. O parágrafo inteiro é expositivo, indicando que o autor não se posiciona em praticamente nenhum trecho (salvo o último período, em que, de maneira bastante insatisfatória, ele faz uma relação entre o que tinha descrito anteriormente e um ranking internacional). Quando lemos o parágrafo, somos colocados diante de uma série de informações e dados – que não podemos contestar por não termos conhecimento sobre suas fontes – ou diante de expressões sustentadas em elementos subjetivos, como o adjetivo "alarmantes" no tópico frasal. Um ponto positivo, porém, é que o autor não se limitou ao que estava na coletânea e revela ter procurado mais aspectos do tema para compor seu texto.

Isso ocorre porque a sociedade brasileira é corrupta também³. De certa maneira, os brasileiros, em seu dia a dia, cometem atos que poderiam ser categorizados como corruptos também³. Essa corrupção do cotidiano é, de alguma forma, causadora do comportamento à margem da lei de alguns políticos que acompanhamos diariamente nos noticiários³. Exemplo disso são as denúncias divulgadas quase todos os dias a respeito de delações envolvendo representantes eleitos de praticamente todos os partidos no poder⁴.

Sendo assim, a corrupção no Congresso Nacional não surge a partir do nada. Ela tem suas raízes muito aprofundadas na sociedade brasileira – e, enquanto o corte não se der na raiz, os atos ilícitos em detrimento do interesse público continuarão a crescer e a dar frutos⁵.

3. Nota-se que o autor não desenvolve o raciocínio. As três primeiras sentenças do parágrafo, com palavras diferentes, fazem a mesma afirmação, ou seja, não há expansão argumentativa.

4. Há um trabalho insatisfatório com a exemplificação. Perceba que, aparentemente, a ideia mais importante do parágrafo é a de que a sociedade brasileira também é corrupta. Concretiza-se, porém, que há denúncias de corrupção sendo feitas pelos órgãos midiáticos – algo que uma breve observação do que nos cerca já comprovaria. Lembre-se, portanto, de que a concretização não é, simplesmente, uma obrigação do texto, mas uma estratégia argumentativa, o que significa que deve ser bem pensada para garantir sua eficácia.

5. A conclusão é pertinente, recuperando o que havia sido trabalhado na tese e confirmando-a.

Autoria de LACC.

Atenção!

É muito comum ficar em dúvida sobre procurar ou não mais informações e ideias quanto ao tema antes de escrever uma redação, afinal, no dia do vestibular, essa opção não existirá. A sugestão é que você procure e anote aquilo que achar interessante. Essa prática ajudará na formação de um repertório que poderá auxiliá-lo nos dias de prova.

Texto 2

Sobre reflexos e uma árvore cada vez maior

Segundo o dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, os primeiros sentidos de "corrupção" dizem respeito à decomposição de algo, à adulteração das características originais de alguma coisa. No campo político, então, isso implicaria que pessoas honestas e responsáveis pelas questões públicas, ao assumirem seus cargos eletivos, teriam essas intenções iniciais deterioradas.

Observando o cenário brasileiro, porém, não parece ser esse o caminho: de uma forma geral, por naturalizarmos a sobreposição dos interesses particulares aos coletivos, a corrupção parece apenas um reflexo de uma prática mais incrustada. Os efeitos dessa dinâmica é que os atos ilícitos de congressistas perdurem¹.

Quando o "eu" se sobrepõe ao "nós", a corrupção da coletividade é a norma. Em nossa sociedade, o famoso "jeitinho brasileiro" naturaliza que é preciso tirar vantagens de qualquer situação a todo custo². Furar filas, ficar com o troco errado, sonegar uma parte dos impostos... ainda que variem os graus, o comportamento geral é visando sempre alguma espécie de benefício próprio, ainda que isso custe o bem-estar de quem está em relação conosco. A corrupção no Congresso, diante de tais condições, é apenas um reflexo dessa forma de lidar com a coletividade.

1. Nesta primeira tentativa de reconstrução do texto, o autor aposta na mesma introdução – lembre-se de que ela já estava boa. Nesta redação, porém, há um problema que costuma aparecer em diversos textos. Quando a segunda parte da tese se limita a afirmar que "há consequências" referentes ao que foi sugerido na primeira, é muito comum que o D2 se refira a uma mera exposição desses efeitos. É preciso tomar cuidado com isso.

2. Diferentemente do texto 1, o desenvolvimento dessa segunda redação procura estabelecer relações argumentativas, uma vez que o autor não se limitou a expor a corrupção, mas justificou-a por uma causa: o "jeitinho brasileiro". O problema, neste caso, é embasar essa relação em um senso comum:

- o que é esse "jeitinho brasileiro"?
- como defender que, por nascer em território brasileiro, teríamos uma tendência a um ou a outro hábito?

Seria importante trabalhar melhor o embasamento da relação de "causa e efeito" estabelecida para reforçar argumentativamente o parágrafo.

Não espantam, portanto, os números relativos à criminalidade em Brasília. Segundo a Organização Transparência, em 2014, quase um terço dos deputados e senadores já haviam sido condenados por crimes (tanto relativos ao exercício do mandato quanto à esfera privada). Tal cenário levou o Brasil a ser reconhecido, em pesquisa do Fórum Econômico Mundial, como o quarto país mais corrupto do mundo. E essa corrupção, a julgar pelas notícias divulgadas diariamente pelos canais midiáticos, não se restringe a um indivíduo particular ou a um partido específico, pois, de certa maneira, todos estão envolvidos³.

3. Como antecipado no item 1, o desenvolvimento do D2 acaba se voltando demais à mera exposição das informações. Assim como na redação anterior, é um ponto positivo recorrer a elementos externos à coletânea, contudo eles precisam estar dispostos de uma maneira mais argumentativa. Sem isso, o parágrafo não apresenta explicações, mas uma listagem das consequências do cenário trabalhado no trecho anterior.

Isso, porém, vai perdendo a capacidade de chocar em um contexto em que o benefício próprio em detrimento do bem-estar público é a norma⁴.

4. Com essa última frase, o autor consegue dar um fecho mais argumentativo a essa listagem, devido à sua ligação com a ideia trabalhada no D1. Ainda é pouco, mas é melhor do que terminar apenas com as concretizações.

Sendo assim, a corrupção no Congresso Nacional não surge a partir do nada. Ela tem suas raízes muito aprofundadas na sociedade brasileira, e enquanto o corte não se der na raiz, os atos ilícitos em detrimento do interesse público continuarão a crescer e a dar frutos⁵.

5. Novamente, há a manutenção da conclusão. Ela retoma a tese, mas, dessa vez, pode se apoiar também na argumentação.

Autoria de LACC.

Texto 3

O que escapa da definição

Segundo o dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, os primeiros sentidos de "corrupção" dizem respeito à decomposição de algo, à adulteração das características originais de alguma coisa. No campo político, então, isso implicaria que pessoas honestas e responsáveis pelas questões públicas, ao assumirem seus cargos eletivos, teriam essas intenções iniciais deterioradas. Observando o cenário brasileiro, porém, não parece ser esse o caminho: de uma forma geral, por naturalizarmos a sobreposição dos interesses particulares aos coletivos, a corrupção parece apenas um reflexo de uma prática mais incrustada. Os efeitos dessa dinâmica é que os atos ilícitos de congressistas perdurem¹.

1. Mais uma vez, o texto parte da mesma introdução. Observe, porém, como o trabalho com a segunda parte da tese será diferente no D2.

Quando o "eu" se sobrepõe ao "nós", a corrupção da coletividade é a norma. Isso significa dizer que não é preciso estar à margem da lei para dar sequência a um modo de vida em que a "salvação individual" parece vir sempre à frente de um cuidado com as questões coletivas². De certa forma, quando, diante de um sistema de saúde público precarizado, opta-se por abandoná-lo e aderir a um plano pago a brigar por ele; ou quando se escandaliza mais com o pagamento dos impostos do que, de fato, com o não uso coletivo deles, legitima-se a preponderância do particular em relação ao coletivo³. Talvez, internamente, a naturalização de um tal cenário corrobore a ideia de que, em meio ao

2. Depois de um tópico frasal que mantém a estrutura do texto 2, o autor muda a forma de se justificar. O que causa a corrupção no congresso não é mais o "jeitinho brasileiro", mas uma forma de vida em que os interesses individuais, dentro ou fora da lei, prevalecem sobre os coletivos.

3. Com as concretizações relativas à saúde e ao pagamento de impostos, a ideia anterior vai ficando mais clara. É importante notarmos que o autor não afirma que deveríamos assumir uma postura diferenciada ou que contratar um plano de saúde em vez de brigar pelo sistema público de saúde seja equivalente a desviar milhões de dinheiro público. Sua pretensão com a concretização de seus argumentos é dar forma a um modo de vida social em que a prioridade é sempre o próprio indivíduo.

público, é o indivíduo quem sempre deve estar seguro e bem. Independentemente da legalidade, da moralidade - seja ou não de congressistas -, parece haver uma forma de vida social em que essa sobreposição é a regra⁴.

4. A concretização de seus argumentos não fica solta no final do parágrafo. O autor vale-se do fecho para explicar melhor sua ideia e não deixar dúvidas a respeito do que está defendendo.

A persistência de casos de corrupção no Congresso, então, parece um reflexo dessa maneira de viver. Os números relativos à porcentagem de parlamentares condenados,

5. Nesse segundo período do D2, o autor condensa tudo o que embasava o D2 do texto 2 e o D1 do texto 1. A partir daí, ele não apenas expõe as informações, mas as usa para pensar mais argumentativamente.

a quarta colocação em rankings internacionais de corrupção ou as denúncias diariamente repetidas midiaticamente, porém, parecem atuar para afastar os indivíduos comuns da percepção de sua própria existência⁵. Quando "corrupção" é um termo limitado à esfera da política representativa, lançamos toda a nossa indignação a tal âmbito, sem nos dar conta de que, talvez, mesmo dentro da lei, também contribuamos (sejam lá quais forem as razões que nos levam a isso) para uma sociedade em que cada um está sozinho e por si⁶.

6. Há uma problematização a respeito dos dados abordados: para o autor, eles acabam comprovando uma conduta de limitar "corrupção" ao campo eleitoral. Com isso, o modo de vida descrito no D1 passaria despercebido.

Não há, portanto, nada efetivamente corrompido. Os atos ilícitos no Congresso Nacional são nada mais que outras faces de um modo de vida legitimado fora dele. Fechar os olhos para isso, limitando a definição do que é ou não corrupto, todavia, afasta-nos de um combate mais eficaz⁷.

7. A conclusão, mais uma vez, retoma a tese e se apoia na argumentação. Não há nada nela que fuja ao que havia sido projetado.

Autoria de LACC.

Como notamos pelas análises e correções nos três textos, a argumentação não surge do nada. Nós olhamos o mundo a partir de nós mesmos, de nossas próprias experiências, nem sempre percebendo que o nosso relato a respeito dele não o descreve exatamente. Para tanto, é preciso começar a desconstruir nossas certezas, os lugares-comuns sobre os quais andamos, para poder, efetivamente, enxergar o desenho de nosso pensamento.

PARA PRATICAR

Fuvest 2017

Examine o texto* a seguir, para fazer sua redação.

Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento?

*Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de servir-se de seu próprio entendimento sem direção alheia. O homem é o próprio culpado dessa menoridade quando ela não é causada por falta de entendimento mas, sim, por falta de determinação e de coragem para servir-se de seu próprio entendimento sem a tutela de um outro. Sapere aude!** Ousa fazer uso de teu próprio entendimento! Eis o lema do Esclarecimento.*

A preguiça e a covardia são as causas de que a imensa maioria dos homens, mesmo depois de a natureza já os ter libertado da tutela alheia, permaneça de bom grado a vida inteira na menoridade. É por essas mesmas causas que, com tanta facilidade, outros homens se colocam como seus tutores. É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, se tenho um diretor espiritual que assume o lugar de minha consciência, um médico que por mim escolhe minha dieta, então não preciso me esforçar. Não tenho necessidade de pensar, se é suficiente pagar. Outros se encarregarão, em meu lugar, dessas ocupações aborrecidas.

A imensa maioria da humanidade considera a passagem para a maioridade, além de difícil, perigosa, porque aqueles tutores de bom grado tomaram-na sob sua supervisão. Depois de terem, primeiramente, emburrecido seus animais domésticos e impedido cuidadosamente essas dóceis criaturas de darem um passo sequer fora do andador de crianças em que os colocaram, seus tutores mostram-lhes, em seguida, o perigo que é tentarem andar sozinhos. Ora, esse perigo não é assim tão grande, pois aprenderiam muito bem a andar, finalmente, depois de algumas quedas. Basta uma lição desse tipo para intimidar o indivíduo e deixá-lo temeroso de fazer novas tentativas.

KANT, Immanuel.

* Para o excerto aqui apresentado, foram utilizadas as traduções de Floriano de Sousa Fernandes, Luiz Paulo Rouanet e Vinicius de Figueiredo.

** *Sapere aude*: cit. lat. de Horácio, que significa "Ousa saber".

Esses são os parágrafos iniciais de um célebre texto de Kant, nos quais o pensador define o Esclarecimento como a saída do homem de sua menoridade, o que este alcançaria ao tornar-se capaz de pensar de modo livre e autônomo, sem a tutela de um outro. Publicado em um periódico, no ano de 1784, o texto dirigia-se aos leitores em geral, não apenas a especialistas.

Em perspectiva histórica, o Esclarecimento, também chamado de Iluminismo ou de Ilustração, consiste em um amplo movimento de ideias, de alcance internacional, que, firmando-se a partir do século XVIII, procurou estender o uso da razão, como guia e como crítica, a todos os campos da atividade humana. Passados mais de dois séculos desde o início desse movimento, são muitas as interrogações quanto ao sentido e à atualidade do Esclarecimento.

Com base nas ideias presentes no texto de Kant, apresentado anteriormente, e valendo-se tanto de outras informações que você julgue pertinentes quanto dos dados de sua própria observação da realidade, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha o seu ponto de vista sobre o tema: **O homem saiu de sua menoridade?**

Instruções:

- A dissertação deve ser redigida de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título à sua redação.

A dissertação a seguir apresenta problemas relativos à argumentação. Identifique esses problemas e proponha novos parágrafos de desenvolvimento, corrigindo-os.

Pela maioria

O filósofo alemão Immanuel Kant define a "menoridade" como a incapacidade que os homens têm de se servir de seu próprio conhecimento sem que sejam dirigidos por outras pessoas. Ainda que as palavras do autor tenham sido escritas no século XVIII, elas ainda parecem bastante atuais quando observamos a sociedade contemporânea: cada vez mais habituados a transferir a outrem tudo o que nos cerca, fazemos o mesmo processo com nosso entendimento. O efeito disso é que passamos a ser guiados pela compreensão de mundo dominante.

De acordo com o pensador germânico, somos responsáveis por essa menoridade. Segundo ele, a preguiça e a covardia podem ser apresentadas como razões para essa condição, pois seria mais cômodo colocarmo-nos sob a tutela de alguém. Assim, diz ele, passa a ser suficiente pagarmos para alguém que escolha nossa dieta, para alguém que nos dirija espiritualmente, alguém que, enfim, assumirá o lugar de nossa própria consciência. Basta pagar, conclui Kant, não havendo razões para pensar por si só.

Quando nos habituamos a tal cenário, porém, começamos, tal qual papagaios, a apenas repetir o que diz e pensa quem nos dirige. Um exemplo disso na realidade brasileira é a maior rede de televisão do país. São notórios os casos em que ela interferiu na consciência dos cidadãos, dos quais podem-se destacar o apoio à ditadura militar brasileira e a manipulação de um debate entre presidencialistas nas primeiras eleições depois da redemocratização.

Sendo assim, é importante que nós mesmos tomemos as rédeas de nosso conhecimento. Pensar a partir de nós próprios nos afasta do controle daqueles que pensam em nosso lugar.

Autoria de LACC.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

UNESP 2016



Menina vietnamita atingida por napalm foge de aldeia bombardeada.

(Nick Ut. Vietnã, 1972.)



Menina sudanesa em região assolada pela fome é observada por abutre.

(Kevin Carter. Sudão, 1993.)



Menino sírio é encontrado morto em praia após naufrágio de barco com refugiados.

(Nilufer Demir. Turquia, 2015.)

Texto 1

Um dos traços característicos da vida moderna é oferecer inúmeras oportunidades de vermos (à distância, por meio de fotos e vídeos) horrores que acontecem no mundo inteiro. Mas o que a representação da crueldade provoca em nós? Nossa percepção do sofrimento humano terá sido desgastada pelo bombardeio diário dessas imagens?

Qual o sentido de se exibir essas fotos? Para despertar indignação? Para nos sentirmos "mal", ou seja, para consternar e entristecer? Será mesmo necessário olhar para essas fotos? Tornamo-nos melhores por ver essas imagens? Será que elas, de fato, nos ensinam alguma coisa?

Muitos críticos argumentam que, em um mundo saturado de imagens, aquelas que deveriam ser importantes para nós têm seu efeito reduzido: tornamo-nos insensíveis. Inundados por imagens que, no passado, nos chocavam e causavam indignação, estamos perdendo a capacidade de nos sensibilizar. No fim, tais imagens apenas nos tornam um pouco menos capazes de sentir, de ter nossa consciência instigada.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*, 2003. (Adapt.).

Texto 2

Quantas imagens de crianças mortas você precisa ver antes de entender que matar crianças é errado? Eu pergunto isso porque as mídias sociais estão inundadas com o sangue de inocentes. Em algum momento, as mídias terão de pensar cuidadosamente sobre a decisão de se publicar imagens como essas. No momento, há, no Twitter particularmente, incontáveis fotos de crianças mortas. Tais fotos são tuitadas e retuitadas para expressar o horror do que está acontecendo em várias partes do mundo. Isto é obsceno. Nenhuma dessas imagens me persuadiu a pensar diferentemente do modo como eu já pensava. Eu não preciso ver mais imagens de crianças mortas para querer um acordo político. Eu não preciso que você as tuite para me mostrar que você se importa. Um pequeno cadáver não é um símbolo de consumo público.

MOORE, Suzanne. "Compartilhar imagens de cadáveres nas mídias sociais não é o modo de se chegar a um cessar-fogo", 21 jul. 2014. Disponível em: <www.theguardian.com>. (Adapt.).

Texto 3

A morbidez deve ser evitada a todo custo, mas imagens fotográficas chocantes que podem servir a propósitos humanitários e ajudar a manter vivos na memória coletiva horrores inomináveis (dificultando, com isso, a ocorrência de horrores similares) devem ser publicadas.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. "Muito além de Aylan Kurdi", 08 set. 2015. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br>>. (Adapt.).

Texto complementar

Enfim, é preciso sublinhar tudo o que pode ser contado a favor do desenvolvimento do hiperindividualismo contemporâneo ao vê-lo reforçar ainda mais a tendência à identificação com o outro. [...] Sob o efeito do imaginário da igualdade e das imagens midiáticas, os indivíduos são mais tocados pelo espetáculo do sofrimento alheio: essa é a raiz da empatia global contemporânea, dos impulsos de solidariedade, da supervalorização do humanitarismo. O individualismo exacerbado que se desencadeia em nossas regiões não se reduz tão só ao fechamento em si mesmo e à instrumentalização utilitarista do outro; ele é também sensibilização – ainda que epidérmica e passageira – ao sofrimento daqueles que não conhecemos. É assim que o individualismo e a sociedade midiática favorecem a sentimentalização da cultura e dos comportamentos solidários [...].

Foi dito e repetido que o humanitarismo não é uma política. E isso é verdade, visto que ele não tem como deter guerras, impedir violações dos direitos humanos, garantir um futuro real aos desfavorecidos. O humanitarismo cuida das vítimas: diferentemente da política, não combate adversários ou inimigos; é solicitude e compaixão para com o gênero humano. Um altruísmo universal que não traz nenhuma solução real [...].

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. MACHADO, Maria Lúcia (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 138-9.

No excerto, os autores são bastante críticos em relação à exposição do sofrimento de forma controlada pelos veículos de comunicação. Para eles, enquanto nos sensibilizamos com os casos particulares escolhidos a dedo pelos editores dos noticiários, os sistemas de desigualdade e de segregação produzidos por eles continuam sendo perpetuados. Por outro lado, poderíamos pensar que essa sensibilização, ainda que controlada, talvez seja o primeiro passo para nos darmos conta de que existe um mundo ao nosso redor. O que você acha?

Saiba mais

Gilles Lipovetsky é um sociólogo francês contemporâneo. Sua obra *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo* traz uma análise bastante pertinente sobre nossa sociedade e, ainda que escrita na década de 1980, bastante atual também.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. DEUTSCH, Therezinha Monteiro (Trad.). São Paulo: Manole, 2005.



Quer saber mais?



Livro

- Na obra *Educação pelo argumento*, de Gustavo Bernardo, o autor trabalha a questão da argumentação como ponto-chave para o estabelecimento da educação e, por que não, das nossas relações cotidianas.

RESUMO teórico

A EVOLUÇÃO ARGUMENTATIVA

A argumentação surge com tempo e reflexão, para que, assim, possamos apresentar nossos argumentos para defender um ponto de vista.

É preciso desconstruir e fragmentar as certezas que, em algum momento, tornaram-se automáticas e, em seguida, reconstruir o percurso do pensamento.

Capítulo

18

Polêmicas



Há temas que despertam paixões e nos fazem sair dos eixos. Mas também há aqueles que nos levam a desfazer amizades e evitar determinadas pessoas. Quando essas questões surgem em relações que desejamos manter, não raro tentamos mudar de assunto ou encerrar a discussão. Pois é, esses temas também aparecem em dissertações...

Objetividades apaixonadas



AVPhotolab/istockphoto.com

Atenção!

Não estamos defendendo que há uma forma completamente objetiva de olhar para o mundo que nos cerca. No entanto, para dissertarmos, convém lembrar que nem todos possuem a mesma crença, ideologia política e história de vida. Quando falamos de objetividade, o que temos em mente é uma experiência capaz de ser dividida com outras pessoas e entendida por elas. É por isso que descrever os processos que observamos em nossa sociedade e ancorá-los em evidências é um caminho extremamente útil ao argumentar.

Nem sempre as propostas de redação abordarão temas que facilitem deixar as emoções de lado. Há questões que nos tocam profundamente, mexem com nossos norteadores mais íntimos e, diante delas, parece-nos impossível tomar um posicionamento contrário àquilo em que acreditamos. De fato, quando nos deparamos com divergências em relação a esses assuntos, somos levados a questionar como existem pessoas que pensam de maneira tão diferente da nossa. Não raramente, quando instigados a discutir acerca desses tópicos, perdemos a cabeça e, diante das recusas de nossos interlocutores em mudarem de opinião, sentimos como se estivéssemos presenciando a falência das palavras e da argumentação.

Isso talvez ocorra porque utilizamos a argumentação para dar sentido a uma disposição emocional e a aspectos subjetivos que nem sempre se fundamentam na realidade ou na objetividade. Na dissertação, porém, é a assertividade que devemos buscar.

Os motivos pessoais que nos levam a gostar ou não de alguma coisa e a opinar de uma ou de outra forma perdem relevância em um texto dissertativo, no qual essa subjetividade não será, necessariamente, dividida com o leitor. Por conta disso, ao elaborar dissertações sobre esses temas delicados, é preciso deixar nossa personalidade de lado e reconhecer que só há argumentação possível dentro de um cenário em que um olhar minimamente objetivo a respeito do que nos cerca é compartilhado com o leitor.

Em vez de levantarmos da mesa e darmos por encerrados esses debates, vamos observar como encará-los dissertativamente em uma proposta real de redação.

Proposta de redação da Unifesp 2016

Texto 1

Pela primeira vez em mais de 150 anos, brasileiros foram mortos por terem sido condenados à pena capital. A execução de Marco Archer, em janeiro, e a de Rodrigo Gularte, em abril, ambas na Indonésia, foram as primeiras de brasileiros no exterior:

Já no Brasil, a última execução de um homem livre condenado à morte pela Justiça Civil aconteceu em 1861. A pena de morte foi abolida no Brasil com a Proclamação da República, em 1889. Desde então, ela vigorou como exceção em alguns momentos da história do país, como na ditadura militar, e atualmente é prevista apenas em situações de guerra.

*"País executou último homem livre em 1861", 03 maio 2015.
Disponível em: <www.folha.uol.com.br>. (Adapt.).*

Texto 2

A ideia da pena de morte foi reintroduzida nos debates públicos no final dos anos 80 – durante o processo de redemocratização – quando o medo do crime, o crime violento e a violência policial começaram a aumentar. A pena de morte é frequentemente proposta como punição para os chamados crimes hediondos: latrocínio (roubo seguido de morte), estupro seguido de morte, sequestro seguido de morte e crimes envolvendo crueldade.

Um dos argumentos mais frequentes a favor da pena capital é que ela refletiria o "sentimento popular". Esse argumento é substanciado com citações de pesquisas de opinião pública indicando que cerca de 70% da população é a favor da pena de morte¹. Alguns políticos argumentam que, no contexto de proliferação da violência e do fracasso do sistema judiciário, apenas uma medida extrema como a pena de morte poderia ser uma solução. Eles pensam na pena de morte mais em termos de vingança do que em termos da lei ou de eficiência para reduzir a criminalidade. Eles não dizem que a pena capital iria resolver o problema da violência em geral, e apenas uma minoria argumenta que ela impediria outros de cometer crimes semelhantes. No entanto, insistem que, como as pessoas que cometem crimes violentos são dominadas pelo mal e irredimíveis, executá-las significa evitar que cometam futuros crimes e, para citar sua própria retórica, "salvar vidas inocentes".

CALDEIRA, Teresa. Cidade de muros, 2000. (Adapt.).

(1) Esta era a porcentagem dos brasileiros que apoiavam a pena de morte no final da década de 1990, época da publicação do livro. Pesquisas recentes indicam que 43% dos brasileiros ainda apoiam a adoção da pena capital.

Texto 3

*É importante examinar alguns dados de outros países sobre a pena de morte, um grande mito da discussão sobre controle da criminalidade no Brasil, frequentemente apresentado, de forma irresponsável, como **panaceia** para os nossos problemas criminais:*

- *Nos Estados Unidos, país que desde 1976 reintroduziu a pena de morte para crimes letais, a taxa de homicídios por cem mil habitantes é duas a quatro vezes superior à registrada em países da Europa Ocidental, que não adotam essa pena;*
- *Os estados norte-americanos sem pena de morte têm taxas de homicídios mais baixas que os estados onde é aplicada a punição capital;*

panaceia remédio contra todos os males.

- *O Canadá registrou uma taxa de 3,09 homicídios por cem mil habitantes em 1975, um ano antes da abolição da pena de morte naquele país. Em 1993 a mesma taxa foi de 2,19, ou seja, 27% menor que em 1975. Só quem acredita em soluções mágicas e demagógicas pode enxergar na punição capital um instrumento na luta contra a criminalidade e a violência.*

LEMGRUBER, Julita. "Controle da criminalidade: mitos e fatos". Disponível em: <www.observatoriodesequilíbrio.org>. (Adapt.).

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema: **A adoção da pena de morte pode contribuir para a redução do número de crimes hediondos no Brasil?**

Enfrentando a situação

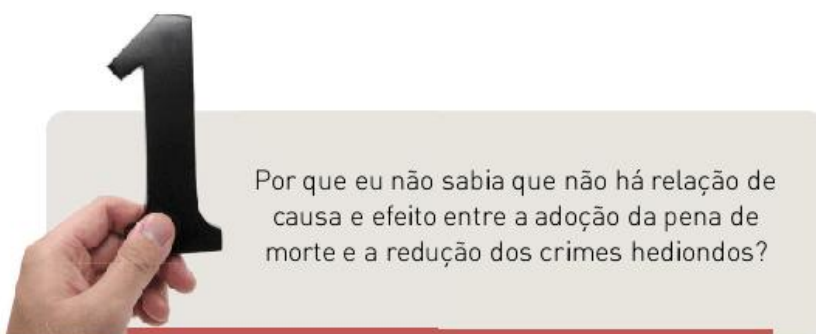
É interessante notar que, muitas vezes, as propostas que tratam de assuntos mais polêmicos e espinhosos não são trabalhadas fora de contexto. Observe que a pergunta lançada como tema associa a adoção da pena de morte à redução do número de crimes hediondos, ou seja, a questão não é saber se somos favoráveis ou não à pena de morte, pois o que está em jogo é uma relação de causa e efeito: caso tal medida seja adotada, há alguma evidência que nos leve a acreditar que a quantidade de crimes hediondos diminuirá.

Quando analisamos a coletânea de textos da proposta, percebemos que, de acordo com o que foi exposto, essa relação não reflete a realidade. Em países ou estados onde não há a pena capital, os índices de crimes hediondos são menores do que naqueles que a praticam. É claro que uma pesquisa ou fonte podem ser contestadas por outras de linhas de pensamento distintas; no entanto, se não tivermos essa alternativa diante dos dados disponibilizados, qual argumento usaríamos para defender que a pena de morte reduz o número de crimes hediondos? Nossa insegurança? Nossos interesses privados?

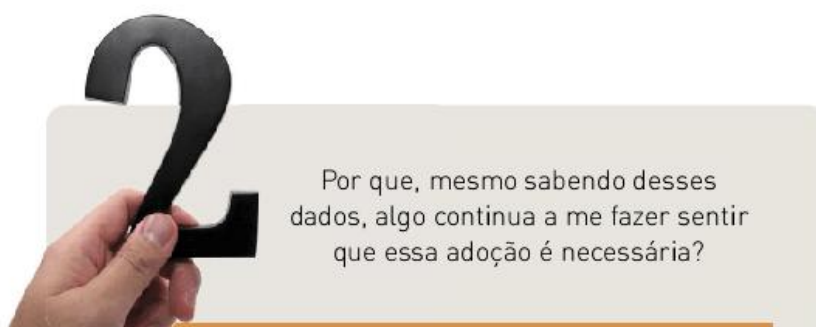
Todos esses motivos nos orientam diariamente em nossas condutas particulares, mas não são proveitosos em uma dissertação que pretende ser objetiva. Talvez, seja apenas nossa adesão ao senso comum que nos faça crer que há uma relação de causa e efeito entre a pena de morte e a redução dos crimes hediondos, porém, ante a fatos que se opõem ao conhecimento intuitivo, não há demérito algum em mudar o ponto de vista. Na verdade, no texto dissertativo, pouco produtivas são nossas experiências individuais ou nossas crenças embasadas em noções comuns, a não ser que as tomemos como ponto de partida para que nós mesmos nos questionemos.



Ainda em relação à proposta de redação da Unifesp, poderíamos indagar:



© Feng Yu | Dreamstime.com



A partir desses questionamentos, poderíamos, por exemplo, sugerir algumas teses:

Tese 1

Em um cenário imediatista, a pena de morte é defendida como solução para os crimes hediondos. Quanto mais rapidamente propomos essa resolução, porém, menos tempo destinamos à compreensão do fenômeno da violência e mais longe ficamos de, efetivamente, resolvê-lo.

Tese 2

Em um contexto dominado pelo medo, a pena de morte surge como promessa de alívio, ainda que não seja efetiva no combate aos crimes hediondos - o que, talvez, apenas agrave o cenário.

Observe como os dois posicionamentos concebidos através de um processo de autoconsciência são válidos. Ainda que não haja mudança de opinião, é possível revelar outras problematizações.

Esse tipo de pergunta da proposta não é tão raro em provas com temas mais controversos. Em 2015, a Unesp abordou um assunto parecido, sobre a redução da maioria penal.

“A redução da maioria penal contribuirá para a redução da criminalidade no Brasil?”

Novamente, exige-se uma resposta a uma questão que demanda uma relação entre dois eventos, fazendo-nos refletir se há alguma evidência que mostre que um decorre do outro.

Definindo para objetivar

Por outro lado, há propostas de redação que são mais diretas quanto a polêmicas. Nesses casos, as perguntas em relação aos mais diversos assuntos tendem a ser binárias: “sim ou não”; “deve ou não deve”; “isto ou aquilo”. Para manter a objetividade quando isso ocorre, uma estratégia interessante é problematizar um termo de peso para a construção do tema. Vamos observar:

Famerp 2015

O imposto sobre grandes fortunas é uma injustiça com os mais ricos?

Tese 3

Quando atrelamos a ideia de justiça à de igualdade, somos inclinados a ter exigências iguais em relação a sujeitos em condições diferentes, o que só alimenta injustiças e desigualdades sociais. Dessa maneira, é apenas com a taxação de grandes fortunas que se pode ter um cenário mais igualitário.

Famema 2016

A leitura deve ser uma medida para a redução da pena de presidiários?

Tese 4

Se uma pena prisional é entendida apenas como uma reclusão, qualquer medida que vise à reinserção do presidiário passa a ser mal vista, o que apenas realimenta as condições fundamentais da criminalidade. Nesse sentido, caso se queira um sistema prisional capaz de reinserção social, a leitura deve ser adotada não apenas para reduzir o tempo de condenações, mas, principalmente, para ressignificar o tempo passado no interior das cadeias.

Como percebemos, ainda que as duas propostas sejam bem diretas – as respostas esperadas são “sim” ou “não”, podemos organizar nossos posicionamentos a partir da objetivação de aspectos importantes.

Na primeira tese, o autor se posiciona tomando como base o conceito de justiça. Tal posicionamento pode ser diferente a depender da forma como esse termo é definido. No entanto, se o que está em questão é uma compreensão mais ampla do caso, podemos dizer que não há injustiça no imposto sobre essas grandes fortunas.

Já na segunda tese, o que se procura definir é a função das penas. Assim, se elas servem apenas para manter afastados os presidiários, a leitura não deveria ser um mecanismo para sua redução. Entretanto, o argumento de peso para o autor é que a função do sistema prisional deve ser reinserir o presidiário ao convívio social. Nesses termos, quaisquer condutas que possam fornecer a ele chances de uma reintegração mais plena, entre elas a leitura, devem ser adotadas.

É importante notarmos que, nesses cenários, nenhuma das teses fica “em cima do muro” - o que seria um problema grave em uma proposta com essa configuração. Em ambas, é possível identificarmos claramente como o autor se posiciona perante tais temas, e, para que suas colocações não fiquem soltas e sustentadas apenas por elementos subjetivos, traçam-se definições mais objetivas a fim de responder de maneira dissertativa às questões abordadas.

A refutação

Outra estratégia bastante útil em temas polêmicos é trabalharmos com a refutação, que consiste em mergulharmos nas ideias ou nos argumentos contrários àquilo que defendemos e, então, descobrirmos as falhas nesse pensamento. A partir daí, podemos trazer o ponto de vista antagônico ao nosso para o texto e desconstruí-lo durante a nossa argumentação. Vamos analisar um exemplo, tomando como base a proposta da Unifesp:

Reside no senso comum a ideia de que a adoção da pena de morte contribuiria para a redução dos crimes hediondos. Quando se analisam os resultados dessa medida em outros países ou estados, as conclusões são bem diversas - nos EUA, por exemplo, os estados sem a pena capital apresentam índices de crimes mais baixos do que naqueles em que essa prática existe. A defesa da implementação de tal medida, nesse sentido, parece mais fruto de desinformação, por um lado, e, por outro, de interesses que não são a efetiva diminuição dos crimes, ou seja, um discurso punitivista tende a angariar votos e a movimentar toda a indústria da segurança. Insistir neles, então, é passar por cima da realidade e afastar-se do enfrentamento em relação às reais causas do problema.

Autoria de LACC

Vamos analisar como se dá a construção desse parágrafo:

- primeiramente, há a apresentação da ideia contrária vinculando-a a outrem (isso é importante para que não se tenha o efeito de que o parágrafo está “em cima do muro”);
- na sequência, o autor desconstrói esse ponto de vista, apresentando as falhas incluídas nele ou os dados que o contestem;
- por fim, há uma reafirmação do ponto de vista do próprio autor.

Que tal agora treinarmos um pouco essa objetividade mesmo diante de temas polêmicos?

Texto complementar

[...] as leis mantêm-se em vigor não porque são justas mas porque são leis. É o fundamento místico de sua autoridade: não têm outro. O que muito lhes serve. É frequente que sejam feitas pelos tolos. Mais frequentemente por pessoas que, em seu ódio à igualdade, têm falta de equidade. Mas sempre por homens, autores vãos e incertos.

Não há nada tão grosseira e amplamente, nem tão correntemente falível como as leis. Quem lhes obedece porque são justas não lhes obedece justamente pelo que deveria. [...]

MONTAIGNE, Michel. *Os ensaios*. D'AGUIAR, Rosa Freire (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

No excerto, temos uma problematização a respeito das leis. O autor nos lembra que elas são feitas por homens, cujos interesses e crenças variam ao longo do tempo, portanto elas não são imutáveis, mas, durante certo período, mantêm-se como reguladoras de nossas ações.

A partir daí, podemos começar a questionar argumentos que estejam completamente embasados na ideia de que algo “está dentro da lei” ou “fora da lei”. Afinal, quem define essas leis? O que elas revelam sobre nossa sociedade? Quais os impactos dessas leis sobre quem não participa diretamente de sua elaboração? Responder a essas questões sempre amplia nossos horizontes argumentativos, tornando-os mais ricos.

Quer saber mais?



Filme

- *À espera de um milagre*, de Frank Darabont, é um longa-metragem que traz a história de um sujeito condenado injustamente à cadeira elétrica nos EUA.



Livro

- A obra *Em que creem os que não creem*, de Umberto Eco e Carlo Maria Martini, traz uma troca de correspondências em que Eco, um pensador laico, e Martini, um cardeal, discutem temas polêmicos sem que, necessariamente, um queira se sobrepor ao outro.



Artigo

- No artigo “Achar que problemas se resolvem com pena de morte é falácia”, é possível analisar uma sequência de especialistas comentando a adoção da pena de morte como medida contrária a crimes hediondos. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/19/politica/1421705653_110021.html>.

RESUMO teórico

POLÊMICAS

Muitas vezes, as propostas de redação trazem temas delicados que tocam em questões muito pessoais.

Ao elaborar o texto dissertativo, é necessário ater-se a algumas estratégias importantes:

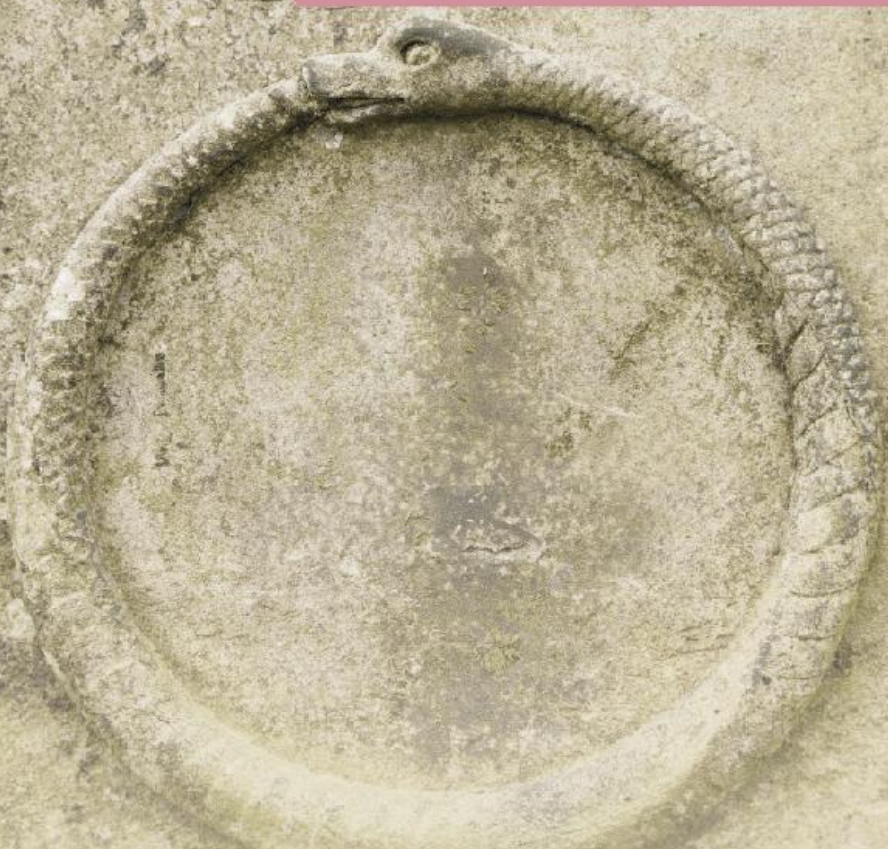
Não perder de vista que os temas vêm acompanhados de alguma **pergunta mais objetiva**, então é necessário respondê-la de maneira objetiva também.

Pensar em como se define um **conceito** importante para o tema, como ele é entendido socialmente e quais são seus impactos.

Fazer uso da **refutação**, apresentando falhas na coerência do argumento contrário para tornar o seu posicionamento mais denso.

Capítulo 19

Conclusão I



freasyl/stockphoto.com

O *ouroboros* é um símbolo utilizado para representar a eternidade. Nele, uma cobra ou um dragão engole a própria cauda, demonstrando a junção do início e do fim. O movimento de voltar-se a si mesmo, englobando-se em uma totalidade, ilustra o rompimento de uma percepção linear, pois não é possível saber onde ocorre a fecundação, o nascimento, a morte ou a ressurreição, ou seja, é um ciclo eterno. No entanto, isso não torna todos os momentos iguais.

Nessa perspectiva, a ação de concluir está intimamente conectada à de começar, da mesma forma como a conclusão de um texto dissertativo-argumentativo retoma a tese apresentada ao longo do texto, além de resumir e fechar sua linha de raciocínio.

Terminar: entre confirmar e inferir

Saiba mais

Uma imagem interessante sobre o sentido do *ouroboros* pode ser encontrada na descrição que o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) faz do conceito de "Eterno Retorno". O texto está no aforisma 341 da obra *A Gaia Ciência*.

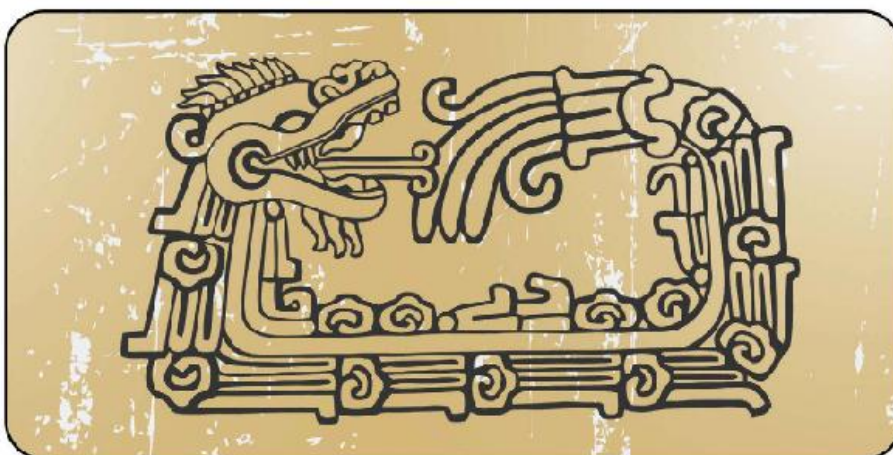
02 NIETZSCHE

A Gaia Ciência



Fabrizio Costa (Projeto gráfico e livro) e tradução Ciro Mioranza.

© Zagat | Dreamstime.com



Quando escrevemos a conclusão de uma dissertação, não criamos um parágrafo desconectado do restante do texto. Assim como observamos a representação do *ouroboros*, podemos entender o fechamento de uma redação como uma junção que liga o final ao início. Talvez, haja apenas uma diferença no sentido do processo: no *ouroboros*, é a cabeça que se alimenta da cauda; no texto dissertativo-argumentativo, é a conclusão que se nutrirá da introdução e do desenvolvimento dele.

Dessa maneira, é como se o último parágrafo do texto se mostrasse da forma como todo o restante da execução textual o orientou. É possível considerar que o que chamamos de tese até este capítulo é, na introdução, ainda uma hipótese interpretativa que será desdobrada e desenvolvida nos parágrafos argumentativos. Assim, na conclusão, chegamos à confirmação dessa hipótese.

Por outro lado, pode-se pensar a conclusão como uma inferência. De acordo com o cenário apresentado pela argumentação, o que se pode concluir dele? Que tipo de situação decorre dele? Responder a essas questões também nos ajuda a concluir uma dissertação.

Confirmando

O primeiro modelo de conclusão que estudaremos é o que faz uma retomada da tese trabalhada, representando-a ao final do texto não apenas como uma hipótese, mas como uma proposição sustentada argumentativamente. Vamos analisar a redação a seguir.

Sobre mares e carapaças

Recentemente, a foto do menino Aylan Kurdi¹, um garoto sírio que morreu afogado⁵ quando sua família tentava entrar ilegalmente na Turquia, sensibilizou grande parte do mundo. Isso, talvez, decorra do fato de que, em uma sociedade em que as relações humanas são cada vez mais reduzidas a seus aspectos funcionais, a publicação de imagens trágicas pode operar

uma sensibilização de algo que estava adormecido. O efeito disso é uma possibilidade de abertura empática³ para os dramas que afetam o "outro".

Quando endurecidos na carapaça de trabalhador⁴, é no estranhamento que podemos respirar. Em uma cultura em que a produtividade toma espaço central, uma vez que sustenta tanto aquilo que será consumido quanto as possibilidades de fazê-lo, não é estranho que o sujeito contemporâneo dedique a maior parte de seus esforços e de seu tempo a seus afazeres. Mais do que isso, entrega-se de corpo e alma à medida que crê que o trabalho o enobrece e que sua utilidade dele depende. Quanto mais embebido de tais valores, então, mais esse sujeito é limitado e limita o outro a um papel que não demande esforços ou afetos: o imigrante ilegal, essa grande abstração, nada mais tem a ver com esse sujeito; a violência contra a mulher, essa outra abstração, tampouco o tocam. Quando, no entanto, essa carapaça é invadida por imagens que lhe despertam algum reconhecimento, esse indivíduo é chamado a sensações, emoções e consciências que, até então, estavam adormecidas.

Rompida a carapaça, então, aquilo que distanciava dá lugar ao que aproxima. Esse "Homem-trabalho" percebe que há mais no outro do que a função a que o limitava. Mais do que isso: a partir dessa percepção, é possível também notar toda uma humanidade compartilhada, todo um mundo em comum que jazia sob o papel produtivo - o menino deixa de ser a representação distante do imigrante indesejado e passa a ser compreendido como alguém que faz parte da mesma humanidade da qual o próprio "eu" partilha².

Aylan¹, dessa forma, não é mais o "outro", é como um espelho no qual todos nós estamos refletidos². A empatia³, afogada sob as águas turvas da função trabalhista habitual⁴, ainda que nem sempre, pode emergir e encontrar algum respiro em meio ao mar de imagens trágicas⁵ compartilhadas virtualmente.

Autoria de LACC, feita em sala de aula com alunos.

Atenção!

Quando elaboramos uma conclusão retomando a tese, é importante que ela não seja um mero resumo. Para que isso não aconteça, convém escrever um breve parágrafo sintetizando e parafraçando as ideias desenvolvidas ao longo do texto, a fim de reafirmar o posicionamento tomado acerca do conteúdo.

Nota-se que, nesse tipo de conclusão, o fechamento é construído com base na recuperação do que foi desenvolvido no texto. Essas ideias não são colocadas na mesma ordem ou com as mesmas palavras que apareceram anteriormente, mas são dispostas de forma diferente e parafraçadas, configurando, então, uma finalização do raciocínio.

Os trechos destacados e sua respectiva numeração nos ajudam a visualizar de que partes do texto foram retirados os elementos que contribuíram para a construção do parágrafo conclusivo.

Inferindo

Também podemos concluir uma dissertação inferindo algo a partir do que foi desenvolvido durante o texto. Nesse caso, a conclusão não será exatamente uma retomada textual do que havia sido escrito, mas trará uma dedução do cenário construído na dissertação.

Vamos conferir como se dá esse processo analisando a redação a seguir, que possui tema e tese similares aos da dissertação anterior:

Sobre inocência e apatia

Em "Os inocentes do Leblon", Drummond descreve a apatia dos frequentadores da praia nobre no Rio de Janeiro em relação a tudo o que, aparentemente, não lhes diz respeito. Imersos em suas próprias rotinas na praia, eles "tudo ignoram e esquecem". Fora da ficção, talvez não estejamos tão distantes dos versos do poeta: quando mergulhados nos afazeres produtivos, tampouco vemos o outro. Assim, o contato com imagens trágicas traz em si a possibilidade de despertar a empatia em relação a esse outro, a qual adormecia confortavelmente nesse cotidiano.

Arrastados pela correnteza da vida produtiva, o contato com fotos da tragédia humana oferece algum respiro. Quando a produção ocupa o centro da vida contemporânea, uma vez que sustenta tanto o que consumir quanto o poder fazê-lo, não é estranho que o homem dedique a maior parte de seu tempo e de seus esforços ao que o liga a ela. Antes de tudo, então, vê-se como um trabalhador e é, de corpo e alma, esse trabalhador: suas visões políticas, sua moral, suas relações afetivas cedem espaço para que só o que tenha a ver com a produção persista e ele vai se reduzindo à consciência e às emoções exigidas por esse mundo. No momento, porém, em que essa carapaça

é invadida por elementos que lhe são estranhos, como pela foto de Aylan Kurdi, morto em praia turca; como pelo vídeo de Omar Dagneesh, perplexo embaixo da sujeira das explosões, esse "homem-trabalho" é lembrado de que é mais do que sua função.

O efeito disso é talvez uma abertura à empatia em relação ao outro. A foto tem a capacidade de desestabilizar esse sujeito reduzido à sua função e, ao fazê-lo, abre espaço para que ele compreenda no outro algo também além da abstração com a qual o limitava. O "imigrante", sem cara e distante para não comprometer o ritmo de trabalho, ganha corpo e rosto; o "faminto", com a cara borrada nas manchetes lidas em busca do "capital humano" exigido no serviço, ganha uma identidade mais familiar. Nesse processo, há chances de que o "eu" volte a reconhecer no "outro" a mesma humanidade da qual se vê parte.

Se, portanto, no poema, a praia é o espaço do distanciamento em relação ao outro, ela, fora dele, talvez seja a possibilidade de contato. Não reconhecê-la, porém, é lançarmo-nos num mar de apatia e inocência no qual talvez não haja como não nos afogarmos todos, inocentes ou não.

Autoria de LACC, feita em sala de aula com alunos.

Embora a conclusão comece a partir da retomada dos elementos utilizados na contextualização (algo que o fechamento da redação anterior também fazia), seu desfecho é diferente, pois traz uma afirmação que não está textualmente explicitada na dissertação. Ao deduzir que não reconhecermos o outro implica termos um mesmo fim, sendo inocentes ou não, o autor faz uma inferência decorrente do que foi construído no texto – se a empatia diz respeito a nos identificarmos com o outro e, ao fazê-lo, percebemos que fazemos parte da mesma humanidade, perder de vista esse outro e o que o toca seria perdermos esse vínculo que, de alguma forma, humaniza-nos.

Atenção!

Na conclusão por inferência, é preciso ficar atento para que a finalização textual, de fato, decorra dos elementos expostos no texto. A apresentação de ideias completamente novas configura uma quebra na unidade dissertativa.

PARA PRATICAR

A seguir, há dissertações construídas para as propostas de redação de dois vestibulares: Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein 2015 e Fuvest 2015. Foram retiradas as conclusões das duas redações. Valendo-se das estratégias estudadas neste capítulo, escreva os parágrafos finais de cada uma.

Texto 1

Sobre palmas e prioridades

Recentemente, no Rio de Janeiro, os passageiros de um ônibus foram assaltados. Dentre eles, no entanto, havia um policial à paisana, que deu um tiro no assaltante, e uma médica, que, apesar de também ter sido roubada, voltou para o veículo a fim de socorrer a vítima. Rodrigo Constantino, articulista da Veja, ao noticiar o fato, ignorou a ação da médica e apenas parabenizou a do PM. A opção por esse viés não é isolada, uma vez que, em um cenário em que o direito à propriedade privada se torna o bem maior a ser preservado, naturaliza-se que ele se sobrepõe, muitas vezes, à própria vida. No momento, porém, em que isso é invertido, não é raro estranharmos e negarmos o que opera essa inversão.

Quando ser é igual a ter, proteger o que se tem é visto como proteger a própria vida. Em um cenário em que o consumo confere ao indivíduo o seu próprio valor, define sua identidade, manter a posse daquilo que se consome, em última análise, passa a ser assegurar a própria integridade individual. Cercados desde sempre por essa lógica, parabenizamos aquele que nos salva de perder o que conquistamos e lemos a versão escolhida pelo jornalista da revista semanal sem sentir falta de qualquer outro viés interpretativo.

Internalizada essa lógica, a valorização da vida em detrimento da posse é que foge ao esperado. Ao cristalizarmos a ideia de que o bem de consumo vale mais que a própria vida, sequer pensamos ser possível uma ação que conduza ao contrário, sequer concebemos uma escala de valores em que é a relação humana quem ocupa o ápice. Nesse sentido, quando a médica volta

ao ônibus para socorrer o assaltante, isso chama a atenção por romper com nossas expectativas já viciadas. Se, por um lado, isso pode levar a uma problematização dos próprios valores, por outro, como acontece na notícia de Constantino, é algo a ser negado, quiçá a nem mesmo ser notado.

Texto 2

A bebida pisca, mas ofusca

Recentemente, um vídeo com um sujeito se autodenominando o "rei do camarote" viralizou nas redes sociais. Nele, o protagonista contava todas as vantagens de poder frequentar tais espaços nas baladas paulistanas - seria um espaço exclusivo, restrito a quem pode pagar por ele e, mais do que tudo, construído simbolicamente como algo desejável, em contraste com "a pista", o espaço pouco valorizado. Essa dinâmica, porém, não se restringe ao contexto festivo noturno, uma vez que, em uma sociedade em que os elementos de infraestrutura são transformados em camarotes, a exclusividade desses serviços básicos a uma única parcela social não é mais um efeito colateral de um modo de vida, mas uma condição a ser mantida.

Quando a exclusividade é elaborada como um valor, a infraestrutura de qualidade já não é para qualquer um. Em uma sociedade em que elementos de infraestrutura, como educação, saúde e transporte são garantidos constitucional e gratuitamente a todos, só se cria o desejo por pagar por eles caso se insira nessa compra algo além daquilo que se leva. O pagamento de parcelas, de prestações e de mensalidades, nesse caso, não entrega ao sujeito apenas esses serviços, mas confere a ele uma valoração positiva, indica que ele "venceu na vida", passando a não ser estranho, então, que ele queira pagar, e, nesse sentido, quanto mais paga, mais valor sente em relação a si mesmo, mais indícios de seu sucesso pode perceber.

Assim, se o camarote tem algum valor, esse valor depende do desvalor do espaço da pista. Socialmente, são os serviços públicos e gratuitos que simbolizam essa pista - a educação, a saúde e o transporte que podem ser acessados "por qualquer um". Tal qual a pista, então, passa a ser conveniente que não atrelem a si toda a valorização dos redutos exclusivos. A ineficiência do SUS, divulgada midiaticamente, passa a ser interessante para quem lucra com a comercialização dos camarotes dos planos de saúde ou para quem se crê valorizado por pagar as mensalidades do plano, por exemplo. Se o prêmio do sucesso é limitado ao primeiro lugar do pódio, a luta individual é por ocupá-lo, não para ampliá-lo.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

UFSC 2017

Considere os textos a seguir para escrever uma dissertação sobre a participação dos jovens na vida pública.



BECK, Alexandre. *Armandinho*. Disponível em: <<http://tirasarmandinho.tumblr.com>>. Acesso em: 26 out. 2016.



Manifestação dos estudantes secundaristas de São Paulo a favor da educação pública e contra a precarização do ensino (Rovena Rosa/Agência Brasil).

Disponível em: <<https://revistaoharsaopaulo.wordpress.com/2016/01/27/licoes-e-aprendizados-sobre-a-ocupacao-das-escolas/>>. Acesso em: 26 out. 2016.

Instruções:

1. A redação deve ser uma dissertação, escrita de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
2. Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
3. Dê um título à sua redação.

Texto complementar

[...] Maria Virgínia de Freitas, socióloga mestre em Educação pela Universidade São Paulo, coordena a unidade Jovens na Política, Políticas de Juventude do Ação Educativa, uma organização que visa promover os direitos educativos e da juventude.

Autora do livro Políticas Públicas, Juventude em Pauta, Freitas analisa as ocupações, o contexto em que elas ocorrem e as respostas do Estado. "É um absurdo que as autoridades constituídas não consigam encaminhar um processo de diálogo", diz.

CartaCapital: Como a senhora avalia a retomada das ocupações pelos alunos em São Paulo, que agora inclui a Alesp?

Maria Virgínia de Freitas: Vejo de forma positiva. Desde o ano passado, os jovens estudantes mostram que querem fazer parte do debate, decidindo os rumos da educação. É algo que nos últimos anos não estava vívido e fez falta. Eles estavam presentes em outras pautas, mas nas discussões sobre o ensino básico, não. Para o avanço da qualidade da educação é fundamental que eles estejam presentes, trazendo suas questões.

CC: De alguma forma esse processo de ocupações tem mudado a relação dos secundaristas com a escola?

MVF: Parece que a relação com a escola foi fortalecida, há uma noção maior de que a escola é sua e não é apenas um lugar aonde é obrigado a ir. Estão profundamente interessados no que acontece ali e se sentem responsáveis pelo formato e as condições das aulas, embora muitas vezes os estudantes e professores sofram consequências.

CC: Qual é o peso simbólico de ocupar um espaço como uma escola?

MVF: A experiência da ocupação é muito forte no sentido de pertencimento. É manifestação de insatisfação, e de que outros espaços de diálogo não estão sendo possíveis. Também chama a atenção porque muitas vezes essas pautas estão escondidas no meio dos jornais.

As discussões em torno da corrupção na merenda não recebem o mesmo espaço que outras denúncias. Ocupar tem esse sentido de visibilizar, reivindicar, de dizer 'eu ocupo porque também é meu'. É uma negação de que os estudantes são um público que consome passivamente, mas que são parte integrante.

[...]

CC: Essas manifestações tomaram forma porque, desta vez, a ofensiva às escolas públicas foi grande e geraria revolta em qualquer outra época ou você percebe alguma característica desses jovens ou do nosso momento histórico que estimulou as ações?

MVF: Certamente tem a ver com a conjuntura contemporânea. Essa proposta de reorganização escolar já houve nos anos 90 e não houve este tipo de movimentação, de ocupar.

Ainda vamos precisar de um distanciamento histórico para entender, mas eclodiram muitos movimentos nos últimos anos explicitando insatisfação com os mecanismos de poder, de democracia meramente representativa, ou mesmo com os espaços institucionais, e usando a ocupação. Isso tem reflexos no Brasil, que parecem ter começado com mais força em 2013.

Acho que essas questões estão presentes na juventude de forma ampla e se manifestam no tema da educação. Há também um fortalecimento de grupos e lideranças de mulheres jovens. Houve uma grande participação delas, trazendo reivindicações e questionamentos sobre como as relações de gênero são tratadas na escola e na sociedade.

Outra questão é a internet, que funciona permitindo circular informações e planejar um ato de um dia para outro, sem uma agremiação política.

Acho que são questões contemporâneas que os jovens estão expressando. Não seria, assim como não foi possível em outro momento.

CC: O que os estudantes estão aprendendo e ensinando para a sociedade com esses atos?

MVF: Eles estão aprendendo com a experiência de uma ação coletiva, de uma gestão compartilhada com regras de convivência, e que a mobilização coletiva tem efeitos. Pode não se conquistar tudo, mas sem ela as derrotas são ainda maiores.

Por outro lado, os discursos são sempre de desqualificar a capacidade dos jovens, mas eles mostraram o contrário, para quem quis ver. Mostraram que estão preocupados com a escola e são capazes de tomar iniciativa, de cuidar do espaço, de mobilizar pessoas de fora, com aulas e manifestações culturais.

Mostram que a escola, para ser significativa, precisa ser mais porosa, dialogar com o que acontece fora dos muros. Algumas unidades, quando voltaram da ocupação, passaram a ter aulas em roda, com uma relação mais horizontal.

Eles estão preocupados com e interessados na qualidade da educação como um todo. Poderiam mudar para uma escola melhor, de outro bairro, mas mantiveram a ligação com o território, a história, e o pertencimento, afirmando: 'Quero que a minha escola funcione'.

Os secundaristas conquistaram a solidariedade de adultos, pais, educadores, o que é extremamente importante, porque a luta é protagonizada pelos estudantes, mas sem um apoio e uma legitimidade de outros segmentos da sociedade não haverá vitória, não haverá avanço.

FREITAS, Maria Virgínia de. "Ocupar é dizer 'eu ocupo porque também é meu'". *CartaCapital*, 25 maio 2016. Entrevista concedida a MATUOKA, Ingrid.

Disponível em: <<https://cartacapital.com.br/sociedade/ocupar-e-dizer-eu-ocupo-porque-tambem-e-meu>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

Na entrevista, uma das práticas políticas contemporâneas dos jovens brasileiros é colocada em pauta: a ocupação dos espaços escolares. Nessas ocupações, os próprios adolescentes envolvidos passam a se responsabilizar pela escola e, ao fazê-lo, colocam-se em uma posição que, até então, ficara apagada, isto é, a de ser o próprio centro da escola.

Ora, se é para o aluno que se organiza toda a formação proposta ali, por que ele é tão afastado das decisões tomadas? De certa maneira, ao ocupar, o estudante tira de cena um "representante" que decide por ele e toma as rédeas do que lhe diz respeito.

Essa postura pode ser expandida para outras esferas. Como fica a política representativa, por exemplo, que limita nossa atuação ao pagamento de impostos e ao comparecimento às urnas, se passarmos a nos ver como agentes também em relação ao espaço público?

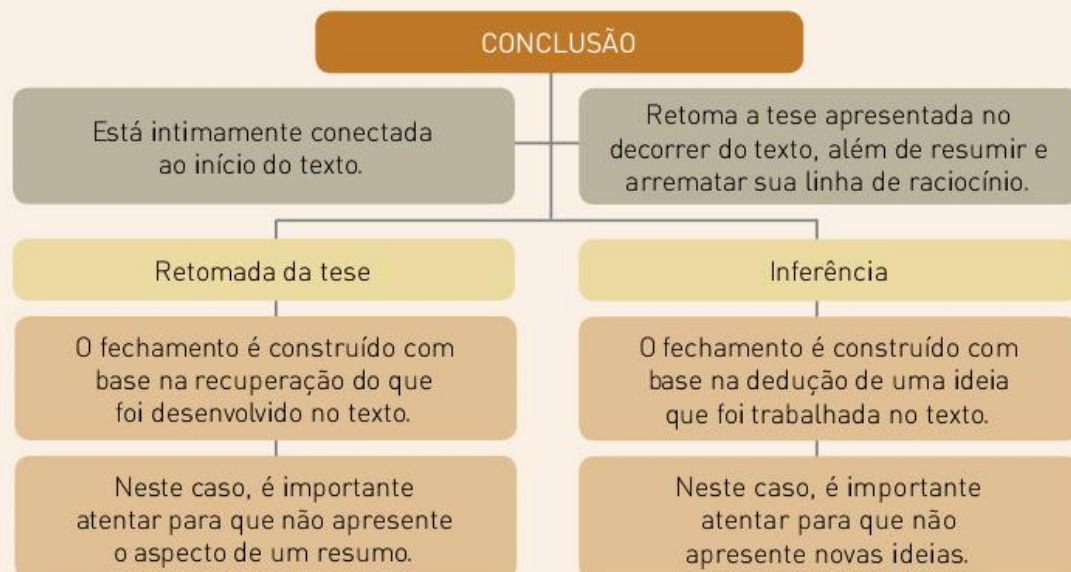
■ Quer saber mais?



Artigo

- No artigo "Tudo o que muda com os secundaristas", de Peter Pál Palbert, o autor trata das ocupações das escolas e aborda as rupturas que isso representa tanto em relação à forma com que se compreendia o espaço escolar, quanto com o que se tinha por ideia de futuro estudantil.

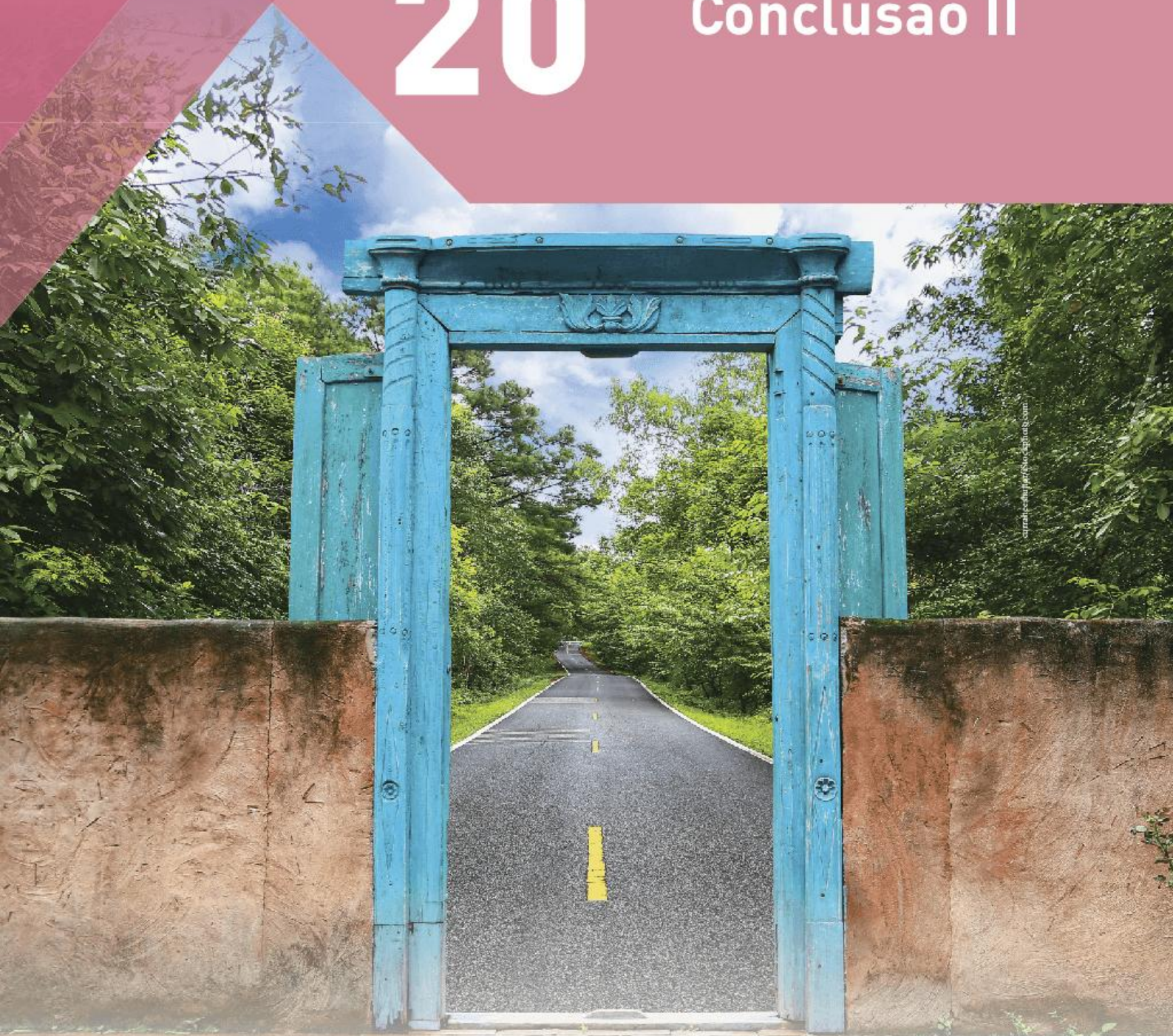
RESUMO teórico



Capítulo

20

Conclusão II



Nem todas as conclusões finalizam. Há algumas que, quando surgem, abrem caminhos para a transformação, mas é necessário estar atento, pois a mudança não está pronta em um lugar específico esperando o momento em que será encontrada. É preciso inventá-la, escrevê-la, criando novos horizontes para também se reinventar.

Terminar: intervir, consertar

Algumas propostas de redação, em especial as do Enem, não entendem a dissertação apenas como uma interpretação analítica da realidade. Nelas, os temas são apresentados como desencadeadores de problemas, e cabe a quem produz o texto elaborar possibilidades de intervenção para resolvê-los.

Diante de uma prova de redação organizada dessa forma, nossa conclusão deve ser composta da seguinte maneira: primeiro, definimos o agente e a ação interventiva; depois, determinamos o modo ou meio para solucionar a questão; e, por fim, expomos os possíveis efeitos dessa interferência. Além disso, é importante detalhar a intervenção sugerida, sempre pensando na ação e no modo/meio desenvolvidos.

Neste capítulo, estudaremos esse tipo de fechamento textual com maior especificidade.

Proposta de intervenção

	<i>Amélia de Beauvoir: por uma nova "mulher"</i>
1	<i>Em Sexo e temperamento, a antropóloga Margareth Mead apresenta os</i>
2	<i>resultados de sua pesquisa a respeito dos padrões de gênero em 3 tribos da</i>
3	<i>Nova-Guiné. Segundo eles, os comportamentos usualmente ligados em nossa</i>
4	<i>cultura aos homens ou às mulheres eram opostos ou inexistentes naqueles</i>
5	<i>povos, o que evidencia que o entendimento acerca do que é o masculino e o</i>
6	<i>feminino é construído socialmente e, portanto, passível de mudança. Assim,</i>
7	<i>para reverter o atual quadro de violência contra as brasileiras, além da</i>
8	<i>intensificação das medidas legislativas já existentes, é necessário, sobretudo,</i>
9	<i>operar uma mudança na forma como a mulher é compreendida no Brasil.</i>



10 Tal compreensão, aliás, é ilustrada no cancionário popular. Da "Amélia",
11 de Mário Lago, "mulher de verdade" por não se opor ao homem, até a
12 mulher-objeto do "Sertanejo Universitário", fica claro que a figura feminina
13 é construída como dependente da masculina. Essa inferiorização se reflete
14 em desempoderamentos diversos, dos salários mais baixos pagos à mulher
15 à sua ínfima presença entre os parlamentares. Nesse contexto, a violência
16 simbólica contra o gênero feminino é tão naturalizada, que muitos veem
17 a presença de uma frase da filósofa feminista Simone de Beauvoir na
18 prova do Enem como pura ideologia, e não como uma questão realmente
19 importante a ser repensada.

20 Nesse sentido, os mais de 330 mil processos instaurados com base
21 na Lei Maria da Penha, mesmo provavelmente longe de indicarem com
22 precisão a realidade, dão ideia da violência. Por um lado, o homem que
23 bate e abusa não vê na mulher uma igual. Por outro, não é ela, muitas
24 vezes, quem legisla sobre si mesma: a atual proposta que circula no
25 Congresso de dificultar o aborto mesmo em casos de estupro aponta para
26 a perpetuação da objetificação feminina e do desempoderamento e da
27 violência decorrentes disso.

28 Logo, para enfrentar tal cenário é preciso agir, principalmente, na cultura.
29 Embora caiba ao governo a intensificação das leis punitivas, ele deve ser
30 responsável, especialmente, por empoderar a mulher, punindo empresas que
31 façam distinção salarial e aumentando os benefícios do Bolsa Família, por
32 exemplo, que, por ficar no nome da mãe da família, garante independência
33 financeira e permite que a agredida denuncie os abusos que sofre do marido.
34 É na educação, no entanto, que mais se pode fazer para transformar o
35 paradigma cultural. As escolas poderiam promover palestras para os pais
36 e para os alunos para problematizar os modelos de gênero tradicionais e a
37 violência advinda deles. As famílias, por sua vez, cabe não impor às crianças

38	<i>o que seria uma brincadeira de menina ou um comportamento de menino:</i>
39	<i>a diversão e os sonhos de meninas e meninos não devem se restringir ao</i>
40	<i>que levam entre as pernas, mas respeitarem toda a complexidade subjetiva.</i>
41	<i>É na sinergia de todos esses esforços que podemos reconstruir a imagem da</i>
42	<i>mulher na sociedade brasileira, reconhecendo-a como um indivíduo pleno</i>
43	<i>e independente e, assim, de forma efetiva, interrompermos a persistência</i>
44	<i>da violência.</i>
	<i>Autoria de LACC</i>

Quanto à introdução e ao desenvolvimento da redação, não há novidades, ou seja, a contextualização é feita com base no repertório de referências do candidato e, a partir desses conhecimentos, chega-se a uma tese que relaciona a violência contra a mulher à maneira como, culturalmente, constroem-se os gêneros em nossa sociedade.

Para sustentar esse ponto de vista, no D1, o autor recorre à apresentação de um panorama social que evidencia a elaboração de uma imagem inferiorizada da mulher por meio de músicas, de aspectos econômicos, da pouca representatividade feminina entre os parlamentares e de uma polêmica – percebida no dia anterior à escrita do texto, concretizando a construção cultural que subjuga a mulher.

Já no D2, são trabalhadas as consequências desse processo e alguns possíveis motivos que o mantêm.

No entanto, nosso foco é a conclusão. A proposta do Enem 2015 exigia que fossem apresentadas intervenções contra a persistência da violência contra a mulher, e o autor dessa dissertação as concentrou no último parágrafo, como analisaremos a seguir.

- a) **A intensificação de leis punitivas (linhas 28 e 29):** essa medida aponta para a punição dos agressores em um sentido mais individual, isto é, deve-se prender aquele que agride. Todavia, como o texto aborda o tema a partir de uma perspectiva cultural, não faria muito sentido limitar-se às prisões, já que elas tocam nos efeitos, mas não nas causas da violência – é a cultura que deve ser transformada para pôr fim a ela.

b) **Empoderamento econômico (linhas 29 a 33):** ainda tomando o Estado como agente, essa intervenção dialoga com a forma como a figura da mulher é construída em nossa sociedade. Se muitas das violências são cometidas por conta de uma dependência econômica, cabe ao governo interferir nesse aspecto. Nesse momento, o autor apresenta, inclusive, exemplos possíveis dessa intervenção.



c) **Palestras (linhas 34 a 37):** as escolas, como agentes, poderiam começar a trabalhar as questões de gênero de uma maneira mais séria. O autor sugere que, por meio do contato com as famílias, seria possível desconstruir tabus e combater estruturas sociais que perpetuam a violência.

d) **Papel da família (linhas 37 a 40):** em nossas relações mais imediatas, também há o que ser feito. De acordo com o texto, podemos, em nossos círculos familiares, mudar nossa postura diante das crianças, educando-as a viverem de uma forma mais igualitária e libertária.

Como podemos perceber, as propostas de intervenção sugeridas pelo autor não são desconectadas do que foi desenvolvido ao longo do texto. Uma vez que a abordagem geral é fundamentada na tese de que a violência contra a mulher é causada pela maneira como os conceitos de homem e mulher são construídos em nossa sociedade, as soluções elaboradas pelo texto devem caminhar nesse mesmo sentido, respeitando essa perspectiva, sob pena de, sem isso, comprometer a unidade da análise.

Atenção!

Nas propostas mais recentes do Enem, foram apresentados os seguintes temas:

- Lei Seca, em 2013;
- Publicidade infantil, em 2014;
- Violência contra a mulher, em 2015;
- Intolerância religiosa e intolerância contra os negros, ambas em 2016.

A coletânea sempre trabalha com mostras do que, institucionalmente, já vem sendo feito para combater as adversidades. Isso sugere que as instituições, sozinhas, não são capazes de resolver tudo. Que tal, então, pensar em como, em nossas práticas cotidianas, podemos contribuir para a melhoria de uma série de problemas sociais?

Construindo a intervenção

Outro aspecto importante a ser notado é a estrutura dessa conclusão, que segue o padrão dos parágrafos argumentativos. Há um tópico frasal amplo:

Logo, para enfrentar tal cenário, é preciso agir, principalmente, na cultura.

Por meio desse tópico frasal, é possível identificar que se trata de um parágrafo em que as formas de agir contra o problema apresentado anteriormente serão trabalhadas, e que isso será feito a partir das construções culturais.

Como um bom tópico frasal, ele ainda não especifica quais medidas devem ser tomadas ou quais os agentes a serem acionados no processo, pois tudo isso será desenvolvido na expansão.

Nessa sequência, abordam-se algumas intervenções possíveis de acordo com as instâncias capazes de executá-las. No caso desse texto, há:

- a) o Estado;
- b) as escolas;
- c) as famílias.

No entanto, poderíamos expandir essa lista para outras instâncias, por exemplo:

- a) ONGs;
- b) cidadãos comuns;
- c) iniciativa privada.

De qualquer maneira, nota-se que o autor expõe o que cada agente poderia fazer, fornecendo alguns detalhes de sua respectiva ação, isto é, como a proposta seria realizada ou qual seria a sua finalidade.

A coesão entre os agentes é outro aspecto importante a ser observado. Textualmente, eles são ligados por elementos conectivos, como:

- a) embora;
- b) no entanto;
- c) por sua vez.

Outra possibilidade para apresentar as propostas de intervenção seria partir de uma espécie de cronograma. Nesse caso, elas seriam divididas em torno do que se pode fazer em curto, médio e longo prazo.

Por fim, o texto não termina na última solução sugerida. Há uma frase que faz esse fechamento, retomando a discussão direcionada ao que havia sido cobrado pela proposta.

É na sinergia de todos esses esforços que podemos reconstruir a imagem da mulher na sociedade brasileira, reconhecendo-a como um indivíduo pleno e independente e, assim, de forma efetiva, interrompermos a persistência da violência.

Considerando o que estudamos sobre as formas de pensar nas intervenções e de organizá-las em um parágrafo conclusivo, que tal colocar tudo isso em prática?

PARA PRATICAR

A seguir, são apresentadas duas dissertações feitas a partir de uma perspectiva de solução de problemas. No entanto, retiramos as conclusões de ambas para que você possa elaborá-las, tomando como base o que foi trabalhado neste capítulo.

Texto 1

De pai para filho

Ao final de 2015, o governo brasileiro aprovou a Lei n. 13.185, a qual tem por objeto central o Bullying, uma espécie de violência física e simbólica praticada, principalmente, entre crianças e adolescentes. Ainda que a aprovação do texto seja importante por colocar em pauta um problema social pouco discutido, a lei, sozinha, não basta para controlá-lo, pois trata-se de algo arraigado culturalmente. Nesse sentido, é necessária a intensificação dos esforços governamentais, mas, sobretudo, uma revisão da própria forma de educar os jovens.

Segundo pesquisas recentes do IBGE, esse problema vem se agravando. Além do aumento do número de casos, os dados indicam que a maioria dos entrevistados não sabe o motivo da violência, e os que sabem a atrelam às diferenças percebidas "nos alvos". Dessa maneira, evidencia-se uma inabilidade para se lidar com o "outro" - a qual, em crianças, parece muito mais um reflexo de comportamentos adultos - e uma baixa problematização disso. Conforme, porém, essa naturalização persiste, a estrutura de opressão em relação a tudo o que é diferente segue o mesmo caminho: se, para os pais, os preconceitos se justificam por serem "só uma piada", para os filhos, a violência praticada começa a ser também "só uma brincadeira".

O efeito disso é que, sem romper com esse ciclo que enxerga na diferença algo a ser hostilizado, perpetuem-se problemas sociais e individuais. Por um lado, a normalização da violência na infância não parece apontar para algo diferente da intolerância na vida adulta: para quem agredia o "gordo" e o "maricas" na escola, não seriam estranhas a homofobia e o racismo, por exemplo. Por outro

lado, as próprias vítimas tendem a se retrair e a se ver como inadequadas, o que aumenta casos de depressão ou de reações violentas, tal qual ocorrem em ataques desesperados, como é retratado no documentário "Tiros em Columbine".

Autoria de LACC

Saiba mais

O termo *bullying* vem do inglês *to bully*, que significa ameaçar, e remete à pessoa que se utiliza de atitudes agressivas, verbais ou físicas, para intimidar ou coagir alguém mais fraco.



Texto 2

Combate consciente

[Redação nota 1000, em 2014, escrita pela ex-aluna Jéssica Cremonesi]

Hodiernamente, observamos o grande vínculo que as novas gerações têm criado com as tecnologias midiáticas. Somado a essa realidade, com o crescimento das áreas de publicidade e propaganda, é notável o aumento do marketing infantil, incluindo as crianças na vigente e imperante lógica consumista - algo muito perigoso, se não controlado. Nesse sentido, órgãos como o Conar e o

Conanda tentam precaver possíveis males na vida e no desenvolvimento das crianças, mas outras medidas precisam ser tomadas para evitar o agravamento do abusivo quadro da publicidade infantil existente no país.

Um exemplo deste quadro pode ser constatado no documentário "Muito além do peso", no qual vemos o quanto a influência da mídia, sobretudo da televisão, incentiva o consumo de alimentos com alto teor de açúcar e de gordura, o que gera um alarmante quadro de obesidade infantil. Sempre associados a diversão e prazer, além do forte cunho apelativo ("Compre Batom"), os produtos seduzem as crianças e os pais que, muitas vezes desinformados, rendem-se à aquisição de mercadorias encantadoras aos olhos.

Porém, não é somente na esfera televisiva que a persuasão publicitária atua. Brinquedos, jogos eletrônicos, acessórios de informática e até mesmo celulares são propagandeados com o intuito de atingir o público infantil. Ao englobar sem restrições nem filtros os pequeninos no mundo informatizado, corre-se o risco de permitir que se estabeleça futuramente uma geração dependente da tecnologia e incapaz de interagir e de se relacionar com o mundo de uma forma mais sensível, "tátil", simples e crítica e menos automatizada e imediatista.

Jéssica Cremonesi

PROPOSTA DE REDAÇÃO

ENEM 2016 – primeira aplicação

Textos Motivadores

Texto 1

Em consonância com a Constituição da República Federativa do Brasil e com toda a legislação que assegura a liberdade de crença religiosa às pessoas, além de proteção e respeito às manifestações religiosas, a laicidade do Estado deve ser buscada, afastando a possibilidade de interferência de correntes religiosas em matérias sociais, políticas, culturais etc.

Disponível em: <www.mprj.mp.br>. Acesso em: 21 maio 2016. (Fragmento).

Texto 2

O direito de criticar dogmas e encaminhamentos é assegurado como liberdade de expressão, mas atitudes agressivas, ofensas e tratamento diferenciado a alguém em função de crença ou de não ter religião são crimes inafiançáveis e imprescritíveis.

STECK, J. "Intolerância religiosa é crime de ódio e fere a dignidade". *Jornal do Senado*. Acesso em: 21 maio 2016. (Fragmento).

Texto 3

Capítulo I

Dos Crimes Contra o Sentimento Religioso

Ultraje a culto e impedimento ou perturbação de ato a ele relativo

Art. 208 – Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso:

Pena – detenção, de um mês a um ano, ou multa.

Parágrafo único – Se há emprego de violência, a pena é aumentada de um terço, sem prejuízo da correspondente à violência.

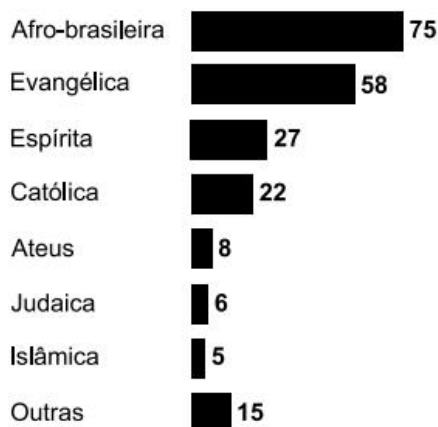
BRASIL. *Código Penal*. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 21 maio 2016. (Fragmento).

Texto 4

Intolerância Religiosa no Brasil

Fiéis de religiões afro-brasileiras são as principais vítimas de discriminação

Número de denúncias por religião (2011 a 2014*)



1

denúncia a cada 3 dias



213

denúncias com religião não informada



20%

dos episódios relatados em 2013 envolveram violência física



12%

dos episódios relatados até jul. 2014 envolveram violência física

Até jul. 2014

Fonte: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: 31 maio 2016. (Adapt.).

Texto complementar

No Dia de Combate à Intolerância Religiosa, líderes alertam sobre discriminação

Em 2014, o Disque 100 registrou 149 denúncias de discriminação religiosa no país. Mais de um quarto delas ocorreu no estado do Rio de Janeiro e 19,46%, em São Paulo

Em outubro de 1999, o jornal Folha Universal estampou em sua capa uma foto da ialorixá Gildásia dos Santos e Santos, a Mãe Gilda, em publicação com o título "Macumbeiros charlatões lesam o bolso e a vida dos clientes". A casa da Mãe Gilda foi invadida, seu marido foi agredido verbal e fisicamente e seu terreiro, depredado por integrantes de outro segmento religioso. Mãe Gilda morreu em 21 de janeiro de 2000, vítima de um infarto. Para combater atitudes discriminatórias e prestar homenagem a Mãe Gilda, foi instituído, em 27 de dezembro de 2007, pela Lei 11.635, o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, celebrado hoje (21).

Casos como o de Mãe Gilda não são isolados. Em 2014, o Disque 100 registrou 149 denúncias de discriminação religiosa no país. Mais de um quarto (26,17%) ocorreu no estado do Rio de Janeiro e 19,46%, em São Paulo. O número total caiu em relação a 2013, quando foram registradas 228 denúncias, mas, mesmo assim, mostra que a questão não foi superada no país. As principais vítimas são as religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda.

"No ano passado, tivemos diferentes ações contra a intolerância religiosa, como manifestações, publicação de vídeos. Não acho que diminuiu imediatamente, mas os grupos têm reagido. Não quer dizer que tivemos menos invasões de casas e agressão pela não permissão do uso de indumentárias em espaços públicos", analisa a coordenadora da organização não governamental (ONG) Criola, Lúcia Xavier.

Para ela, a discriminação das religiões de matriz africana está ligada ao racismo. De acordo com os dados do Disque 100, no ano passado, 35,39% das vítimas eram negros. Os brancos corresponderam a 21,35% e os indígenas, a 0,56%. Os demais não informaram. "Tem a ver também com a ideia de que as religiões de matriz africana são primitivas, usam sacrifícios de animais, têm ritos diferenciados", diz Lúcia.

"Acho que, embora tenham ocorrido alguns avanços nos últimos anos, um desafio muito grande é o de esclarecimento. A religião é demonizada, acham que cometemos barbáries. Não é nada disso. As pessoas precisam de mais informação, de saber mais a respeito", diz a ialorixá Dora Barreto, do terreiro Ilê Axé T'Ojú Labá, no Distrito Federal.

Segundo o professor de Filosofia da Religião da Universidade de Brasília Agnaldo Cuoco Portugal, muitas vezes, a intolerância extrapola a religião e relaciona-se com questões socioeconômicas e políticas. "O Brasil é um país relativamente pacífico em termos de violência religiosa", compara. Entre casos extremos de intolerância, ele cita o recente ataque à redação do semanário francês Charlie Hebdo e os ataques consequentes a mesquitas.

No Brasil, ele defende que para combater a intolerância é necessária uma imprensa ativa, canais de participação e acesso a denúncias pela sociedade e a própria educação religiosa. "A ideia de educação religiosa na escola pública no Brasil é interessante. Só acho uma pena que ela seja entregue às igrejas. A minha visão é de que seja assunto de estudo científico, como qualquer outro, deveria ser o estudo das religiões para saber o que pensam os grupos, de forma científica e não catequética", defende Portugal.

Veja o que dizem algumas lideranças religiosas sobre a tolerância:

Judaísmo

O judaísmo nasce como uma tradição em direção ao diálogo. Isso não significa, no entanto, que ao longo de tantos anos a postura sempre tenha sido tolerante. Mas, de maneira geral, temos vários exemplos de tolerância e de diálogo. A tolerância gera mais riqueza, riqueza cultural. É um tema do nosso cotidiano. A promoção do diálogo é saudável, interessante e desejável.

NAPCHAN, Sergio. Diretor de Relações Institucionais da Confederação Israelita do Brasil.

Catolicismo

Desde 1965, com o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica iniciou uma forma mais clara de busca de comunhão e diálogo com as igrejas cristãs e grandes tradições religiosas. Para os católicos, vivenciar o Evangelho é reconhecer que todas as religiões procuram responder a questões humanas, que são comuns. Cada um responde de acordo com suas doutrinas, ritos e caminhos, mas todos procuram responder às mesmas questões. Reconhecendo isso, vamos nos encontrar com o propósito de paz, harmonia e felicidade.

BARBOSA, Marcus. Padre integrante da Comissão para o Ecumenismo e o Diálogo Interreligioso, da Comissão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Religiões islâmicas e muçulmanas

Nossa religião é clara: Quem mata uma alma, mata a humanidade inteira. Nossa educação é que vivamos em paz com outras religiões. Quem vai julgar as pessoas é Deus. É preciso tratar o próximo com amor e carinho. No Brasil, estamos abrindo diálogo com outras religiões, visitando outras igrejas. Estamos convivendo em paz, é um excelente exemplo. A religião islâmica não é esse fantasma e o terrorismo não representa os muçulmanos.

EL DIN, Sheikh Khaled Taky. Presidente do Conselho de Teólogos Islâmicos no Brasil.

Candomblé

O candomblé tem por princípio o acolhimento, receber bem, dar um rumo para as pessoas, esclarecer. Tenho grandes amigos de outras religiões. Com a tolerância, ganhamos a união. Todos ficam mais fortes. O ideal seria que se tivesse um problema na minha casa, fosse conversar com um pastor ou um padre para saber a opinião deles. Ouvindo a opinião de outras religiões, consegue-se fazer melhor juízo.

BARRETO, Dora. lalorixá do terreiro Ilê Axé T'Ojú Labá.

Espiritismo

Entendemos que todas as religiões devem ser tratadas com respeito e reconhecimento às condições e à liberdade de culto e pensamento. Nossa posição é a de estímulo ao diálogo e à somatória de esforços, quando houver necessidade de colaboração com a sociedade. O mundo em que vivemos não admite o isolamento em grupos ou clãs. A única forma de pensar a convivência e o respeito é estabelecer o diálogo.

PERRI, Antonio Cesar. Presidente da Federação Espírita Brasileira.

Protestantismo

O protestantismo não pratica intolerância religiosa. Você não vê um cristão protestante matar, bater ou discriminar alguém por causa de sua fé em Cristo Jesus. Se fizer isso, ele não é um cristão verdadeiro ou nunca foi. O protestantismo tem sua fé pautada na Bíblia Sagrada e entende que algumas coisas são boas e outras coisas são ruins: algumas coisas devemos ou podemos fazer e outras não nos convêm; o que é bom para uma pessoa pode ter significado ruim para outra pessoa. O que não podemos aceitar é que o princípio da liberdade de expressão seja ferido, pois nunca terá uma concordância entre as religiões; sempre vai existir a diversidade em todos os segmentos.

OLIVEIRA, Carlos. Pastor presidente do Conselho Federal de Pastor.

TOKARNIA, Mariana. "No Dia de Combate à Intolerância Religiosa, líderes alertam sobre discriminação". *Agência Brasil*, 21 jan. 2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-01/no-dia-de-combate-intolerancia-religiosa-lideres-alertam-sobre>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

A reportagem traz informações importantes a respeito do cenário de intolerância religiosa no Brasil e, além disso, sugere algumas medidas possíveis para combatê-lo. Mais do que isso, é interessante observar como os representantes de diversas religiões se colocam em prol da tolerância e discursam que, ainda que diverjam em relação às formas de entrar em contato com o sobrenatural, nenhum deles prega o ódio ao outro.

A experiência do divino pode ser plural, variada. Reconhecê-lo é fundamental para que a "religião", como a etimologia do termo indica, possa, de fato, religar e não desunir.

■ Quer saber mais?



Vídeo

- Na palestra em uma edição paulista do *TED talks*, a poetisa Mariana Sousa apresenta, além de suas reflexões, dois poemas bastante integrados com a proposta de redação do capítulo e com a própria ideia de transformação indicada pelas propostas do Enem. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=nSS5MPX72Ao>.

RESUMO teórico

CONCLUSÃO

Há propostas de redação que problematizam temas, demandando a elaboração de sugestões de intervenção para o problema exposto.

Para esse tipo de proposta, é necessário organizar sua conclusão da seguinte forma:

As propostas de intervenção relacionadas na conclusão precisam estar alinhadas às ideias discutidas no desenvolvimento do texto.

Iniciar a conclusão com um tópico frasal e finalizá-la com uma frase que retome o assunto da proposta enriquecerá o fechamento de sua redação.

definição de agente e ação interventiva;

escolha de modo/meio de solucionar o problema;

apresentação dos resultados possíveis da intervenção.

Capítulo 21

Análise da conclusão

Maureen Keating/Library of Congress



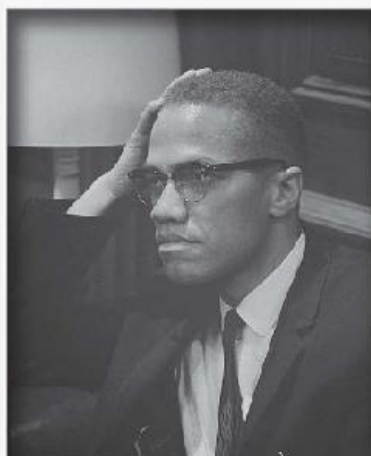
Nelson Mandela e Kweisi Mfume

Autor desconhecido/Library of Congress (Domínio público)



Harriet Tubman

Marion S. Trasko/Library of Congress



Malcolm X

Warren K. Leffler/Library of Congress



Martin Luter King

A luta contra as desigualdades entre negros e brancos e contra as suas mais variadas opressões não tem sempre a mesma forma. Na vida cotidiana, aliás, essas formas ganham diferentes faces e se materializam em diversas questões, desde as extremamente notórias até as mais sutis. A heterogênea busca pelo fim do racismo, enfim, diversifica o tom de suas batalhas.

Conclusões diferentes



©Americaspirit | Dreamstime.com

Saiba mais

O movimento Black Lives Matter foi fundado em 2013, nos EUA, por três ativistas negras: Alicia Garza, Patrisse Cullors e Opal Tometi. As ações do movimento ganharam projeção internacional em 2014, quando o grupo organizou atos em resposta aos assassinatos, pela polícia, dos jovens Michael Brown, em Ferguson (Missouri), e Eric Garner, na cidade de Nova Iorque.



A luta por direitos iguais para negros e brancos não é algo atual. Ao longo da história, ela tomou formas diversas e conquistou vitórias que, em certos momentos, pareciam impensáveis. O racismo, no entanto, ainda está longe de acabar e, sistematicamente, continua a se materializar em verdadeiros genocídios da população negra, seja em diferenças salariais, representatividade midiática e política ou autoestimas fragilizadas. É por isso que esse tema aparece como foco de várias propostas de redação, como as duas que analisaremos a seguir.

A prova da Unesp 2015 e a segunda aplicação do Enem 2016 servirão de base para que estudemos como, com disposições diferentes, dois temas semelhantes de redação podem gerar conclusões dissertativas distintas. Assim, baseados nas propostas a seguir, observaremos a construção do último parágrafo em duas redações reais.

Proposta 1

Unesp 2015

Texto 1

O Brasil era o último país do mundo ocidental a eliminar a escravidão! Para a maioria dos parlamentares, que se tinham empenhado pela abolição, a questão estava encerrada. Os ex-escravos foram abandonados à sua própria sorte. Caberia a eles, daí por diante, converter sua emancipação em realidade. Se a lei lhes garantia o status jurídico de homens livres, ela não lhes fornecia meios para tornar sua liberdade efetiva. A igualdade jurídica não era suficiente para eliminar as enormes distâncias sociais e os preconceitos que mais de trezentos anos de cativo haviam criado. A Lei Áurea abolia a escravidão mas não seu legado. Trezentos anos de opressão não se eliminam com uma penada. A abolição foi apenas o primeiro passo na direção da emancipação do negro. Nem por isso deixou de ser uma conquista, se bem que de efeito limitado.

COSTA, Emilia Viotti da. *A abolição*, 2008.

Texto 2

O Instituto Ethos, em parceria com outras entidades, divulgou um estudo sobre a participação do negro nas 500 maiores empresas do país. E lamentou, com os jornais, o fato de que 27% delas não souberam responder quantos negros havia em cada nível funcional. Esse dado foi divulgado como indício de que, no Brasil, existe racismo. Um paradoxo. Quase um terço das empresas demonstra a entidades seríssimas que "cor" ou "raça" não são filtros em seus departamentos de RH e, exatamente por essa razão, as empresas passam a ser suspeitas de racismo. Elas são acusadas por aquilo que as absolve. Tempos perigosos, em que pessoas, com ótimas intenções, não percebem que talvez estejam jogando no lixo o nosso maior patrimônio: a ausência de ódio racial.

Há toda uma gama de historiadores sérios, dedicados e igualmente bem-intencionados, que estudam a escravidão e se deparam com esta mesma constatação: nossa riqueza é esta, a tolerância. Nada escamoteiam: bem documentados, mostram os horrores da escravidão, mas atestam que, não a cor, mas a condição econômica é que explica a manutenção de um indivíduo na pobreza. [...] Hoje, se a maior parte dos pobres é de negros, isso não se deve à cor da pele. Com uma melhor distribuição de renda, a condição do negro vai melhorar acentuadamente. Porque, aqui, cor não é uma questão.

KAMEL, Ali. "Não somos racistas". Disponível em: <www.oglobo.com.br>. Acesso em: 09 dez. 2003.

Texto 3

Qualquer estudo sobre o racismo no Brasil deve começar por notar que, aqui, o racismo é um tabu. De fato, os brasileiros imaginam que vivem numa sociedade onde não há discriminação racial. Essa é uma fonte de orgulho nacional, e serve, no nosso confronto e comparação com outras nações, como prova incontestada de nosso status de povo civilizado.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Racismo e antirracismo no Brasil*, 1999. (Adapt.).

Texto 4

Na ausência de uma política discriminatória oficial, estamos envoltos no país de uma “boa consciência”, que nega o preconceito ou o reconhece como mais brando. Afirma-se de modo genérico e sem questionamento uma certa harmonia racial e joga-se para o plano pessoal os possíveis conflitos. Essa é sem dúvida uma maneira problemática de lidar com o tema: ora ele se torna inexistente, ora aparece na roupa de alguém outro. É só dessa maneira que podemos explicar os resultados de uma pesquisa realizada em 1988, em São Paulo, na qual 97% dos entrevistados afirmaram não ter preconceito e 98% dos mesmos entrevistados disseram conhecer outras pessoas que tinham, sim, preconceito. Ao mesmo tempo, quando inquiridos sobre o grau de relação com aqueles que consideravam racistas, os entrevistados apontavam com frequência parentes próximos, namorados e amigos íntimos. Todo brasileiro parece se sentir, portanto, como uma ilha de democracia racial, cercado de racistas por todos os lados.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário*, 2012. (Adapt.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma redação de gênero dissertativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema: **O legado da escravidão e o preconceito contra negros no Brasil**

Dissertação 1

Os que têm cor agem

“Não sou descendente de escravos. Eu descendo de seres humanos que foram escravizados!”. Quando Makota Valdina, militante do movimento negro, exclama essa frase, ela desmascara a tradição que cristaliza a identidade negra numa história de subordinação e desumanização. Desse modo, ficou estabelecida a necessidade de uma revisão historiográfica da escravidão, bem como a reformulação do ensino desse período. Isso porque, uma vez que esse legado tende a definir a questão identitária da população negra, tem-se que a escravidão está diretamente relacionada ao preconceito racial. Assim, em uma cultura marcada pelo mito da democracia racial e pela relativização do preconceito, o racismo é ferramenta para a manutenção de uma estrutura política.

Nascer negro em um país racista significa ter um desafio diário a ser vencido. Diante de uma sociedade que naturalizou a escravidão como amuleto linguístico e cultural, os indivíduos tendem a anular as desigualdades para facilitar seu uso corriqueiro. Desse modo, expressões como "tem caroco nesse angu" e "a dar com pau" continuam sendo reproduzidas sem ganharem a problematização de serem expressões com raízes escravocratas, pois, aos olhos socialmente míopes, o Brasil já superou o racismo. Dentro dessa utópica democracia racial, a escravidão é ensinada sob a visão do colonizador e, conseqüentemente, tida como algo do passado embora a empregada negra continue dormindo num local específico e sendo quase da família.

Além do legado do racismo, o indivíduo negro se depara com outro desafio: provar que o racismo existe. Ainda que, diante de uma estrutura explicitamente racista, que opera socialmente quando os espaços são ocupados majoritariamente pela população branca; economicamente quando a população negra é marginalizada e sofre diretamente as conseqüências da desigualdade; e culturalmente quando a lógica mercadológica apaga seus significados tradicionais e venaliza sua história num processo de apropriação cultural; a questão racial é simplificada equivocadamente como um problema de responsabilidade do indivíduo negro. Nesse sentido, explicar o óbvio traz complexidade e relativiza a luta do movimento, sendo comum deparar-se com afirmações que anulam a cor da pele e denominam paradoxal uma relação evidente de segregação étnica.

Não há como manter uma estrutura política baseada na desigualdade sem alguma forma de opressão discriminatória. Nesse sentido, o racismo possui a função social de estabelecer diferenças que valorizem a exclusão essencial à estrutura política vigente. Assim, ficam evidentes os traços da ignorância intelectual que mascara reincidentemente a existência da desigualdade racial.

Se, por um lado, o legado da escravidão continua existente, por outro, há uma evidente tentativa de anular essa realidade. Sendo assim, enquanto os intelectuais brasileiros não abrirem mão dos seus privilégios e assumirem não só a estrutura racista, mas o racismo que há dentro de si, continuaremos disputando a nega para desempatar o jogo da ignorância, e permaneceremos chutando a macumba caso algo tenda a dar errado.

Rodrigo Roel

Comentário sobre a conclusão

Em primeiro lugar, cabe investigar como se chegou à conclusão do texto. O autor, logo na introdução, afirma haver um vínculo entre a escravidão e o racismo contemporâneo – em outras palavras, este é o legado daquela. Para construir essa ideia, o primeiro parágrafo de desenvolvimento explora a questão da falsa democracia racial em que vivemos, a qual anula superficialmente as desigualdades, mas as mantém em um nível mais profundo.

O segundo parágrafo argumentativo, por sua vez, discute outro aspecto desse cenário: se as desigualdades entre brancos e negros não são reconhecidas, acabamos rejeitando o próprio racismo, isto é, a institucionalização dessa diferença é negada, pois, ainda que o racismo se manifeste social, econômica e culturalmente, em um contexto em que ele é apagado, suas consequências passam a ser entendidas como casos individuais, isolados.

Por fim, o que nos interessa analisar com um pouco mais de cuidado neste capítulo é a conclusão. O primeiro período dela faz uma inferência em relação a tudo o que havia sido desenvolvido anteriormente, como se o autor dissesse: “posto tudo isso que defendi, concluo que não há uma estrutura desigual sem uma discriminação que a embasa”. Na sequência, essa afirmação é explicada através da concepção de que, em nossa sociedade, é o racismo que sustenta a lógica vigente.

Depois disso, para fechar o texto, a conclusão retoma aspectos já trabalhados anteriormente: o mascaramento do racismo e as tentativas de anulação superficial das desigualdades ligadas à cor e à manutenção de privilégios que dialogam com as questões desenvolvidas. Vale destacar que a conclusão deixa clara a posição do autor a respeito do legado da escravidão e do racismo no Brasil, isto é, os legados perduram, ainda que se tente abafá-los. Para finalizar, o autor faz uso de uma sentença forte, escrita com expressões que destacam a ideia apresentada em seu texto: enquanto persistir o mascaramento dessa realidade, o racismo persistirá também.

Proposta 2

Enem 2016 – segunda aplicação

Texto 1

Ascendendo à condição de trabalhador livre, antes ou depois da abolição, o negro se via jungido a novas formas de exploração que, embora melhores que a escravidão, só lhe permitiam integrar-se na sociedade e no mundo cultural, que se tornaram seus, na condição de um subproletariado compelido ao exercício de seu antigo papel, que continuava sendo principalmente o de animal de serviço. [...] As taxas de analfabetismo, de criminalidade e de mortalidade dos negros são, por isso, mais elevadas, refletindo o fracasso da sociedade brasileira em cumprir, na prática, seu ideal professorado de uma democracia racial que integrasse o negro na condição de cidadão indiferenciado dos demais.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. (Fragmento).

Texto 2

Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989

Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor

Art. 1º — Serão punidos, na forma desta lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 25 maio 2016. (Fragmento).

Texto 3

Senado Federal

Racismo ou Injúria Racial?

Racismo é a conduta discriminatória dirigida a determinados grupos.

Injúria racial é ofender a honra de alguém com a utilização de elementos referentes à raça, cor, etnia, religião ou origem.

Disponível em: <www12.senado.leg.br>. Acesso em: 25 maio 2016.

Texto 4

O que são ações afirmativas

Ações afirmativas são políticas públicas feitas pelo governo ou pela iniciativa privada com o objetivo de corrigir desigualdades raciais presentes na sociedade, acumuladas ao longo de anos.

Uma ação afirmativa busca oferecer igualdade de oportunidades a todos. As ações afirmativas podem ser de três tipos: com o objetivo de reverter a representação negativa; para promover igualdade de oportunidades; e para combater o preconceito e o racismo.

Em 2012, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu por unanimidade que as ações afirmativas são constitucionais e políticas essenciais para a redução de desigualdades e discriminações existentes no país.

No Brasil, as ações afirmativas integram uma agenda de combate à herança histórica de escravidão, segregação racial e racismo contra a população negra.

Disponível em: <www.seppir.gov.br>. Acesso em: 25 maio 2016. (Fragmento).

Proposta de redação

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **Caminhos para combater o racismo no Brasil**, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Dissertação 2

Racismo no âmbito das fraudes, das desigualdades salariais e do número de mortos

Em 2016, a Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul, expulsou mais de 20 alunos, depois de investigação do Ministério Público, por constatar fraude nas cotas raciais. A lei de cotas, Lei n. 12.711, sancionada em 2012, garante que uma porcentagem das vagas nas universidades federais seja preenchida por negros ou pardos. Essa lei sustenta as ações afirmativas que buscam a redução das desigualdades e discriminações raciais no Brasil. No entanto, assim como em Pelotas, por diversas outras partes do país as cotas universitárias são fraudadas impedindo que as ações afirmativas sejam efetivas na sua função de diminuir as desigualdades. Além disso, diversos crimes de discriminação de cor

são cometidos todos os dias no Brasil, inclusive nas mídias televisivas, e poucas são as medidas contra isso. Dessa maneira, o Estado deve intervir de modo a fazer cumprir as leis, tanto a que regulamenta as cotas, quanto a que coloca como crime as discriminações raciais, para assim caminharmos para o fim do racismo no Brasil.

A cultura brasileira é marcada pelo racismo. Hoje, mesmo quase 130 anos depois da abolição da escravidão, os negros ainda são tidos como inferiores em vários âmbitos sociais. No mercado de trabalho, por exemplo, segundo dados do IBGE, em 2015, os negros ganhavam 59% do rendimento de pessoas brancas. Isso é reflexo de uma cultura que carrega heranças racistas de uma sociedade patriarcal, colonizadora e escravocrata. O menor rendimento da população negra também se reflete no seu não acesso às universidades, uma vez que, mesmo com a lei de cotas, o negro ainda é minoria no Ensino Superior, principalmente pelas fraudes, e não encontra representatividade no corpo docente.

Beyoncé, em 2016, lançou sua música "Formation" na qual declara seu orgulho pelo cabelo e pelo nariz fenotipicamente comum nos negros. Essas mesmas características, que atualmente as mulheres negras exaltam e usam como símbolo de luta e resistência foram os critérios para o Ministério Público do RS provar as fraudes nas cotas da UFPel. A trapaza com as cotas não é a única forma de segregação do negro aos espaços no Brasil. A demora da justiça na investigação de casos de injúria racial e de discriminação é uma forma institucional de impedimento de que pessoas de determinada cor possam frequentar espaços da mesma maneira que outras. Dados do Sistema de Informação de Mortalidade do Ministério da Saúde mostram que o homicídio no Brasil tem cor, e a cor é negra. A diferença de mortes de negros e brancos no país em 2010 foi de 132%. Assim, percebe-se que, para o país caminhar para o combate ao racismo, ele deve garantir igualdade, respeito e segurança para a população negra.

O Estado deve, portanto, agir de forma a promover o cumprimento adequado das leis, tanto a lei de cotas, garantindo assim as ações afirmativas, como a lei que coloca como crime a discriminação racial. As autoridades podem exigir uma maior seriedade das universidades no recebimento das denúncias de fraudes nas cotas, encaminhando ao Ministério Público as denúncias para que este faça a investigação e a comprovação das fraudes. Devem também promover campanhas por meio de redes sociais e de cartazes nas universidades alertando sobre as fraudes e que essas podem ser denunciadas. Cabe ao Estado, além disso, garantir segurança à população negra de forma equitativa à da população branca de maneira a acabar com o grande número de negros que são mortos no Brasil. Por fim, o governo deve promover um processo rápido e justo para os casos de injúria racial ou racismo, pois só assim combateremos o racismo no país.

Tamires de Paiva

Tolerância

Humanidade

Liberdade

Igualdade

Direitos

Comentário sobre a conclusão

Podemos notar que, como foi exigida uma proposta de intervenção em relação à questão do racismo, a redação se organiza de uma forma diferente da da dissertação 1 desde o início.

Ao final da introdução, depois de mostrar que mesmo quando há ações afirmativas, elas nem sempre são cumpridas adequadamente, há uma indicação de interferências viáveis a partir da ação estatal. Para aprofundar essa ideia, durante o desenvolvimento, a autora trabalha para evidenciar ao leitor que o racismo tem raízes históricas na sociedade brasileira e que se manifesta nos mais diversos níveis.

É na conclusão, por sua vez, que se concentram todas as intervenções. É interessante observarmos como a estrutura foi construída. Há um tópico frasal apontando, ainda sem detalhes, que o Estado deve agir. Na sequência, esse tópico é expandido, revelando as áreas em que o governo pode atuar: nas garantias do cumprimento das ações afirmativas já existentes, na conscientização, na segurança e na agilidade no tocante às denúncias para que elas sejam feitas. Outro ponto importante é que essas interferências estão alinhadas com o que foi discutido durante o texto, ou seja, não são propostas desconexas inseridas apenas no final. Concluindo, no fim do último período, há uma frase de fechamento que retoma o tema. Segundo a autora, é apenas a partir dessa intervenção estatal que se combaterá o racismo no Brasil.

Atenção!

É interessante variar os agentes das propostas de intervenção. Na redação que acabamos de ler, isso não ocorre, uma vez que, desde a tese, a abordagem já focaliza a ação estatal e, durante o desenvolvimento, a escolha da autora é abordar problemas a partir de uma lógica mais institucional.

PARA PRATICAR

A seguir estão dois planejamentos de texto: em ambos há a tese e os conteúdos previstos para o D1 e para o D2. Tomando-os como base, redija conclusões pertinentes ao que foi previsto.

Planejamento 1

Tese

A partir de nossas raízes históricas, construímos uma imagem do sujeito negro como alguém inferior, a qual perdura até hoje. Ao fazê-lo, porém, o racismo acaba sendo naturalizado, sendo este, talvez, o maior legado da escravidão.

D1

- Traçar um brevíssimo percurso histórico acerca da chegada do negro como escravo ao Brasil, destacando as rupturas sociais, linguísticas, familiares e históricas características desse processo.
- Indicar que isso levou a um cenário em que a primeira identidade assumida por esse sujeito na realidade brasileira foi a de "coisa", de "ferramenta".
- Apontar que essa inferiorização se reflete ainda hoje: a pouca representatividade política e midiática, as expressões pejorativas que subjuguem o negro, a dificuldade de acesso a universidade – tudo isso parece evidenciar um cenário em que esse indivíduo é reduzido.

D2

- Mostrar, como efeito do que foi apresentado no D1, o funcionamento de uma lógica perversa, isto é, se o sujeito negro não está nos espaços de desejo, se sua pele não tem a cor dita bonita, se seu cabelo não é o categorizado como bom, não se vê o negro como um igual ou como alguém que se quer ser.
- Trabalhar, nesse sentido, com o racismo que se perpetua sistematicamente contra esse grupo e que, no entanto, não é visto como violência.
- Revelar a naturalidade vivida em uma sociedade que pratica genocídios constantes contra os negros, que paga salários menores a esse grupo, que ridiculariza sua cultura e a aceita, frequentemente, sob a condição de não ser representada por negros.

Conclusão

Planejamento 2

Tese

A partir do momento em que se naturaliza a ideia do negro como alguém inferior, legitima-se uma série de manifestações do racismo, o que deve ser enfrentado em conjunto por toda a sociedade brasileira.

D1

- Indicar diversos discursos que inferiorizam o negro, sejam propagandas que não o contemplam, expressões cotidianas que o discriminam, sua pouca representatividade em espaços ditos de prestígio, como universidades e, conseqüentemente, profissões de desejo.
- Finalizar o parágrafo concluindo que, em um cenário como esse, ser negro é ser menos.

D2

- Mencionar, como efeito do que foi apresentado no D1, que, se o negro é subjugado, qualquer tipo de violência contra ele não é encarado com estranheza.
- Registrar que, se o negro é entendido como um desigual, sua dor não comove.
- Atestar essa dinâmica nas diferenças salariais e nas violências físicas sofridas por esse grupo diariamente.

Conclusão

Texto complementar

[...] O professor bonito então sugeriu que eu postasse isso, é um teste para ver se você tem o privilégio dos brancos, inventado por uma mulher muito legal chamada Peggy McIntosh. Se você responder não para a maioria das perguntas, então parabéns, você tem o privilégio dos brancos. Quer saber para que serve isso? Quer saber a verdade? Não tenho ideia. Acho que é bom saber, só isso. Para você poder se gabar de tempos em tempos, para melhorar seu ânimo quando estiver deprimido, esse tipo de coisa. Aí vai:

Quando você quer entrar para um clube exclusivo, se pergunta se sua raça vai dificultar entrada?

Quando você vai fazer compras sozinho numa loja cara, tem medo de ser seguido ou assediado?

Quando você liga numa emissora de televisão importante ou abre um jornal importante, encontra pessoas que são, em sua maioria, de outra raça?

Você se preocupa com o fato de que seus filhos não vão ter livros e material escolar que falem de pessoas da raça deles?

Quando você pede um empréstimo no banco teme que, por causa de sua raça, vá ser considerado pouco confiável financeiramente?

Quando você xinga alguém ou se veste com roupas velhas, acha que as pessoas talvez digam que fez isso por causa da falta de moral, da pobreza ou da ignorância da sua raça?

Quando você sai bem em alguma situação, espera que considerem uma honra para sua raça? Ou ser descrito como "diferente" da maioria das pessoas da sua raça?

Se você critica o governo, teme ser visto como um marginal cultural? Ou teme que alguém te diga para "voltar para X", X sendo um lugar fora dos Estados Unidos?

Se você é mal atendido numa loja cara e pede para ver um gerente, espera que essa pessoa seja de outra raça que não a sua?

Se um policial de trânsito manda você parar seu carro, você se pergunta se é por causa da sua raça?

Se você aceitar um emprego numa empresa que tenha uma cota de vagas para pessoas de cor, teme que seus colegas pensem que não é qualificado e que foi contratado apenas por causa da sua raça?

Se você quer se mudar para um bairro caro, teme não ser bem recebido por causa de sua raça?

Se precisar de ajuda legal ou médica, teme que sua raça passa prejudicá-lo?

Quando vê roupa de baixo ou curativos cor de pele, já sabe que eles não vão ser da cor da sua pele?

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. ROMEU, Júlia (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 375-6.

No trecho do *blog* da protagonista do romance *Americanah*, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, podemos perceber como o teste sugerido aponta uma institucionalização da exclusão negra na realidade estadunidense. No entanto, parece algo que se reduza apenas àquele país? Em que medida a vida brasileira cotidiana não se vale das mesmas práticas?

De forma geral, em um contexto social racista, a cor da pele não é uma questão puramente biológica, e ser branco, em um cenário como esse, é não enfrentar somente os impasses descritos no teste, mas toda uma estrutura social opressiva e violenta que, muitas vezes, é baseada apenas na cor da pele de suas vítimas.

Quer saber mais?

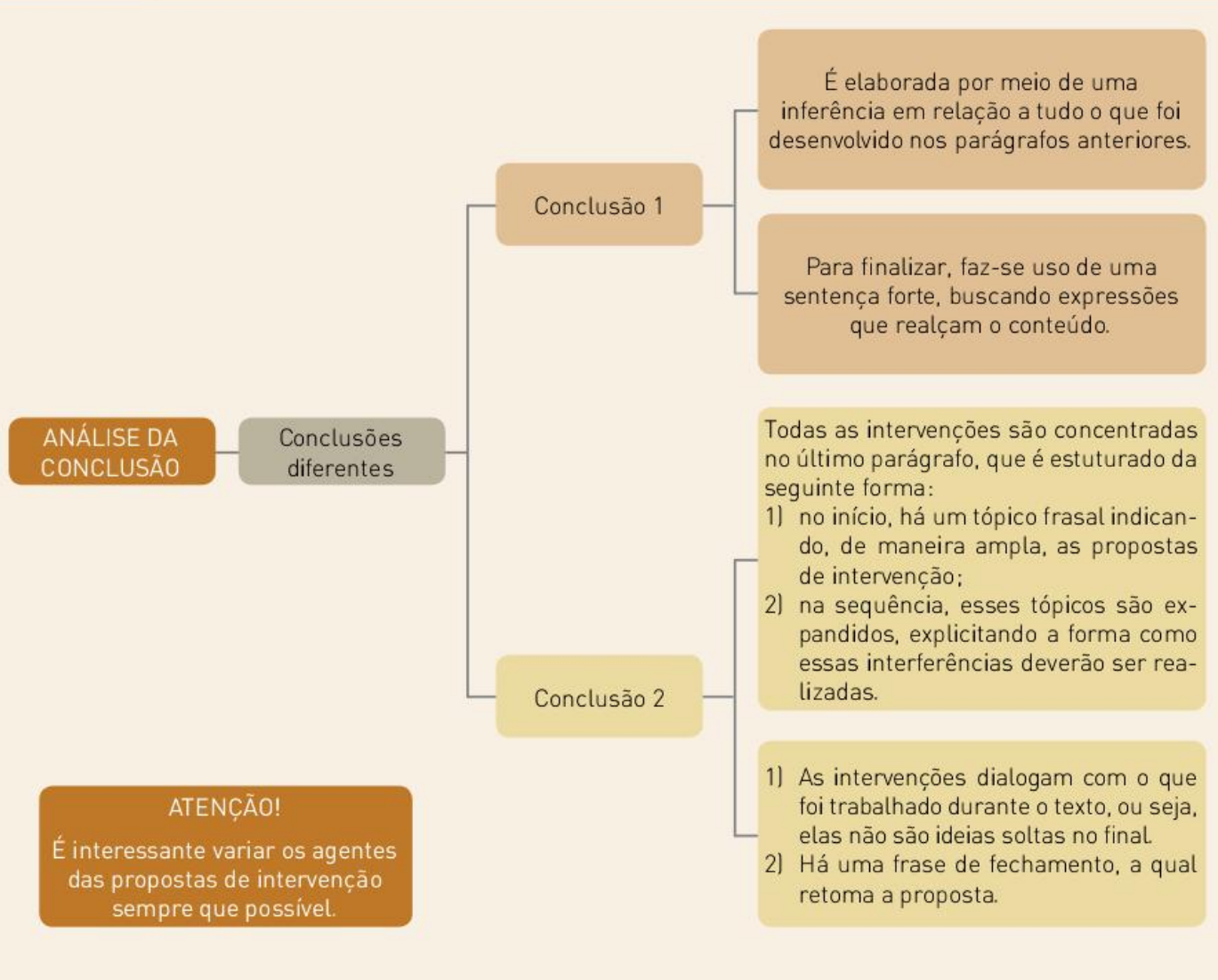
Documentário

- Em *Olhos azuis*, de Bertram Verhaag, é contada a história de uma professora estadunidense, Jane Elliott, que desenvolve um experimento a fim de fazer com que pessoas brancas sintam, ainda que por um tempo reduzido, as dimensões do racismo.

Artigos

- No texto "Somos todos Maju", de Djamila Ribeiro, a mestre em Filosofia analisa a não percepção do racismo cotidiano, como se somente se percebesse o racismo quando ele é direcionado contra alguém famoso. Disponível em: <www.cartacapital.com.br/sociedade/somos-todos-maju-8558.html>.
- No texto "Falar em racismo reverso é como acreditar em unicórnios", também de Djamila Ribeiro, a autora trata das diferenças entre o racismo, um sistema de opressão institucionalizado, e simples ofensas. Disponível em: <www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/racismo-reverso-e-a-existencia-de-unicornios-205.html>.
- No artigo "25 privilégios de que os brancos usufruem simplesmente por serem brancos", de Lara Vascounto, a autora apresenta faces bastante naturalizadas de um racismo visto, cotidianamente, como algo normal. Disponível em: <www.geledes.org.br/25-privilegios-de-que-brancos-usfruem-simplesmente-por-serem-brancos/#ixzz4DqMUUysj>.

RESUMO teórico



Capítulo 22

Sofisticação textual



Jacob Wackerhausen/flickrphoto.com

Um texto sempre pode ser melhorado. Mesmo que as exigências básicas de uma dissertação sejam cumpridas, uma série de refinamentos pode ser realizada para que o texto fique ainda mais interessante, fluido e maduro, passando, assim, mais credibilidade. Portanto, como um ourives, vamos aprender a lapidar nossas joias no universo textual.

A argumentação nos detalhes

Os recursos que aprendemos até este capítulo são ferramentas suficientes para a composição de uma dissertação, o objeto-base que buscávamos. Assim, o texto que defende um ponto de vista por meio de argumentos já pode ser produzido, e nosso foco agora pode voltar-se para os detalhes que, embora pareçam irrelevantes à primeira vista, ajudam a dar credibilidade ao que foi exposto.

Podemos comparar a função do autor de um texto com a de um ourives, que é o profissional apto a realizar o manuseio de metais e pedras preciosas para a elaboração de joias e ornamentos. Como o ourives seleciona cada pedrinha e desenho que serão inseridos em sua joia, o autor elege cada palavra e ideia que serão usadas em sua obra, considerando a função estética dos elementos e observando o reflexo de suas escolhas na forma como a mensagem chegará ao interlocutor. Se o objetivo final de uma dissertação é persuadir, esses detalhes precisam ser bem colocados para compor a estratégia argumentativa, pois apresentar uma narrativa antes de expor o argumento principal pode ajudar o leitor a se sentir mais confortável para pensar sobre si mesmo e sobre a sociedade ao seu redor.

Algumas das redações que foram utilizadas até este capítulo já faziam uso do que denominamos ilustração – criação de campo semântico ou referenciação, embora não tenhamos nos debruçado, até o momento, sobre suas particularidades.

Não é novidade que diversos autores consagrados ao longo de suas produções literárias conjecturaram a argumentação pela via narrativa. Então, vamos observar um exemplo.



buranovademarf/Stockphoto.com

Se os Tubarões Fossem Homens

"Se os tubarões fossem homens", perguntou ao senhor K, uma miúda, filha de sua senhoria, "seriam mais amáveis para os peixinhos do que eles são?"

"Claro que sim", disse ele, "se os tubarões fossem homens, mandariam construir no mar enormes caixas para os peixinhos e punham dentro comida, tanto vegetal como animal. Teriam cuidado em fazer com que a água das caixas fosse continuamente renovada e, de um modo geral, adaptariam todo o tipo de medidas sanitárias. Se, por exemplo, um peixinho ferisse a barbatana, far-lhe-iam um penso para não morrer antes do tempo.

Para os peixinhos não ficarem melancólicos, de tempos em tempos organizariam grandes festas aquáticas porque os peixinhos alegres são mais saborosos que os melancólicos.

Como é natural nessas grandes caixas, também haveria escolas. E nessas escolas os peixinhos aprenderiam como se nada na goela dos tubarões. Seria necessário, por exemplo, aprenderem geografia para saberem onde encontrar os grandes tubarões que estão preguiçosamente a descansar num lado qualquer.

É claro que a formação moral dos peixinhos seria muito importante. Ensinar-lhes-iam que nada é mais sublime nem formoso do que um peixinho que se sacrifica alegremente, e todos deveriam ter fé nos tubarões, sobretudo quando prometem zelar pela sua felicidade futura. Far-se-ia os peixinhos compreender que um tal futuro só estaria assegurado se aprendessem a obedecer.

Teriam de abster-se de toda a propensão baixa, materialista, egoísta e marxista; e se algum deles visse uma destas tendências manifestar-se deveria ser logo comunicada aos tubarões. Se os tubarões fossem homens, por certo fariam guerra uns aos outros para conquistar caixas e peixinhos estrangeiros. Mandariam os seus próprios peixinhos para a guerra, e ensinar-lhes-iam, que há enorme diferença entre eles e os peixinhos dos outros tubarões.

Como toda a gente sabe, proclamariam, os peixinhos são mudos, mas calam-se em línguas muito diferentes e por isso é impossível entender-se. A cada peixinho que matasse na guerra uns quantos peixinhos inimigos, dos que se calam noutra língua, seriam dadas uma condecoração de algas marinhas e o título de herói.

Como é natural, se os tubarões fossem homens também teriam a sua arte. Haveria belos quadros que representariam os dentes e as goelas dos tubarões em cores magníficas, como autênticos jardins onde é possível traquinar deliciosamente. Os teatros do fundo do mar mostrariam como os peixinhos heroicos e corajosos nadam com entusiasmo em direção às goelas dos tubarões, e a música seria tão bela que os peixinhos, ao som das notas, precedidos pela orquestra, precipitar-se-iam sonhadoramente na garganta dos tubarões embalados pelos mais encantadores pensamentos.

Também haveria uma religião, se os tubarões fossem homens. E ensinaria que os peixinhos só começam verdadeiramente a viver na barriga dos tubarões. Além do mais, se os tubarões fossem homens os peixinhos deveriam ser iguais como agora são. Alguns deles obteriam cargos e passariam a ficar acima dos outros. Os que fossem um pouco maiores, teriam mesmo o direito de comer os mais pequenos.

Apenas para os tubarões isso seria agradável porque teriam possibilidade de comer, mais vezes, bocadas maiores.

E os peixinhos maiores, os que ocupariam aqueles cargos, zelariam por que reinasse a ordem entre os mais pequenos e tornar-se-iam professores, oficiais, engenheiros de construção de caixas etc.

Para resumir, só se os tubarões fossem homens nasceria nos mares uma civilização.

BRECHT, Bertold. *Histórias do senhor Keuner*. SOUZA, Paulo César (Trad.). São Paulo: Editora 34, 2006. p. 53-4.

Em um de seus textos mais provocativos, o dramaturgo alemão põe-se a pensar sobre a organização da sociedade e sobre as relações de poder. Com o intuito de mostrar a seus leitores que essas relações realmente existem, é feita uma analogia com o fundo do mar.

Vale notar a inteligência da estratégia adotada: caso o autor se dirigisse diretamente ao leitor, poderia constrangê-lo ou ofendê-lo, o que atrapalharia seu trabalho de convencimento. O que ele faz, portanto, é construir uma narrativa metafórica, uma alegoria, na qual descreve as opressões que enxerga na sociedade real, sem colocar personagens reais. Assim, caso o leitor se identifique com o que é apresentado, é porque "vestiu a carapuça" sozinho, sem que fosse necessário explicitar as razões que o levaram a isso. Essa estratégia não deixa de ser argumentativa e reforça as possibilidades de persuasão.

Esse texto é majoritariamente narrativo e, por conseguinte, utiliza a narração como ferramenta argumentativa em toda sua extensão. Já abordamos os tipos e gêneros textuais e os mecanismos linguísticos que podem ser usados para compor um texto dissertativo. A narração não deve tomar conta de toda a dissertação, mas é possível ser utilizada, intencionalmente, como estratégia de convencimento, podendo auxiliar na contextualização e na criação de um campo semântico que, quando percorre todo o texto, melhora a coesão do que se produz. Assim, se desejamos analisar a sociedade em que vivemos, também o pretenderam narrativas anteriores, que podem ser resgatadas a fim de envolver o leitor.

Atenção!



O recurso narrativo não é o anel que queremos forjar, e sim a pequena pedra preciosa que, incrustada, dá mais brilho e nobreza à joia principal. É preciso cuidado para não exagerar e, com isso, acabar perdendo o foco. Dar ênfase às ideias e desenvolvê-las com objetividade ainda é o mais importante.

Ousadias linguísticas na dissertação

Para utilizarmos qualquer recurso corretamente, precisamos saber as características sociais a que pretendemos fazer alusão quando defendemos uma tese. Ao definir se trabalharemos o consumismo, o “ensimesmamento” ou a produtividade, por exemplo, conheceremos o caminho discursivo a ser percorrido. Dessa forma, a narrativa ou o campo semântico escolhido não delimitam o que será defendido no texto, mas sim o contrário: os efeitos a serem usados para aprimorar o texto devem ser considerados apenas depois de pensada a argumentação.

Produzido a partir do tema da Fuvest 2013 (consumismo), o texto a seguir deixa claro um primeiro exercício possível para nós. Em sua argumentação, há uma sofisticação sutil percebida através de pequenas inovações que não necessariamente têm relação com uma narrativa predeterminada, mas que criam um campo semântico interessante e original.

Na batida da ostentação

“Não sou Hollywood, mas sou um sucesso (...) lancei minha corrente de ouro, nas férias vou ‘forjar’ na Disney, surfar no Hawaii, ‘tô’ de longboard e grife (...) Eu tenho o que ela quer”. Nas letras do funkeiro paulistano Mc Gui - com apenas 17 anos - e nas de mais de dezenas de outros, reconhece-se manifesto o desejo de consumo como eixo central do sucesso amoroso e

social. Consumo que se tornou tema caro ao movimento artístico e musical fundamentado na crítica e na originalidade que desceu dos morros para expressar a forma como a sociedade lida com a questão do ser e do ter. Num ambiente onde imperativo é ter, *as vozes* da periferia cantam a melodia que nos *embalam*: entorpecidos pelo *ritmo* do consumo, somos levados a crer que o melhor da vida pode ser comprado e que a felicidade se tornou mercadoria: negociável, exposta nas vitrines e estabelecida nas posses.

Em laranja, palavras e trechos que fazem referência ao campo semântico da música, da dança e dos bailes, motivado pelo início da introdução.

Para suprir os desejos individuais, a cultura do consumo modelou padrões que atendem aos diversos públicos. Para a classe alta e para as baixas, há, portanto, uma série de bens que condicionam a inserção num determinado grupo social e a aquisição do status correspondente. Bancos e financeiras operam com segmentos "prime" e populares, mas nunca deixando escapar: "aqui os seus *benefícios são ilimitados*". Essa socialização do crédito deixa claro: vive-se atrelado ao desejo de ter na ânsia de ser. Ser mais, ser *plus*, ser *prime*. Destaca-se, nesse *baile* da prosperidade aquele cujos gastos dão acesso a um *cartão ainda mais platinado, holográfico, aceito em um maior número de países e, claro, com maior limite*. Afinal, a *ciranda* do consumo há de girar para que o todo se sustente.

Em azul, palavras e trechos que remetem às ideias do mundo do cartão de crédito, quer sejam concretas ou abstratas.

Se há, nesse *salão*, espaço para todos, então as *melodias* da ostentação transcendem a expressão cultural, ao resignificar a essência do indivíduo: de cidadão excluído - habitante da periferia - a rei do camarote, em apenas

Os campos se cruzam, dançam e conversam, deixando a leitura mais agradável e criando imagens mais lúdicas e sofisticadas.

algumas *parcelas*. Não surpreende que o gênero tenha tomado conta de outros segmentos populares, como o sertanejo, e que figure nas telenovelas em horário nobre: comprar a felicidade, agora, é possível a todos. Todavia, seu *preço* varia de acordo com o ambiente e com o padrão que se almeja. Para cada grupo há um limite mínimo, definido pelos locais que frequenta, roupas que veste ou carro que dirige. Tal precificação estabelece que o indivíduo seja *convidado a dançar* conforme o grau de plenitude por que possa pagar, e conduz à desnaturalização do desejo de progresso: não mais ser para ter; obrigatório torna-se, pois, ter para ser.

A expressão da cultura, do modo de vida e das relações entre cidadãos e grupo social são elementos constituintes do padrão de consumo estabelecido. São, pois, concatenados de forma a garantir que modelos preestabelecidos sejam tidos como ideias, ceifando os alternativos. *Tocado* sem reprimendas, esse *ritmo* abarca, reifica, *plastifica* e, por fim, comercializa uma vida feliz. Cabe aos *dançantes* adaptar-se.

Gabriel Herculano Lopes

Atenção!

Campos semânticos são compostos de palavras análogas, que têm relação entre si, podendo, às vezes, uma mesma palavra pertencer a campos semânticos distintos. Dessa maneira, não há limites para a composição de redes interpretativas.

Diferentemente da redação anterior, a dissertação a seguir foi produzida com base em um tema de redação que mostrava o trabalho como algo a que o homem se submete por inércia, sem questionamentos, e que, por fim, toma para si parte da liberdade do trabalhador.

Como a temática não é nova, para enriquecer a escrita, é possível buscar narrativas que também mostrem a mecanicidade do trabalho como se estabelece hoje em dia. Por exemplo, é viável estabelecer um paralelo entre o texto a ser produzido e a canção "Cotidiano", de Chico Buarque, que tratam do mesmo assunto, e fazer interseções posteriores, conforme observaremos a seguir:

Trabalho como forma de existência

Todo dia fazemos tudo sempre igual: somos sacudidos às seis horas da manhã e sorrimos sorrisos pontuais. Ao cantar o cotidiano de um homem assalariado, em música à qual, aliás, deu o título de "Cotidiano", Chico Buarque, em meio a uma repetição de afazeres, enumerou a frequente renúncia aos desejos. Embora no dicionário o conceito de trabalho surja subordinado ao de homem, tornou-se difícil definir se hoje é mesmo o trabalho que depende do homem para existir ou o contrário.

Sempre que pretendemos fazer qualquer forma de intertexto ou de referência a outros textos, devemos avisar ao leitor que isso está acontecendo, contextualizando-o sobre o que é mais relevante na narrativa. Assim como na redação anterior, há a apresentação de trecho(s) de uma música, mudando, apenas, a forma de empregar essa estratégia na composição da dissertação.

Todo dia elas dizem para cuidarmos-nos e acreditamos ser, dentre outras, uma coisa que diz toda mulher. Aceitar discursos já marcados por regras, como é o próprio discurso sexista, é consequência de uma rotina estabelecida pelo movimento do sistema econômico que não só reduz o tempo livre como acomoda desejos nos dias que não são "úteis". A fadiga que emerge de uma jornada de produção é prevista e reaproveitada, sobrando pouco tempo, então, para a reflexão. Há tempo para consumir e, se todo dia pensamos em poder parar, se a cada meio-dia pensamos em dizer não, os desejos incutidos nos levam à vida que inevitavelmente temos de levar e nos calamos com a boca cheia de alguma comida industrializada. "Amo muito tudo isso" foi a forma como uma rede de lanchonetes indefiniu - por meio de um pronome - o objeto do amor, do desejo; é, assim, permitido a ela que reconstrua essa relação como e quantas vezes quiser.

É importante notar que, ao utilizar essa estratégia, abre-se um caminho para duas interpretações possíveis: uma que é deduzida por quem lê e reconhece as referências do texto; e outra que é entendida por um leitor a quem a referência passa despercebida. Em ambos os casos, é nosso trabalho, enquanto autores, garantir que a compreensão será plena por qualquer leitor.

Seis da tarde, como era de se esperar, alguém nos espera no portão. Com o tempo subdividido e o corpo fisiologicamente adaptado a esse tempo, a fome ocorre ao meio-dia e o desejo sexual, a paixão, só poderá ocorrer fora do horário comercial. O homem, que costumava existir pela organicidade de sua vida, tem parte de sua natureza subtraída, uniformizando-se e permitindo-se moldar pelo trabalho. Toda renúncia é aceita sem muita resistência porque o trabalhar é o que permite a compra de, por exemplo, um carro, cuja propaganda se baseia na identidade pela posse. A perda da identidade, do pertencimento, não é confortável, pois retira o trabalhador do meio social e faz com que, fora dessa lógica, ele não exista.

*O senso comum reinventa o "penso, logo existo" de Descartes amiúde. Talvez não seja necessário preencher o sentido que fica faltando, mas pensar, hoje, não é condição para existir. *Todas as bocas, por fim, mordem e beijam com pavor:* pavor de um dia perder a identidade ou de, quiçá, já tê-la perdido.*

Gabriela de Araujo Carvalho.

Saiba mais

Francisco Buarque de Hollanda, mais conhecido como Chico Buarque, é um compositor e escritor brasileiro. Famoso por ser um dos maiores nomes da música popular do nosso país, tem composições com grande trabalho linguístico feitas em tempos de ditadura militar, incluindo "Cotidiano", lançada em 1971. Para driblar a frequente censura, as músicas têm ironias sutis e construções sintáticas sugestivas que revelam as possibilidades de comunicar um tema de forma diferente da literal.



As referências podem ter sua origem nos mais variados repertórios, então devemos afastar o pensamento indevido de que não temos narrativa alguma em mente a qual recorreremos. Vamos analisar a próxima redação, também produzida a partir do tema da Fuvest 2013.

O infinito, o brinquedo e o chão

Um dos protagonistas da animação *Toy Story* é Buzz Lightyear, um boneco que, baseado em sua frase de efeito "Ao infinito e além", acredita ser um super herói e, com suas asas, poder voar e explorar a infinitude do Espaço. Fabricado já com essas crenças, Buzz desconhece sua condição de simples boneco, no momento em que, eufórico, se vê livre de sua caixa e pronto para conquistar o ilimitado. Tal euforia sentida por Buzz nos é comum a partir do momento em que nos são oferecidos o infinito e as asas para atingi-lo. Iludidos por uma forma de pensar "vinda de fábrica" (por estar há gerações presente em nossa sociedade), somos levados a associar o consumo exacerbado a uma manifestação de poder e de valorização social. Com cartões de crédito, nossas asas de plástico, exploramos a infinitude do shopping, buscando, sem sucesso, conquistá-la, sem perceber que essas asas são incapazes de voar ao infinito e além.

Na animação, ao conhecerem Buzz, os outros brinquedos logo se admiram com os acessórios que ele possui e com o poder que ele aparenta ter. Dessa maneira, nos primeiros instantes, Buzz conquista a admiração e o respeito dos outros, unicamente por possuir bens que eles não possuíam. O mesmo ocorre em nosso cotidiano. A ostentação mobiliza o status social. Em busca desse status, as pessoas consomem, muitas vezes não por necessidade, mas sim para possuir bens inéditos em sua esfera social. Basta observar a febre dos lançamentos anuais de novos Iphones para confirmar a ânsia que se tem por ostentar. Isso porque, das milhões de vendas efetuadas logo no primeiro dia, grande parte provém de pessoas que já são usuárias do Iphone anterior, em perfeito estado.

Essa valorização do consumo é muitas vezes fortalecida por meio dos anúncios. Em uma propaganda de cartão de crédito, por exemplo, apresenta-se um shopping sem fim, e toda aquela infinidade de luxo se faria concreta àquele que adquirisse o cartão. Oferecidos o poder e a ferramenta para atingi-lo, as

As pessoas são fortemente tentadas a tamanha proposta. No entanto, ao cederem, não adquirem "o melhor que o mundo tem a oferecer", como prometido. Para que não deixem de consumir mediante as constantes decepções, dezenas de novos anúncios são lançados diariamente, com novas promessas e novos produtos. Incessantemente, as pessoas tentam atingir o infinito com as asas ofertadas, como também fez Buzz, ao longo do filme.

Ao atingir seu clímax psicológico e se propor uma tentativa deveras ousada, Buzz se lança, de olhos fechados, do alto de uma escada, pronto a se provar capaz de voar. Todavia, suas asas de plástico o conduzem direto ao chão, e, quebrado, o brinquedo toma consciência de sua situação. Em busca de um poder além do infinito, as pessoas, assim como Buzz, não medem esforços ou consequências. Lançam-se a fundo no consumo, sem perceberem a limitação de suas asas, tampouco a crescente aproximação de seu impacto com o concreto e bruto chão.

João Vitor Rodrigues

A redação apresentada foi elaborada em sala de aula a partir de uma proposta de produção de texto baseada no repertório de cada aluno, sem qualquer tipo de preconceito. O desafio foi aceito, comprovando que temos elementos suficientes para realizar toda e qualquer análise social. Podemos pensar que todas as narrativas às quais temos acesso dizem algo sobre nossa sociedade, e tudo isso ajuda a compor uma dissertação.

Na lógica tradicional, é possível estabelecer uma analogia em que há uma relação de equivalência entre duas outras associações: A está para B assim como C está para D. No entanto, em situações cotidianas de argumentação, não é tão simples estabelecer a veracidade, já que muitas vezes esta dependerá de uma construção de mundo que está por trás do discurso do enunciador. Devido à capacidade de traçar uma ligação de identidade entre elementos que antes não pareciam se tocar, a analogia está próxima da alegoria, da comparação e da metáfora, todas buscando semelhanças entre objetos para ressaltá-las e ressignificá-las.

Possíveis aplicações

Leia o conto a seguir. Ele será posteriormente utilizado na construção de três parágrafos. Sua narrativa, porém, é fundamental para que as relações fiquem claras.

A roupa nova do rei

Há muito tempo viveu um imperador que gostava tanto, mas tanto, de se vestir bem que todo o dinheiro dele ia embora com roupa nova. Ele não queria saber de discutir problemas de soldados nem de ir ao teatro nem de passeios pela floresta. Só se fosse para mostrar alguma roupa nova. Ele tinha uma túnica para cada hora do dia e em vez de dizer "o rei está em reunião" as pessoas viviam dizendo "o rei está no quarto de vestir".

Na grande cidade onde ele morava havia muitas coisas interessantes acontecendo e todo dia chegava visita importante. Um dia apareceram dois vigaristas. Os dois espalharam pela cidade que eram tecelões e que sabiam fabricar os tecidos mais lindos do mundo. Tecidos com cores e estampados maravilhosos. E com um detalhe: as roupas feitas com os tecidos que eles fabricavam eram invisíveis para as pessoas que não soubessem trabalhar direito ou que fossem muito burras.

"Essas roupas, pelo jeito, são o máximo", pensou o imperador. "Se eu usasse essas roupas ia poder descobrir quem não trabalha direito no meu reino e saber quem é burro e quem é inteligente. É, vou mandar tecer o tal pano imediatamente." E deu um montão de dinheiro aos dois vigaristas para que eles fossem começando o trabalho.

Os dois vigaristas armaram seus teares e fingiram que estavam trabalhando. Nos teares não tinha nem um fiapo. Nada. Eles passavam o tempo todo mandando buscar a seda mais luxuosa e o fio de ouro mais deslumbrante, só que guardavam tudo em suas bolsas e ficavam até tarde da noite trabalhando nos teares vazios.

"Ah! Como eu queria saber de que jeito está ficando o famoso tecido", pensava o imperador. E ao mesmo tempo seu coração batia depressa com a ideia de que os burros, os incompetentes no trabalho não iam conseguir ver o tecido de sua roupa. Tinha certeza de que não precisava ficar preocupado, que era muito inteligente e trabalhava muito bem, mas mesmo assim achou melhor não ir pessoalmente e mandar outro em seu lugar dar uma espiada no serviço. Todos na cidade estavam sabendo do poder maravilhoso do tecido e estavam com vontade de ver os vizinhos no papel de burros ou incompetentes.

"Vou mandar meu velho ministro que é tão direito ao ateliê dos tecelões", pensou o imperador. "Ele é a pessoa mais indicada para ver como é esse pano, pois é inteligente e ninguém faz seu trabalho melhor que ele."

Assim, o velho ministro de quem o imperador gostava tanto foi até a sala onde os dois tecelões estavam sentados trabalhando na frente dos teares vazios. "Oh, meu Deus!", pensou ele, arregalando os olhos. "Não consigo ver nada!" Mas não abriu a boca.

Os dois tecelões convidaram o ministro a chegar mais perto e quiseram saber se ele não achava que o estampado estava lindo e as cores um encanto – e apontaram para o tear vazio. O pobre velho ministro arregalou ainda mais os olhos mas não conseguiu ver coisa alguma pois não havia nada para ver. "Puxa vida!" pensou. "Será que eu sou burro? Nunca achei que era burro. Preciso dar um jeito para ninguém descobrir. Será que não faço meu trabalho direito? Não, não posso dizer a ninguém que não consigo ver o pano."

— E então? O senhor não vai dizer nada? – disse um dos tecelões.

— Ah, que coisa linda, divina! Uma absoluta maravilha! – disse o velho ministro, olhando atentamente através das lentes de seus óculos. – Que estampado! Que cores! É, não há dúvida, vou dizer ao imperador que o tecido tem minha total aprovação.

— Que bom! Que bom! – disseram os dois tecelões, que em seguida descreveram as cores e o estampado fantástico do pano. O velho ministro ouviu com muita atenção para depois repetir tudo para o imperador – e foi o que fez.

Os tecelões a todo momento pediam mais dinheiro, mais seda e mais fio de ouro. Diziam que era para poder continuar seu trabalho. Mas nem um fiozinho recebido ia parar no tear, pois os dois iam guardando tudo e continuavam trabalhando no tear vazio.

Algum tempo depois o imperador mandou outro oficial de confiança ver como iam progredindo os trabalhos e indagar se ia demorar muito para o pano ficar pronto. E aconteceu direitinho como da outra vez. O oficial olhou, olhou e olhou, mas como a única coisa que havia diante dele eram os teares vazios, não conseguiu ver nada.

— Não é belíssimo o nosso tecido? – perguntou um dos dois tecelões, apontando o tear vazio e descrevendo para o oficial o maravilhoso estampado que não existia.

“Não sou burro”, pensou o homem. “Vai ver que não sirvo para meu trabalho. É melhor ninguém ficar sabendo.” E desandou a elogiar o pano que não conseguia ver, garantindo aos tecelões que estava encantado com as lindas cores e o desenho delicado.

— Absolutamente delicioso – disse ao imperador pouco mais tarde.

Todos na cidade só falavam no esplêndido pano.

Até que um dia o imperador resolveu ir pessoalmente dar uma olhada no tecido ainda no tear. Acompanhado por um grupo de homens escolhidos, inclusive os dois solenes velhos oficiais que já tinham ido antes, foi visitar os espertos tecelões, que estavam trabalhando a todo vapor, só que sem dar pontos, pois não havia fio.

— Lindo, não? – disseram os dois oficiais, muito empertigados. – Dê uma olhada, Vossa Majestade! Que estampa! Que cores! – E apontavam o tear vazio, convencidos de que os outros estavam vendo o tecido.

“Que droga é essa?”, pensou o imperador. “Não estou vendo nada! Isso é terrível! Sou burro? Não sirvo para imperador? Mas isso seria a coisa mais pavorosa que poderia acontecer comigo!”

Depois disse:

— Ah! Que lindo! Os senhores têm minha imperial aprovação! – E balançava a cabeça satisfeito, olhando o tear vazio. Imagine se ele ia dizer que não estava vendo nada!

Os nobres que acompanhavam o imperador fizeram muita força, mas, exatamente como os outros, não conseguiram ver nada; mesmo assim, exatamente como o imperador, disseram:

— Ah! Que lindo! – E deram a ideia ao imperador de inaugurar aquelas roupas esplêndidas no grande desfile do dia seguinte. — É lindo, magnífico, sensacional.

A notícia correu pela cidade e todo mundo ficou encantado. O imperador deu uma medalha a cada um dos tecelões, juntamente com o título de “Tecelão pela Graça de Sua Majestade”.

Iluminados por mais de dezesseis velas, os tecelões viraram a noite trabalhando. Todo mundo podia ver como eles estavam se esforçando para acabar a roupa nova do imperador. Num certo momento eles fingiram que estavam tirando o pano do tear; depois fizeram de conta que estavam cortando alguma coisa no ar com seus tesourões; costuraram com agulhas e fios; e finalmente disseram:

— Pronto. Acabamos.

No dia seguinte o imperador, acompanhado pelas pessoas mais importantes de sua corte, foi à sala do tear. Cada um dos tecelões levantou um braço, como se estivesse segurando alguma coisa, e disse:

— Pronto! Aqui está a calça. Aqui está a casaca. Aqui está a túnica. – E assim por diante. – Leves como gaze. Vossa Majestade vai ter a impressão de que não tem nada sobre o corpo, mas aí é que está a beleza da coisa!

— É! – disseram os cortesãos, sem conseguir ver nada. Lógico! Não havia nada para ver!

— Será que Vossa Alteza Imperial poderia ter a bondade de tirar a roupa? – disseram os tecelões. – Para que a gente possa ajudar Vossa Alteza a vestir as novas aqui na frente do espelho!

O imperador tirou a roupa toda e os tecelões, fazendo a maior cena, fingiam que estavam entregando a ele uma por uma as peças de roupa que todos achavam que eles tinham feito, e o imperador se virava e se contorcia na frente do espelho.

— Incrível! Como estão bem-feitas! Que corte esplêndido! – diziam todos. – Que modelo! Que cores! É verdade, que traje maravilhoso!

Finalmente, o principal mestre de cerimônias anunciou:

— O dossel para proteção de Sua Majestade está a postos aí fora.

— Bem, claro, estou pronto! – disse o imperador. – Estou bonito? – E deu outra voltinha na frente do espelho, pois queria que todos vissem que estava se olhando atentamente na sua roupa nova.

Os valetes a serviço do imperador roçaram as mãos pelo chão como se estivessem recolhendo a borda do manto. Depois foram andando com as mãos erguidas, pois não queriam de jeito nenhum que os outros percebessem que não estavam conseguindo ver nada.

O imperador desfilava debaixo do lindo dossel, e nas ruas e janelas todos diziam:

— Vejam! Que beleza a roupa nova do imperador! Que cauda mais bonita em sua túnica! Que caimento!

Ninguém via nada, mas ninguém queria que os outros percebessem. Claro! Só não viam os muito burros ou os que não faziam seus trabalhos direito. Nunca uma roupa do imperador fez tanto sucesso quanto aquela.

— Mas ele está sem nada! – disse uma criança pequena.

— Nossa! Ouçam o que disse esta inocente! – disse o pai da criança.

E as pessoas começaram a repetir umas para as outras as palavras da criança até que o povo inteiro começou a gritar:

— Mas ele está sem nada!

O imperador sentiu o sangue gelar, pois percebeu que todo mundo tinha razão, mas pensou consigo: “Agora preciso continuar até o fim do desfile”.

E os valetes iam andando atrás, carregando uma causa que simplesmente não existia.

ANDERSEN, Hans Christian. *Histórias maravilhosas de Andersen*.
JAHN, Heloísa (Trad.). São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1995.

Considerando o texto “A roupa nova do rei”, algumas possibilidades de introdução – referentes a temas variados – foram criadas para que possamos observar os mecanismos da ilustração em ação. É importante frisar que não há fixidez em relação à temática, pois uma mesma narrativa pode ser “des-metaforizada” de diferentes formas. Vamos ver os exemplos a seguir:



powerinfocenter/Shutterstock.com

1

Hans Christian Andersen, em “A roupa nova do rei”, descreve um monarca ludibriado por tecelões que lhe prometeram uma roupa nova que seria vista apenas por aqueles que fossem inteligentes ou trabalhadores. Os habitantes da cidade, porém, ainda que enxergassem apenas um rei nu, para não admitirem incompetência qualquer, fingiam ver a vestimenta.

Assim parece ser quando se trata do trânsito nas grandes cidades, em que ludibriamo-nos com um tecido social que associa à incômoda mobilidade urbana causas alheias ao próprio indivíduo, passando a ser considerado incompetente aquele que não vê o que todos dizem ver.

2

Em “A roupa nova do rei”, de Hans Christian Andersen, personagens diversos afirmam enxergar um tecido inexistente sob a pena de serem socialmente considerados incompetentes – intelectual ou profissionalmente. Essa mesma incompetência aparece nas sociedades contemporâneas quando se procura quebrar uma lógica de senso comum, isto é, quem não vê o que todo mundo diz ver e não percebe o óbvio não está apto para ser aquilo que se espera que seja numa engrenagem.

3

Os tecelões de “A roupa nova do rei” – de Hans Christian Andersen – costuraram um pano com linhas imaginárias e vestiram com ele o monarca. Para que fosse possível costurar e desfilar a roupa imaginária, contaram com a cumplicidade ficcional dos outros habitantes da cidade. Assim ocorre com a manutenção da rotina, em que uma linha imaginária é seguida por toda uma sociedade e, depois de naturalizada, costura as ações cotidianas.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

UNB 2010

Assim como o telefone e o rádio, o fonógrafo tem uma longa história na imaginação do homem, pois captar e preservar a trama do som vivo era uma ambição antiga. Na mitologia babilônica, há referências a uma sala especialmente construída em um dos zigurates, onde os sussurros permaneciam para sempre. Segundo uma antiga lenda chinesa, um rei tinha uma caixa preta secreta na qual proferia suas ordens e, depois, mandava a caixa a seus ministros para que as ordens percorressem todo o reino.

SCHAFFER, R. Murray. (Adapt.).

Parafuso voador



Um dos mais famosos projetos de Leonardo da Vinci, o do "helicóptero", provavelmente, nunca saiu do chão. A curiosa geringonça, que seria operada por uma equipe de quatro homens, possivelmente, foi inspirada em um moinho de vento de brinquedo popular na época.

Disponível em: <<http://hypescience.com>>. (Adapt.).

Expresso 2222

*Começou a circular o Expresso 2222
Que parte direto de Bonsucesso pra depois
Começou a circular o Expresso 2222
Da Central do Brasil
Que parte direto de Bonsucesso
Pra depois do ano 2000
Dizem que tem muita gente de agora
Se adiantando, partindo pra lá
Pra 2001 e 2 e tempo afora
Até onde essa estrada do tempo vai dar
Do tempo vai dar
Do tempo vai dar, menina, do tempo vai
Segundo quem já andou no Expresso
Lá pelo ano 2000 fica a tal
Estação final do percurso-vida
Na terra-mãe concebida
De vento, de fogo, de água e sal
De água e sal, de água e sal
Ô, menina, de água e sal
[...]*

GIL, Gilberto.

Wall-E



Elenco: Vozes na versão original de: Fred Willard, Jeff Garlin, Ben Burtt, Kim Kopf, Garrett Palmer, Sigourney Weaver.

Direção: Andrew Stanton

Gênero: Animação

Distribuidora: Disney

Estreia: 27 de junho de 2008



Sinopse: Após entulhar de lixo a Terra e poluir com gases tóxicos a atmosfera, a humanidade deixou o planeta e passou a viver em uma gigantesca nave. De acordo com o planejado, o retiro deveria durar alguns poucos anos, enquanto os robôs deixados na Terra limpassem o planeta. Wall-E é o último desses robôs, que se mantém em funcionamento graças ao autoconserto de suas peças. Sua vida consiste em compactar o lixo existente no planeta, que forma torres maiores que arranha-céus, e em colecionar objetos curiosos que encontra durante o seu trabalho. Um dia, repentinamente, surge uma nave que traz um novo e moderno robô: Eva. Curioso, a princípio, Wall-E logo se apaixona pela recém-chegada.

Texto complementar

Um Apólogo

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— *Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?*

— *Deixe-me, senhora.*

— *Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.*

— *Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.*

— *Mas você é orgulhosa.*

— *Decerto que sou.*

— *Mas por quê?*

— *É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?*

— *Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?*

— *Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...*

— *Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...*

— *Também os batedores vão adiante do imperador.*

— *Você é imperador?*

— *Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...*

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra ia mandando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana – para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— *Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima.*

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E quando compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— *Ora agora, diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.*

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— *Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.*

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

— *Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!*

ASSIS, Machado de. "Um apólogo". In: _____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 2.

Saiba mais

Joaquim Maria Machado de Assis foi um escritor brasileiro, considerado por muitos o maior nome da literatura nacional. De uma família pobre, a maior parte de seu letramento foi por conta própria, nunca tendo frequentado a universidade. Já em sua maturidade, fundou a Academia Brasileira de Letras. Produziu contos, poesias, romances e outros textos de gêneros literários variados, sendo seus principais romances: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*.



Autor desconhecido/Wikimedia Commons (Domínio público)



Quer saber mais?



Livro

- No livro *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa: ideias afins/thesaurus*, de Francisco F. dos S. Azevedo (Editora Lexikon, 2010), o autor constrói redes de associações entre palavras e reedita outro conceito de dicionário, fundamental para quem pretende ousar no vocabulário e pensar em analogias.
- *Antologia da Literatura Fantástica*, organizado por Jorge Luis Borges, Adolfo Bioy Casares e Silvina Ocampo, reúne autores consagrados, como Kafka e Julio Cortázar, mas também outros pouco conhecidos, como o chinês Tzu Chuang.



Álbum

- O álbum *Na Carreira – Ao Vivo*, de Chico Buarque, lançado em 2012, traz canções de variadas fases do músico e compositor brasileiro.

RESUMO teórico

SOFISTICAÇÃO TEXTUAL

Um texto sempre pode ser melhorado.

A argumentação nos detalhes

O objetivo final de uma dissertação é convencer. Para isso, é fundamental fazer uso de determinadas **estratégias**, pois elas contribuem para a composição da **argumentação**.

O recurso narrativo

É uma estratégia que não deixa de ser argumentativa e reforça as possibilidades de convencimento.

Não deve tomar conta de toda a dissertação e pode ser usado com o intuito de persuadir o leitor.

Auxilia na contextualização e na criação de um campo semântico que aprimora a coesão textual.

Ousadias linguísticas na dissertação

Os recursos utilizados para melhorar a escrita devem ser pensados após a estruturação da argumentação.

Todo o repertório pessoal pode traçar uma relação com algum aspecto social, possibilitando sua análise. Através desses conhecimentos, os textos narrativos podem apresentar intertextos ou referências a outros textos.

Ao recorrermos a referências, é importante ter em mente que seu texto precisa ser compreendido ainda que o leitor não reconheça sua alusão.

Capítulo 23

Refinos de linguagem I



Durante a construção de uma dissertação, percebemos que alguns padrões se combinam, da mesma maneira que um mosaico tem suas peças juntadas formando desenhos preconcebidos e simétricos. É apenas a partir do planejamento e do conhecimento de técnicas de produção textual que há a possibilidade de pensar o detalhe no momento da escrita. Infelizmente, os equívocos de estilo, por vezes, atrapalham a leitura prejudicando o entendimento das ideias trabalhadas no texto.

Repetição de palavras

Um dos mais aterrorizantes medos durante a escrita de uma dissertação é a fuga do tema. Ao longo dos capítulos, entendemos que, para garantir a compreensão do recorte temático, é necessária uma boa leitura da coletânea a fim de produzir uma tese que problematize a questão central da soma desses textos.

Por receio ou distração, acabamos repetindo algumas palavras-chave da coletânea no decorrer do nosso texto por acreditarmos que elas são muito importantes para o tema, não percebendo que tais palavras costumam ser conceitos que podem e devem ser mais bem explorados.

A redação a seguir foi elaborada a partir da proposta da Fuvest 2012, e, ainda que tenha sido muito bem avaliada pela banca, apoia-se com bastante ênfase no conceito central.

A política como base às ações humanas

Ao se analisar o estágio atingido pela evolução da sociedade moderna, percebe-se que houve mudanças significativas ao longo do tempo. Uma delas refere-se à configuração das práticas políticas, cuja alteração mais notória relaciona-se aos grupos detentores do poder político. A presença praticamente indissociável do capitalismo na vida social elevou as grandes empresas ao topo do patamar político, subjugando-lhes as nações. Essa inversão, no entanto, não caracteriza a separação do homem de seu aspecto político - apenas representa a nova disposição da dinâmica social, que é essencialmente pautada na lógica capitalista.

Deve-se compreender que o pensamento político embasa as atividades humanas. Nas palavras de Aristóteles: "a ciência mais imperativa e predominante sobre tudo é a ciência política". Essa afirmação valida-se na medida em que o homem constitui-se fundamentalmente de um aspecto político, a partir do qual coordena suas demais atividades. Percebe-se que essa coordenação manifesta-se em duplo âmbito: um de pequena ordem e outro de grande ordem. O primeiro refere-se às ações cotidianas, as quais compõem um verdadeiro corolário de

padrões éticos, definidos por Jean-Jacques Rousseau a partir do "contrato social", e representam desde o respeito à hierarquia familiar até o bom comportamento em público. O segundo refere-se às ações do universo capitalista, que são protagonizados pelas grandes corporações. Nesse caso, também se percebe que o modo de interação intercorporativa está pautado em um conjunto de normas, cuja origem é essencialmente política.

Definido o campo de atuação das ações políticas, deve-se entender a mudança que sofreram na modernidade. Em sua obra "Em busca da política", Zygmunt Bauman afirma que as "instituições políticas vigentes" abandonaram seu papel de "propositoras de doutrinas" e passaram-na para "forças essencialmente não políticas - primordialmente as do mercado financeiro". Há de se perceber que houve o abandono mencionado pelo autor, no entanto o fato de a política passar a ser regida por grupos que não são tipicamente políticos não caracteriza o fim dela. O que ocorre é uma mudança no paradigma da dinâmica social, de modo a se reclassificar o que é ou não político. Essa transição é perceptível ao se analisar a atual crise do mercado financeiro, o qual resultou no endividamento de diversas empresas e no consequente auxílio estatal. Percebe-se que, embora tais empresas controlem a dinâmica global, as práticas políticas, mesmo que do Estado, ainda são necessárias à manutenção da ordem do sistema.

As ações políticas sofreram modificações que seguiram a evolução da sociedade. Deve-se compreender que o estágio de configuração capitalista transformou as grandes empresas em detentoras do poder político. Essa transição, contudo, não deve ser vista como o fim da política, mas como uma mudança na ordem da dinâmica social, uma vez que as práticas políticas pautam as demais atividades da sociedade e a elas dão base.

O texto anterior, divulgado como acima da média, recebeu nota 7,25, de acordo com a banca oficial. Embora tenha respondido à questão exigida, trabalhando o conceito de que a participação política parece superada, mas ainda é indispensável, o autor deixou bastante ampla a explanação a respeito desse assunto ao optar por uma abordagem mais distanciada, como se falasse de um ponto de vista externo à sociedade em que vivemos.

A fim de minimizarmos o efeito de distanciamento e darmos mais densidade à discussão, seria interessante refletir sobre o que, afinal, pode ser participação política. Para uns, a manutenção do sistema representativo por meio do voto já é política. Para outros, cada escolha cotidiana e a forma como tratamos as pessoas com quem convivemos é política também. Assim, cada trecho com repetições poderia receber substituições que enriqueceriam as ideias expressas no texto.

O parágrafo escolhido é a introdução. Vamos conferir:

Ao se analisar o estágio atingido pela evolução da sociedade moderna, percebe-se que houve mudanças significativas ao longo do tempo. Uma delas refere-se à configuração das práticas políticas¹, cuja alteração mais notória relaciona-se aos grupos detentores do poder político². A presença praticamente indissociável do capitalismo na vida social elevou as grandes empresas ao topo do patamar político³, subjugando-lhes as nações. Essa inversão, no entanto, não caracteriza a separação do homem de seu aspecto político⁴ - apenas representa a nova disposição da dinâmica social, que é essencialmente pautada na lógica capitalista.

1. O autor pode ter se referido às práticas que regulam as decisões a respeito do bem comum.

2. Neste caso, ele parece fazer alusão aos grupos detentores do controle em relação àquilo que é de domínio público num sistema em que o poder não está nas mãos da população, e sim transferido a outros.

3. Fala-se sobre o topo do patamar de decisões que afetam a vida de todo um grupo social.

4. O aspecto político do homem pode ser entendido como seu aspecto participativo, cidadão, crítico e questionador.

Feitas as devidas observações, podemos substituir cada definição no corpo do texto e verificar o resultado final. Trocaremos todas as repetições para um efeito didático, mas também é possível manter uma ou duas delas se considerar conveniente.

Ao se analisar o estágio atingido pela evolução da sociedade moderna, percebe-se que houve mudanças significativas ao longo do tempo. Uma delas refere-se à configuração das práticas que regulam as decisões a respeito do bem comum¹, cuja alteração mais notória relaciona-se aos grupos detentores do controle em relação àquilo que é de domínio público num sistema em que o poder não está nas mãos da população e sim transferido a outros². A presença praticamente indissociável do capitalismo na vida social elevou as grandes empresas ao topo do patamar de decisões que afetam a vida de todo um grupo social³, subjugando-lhes as nações. Essa inversão, no entanto, não caracteriza a separação do homem de seu aspecto participativo, cidadão, crítico e questionador⁴ - apenas representa a nova disposição da dinâmica social, que é essencialmente pautada na lógica capitalista.

Com as substituições, o trecho ficou mais extenso, porém também ficou mais denso, ou seja, há mais contratos de pensamento sendo firmados com o leitor porque agora ele tem mais chance de entender o que realmente se pretende dizer com os termos empregados em cada contexto. Vale lembrar que poderíamos ter outras repetições possíveis para os mesmos usos desses vocábulos, cujo discernimento caberia à leitura e à interpretação de cada um, além do olhar do próprio autor.

Uma das vantagens desse exercício é proporcionar elementos de coesão para dissertações futuras, além de melhorar seu conteúdo e sua abordagem. Caso retomemos o que foi desenvolvido em 1, por exemplo, pode-se optar pela referenciação "tais práticas regulatórias" ou "tais práticas que regulam o bem comum", evitando, mais uma vez, o desgaste do termo principal, esmiuçando-o.

Para treinar, que tal tentar substituir os outros usos dos termos "política" e "político" ao longo do texto?

Contextualização detalhada

Expandir o conceito pode auxiliar na construção da contextualização da dissertação. O tema do exemplo da redação anterior se referia à participação política, e, sem que se discuta o que é isso, não é possível desenvolver um texto denso o suficiente. Dessa forma, é aceitável já iniciar a produção escrita com o entendimento que se tem acerca da temática.



Se assumirmos a ideia de participação política como “o interesse ativo do indivíduo frente àquilo que é de domínio público” ou “a presença do cidadão nas discussões de assuntos relativos ao bem comum”, uma introdução praticável para a mesma tese do texto analisado (que defende a participação política como algo que parece superado, mas é indispensável) seria:

O interesse ativo do indivíduo frente àquilo que é de domínio público não tem sido suficiente para evitar que as forças econômicas se sobreponham às forças essencialmente políticas. Por isso, ainda que a presença do cidadão nas discussões de assuntos relativos ao bem comum pareça superada, o cotidiano aponta para o fato de que, por permearem os afazeres mais comuns, ela é indispensável.

Atenção!

Todos os conceitos são passíveis de expansão, então convém buscar ajuda em dicionários, ferramentas de pesquisa etc. Assim, com o objetivo de construir um repertório bem fundamentado para as situações de prova, o ideal é criar o hábito de pensar a respeito de tudo o que se pretende analisar no cotidiano, como já sugerido quando trabalhamos com características sociais.

Características sociais

O trecho a seguir repete muitas vezes os conceitos principais. O pressuposto para que trabalhem o que interessa agora é que o texto esteja dentro do tema. Por isso, vamos imaginar que a proposta pedia uma breve apresentação sobre o assunto:

Shopping centers e os novos recortes de convivência propostos por eles

O individualismo nos shoppings

Os shopping centers são espaços em que as pessoas demonstram todo seu individualismo. Por ficarem "fechadas em seus mundinhos", refletem o narcisismo contemporâneo e a alienação. O número de frequentadores dos shopping centers vem aumentando cada vez mais devido ao individualismo.

Os shoppings surgiram recentemente e, quanto mais as pessoas têm interesse apenas em suas próprias existências, mais querem construir status fazendo o "ter" se sobrepor ao "ser", ou seja, sendo individualistas. Os shoppings são espaços elitizados, templos de consumo, que é estimulado pelo individualismo. Hoje, são cenários de encontros, paqueras e passeios de pessoas que não têm mais interesse na vida pública.

Autoria de GAC.

Além de apresentar um conteúdo pouco rico, o texto não deixa claro o que entende como individualismo. Há uma tentativa de expansão dessa noção por meio da expressão "fechadas em seus mundinhos", mas, além de excessivamente coloquial, o trecho pode ser interpretado como infantil e insuficiente. As metáforas só devem ser usadas caso agreguem estilo, e não como muletas.

Nota-se, também, que há outros conceitos secundários que não foram bem trabalhados, como "narcisismo" e "alienação", levando-nos a refletir sobre a intenção do autor ao utilizar esses termos. Portanto, é essencial que tomemos cuidado com as expansões ao redigirmos um texto.

Atenção!

Devemos ampliar apenas as noções que possuem relação com o tema principal, não sendo necessário detalhar todas as concepções presentes no texto, mas somente o que for essencial para a defesa da tese. Uma opção interessante para conceitos como "alienação", que têm toda uma explicação teórica, é escolher as palavras mais próximas das que utilizaríamos para explicar uma ideia a um colega.

Vamos observar a versão refeita do texto anterior.

O individualismo aparente nos shoppings

Os shopping centers são espaços aos quais se vai para, além de consumir, buscar entretenimento. É sensato não se ignorar, porém, que o consumo estimulado nesses ambientes pode levar as pessoas a construir um universo privado repleto de itens muitas vezes supérfluos e a valorizar mais a obtenção de objetos da moda e menos a presença nos espaços abertos e na vida pública. Esse movimento de se fechar em si e de supervalorizar o "eu" e o "meu" é o que, quando ampliado, comumente chamamos de individualismo associado à prática consumista. Os shoppings se apresentam, portanto, como templos de uma nova forma de adoração que tem consequências sociais.

Esses espaços, porém, são muito recentes na história da humanidade. Por isso, quando vamos analisá-los, fica difícil deixar de levar em consideração a influência do sistema socioeconômico no qual estamos inseridos. Se o objetivo é o lucro, o entretenimento disponível ali é exclusivo para quem pode pagar e, ainda que sejam cenários de encontros, paqueras e passeios, são, em geral, excludentes.

Autoria de GAC.

Saiba mais

Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, que leva o nome de Antônio Houaiss, apontado por alguns como o maior estudioso das palavras da Língua Portuguesa na contemporaneidade, o termo "conceito" pode ser entendido como "a compreensão que alguém tem de uma palavra; noção, concepção, ideia".

Para "compreensão", o dicionário traz a seguinte possibilidade, dentre outras: "faculdade de entender, de perceber o significado de algo; entendimento".

Caso tenhamos dúvidas se podemos ou não construir nossas próprias expansões, é possível recorrer ao que os livros técnicos nos dizem. Somos todos construtores de conceitos a todo tempo.



Se compararmos os dois textos, perceberemos que a principal diferença entre eles é a preocupação em "amarrar" os conceitos, colocando-os em uma sequência lógica acessível ao leitor. A ampliação das ideias é, consequentemente, a expansão dos argumentos e da empatia em relação ao leitor.

1. A questão é de ordem ~~socio~~ econômica.
2. Há de se pensar no impacto ambiental ~~o~~.
3. Quando o lucro é ~~esigido~~, consumimos mais. *exigido*.
4. A consequência é a imersão do indivíduo em seus próprios afazeres.



PARA PRATICAR

Agora é a sua vez de treinar a expansão. Para cada um dos conceitos a seguir, construa possibilidades de definição/explicação.

1. Altruísmo

2. Desigualdade social

3. Amizade

4. Fronteira

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Fuvest

Texto 1

O trabalho não é uma essência atemporal do homem. Ele é uma invenção histórica e, como tal, pode ser transformado e mesmo desaparecer.

SIMÕES, A. (Adapt.).

Texto 2

Há algumas décadas, pensava-se que o progresso técnico e o aumento da capacidade de produção permitiriam que o trabalho ficasse razoavelmente fora de moda e a humanidade tivesse mais tempo para si mesma. Na verdade, o que se passa hoje é que uma parte da humanidade está se matando de tanto trabalhar, enquanto a outra parte está morrendo por falta de emprego.

MARQUES, M. A.

Texto 3



O trabalho de arte é um processo. Resulta de uma vida. Em 1501, Michelangelo retorna de viagem a Florença e concentra seu trabalho artístico em um grande bloco de mármore abandonado. Quatro anos mais tarde fica pronta a escultura "David".

Adaptado de site da Internet.

Instrução: Os três textos anteriores apresentam diferentes visões de trabalho. O primeiro procura conceituar essa atividade e prever seu futuro. O segundo trata de suas condições no mundo contemporâneo e o último, ilustrado pela famosa escultura de Michelangelo, refere-se ao trabalho de artista. Relacione esses três textos e com base nas ideias neles contidas, além de outras que julgue relevantes, redija uma **dissertação em prosa**, argumentando sobre o que foi exposto e também sobre os outros pontos que você tenha considerado pertinentes.

Texto complementar

Wayne Booth, Gregory Colomb e Joseph Williams foram professores universitários norte-americanos que, juntos, escreveram o livro *A arte da pesquisa*. O objetivo era guiar os alunos em relação à produção de textos acadêmicos, isto é, dissertações de mestrado, teses de doutorado, ensaios, apresentações etc.

Acontece que a redação de vestibular é uma espécie de “filha mais nova” desses textos todos. Assim, algumas das ideias que os autores utilizaram para auxiliar seus alunos a pensarem seus textos servem ao nosso objetivo também. A tradução a seguir usa termos como “relatório” ou “pesquisa”, mas, para nós, eles facilmente podem ser substituídos por “dissertação de vestibular” a fim de nos ajudar a refletir sobre o assunto.

Sua afirmação deve ser contestável

*Os leitores consideram uma afirmação importante na medida em que ela seja contestável. A afirmação deve levá-los a pensar, **Você terá de explicar isso**, seja porque sempre acreditaram no contrário, ou porque nunca pensaram no assunto. Ninguém contesta uma afirmação que só se refere ao próprio relatório ou a você, nem uma afirmação que repete algo em que os leitores já acreditam:*

- *Portanto, a Segunda Guerra Mundial mudou o curso da história ao permitir que a União Soviética dominasse a Europa Oriental por quase meio século.*

Uma vez que a maioria dos leitores já acredita nisso, dizê-lo não acrescenta nada de novo. Se nada do que lhes diz muda a opinião deles de maneira que os preocupe, você estará desperdiçando o tempo deles. Sua afirmação só será contestável se mudar algo em que eles já acreditam. Na medida em que ela for contestável, seus leitores a considerarão importante. [...]

Sua afirmação deve ser específica

Os leitores também esperam que sua afirmação seja expressa em linguagem suficientemente detalhada e específica para reconhecerem os conceitos centrais que você desenvolverá ao longo de seu relatório. Compare:

- *Portanto, a emancipação dos camponeses russos não foi um acontecimento importante.*
- *Portanto, a emancipação dos camponeses russos não foi importante porque, embora sua vida tenha mudado um pouco, sua situação decaiu.*
- *Portanto, a emancipação dos camponeses russos foi apenas simbólica, porque, embora eles tenham obtido o controle de seus negócios cotidianos, sua condição econômica deteriorou-se tão nitidamente, que seu novo status social não afetou a qualidade material de sua existência.*

A primeira afirmação é pouco substancial. A segunda é menos vaga, mas enuncia poucos conceitos específicos que os leitores deveriam esperar (com exceção de decair). A terceira é explícita, enunciando vários conceitos que o autor precisa desenvolver para sustentá-la: simbólica, obter o controle, condição econômica, deteriorar, novo status social, qualidade material da existência.

Ao expressar sua afirmação principal pela primeira vez, no fim da introdução (conforme prefere a maioria dos leitores [...]), é importante que você o faça em linguagem específica. Quando notarem que a linguagem se mantém sempre a mesma, é bem provável que os leitores sintam que seu texto é coerente. Quando não sabem que conceitos esperar, os leitores podem perder os mais importantes e julgar que o que estão lendo está desfocado, até mesmo que é uma bagunça incoerente.

Usando afirmações plausíveis [...]

Seus leitores desprezarão suas afirmações se elas não forem substantivas, contestáveis e explícitas. Essas características também podem ser importantes para você, enquanto estiver pesquisando e redigindo o texto. Você entenderá melhor suas fontes quando puder identificar suas afirmações principais e as evidências que elas apresentam para sustentá-las. Você dá a si mesmo orientações para a pesquisa quando cria afirmações substantivas com tópicos e conceitos explícitos: de que precisaria para desenvolver obtenção do controle, condição econômica, deterioração, novo status social, qualidade material de vida?

Você também pode usar esses conceitos para ordenar suas evidências:

Antes de os camponeses serem emancipados, sua vida material era suficiente para a sobrevivência.

- *Que evidência se relaciona com "vida material"?*

Seu nível social era baixo.

- *Que evidência se relaciona com "baixo"?*

Eles não tinham controle sobre a própria vida.

- *Que evidência se relaciona com "controlar"?*

Seu status social teve uma ligeira ascensão.

- *Que evidência se relaciona com "ascensão"?*

A qualidade material de sua vida diária se deteriorou.

- *Que evidência se relaciona com "deteriorou"?*

Cada termo é simultaneamente parte da afirmação principal e de subargumentos que precisarão de suas próprias evidências de sustentação. Quanto mais explícita for sua linguagem, mais evidências você precisará apresentar para sustentar suas afirmações, e melhor verá (que) [...] a tarefa de formular uma afirmação significativa, contestável, numa linguagem bastante específica, poderá parecer impossível, especialmente se seus leitores forem peritos no assunto de sua pesquisa. Como, você poderia perguntar, espera-se que eu descubra algo que meu professor ainda não sabe ou em que não acredita? Os professores entendem esse problema e esperarão que você faça uma afirmação que seja nova e contestável para alguém no seu nível de experiência e conhecimento, talvez apenas nova para você. Nesse caso, faça sua pesquisa tendo em mente seus próprios interesses, ou os de seus colegas de classe. O que eles poderiam achar surpreendente, contestável, importante? [...]

BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. A arte da pesquisa. MONTEIRO, Henrique A. Rego (Trad.). 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 126-9. (Ferramentas).

■ Quer saber mais?



Livro

- O *Dicionário de Filosofia*, de Nicola Abbagnano, editado pela WMF, traz 2.500 verbetes com citações e explicações.



Site

- No portal <www.filosofia.seed.pr.gov.br/>, desenvolvido pelo governo do Paraná e voltado para a educação, é possível encontrar uma série de materiais de filosofia que podem auxiliar o entendimento de alguns conceitos.

RESUMO teórico

REFINOS DE LINGUAGEM

É importante produzir uma tese que problematize a questão central da temática.

Extrair as palavras-chave do tema é fundamental para que possamos expandir esses conceitos, em vez de apenas repeti-los no decorrer do texto.

Há diversas vantagens na ampliação das noções principais de uma dissertação:

- aprimoramento do uso de elementos coesivos;
- melhoria da abordagem do tema;
- aprofundamento do conhecimento sobre o conteúdo exposto;
- auxílio na construção da contextualização no texto dissertativo.

Atenção: A expansão de conceitos deve ser aplicada apenas às ideias centrais do tema.

Capítulo 24

Refinos de linguagem II



llogeranket/Stockphoto.com



A continuação do trabalho de refino textual é a garantia do aprimoramento da escrita a cada dissertação. Assim, neste capítulo, lembraremos alguns conceitos gramaticais, pois, ao buscarmos esses conhecimentos, conseguiremos mais autonomia para fazer escolhas e entender suas razões, selecionando melhor as expressões que usamos em nossos textos.

Catáfora e anáfora

Chamamos de coesão o conjunto de elementos responsáveis pela “amarração” das partes do texto. Já estudamos que a substituição de termos repetidos pode melhorar a forma como compreendemos uma ideia, dessa maneira, é possível usar recursos como pronomes, sinônimos, perífrases, conjunções, elipses, entre outros, para estruturar raciocínios claros e fluidos.

A coesão referencial é responsável pela atualização das expressões utilizadas em um texto, ou seja, é a ela que estão subordinados os termos **catafóricos** e **anafóricos**.



Para entendermos melhor esses mecanismos em funcionamento, vamos analisar o trecho a seguir:

O turbante, recentemente, suscitou discussões sobre apropriação cultural no Brasil. Adereço de origem oriental¹, ele² consiste em uma grande tira de pano de até 45 metros de comprimento enrolada sobre a cabeça. A discussão, porém, se intensificou quando o símbolo da religiosidade de matrizes africanas³ desencadeou uma discussão no transporte público que chegou às redes sociais. Para muitos, o acessório utilizado por foliões em festas de Carnaval⁴ não pode ser restrito a uma ou outra cultura. Porém, há quem defenda que⁵ precisa ser preservado em respeito às culturas que tradicionalmente utilizam-no. O ícone da etnicidade negra⁶, portanto, segue no centro da discussão.

Autoria de GAC.

Repara-se que as expressões “adereço de origem oriental”, “símbolo da religiosidade de matrizes africanas”, “acessório utilizado por foliões em festas de Carnaval” e “ícone da etnicidade negra” são empregadas para que seja retomado o termo “turbante”. Esse recurso é chamado de perífrase, e, por meio dele, mais informatividade é inserida no texto, tornando-o mais rico.

Em 2 e 5, porém, outros dois artifícios são expostos, e, por meio deles, podemos perceber a linguagem trabalhando de outra maneira: além de já saber o nome do adereço e as formas pelas quais ele é reconhecido, damos leveza à produção por meio de outros elementos anafóricos que o retomam.

Atenção!

Em textos dissertativos, é mais interessante que escolhamos apenas perífrases que retomem o termo escolhido em consonância com a nossa interpretação sobre ele. Caso utilizemos também outros recursos, corremos o risco de fragilizar nosso posicionamento. No texto de exemplo, essa combinação funciona porque o trecho tem caráter de notícia.

Pronomes relativos

Ao estudarmos orações subordinadas adjetivas, aprendemos que os pronomes relativos “que”, “a/o qual”, “cujo”, “onde”, “quem”, “quanto” dão a liga necessária para esse tipo de processo de composição de períodos.

Assim como na língua falada, esses pronomes são usados em textos para auxiliar a continuidade do raciocínio. Entretanto, a má utilização dessas ferramentas pode acarretar problemas graves à argumentação que se pretende defender.

Em geral, são empregados anaforicamente, sempre retomando algum outro termo. O pronome relativo “que” talvez seja o mais usado dentre os relativos, referindo-se geralmente à palavra ou expressão que o antecede.

As principais armadilhas

QUEÍSMO

O queísmo é um vício de linguagem que desenvolvemos pelo hábito, mas que desrespeita a norma culta ou o que se entende por estilística. Consiste na repetição excessiva e desnecessária do “que”. Normalmente, esse problema aparece em períodos e parágrafos muito longos, com encadeamentos de muitas informações, o que torna a leitura cansativa e truncada, além de sugerir deficiência na autonomia linguística.

AMBIGUIDADE

A ambiguidade ocorre quando há mais de uma possibilidade de leitura para um termo ou uma expressão. Como o pronome “que” não tem gênero nem número, é comum haver equívocos na compreensão de alguns trechos em que é usado. Convém ressaltar também que, embora o leitor possa, muitas vezes, entender o sentido, a ambiguidade sintática já é, por si só, um problema.

Pronomes relativos e preposições

Os pronomes relativos são usados no lugar de algum outro elemento, por isso, ao utilizá-los, não podemos nos esquecer de observar quais as relações que o termo substituído estabelece com o restante do período, ou seja, tudo o que vale para o vocábulo outrora empregado se espelhará também no pronome relativo. Vamos conferir isso no exemplo a seguir:

Os telejornais a que as pessoas assistem muitas vezes infantilizam as relações cotidianas.

Podemos observar o uso do pronome relativo “que” substituindo a expressão “os telejornais”. Assim, temos:

1. *Os telejornais muitas vezes infantilizam as relações cotidianas.*
2. *As pessoas assistem aos telejornais.*

Ao somarem-se esses períodos, a segunda informação aparece como oração subordinada, e o verbo “assistir”, no sentido de ver, exige a preposição “a”. Sendo assim, o pronome relativo que substitui a expressão deverá, também, ser introduzido por essa preposição.

Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos, como “este”, “esta”, “isto”, “esse”, “essa” e “isso”, são utilizados anafórica ou cataforicamente, isto é, retomam ou antecipam, respectivamente, palavras ou expressões. Dessa forma, são bons mecanismos para manter sequências lógicas e evitar ambiguidades. Para isso, fazemos uso dos pronomes de primeira e de terceira pessoa. Quando houver dois termos de mesmo gênero e número, “este”, “esta” e “isto” devem ser empregados para a retomada do termo mais próximo e “aquele”, “aquela” e “aquilo” para o mais distante.



Escolha vocabular

Às vezes, algumas palavras, em determinados contextos, podem ser consideradas sinônimas. No entanto, em outras situações, seus significados podem não ser tão próximos assim. Desse modo, é importante atentar para a escolha vocabular, pois, quando essa seleção é feita de forma equivocada, acabamos passando ideias menos precisas. Vamos observar os exemplos:

1. *O Ministério da Saúde oferece cursos para ajudar na prevenção contra a dengue.*
2. *O capitalismo oferece ao indivíduo uma rotina exaustiva.*
3. *O carro oferece possibilidades ao usuário.*

“Oferecer” é um verbo que significa algo próximo de “apresentar alguma coisa, dando à pessoa a possibilidade de aceitá-la ou não”. Em 1 e 3, é possível perceber a abertura para escolhas, pois podemos querer ou não fazer os cursos do Ministério da Saúde, bem como utilizar ou não o carro. Em 2, fica mais complicado afirmar que há escolhas - as pessoas realmente optam por uma rotina exaustiva ou há uma série de estímulos que levam à naturalização dessa perspectiva? Construções como “O capitalismo acaba envolvendo o indivíduo em rotinas exaustivas” (neutra) ou “O capitalismo prende o indivíduo em rotinas exaustivas” (enfática) talvez fossem alternativas mais verossímeis. Vejamos a sequência a seguir:

1. *Muitos ignoram o fato de serem manipulados.*
2. *Há quem ignore a presença de pessoas pedindo dinheiro nas ruas.*
3. *Uma mulher que sofre violência acaba ignorando o fato por medo.*

“Ignorar” pode significar não saber ou não prestar atenção, o que se encaixa perfeitamente nos dois primeiros exemplos. No terceiro, porém, a ideia que se deseja transmitir é outra: “Uma mulher que sofre violência pode, muitas vezes, silenciar-se sobre o fato por medo do agressor” - uma noção bastante diferente das apresentadas anteriormente.

Detalhes como esses permeiam boa parte dos textos que escrevemos e, por isso, é fundamental que tenhamos cautela na seleção de cada palavra ou expressão. Quanto mais precisos formos, maiores as chances de efetivamente sermos claros.

Análise de parágrafos

O tema comum aos dois textos a seguir é: **A relação entre felicidade e consumo.**

Texto 1

A ampla variedade de produtos e serviços atualmente ofertados – possível devido ao aprimoramento produtivo das Revoluções Industriais – envolve o indivíduo e o leva à compra. Estimulado também por propagandas e campanhas, esse consumo frequentemente realiza-se associado a sensações como felicidade e bem-estar, bastante desejadas na realidade competitiva e exigente em que estamos inseridos. Dessa forma, em uma tentativa de ser e

O trecho é muito claro em seu objetivo: transmitir a ideia de que há um conjunto de fatores que levam a crenças em relação ao consumo e à felicidade.

A inserção da imagem do perfume nos faz pensar em várias propagandas que utilizam cenários paradisíacos e pessoas consideradas bonitas para exibirem o produto. Sabemos, porém, que a compra do perfume não nos trará imediatamente todos os sentimentos propostos por essas propagandas.

sentir o que as diversas propagandas prometem, compra-se exagerada e desnecessariamente, fato que, apesar de movimentar a economia, condiciona o indivíduo a sensações fabricadas, tornando-o um outdoor com pouco controle sobre sua vida social e financeira.

Buscando o lazer fora do cotidiano desgastado pelas longas jornadas de trabalho, não é incomum observar pessoas recorrendo a shoppings como os espaços em que se encontram as mais agradáveis sensações. Mais do que produtos, vendem-se ideias, conceitos e sentimentos em frascos. Um perfume, por exemplo, não é apenas um líquido, mas carrega consigo um imaginário de luxo, tornando-o sinônimo de sucesso, beleza e status. O sujeito comum, em sua realidade, não consegue o tão sonhado destaque na competição diária de seu trabalho e da vida social almejada; não consegue a beleza retratada pelos anúncios. A falta de sucesso fragiliza-o como ser crítico e, seduzido pela possibilidade de conseguir o ausente em sua vida, em cada loja encontra uma nova promessa, uma nova ilusão e uma compra a qual não possui efeito renovador da personalidade individual.

Autoria de LACC.

Ainda que trate do mesmo tema, este texto é menos cuidadoso com as escolhas vocabulares e com a inserção de exemplos. Logo no começo, "produzir cada vez mais produtos" é redundante, circular. As repetições dos vocábulos "consumidor" e "consumista" também deixam a leitura bastante cansativa. No final do primeiro parágrafo, o autor usa o termo "homem urbano" sem explicar para o leitor os motivos dessa escolha. Daí surge o questionamento: será que o consumismo não atinge o homem rural? Além disso, no início do segundo parágrafo, trabalha-se com a ideia de "escapismo". Dada a temática, seria o tipo de conceito que poderia ser melhor explanado. Em "achar-se apenas mais uma agulha no palheiro", o autor inverte o sentido do ditado popular, e, além disso, as aspas podem indicar que há traços fortes de coloquialidade no texto, ou seja, que o autor realmente não encontrou, no próprio repertório, palavras equivalentes. Observa-se, ainda, que o exemplo é mal construído, e o vocabulário, (como em "'aquele' tênis da Nike") precisa ser aprimorado.

Texto 2

Com a organização dos meios de produção, as indústrias passaram a produzir cada vez mais produtos. Surge, assim, a necessidade de criar uma cultura de massa por meio da utilização dos setores midiáticos e principalmente transformar o consumidor em consumista. Isto é, o consumidor compra um produto muito mais pelo símbolo que representa do que por sua própria finalidade. Dessa forma, o consumismo é fruto do modelo atual de sociedade que organizou todo um sistema que vai da propaganda à venda da mercadoria para levar o homem urbano ao ciclo de infelicidade e frustração na sociedade do consumo.

O indivíduo compra seja por buscar um momento de escapismo na sua rotina seja por que as empresas vendem o intangível: o corpo perfeito, o amor e a felicidade. Longa jornada de trabalho, estresse devido ao trânsito, infelicidade em relação ao seu corpo e achar-se apenas "mais uma agulha no palheiro" são características que definem o consumidor. Ir a uma loja e poder comprar "aquele" tênis da Nike que apenas poucas pessoas têm faz sentir-se poderoso; sente-se diferente de todos os outros durante alguns instantes. Ao mesmo tempo, a marca do tênis se utiliza de toda uma infraestrutura que vai de anúncios publicitários ao marketing para transformar o seu produto no símbolo do corpo ideal. Assim, o indivíduo a consumir se sente privilegiado e bonito.

Autoria de LACC.

PARA PRATICAR

1 Rearranje os períodos a seguir em um único, evitando repetições desnecessárias e trabalhando apenas com elipses, pronomes ou sinônimos. Além disso, a inversão da ordem dos termos também é livre.

a) É importante conhecermos outras formas de pensar, pois, quando conhecemos outras formas de pensar, podemos ter mais noção sobre a nossa própria forma de pensar.

b) As fronteiras são tidas, muitas vezes, como inquestionáveis, pois respeitar as fronteiras é uma garantia de aceitação perante um grupo.

c) As redes sociais têm se mostrado o meio de comunicação mais usado porque as redes sociais permitem realizar as mesmas tarefas de outros meios de comunicação de uma forma muito mais rápida.

2 Una as orações a seguir em um único período, buscando trocar termos repetidos por pronomes relativos.

a) As discussões políticas surgem de crenças muito fixas. / As discussões políticas são observadas hoje nas redes sociais.

b) Os jovens ficam cada vez até mais velhos na casa dos pais. / Os jovens estão inseguros.

c) Os indivíduos no Brasil estão se isolando uns dos outros. / No Brasil, o preconceito de classe ainda é presente.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

IME 2016

Texto 1

A química em nossas vidas

Há a ideia generalizada de que o que é natural é bom e o que é sintético, o que resulta da ação do homem, é mau. Não vou citar os terremotos, tsunamis e tempestades, tudo natural, que não têm nada de bom, mas certas substâncias naturais muito más, como as toxinas produzidas naturalmente por certas bactérias e os vírus, todos tão na moda nestes últimos tempos. Dentre os maiores venenos que existem, seis são naturais. Só o sarin (gás dos nervos) e as dioxinas é que são de origem sintética.

Muitos alimentos contêm substâncias naturais que podem causar doenças, como por exemplo o isocianato de alila (alho, mostarda) que pode originar tumores, o benzopireno (defumados, churrascos) causador de câncer do estômago, os cianetos (amêndoas amargas, mandioca) que são tóxicos, as hidrazinas (cogumelos) que são cancerígenas, a saxtoxina (marisco) e a tetrodotoxina (peixe estragado) que causam paralisia e morte, certos taninos (café, cacau) causadores de câncer do esôfago e da boca e muitos outros.

A má imagem da química resulta da sua má utilização e deve-se particularmente à dispersão de resíduos no ambiente (que levam ao aquecimento global e mudanças climáticas, ao buraco da camada de ozônio e à contaminação das águas e solos) e à utilização de aditivos alimentares e pesticidas.

Muitos desses males são o resultado da pouca educação dos cidadãos. Quem separa e compacta o lixo? Quem entrega nas farmácias os medicamentos que se encontram fora do prazo de validade? Quem trata os efluentes dos currais e das pocilgas? Quem deixa toda a espécie de lixo nas areias das nossas praias e matas? Quem usa e abusa do automóvel? Quem berra contra as queimadas mas enche a sala de fumaça, intoxicando toda a família? Quem não admira o fogo de artifício, que enche a atmosfera e as águas de metais pesados?

Há o hábito de utilizar a expressão "substância química" para designar substâncias sintetizadas, imprimindo-lhes um ar perverso, de substância maldita. Há tempos passou na TV um anúncio destinado a combater o uso do tabaco que dizia: "... o fumo do tabaco contém mais de 4000 substâncias químicas tóxicas, irritantes e cancerígenas...". Bastaria referir "substâncias", mas teve de aparecer o qualificativo "químicas" para lhes dar um ar mais tenebroso. Todas as substâncias, naturais ou de síntese, são "substâncias químicas"! Todas as substâncias, naturais ou de síntese, podem ser prejudiciais à saúde! Tudo depende da dose.

Qualquer dia aparecerá uma notícia na TV referindo, logo a seguir às notícias dos dirigentes e jogadores de futebol, que "A água, substância com a fórmula molecular H_2O , foi a substância química responsável por muitas mortes nas nossas praias"... por falta de cuidado! Porque os químicos determinaram as estruturas e propriedades dessas substâncias, haverá razão para lhes chamar "substâncias químicas"? Estamos sendo envenenados pelas muitas "substâncias químicas" que invadem as nossas vidas?

A ideia de que o câncer está aumentando devido a essas "substâncias químicas" é desmentida pelas estatísticas sobre o assunto, à exceção do fumo do tabaco, que é a maior causa de aumento do câncer do pulmão e das vias respiratórias. O aumento da longevidade acarreta necessariamente um aumento do número de cânceres. Curiosamente, o tabaco é natural e essas 4000 substâncias tóxicas, irritantes e cancerígenas resultam da queima das folhas do tabaco. A reação de combustão não foi inventada pelos químicos; vem da idade da pedra, quando o homem descobriu o fogo.

O número de cânceres das vias respiratórias na mulher só começou a crescer em meados dos anos 60, com a emancipação da mulher e o subsequente uso do cigarro. É o tipo de câncer responsável pelo maior número de mortes nos Estados Unidos. Não é verdade que as substâncias de síntese (as "substâncias químicas") sejam uma causa importante de câncer; isso sucede somente quando há exposição a altas doses. As maiores causas de câncer são o cigarro, o excesso de álcool, certas viroses, inflamações crônicas e problemas hormonais. A melhor defesa é uma dieta rica em frutos e vegetais.

Há alguns anos, metade das substâncias testadas (naturais e sintéticas) em roedores deram resultado positivo em alguns testes de carcinogenicidade. Muitos alimentos contêm substâncias naturais que dão resultado positivo, como é o caso do café torrado, embora esse resultado não possa ser diretamente relacionado ao aparecimento de um câncer, pois apenas a presença de doses muito elevadas das substâncias pode justificar tal relação.

Embora um estudo realizado por Michael Shechter, do Instituto do Coração de Sheba, Israel, mostrasse que a cafeína do café tem propriedades antioxidantes, atuando no combate a radicais livres, diminuindo o risco de doenças cardiovasculares e alguns tipos de câncer, a verdade é que, há meia dúzia de anos, só 3% dos compostos existentes no café tinham sido testados. Das trinta substâncias testadas no café torrado, vinte e uma eram cancerígenas em roedores e faltava testar cerca de um milhão! Vamos deixar de tomar café? Certamente que não. O que sucede é que a química é hoje capaz de detectar e caracterizar quantidades minúsculas de substâncias, o que não sucedia no passado. Como se disse, o veneno está na dose e essas substâncias estão presentes em concentrações demasiado pequenas para causar danos.

Diante do que se sabe das substâncias analisadas até aqui, todos concordam que o importante é consumir abundantes quantidades de frutos e vegetais. Isso compensa inclusive riscos associados à possível presença de pequenas quantidades de pesticidas.

CORRÊA, Carlos. "A Química em nossas vidas".
Disponível em: <www.cienciahoje.pt/index.php?oid=49746&op=all>.
Acesso em: 17 abr. 2015. (Adapt.).

[...]

Texto 2

Consumidores com mais acesso à informação questionam a verdade que lhes é vendida

Se você é mulher, talvez já tenha observado com mais atenção como a publicidade de produtos de beleza, especialmente os voltados a tratamentos de rejuvenescimento, usualmente possuem novíssimos "componentes anti-idade" e "micro-cápsulas" que ajudam "a sua pele a ter mais firmeza em oito dias", por exemplo, ou mesmo que determinados organismos "vivos" (mesmo depois de envazados, transportados e acondicionados em prateleiras com pouco controle de temperatura) fervilham aos milhões dentro de um vasilhame esperando para serem ingeridos ajudando a regular sua flora intestinal. Homens, crianças, e todo tipo de público também não estão fora do alcance desse discurso que utiliza um recurso cada vez mais presente na publicidade: a ciência e a tecnologia como argumento de venda.

Silvania Sousa do Nascimento, Doutora em Didática da Ciência e Tecnologia pela Universidade Paris VI e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), enxerga nesse processo um resquício da visão positivista, na qual a ciência pode ser entendida como verdade absoluta. "A visão de que a ciência é a baliza ética da verdade, e o mito do cientista como gênio criador é amplamente difundida, mas entra, cada vez mais, em atrito com a realidade, principalmente em uma sociedade informacional, como a nossa", acrescenta.

*Para entender esse processo numa sociedade pautada na dinâmica da informação, Ricardo Cavallini, consultor corporativo e autor do livro *O marketing depois de amanhã* (Universo dos Livros, 2007), afirma que, primeiramente, devemos repensar a noção de público específico ou senso comum. "Essas categorizações estão sendo postas de lado. A publicidade contemporânea trata com pessoas, e elas têm cada vez mais acesso à informação e é assim que vejo a comunicação: com fronteiras menos marcadas e deixando de lado o paradigma de que o público é passivo", acredita.*

Silvania concorda e diz que a sociedade começa a perceber que a verdade suprema é estanque, não condiz com o dia a dia. "Ao se depararem com uma informação, as pessoas começam a pesquisar e isso as aproxima do fazer científico, ou seja, de que a verdade é questionável", enfatiza.

Para a professora da UFMG, isso cria o "jornalista contínuo", um indivíduo que põe a verdade à prova o tempo todo. "A noção de ciência atual é a de verdade em construção, ou seja, de que determinados produtos ou processos imediatamente anteriores à ação atual, são defasados".

Cavallini considera que as três linhas de pensamento possíveis que poderiam explicar a utilização do recurso da imagem científica para vender: a quantidade de informação que a ciência pode agregar a um produto; o quanto essa informação pode ser usada como diferencial na concorrência entre produtos similares; e a ciência como um selo de qualidade ou garantia. Ele cita o caso dos chamados produtos "verdes", associados a determinadas características com viés ecológico ou produtos que precisam de algum tipo de "auditoria" para comprovarem seu discurso. "Na mídia, a ciência entra como mecanismo de validação, criando uma marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo", finaliza Silvania.

O fascínio por determinados temas científicos segue a lógica da saturação do termo, ou seja, ecoar algo que já esteja exercendo certo fascínio na sociedade. "O interesse do público muda bastante, e a publicidade se aproveita desses temas que estão na mídia para recriá-los a partir de um jogo de sedução com a linguagem" diz Cristina Bruzzo, pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e que acompanhou a apropriação da imagem da molécula de DNA pelas mídias (inclusive publicidade). "A imagem do DNA, por exemplo, foi acrescida de diversos sentidos, que não o sentido original para a ciência, e transformado em discurso de venda de diversos produtos", diz.

Onde estão os dados comprovando as afirmações científicas, no entanto? De acordo com Eduardo Corrêa, do Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar), os anúncios, antes de serem veiculados com qualquer informação de cunho científico, devem trazer os registros de comprovação das pesquisas em órgãos competentes. Segundo ele, o Conar não tem o papel de avaliar metodologias ou resultados, o que fica a cargo do Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) ou outros órgãos. "O consumidor pode pedir uma revisão ou confirmação científica dos dados apresentados, contudo em 99% dos casos esses certificados são garantia de qualidade. Se surgirem dúvidas, quanto a dados numéricos de pesquisas de opinião pública, temos analistas no Conar que podem dar seus pareceres", esclarece Corrêa. Mesmo assim, de acordo com ele, os processos investigatórios são raríssimos.

RODRIGO, Enio. "Ciência e cultura na publicidade".

Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252009000100006&script=sci_arttext>.
Acesso em: 22 abr. 2015.

[..]

Texto 3

Solução

*Eu quero uma solução
homogênea, preparada,
coisa certa, controlada
para ter tudo na mão.
Solução para questão
que não ouse resolver:
Diluída num balão
elixir pra me entreter:
Faço centrifugação
para ter ar uniforme
uso varinha conforme,
seja mágica ou não.
Busco uma solução
tudo lindo, direitinho
eu quero ter tudo certinho
ter o mundo nesta mão.
Procuro mistura,
então aqueço tudo em cadinho.
E vejo não ter solução
mas apenas um caminho...*

PAIVA, João. *Quase poesia, quase química*.

Disponível em: <www.spq.pt/files/docs/boletim/poesia/quase-poesia-quase-quimica-jpaiva2012.pdf>.
Acesso em: 22 abr. 2015.

[..]

Texto 4

Psicologia de um vencido

*Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.
Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.
Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,
Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!*

ANJOS, A. *Eu e Outras Poesias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

[...]

Saiba mais

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos, falecido em 1914, foi um poeta brasileiro, reconhecido ora como simbolista, ora como parnasiano. Identificado como um dos poetas mais críticos do seu tempo, até hoje sua obra é admirada tanto por especialistas quanto por leigos. Suas críticas eram centralizadas no egocentrismo emergente na sociedade de sua época.



Autor: descomhecho/Wikimedia Commons (Domínio público)



Blog Olhar Consciente.
Disponível em: <<https://jogadacerta.wordpress.com/tag/lixo/>>.
Acesso em: 19 maio 2015.

Levando em consideração os textos desta prova e a imagem apresentada, reflita sobre as repercussões de nossas escolhas frente ao mundo, sejam elas as consideradas pequenas escolhas, como aquilo que consumimos no cotidiano, sejam elas as consideradas de maior impacto diante da vida, por envolverem diretamente outras pessoas. Após refletir, elabore seu texto dissertativo-argumentativo no espaço a ele designado. Em sua escrita, atente para as seguintes considerações:

1. privilegie a norma culta da língua portuguesa. Eventuais equívocos morfosintáticos que configurem desvios da norma culta vigente relacionados à regência, concordância, coesão e coerência, ortografia e acentuação serão penalizados;
2. a escrita definitiva de seu texto deve ser feita a caneta. Textos escritos a lápis não serão considerados para fins de correção;
3. seu texto deverá ter entre 25 (vinte e cinco) e 30 (trinta) linhas.

Texto complementar

Meu texto não sai do 6,5, o que eu faço?

Um texto 6,5, na maioria das vezes, é um texto com a estrutura já “arrumadinha”, mas cujo conteúdo deixa a desejar. Para construir um texto de forma mais madura e mais segura, é importante reconhecer nosso lugar de fala, sair dos chavões, ou seja, reconhecer quem somos ao analisar qualquer objeto cultural ou conceito. Essa análise, quanto mais desprovida de moralizações, mais tende a ajudar no entendimento do nosso papel na dinâmica social.

Quem sou eu? Por que tipo de discriminações eu passo? Que tipo de opressão eu ajudo a construir? Como me comporto socialmente? De que maneira esse tema toca minha vida?

O exercício não é fácil, afinal não parece ser comum vermo-nos como parte daquilo que fomos acostumados a chamar de problemas. Os problemas, disseram, são os outros.

Dado isso, vamos à próxima pergunta: por onde começo uma análise social? A resposta é bastante simples: por onde você quiser. Tudo o que está acontecendo ao nosso redor é passível de análise. Nós somos passíveis de análise. Qualquer fato, livro, música, filme, propaganda, imagem ou pensamento podem ser desencadeadores, tendo em vista que são produções dentro da cultura. Ainda que a erudição e a leitura de grandes obras sejam elementos interessantes para quem pretende escrever qualquer coisa, não acredito que só de erudição se faz um bom texto. A erudição é sim um caminho (leiam!), mas não é o único e nem é o mais fácil.

Sendo assim, escolhi para exemplificar tudo isso uma música da qual eu gosto bastante. Vale ressaltar que eu não pretendo fazer uma leitura final ou uma interpretação única e estática da letra, mas pretendo divagar sobre como essa letra impacta na minha própria dinâmica social e mostrar mais ou menos como se dá o exercício de olhar em volta. A música, para que possam acompanhar, chama-se “Gueto”, de Emicida com participação de MC Guimê.

A primeira observação é que essa música não fala comigo, mas nada impede que ela me diga coisas também. Sou uma mulher branca, de classe média, do interior de SP. Nunca vivi em periferia e, portanto, não parece que eu vá conseguir construir um texto sobre a periferia de forma verossímil se eu tomar os pensamentos e os sentimentos de outros como meus.

Acharia difícil, por exemplo, dizer que “as pessoas da periferia sonham em ser como as de classe alta” porque eu trabalharia com sonhos e, sabemos, sonhos não são concretos; como avaliar os sonhos de outros? Podemos observar apenas os efeitos concretos que sonhos têm.

Emicida é rapper, negro, de origem pobre. O nome artístico nasce das rinhas de MCs, das quais ele se saía campeão frequentemente. Em um vídeo para a campanha de um candidato à prefeitura de São Paulo, Emicida apresentou um pensamento urbanístico complexo, fruto de suas vivências e de seus conhecimentos cotidianos, uma forma inteligente se de portar frente às perguntas e aos fenômenos. MC Guimê é funkeiro, representante do funk ostentação. Filho de eletricista, cresceu também em periferia, assistindo aos cliques de rappers americanos e compôs suas primeiras letras baseadas na ostentação apresentada no que via. Essas informações foram coletadas em programas de televisão a que eu assisti em tardes ociosas e em domingos tediosos ou na internet, em vídeos que me foram recomendados.

Ou seja, essa análise toda parte das minhas referências, da minha forma de existir no mundo. Caso as suas referências sejam outras, utilize-as, conheça suas particularidades, não se envergonhe delas. O que Harry Potter tem a dizer? Que tipo de metáforas constrói? E a Turma da Mônica? E a novela das 8? E Game of Thrones?

Voltando à música, ela começa com uma reafirmação identitária: “nóis sempre vai ser gueto”, o que evidencia a relação do sujeito com o meio. Esse sujeito não parece querer ser outra pessoa senão ele mesmo. Mais para a frente: “Se arruma, sorri e acostuma/Ganha grana só pra mostrar/que grana não é p. nenhuma” é um dos meus trechos preferidos. O que eu leio é que esse cara da periferia passa a se vestir e a se comportar como alguém que tem mais dinheiro e se acostuma com isso. A exigência da exclusividade, da força individual e do sucesso parecem não ser dependentes de classes sociais. Esse cara ganha dinheiro e, ganhando esse dinheiro, relembra que a diferenciação entre as pessoas não se dá por isso. O dinheiro, nesse contexto, não é nada. Buscam-se o status, o respeito, o poder. Segundo Emicida, “É pela arte, não pelos prêmios”.

O trecho “Nóis quer carrão e mansão, né? Por que não?/Tá bem patrão de avião, né? Por que não?/Quer opção, quer salmão, né? Por que não?” traz alguns objetos de desejo e, com eles, a pergunta: por que não?

Por que pessoas que não têm esses “luxos” não poderiam desejá-los também sem que isso necessariamente significasse uma perda de identidade? Por que alguns setores sociais esperam das classes baixas outros desejos e outros comportamentos? Quando se fala sobre educação, por exemplo, que tipo de estímulos o indivíduo, hoje, de qualquer classe social, recebe para que se identifique com a escola? Não seriam os meus desejos para as classes mais baixas desejos permeados por moralizações, ou seja, por um “dever ser”?

Quando eu cruzo essas informações com todos os estímulos que eu recebo cotidianamente, percebo que as exigências sociais que aparecem para mim aparecem também para outros indivíduos de outras classes sociais. Os mecanismos, porém, que eu tenho para lidar com a cobrança são diferentes e, muitas vezes, me foram mais acessíveis. É desse ponto de vista que eu poderia escrever um bom texto, nunca de outro. É dando-me conta de que pertencço a uma classe social que divulga ideologias que posso avaliar como essa minha ideologia aparece para outro. Emicida e Guimê querem o salmão, o avião, o carrão. Mas querem também ser sempre gueto sem que isso lhes traga algum demérito.

O recorte, então, para a redação, depende do tema. Identidade, diferença entre classes sociais, camarotização da sociedade (como pediu a Fuvest em 2015), racismo. O importante é ler a música como um instrumento para averiguação. Diariamente podemos, então, com nossas observações mais simples, construir um caminho para uma análise social mais firme. Vale lembrar que a sociedade é uma só e que a maior parte dos temas de redação dos vestibulares vai voltar o olhar sobre ela. Analisada algumas vezes por alguns olhares, será muito difícil que algum tema de redação venha a surpreender ou traga algo sobre o que nunca pensamos antes. Redação, por fim, é hábito.

Autoria de GAC.

■ Quer saber mais?



Livro

- *Eu*, de Augusto dos Anjos, é o único livro de poesia desse autor. No entanto, só conquistou grande vendagem após a morte do poeta.



Documentário

- *Lixo Extraordinário*, produzido em 2010 no maior aterro sanitário da América Latina, é o registro do trabalho de Vik Muniz, artista plástico. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8>.

RESUMO teórico

REFINOS DE LINGUAGEM

Devemos dar atenção à **coesão**, que é o conjunto de elementos responsáveis pela "amarração" das partes do texto.

COESÃO REFERENCIAL

A **coesão referencial** é aquela a que estão subordinados os termos **catafóricos** e **anafóricos**.

CATAFÓRICOS são os responsáveis pela antecipação de algo no texto.

ANAFÓRICOS são os responsáveis pela retomada de algo no texto.

IMPORTANTE

Pronomes relativos

São usados no lugar de um determinado termo para retomá-lo. Ao utilizá-los, é importante atentar para as relações que o termo substituído estabelece com o restante do período.

Pronomes demonstrativos

Podem ser utilizados para auxiliar a manutenção do encadeamento de ideias no texto, além de evitar possíveis ambigüidades de sentido e sintaxe.

Escolha vocabular

É necessário ter cuidado em relação ao significado das palavras ou expressões ao "brincar" com seus sinônimos em uma dissertação. A depender do contexto, há escolhas que se tornam inadequadas ou insuficientes tendo em consideração a ideia que se quer passar.

Capítulo 25

Construindo a dissertação



freddy/stockphoto.com

A folha ainda em branco pode ser vista como um convite ou até mesmo um desafio a expressar suas impressões ou compartilhar sua visão de mundo. Ao preenchê-la, é importante transmitir suas ideias, imprimindo seus traços pessoais, para participar das questões que nos cercam a fim de que haja troca e crescimento constante.

Pensando juntos



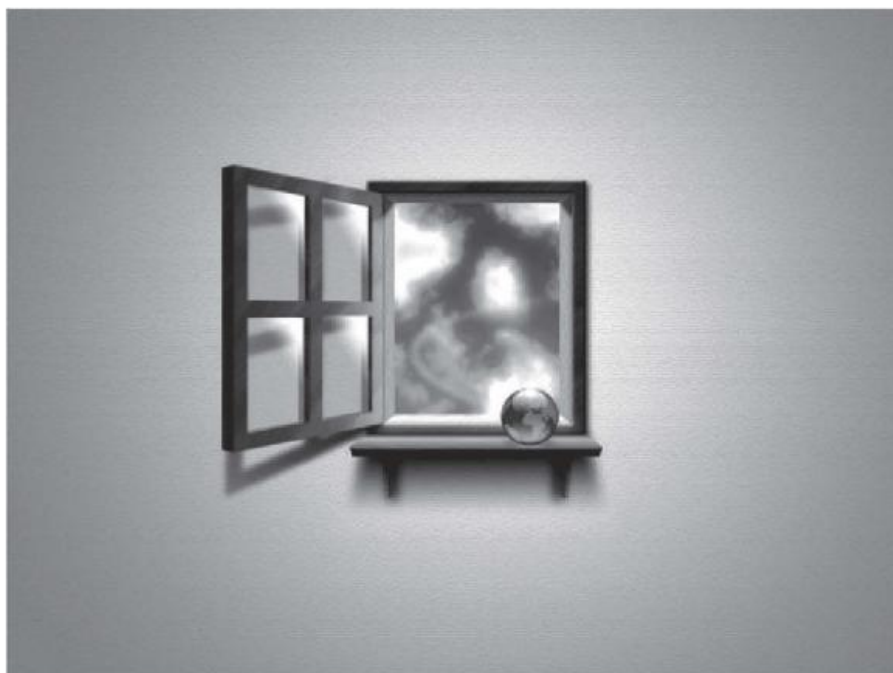
Neste capítulo, trabalharemos em conjunto a fim de produzir uma dissertação. Para tanto, mapearemos um processo criativo completo, passando pela leitura da proposta, pelo estudo dos textos da coletânea, pela elaboração da tese, do planejamento e da conclusão, até que, finalmente, consigamos esboçar o texto inteiro e redigi-lo.

O intuito é construir esse percurso prático aplicando, de certa maneira, diversas estratégias já estudadas até aqui. Então, analisemos a proposta de redação.

Fuvest 2010

Texto 1

Um mundo por imagens



Fonte: <<http://www.imotion.com.br/imagens/data/media/83/4582janela.jpg>>.
Acesso em: 15 out. 2009. (Adapt.).

Texto 2

A imaginação simbólica é sempre um fator de equilíbrio. O símbolo é concebido como uma síntese equilibradora, por meio da qual a alma dos indivíduos oferece soluções apaziguadoras aos problemas.

DURAND, Gilbert.

Texto 3

Ao invés de nos relacionarmos diretamente com a realidade, dependemos cada vez mais de uma vasta gama de informações, que nos alcançam com mais poder, facilidade e rapidez. É como se ficássemos suspensos entre a realidade da vida diária e sua representação.

PELLEGRINI, Tânia. (Adapt.).

Proposta

Na civilização em que se vive hoje, constroem-se imagens, as mais diversas, sobre os mais variados aspectos; constroem-se imagens, por exemplo, sobre **pe-
soas, fatos, livros, instituições e situações**.

No cotidiano, é comum substituir-se o real imediato por essas imagens.

Dentre as possibilidades de construção de imagens enumeradas anteriormente, em negrito, escolha apenas uma, como tema de seu texto, e redija uma dissertação em prosa, lançando mão de argumentos e informações que deem consistência a seu ponto de vista.

Começando a leitura da proposta

A proposta de 2010 da Fuvest girava em torno da ideia de imagens que criamos para interpretar o mundo. Nota-se que as primeiras frases das instruções já trazem uma reflexão importante, a de que idealizamos iconografias sobre pessoas, fatos, livros, instituições e situações e usamos essas representações para substituir a realidade.

Temos o ponto de partida para começar a pensar o texto a partir da divisão dessa reflexão em duas partes: a primeira relativa à criação das imagens, e a segunda relacionada à substituição do real por elas e aos efeitos disso.



laupracif/foa-ckphoto.com

PESSOAS

O que significa dizer que criamos imagens a respeito de pessoas? Quando acompanhamos um filme, uma série ou uma história qualquer, é comum construirmos uma ideia sobre um personagem que, no decorrer da trama, pode ser desconstruída. No momento em que isso acontece, damos conta de que não estávamos lidando com a realidade, mas com uma imagem preconcebida dela.

Esse fenômeno não é algo que acontece apenas na ficção, pois estamos rodeados de pessoas e fazemos diferentes imagens delas o tempo todo, surpreendendo-nos ou decepcionando-nos a depender da adequação dessas imagens que não é, necessariamente, correspondente à realidade, porém são elas que nos fornecem uma forma de lidar com esses indivíduos.

Nesse sentido, os preconceitos e intolerâncias também parecem ter a ver com isso, já que, de alguma maneira, ao criarmos uma imagem preconceituosa sobre uma pessoa, seja por sua cor de pele, orientação sexual ou crença religiosa, permitimos que essa imagem se sobreponha à própria realidade, o que tende a inviabilizar todo sentimento de empatia em relação ao outro.

Por fim, seria interessante refletirmos sobre o seguinte:

- será que fazemos imagens apenas dos outros?
- será que também não as idealizamos a respeito de nós mesmos?
- será que é possível nos decepcionarmos e nos surpreendermos com nós mesmos?



seh_jm/foa-ckphoto.com

FATOS

Você já reparou que, quando lemos uma mesma notícia em *sites* que possuem orientações ideológicas distintas, o que é noticiado muda bastante? Talvez, mais uma vez, o que esteja variando sejam as imagens construídas em cada um dos discursos jornalísticos. Nesse sentido, poderíamos pensar sobre a nossa percepção dessa realidade a partir das notícias e da História, por exemplo.

Se lermos a respeito do processo que envolveu a, até então, presidenta Dilma Rousseff, em 2016, em um jornal favorável a ela, tendemos a encontrar a expressão "golpe" como referência ao fato. Por outro lado, em um veículo de informação contrário a ela, seria possível verificarmos o uso da expressão "processo democrático de destituição presidencial". O que realmente ocorreu parece ficar a cargo dessas interpretações.

A mesma reflexão pode ser aplicada para compreendermos o que houve na política brasileira em 1964: golpe ou revolução? A forma de contar um fato parece revelar muito mais sobre quem o conta, e não sobre o que ele é.



Motizova/iStockphoto.com

LIVROS

Assim como nos exemplos anteriores, sabemos que podemos criar imagens diversas ao lermos um livro mais de uma vez. Por exemplo, analisar o livro *Dom Casmurro* em um determinado período da vida pode não produzir as mesmas interpretações que poderiam ser percebidas ao lermos a mesma obra em outro momento. Nesse caso, o que mudou, senão o próprio sujeito observador? É possível refletirmos também sobre as leituras extremistas que são feitas de alguns livros. Quantas vezes exemplares religiosos são usados para legitimar atitudes violentas e atrocidades? No entanto, essas mesmas obras também servem de base para a disseminação de ideais solidários e altruístas que vão de encontro à intolerância sustentada anteriormente.



valdingamou/iStockphoto.com

INSTITUIÇÕES

Segundo a versão *online* do Dicionário Houaiss, instituição é:

“cada um dos costumes ou estruturas sociais, estabelecidas por lei ou consuetudinariamente, que vigoram num determinado Estado ou povo”.

Assim, podemos pensar que, talvez, de um povo ou de um momento histórico para outro, as imagens que construímos a respeito dessas instituições se transformam.

O que é a família, por exemplo? Falar sobre ela no ano 1500 é como falar sobre ela em 2018? O casamento, outra instituição, também é compreendido de maneiras diferentes com o passar do tempo e a diversidade de culturas. Outros elementos podem mudar, conforme a sociedade se modifica, como a Justiça: há mais ou menos dois séculos,

considerava-se justo, no sentido de cumprimento da lei, açoitar escravos (e era tido como respeitável haver escravos).

Consuetudinariamente habitualmente; comumente.



Dagreez/iStockphoto.com

SITUAÇÕES

Por fim, imaginemos que um amigo e um conhecido seu briguem e, posteriormente, contem o ocorrido para você. Seria possível formular a mesma imagem dessa situação a partir de dois relatos diferentes? Outro exemplo seria um encontro romântico: na segunda vez que se encontram, você a(o) vê da mesma forma como a(o) via na primeira vez em que estiveram juntos?

Em geral, também mudamos a forma de entender as situações que vivenciamos, e elas podem ser percebidas de maneiras distintas por pessoas diferentes. Mais uma vez, as imagens se sobrepõem à realidade imediata. No fim das contas, talvez seja somente com elas que nos relacionemos.

Mas como criamos essas imagens?

Pelos exemplos apresentados, percebemos que alguns fatores parecem interferir na forma como nos relacionamos com a realidade e com o mundo que nos cerca: história de vida, afetos, cultura, visão política, condição econômica, cor de pele, gênero.

Mais ainda: nosso próprio corpo pode condicionar a experiência que teremos. Um daltônico, por exemplo, tem uma percepção distinta da de uma pessoa não daltônica, o que não significa que esta poderia ver melhor a própria realidade. Podemos pensar nas infinitas ondas eletromagnéticas que passam bem diante de nossos olhos sem que possamos enxergá-las. Dessa maneira, a forma como captamos e entendemos a realidade se apresenta muito mais como um reflexo de nós mesmos, com todas as condições nas quais nos enquadrados, do que, de fato, de tudo o que haveria para ser compreendido.

É comum percebermos a realidade sempre como imagens?

Substituímos, frequentemente, a realidade imediata pelas imagens que criamos, mas não nos damos conta disso.

Quando pensamos nas mais diversas discriminações, por exemplo, o que parece ficar claro é que o preconceito é uma imagem inventada a respeito de um estereótipo ou de algo e, em grande parte das vezes, ele se mantém independentemente de não ser condizente com qualquer indivíduo ou com o objeto de observação. Porém, por que isso ocorre?

Em um primeiro momento, talvez valha a pena refletir sobre como nos relacionamos com as imagens idealizadas por nós. Se a minha visão é a única com que tenho contato, não é estranho que, para mim, ela represente a verdade absoluta. Assim, se toda a informação a que eu tenho acesso é originada de um único veículo midiático, como eu poderia ter embasamento para questioná-la? A ausência de diversidade tende a fazer com que nossas crenças sejam percebidas por nós mesmos como inquestionáveis.

Nesse sentido, pensemos na força que uma imagem ou outra tem para ser difundida. Em uma sociedade em que o poder econômico impera, não é estranho que a imagem de "felicidade" seja cada vez mais associada a bens de consumo. Há uma assimetria de poder fazendo com que uma compreensão sobre o tema seja mais divulgada do que outras.

Na mesma linha, as imagens construídas pelos grandes veículos de comunicação tendem a ter um poder de circulação muito maior do que aquelas produzidas por mídias alternativas, ou seja, quanto mais gritante essa assimetria, maior a tendência de que a realidade seja confundida com a vontade de quem detém esse poder.

Atenção!

Tente não reduzir todos os seus argumentos a ideias relacionadas ao "poder econômico". Se lembrarmos do exemplo citado no tópico "Situações", sobre as imagens que criamos acerca de uma briga entre um amigo e um conhecido, o que prevalece não é uma relação de poder econômico, mas uma espécie de poder afetivo.

Por outro lado, ainda que levemos a sério a ideia de que nos relacionamos com imagens, e não exatamente com a realidade, é preciso refletir sobre por que ainda temos tanta dificuldade para sermos mais flexíveis e tolerantes em relação à diversidade.

Para quem acredita que suas imagens criadas são a única forma de realidade, assumir que existem outras possibilidades de criação para a mesma imagem pode representar ter de abandonar o solo firme da “verdade” sobre o qual caminhava. Talvez não seja outro o motivo dos extremismos, pois aquele que é extremista só consegue fixar suas ideias em suas próprias verdades, eliminando tudo aquilo que aponta para uma realidade mais plural, mais complexa, povoada pelas mais diversas formas de vivê-la.

A coletânea

O primeiro texto da curta coletânea oferecida pela Fuvest 2010 era uma figura em que se vê uma janela aberta e, no parapeito, um pequeno globo terrestre. O que isso significa?

Na figura, o que representa o mundo é menor do que o espaço, do que o lado de fora da janela. Talvez possamos interpretar isso a partir da ideia de que o mundo que conhecemos, aquele construído por nossas imagens, é bastante ínfimo perto de toda a realidade que haveria para ser conhecida.

Outro dado da figura aponta para essa leitura: mesmo quando olhamos para o lado de fora, também não conseguimos enxergar tudo, pois há o próprio recorte da largura e da altura dessa janela interferindo naquilo que conseguimos vislumbrar. Mais uma vez, parece que caminhamos para uma interpretação que opõe, de um lado, aquilo que vemos condicionados pelas circunstâncias dessa observação – as imagens que criamos – e, por outro lado, aquilo que efetivamente existe.

Há, ainda, uma terceira interpretação: e se o globo for, na verdade, apenas uma bolinha de vidro? Quando olhamos algo através de uma bola de vidro, continuamos a enxergar o que há do outro lado, mas de uma maneira alterada. Nesse sentido, se o mundo aparece como efeito dessa mudança, poderíamos pensar que o conhecido por nós é, de alguma forma, uma distorção da realidade, causada sempre pelas imagens que observamos e que, ao mesmo tempo, tornam essa realidade familiar.

Aliás, a partir daí, podemos entrar no segundo texto da coletânea. No excerto de Gilbert Durand, ele afirma que o símbolo é uma “síntese apaziguadora” que fornece equilíbrio. Caso não olhássemos a realidade por meio dos símbolos e das imagens, sem a familiaridade que essas retratações nos fornecem todos os dias, ao acordarmos, teríamos de aprender a lidar de novo com tudo, como em uma constante novidade.

Quando começamos a qualificar o que nos cerca e a criar certas regras de funcionamento para essas categorias, sentimo-nos mais seguros para viver esse mundo. Por exemplo, por mais que a minha mãe ou o meu pai mudem o corte de cabelo, as roupas que estão vestindo ou o perfume que estão usando, eu ainda consigo percebê-los com as mesmas realidades do dia anterior.

Saiba mais

Gilbert Durand foi um importante filósofo, sociólogo e antropólogo francês que se dedicou a estudar e a compreender o funcionamento do imaginário.



Já na leitura do terceiro texto da coletânea, essas imagens sobrepõem-se à percepção de que não são a própria realidade, mas uma forma de compreendê-la.

Nesse sentido, a velocidade enorme com que essas imagens são criadas podem nos levar, de fato, a uma suspensão, isto é, estando presos à imagem que construímos a respeito do que nos cerca, não admitimos mais que o que está ao nosso redor seja diferente de nossas próprias categorizações.

Começando a planejar

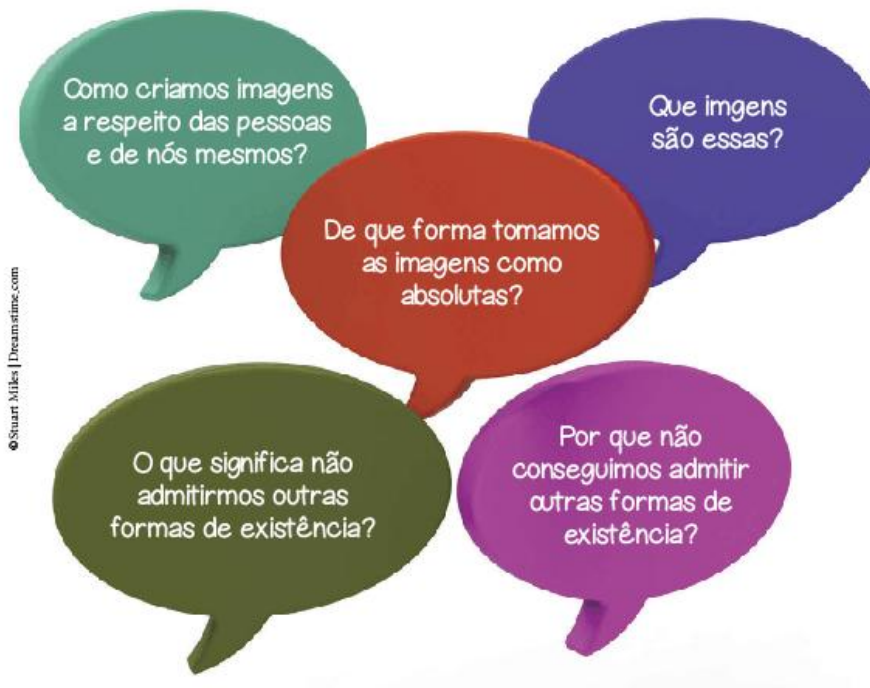


Após essa primeira reflexão e análise da proposta e dos textos da coletânea, podemos começar a planejar o nosso texto. O primeiro ponto será identificarmos sobre quais imagens escreveremos: pessoas, fatos, livros, instituições ou situações.

Neste capítulo, trabalharemos com a primeira sugestão da prova, ou seja, organizaremos uma dissertação a respeito das imagens que criamos acerca das pessoas. Para tanto, tomando como base aquilo que já pensamos anteriormente, propomos a seguinte tese:

Criamos imagens a respeito das pessoas, inclusive de nós mesmos, e, quando tomamos essas imagens como absolutas, já não admitimos qualquer outra forma de existência.

Se apresentamos uma tese como essa, o que deveria ser desenvolvido? Depois de lê-la, provavelmente nosso leitor estaria se questionando:



Levando essas questões em consideração, poderíamos, então, propor a seguinte divisão de nossa tese:

Criamos imagens a respeito das pessoas, inclusive de nós mesmos, e, quando tomamos essas imagens como absolutas^{D1}, já não admitimos qualquer outra forma de existência^{D2}.

Definidas, portanto, a tese e a divisão do que está previsto para os parágrafos de desenvolvimento, podemos identificar a contextualização, os conteúdos pertinentes a cada etapa do desenvolvimento e a conclusão.

Contextualização

Uma estratégia simples talvez seja começar por uma definição de imagem. Para tanto, recorrer ao trecho de Gilbert Durand, da coletânea, pode funcionar, pois, para ele, a imagem funciona como uma síntese equilibradora que nos permite lidar de forma apaziguada com os problemas.

D1

- indicar que relação que temos uns com os outros não se dá de maneira direta, mas sim mediada por nossa cultura, nossos afetos, nossa visão política, nossa classe social etc;
- apontar para o fato de que também inventamos uma imagem sobre nós mesmos, isto é, aprendemos a nos ver a partir de uma identidade construída;

- mostrar para o leitor que, com o tempo, acabamos nos acostumando com essas imagens, a ponto de não as questionarmos mais;
- explicar que esse costume pode vir da correria cotidiana, da falta de oportunidade de encontrarmos pessoas diferentes ou então as mesmas pessoas em situações diversas daquelas de sempre;
- exemplificar: para o racista, o negro não é um igual; para o homofóbico, o homossexual só pode ser um desvio; e, para o próprio “eu”, aquilo que pensa sobre si mesmo, muitas vezes, se sobrepõe a tudo o que poderia ser.

Atenção!

Quando definimos o conteúdo do parágrafo, podemos determinar também o seu tópico frasal. Para esse D1, que tal algo como: “Quando nossos olhos se acostumam a ver alguém de uma determinada forma, é difícil enxergarem fora da forma”?

D2

- retomar a ideia do parágrafo anterior, defendendo que, para quem toma uma imagem como absoluta, a realidade, variável como ela só, passa a ser uma ameaça;
- apontar que, se alguém não é exatamente como a imagem construída para ele indica, em última análise, todas as certezas sobre as quais se assentava a relação com esse indivíduo precisam ser revistas ou abandonadas, o que não é sempre confortável;
- revelar que a limitação à imagem é quase uma autodefesa, afinal, como viver em um contexto em que o equilíbrio está sob ameaça a toda oportunidade que damos para que os outros sejam aquilo que são?

Atenção!

Mais um tópico frasal: “Fechar os olhos ao que foge à imagem passa a ser vital para quem a prefere à realidade”. No entanto, no D2, mais um detalhe aparece: como sabemos que ele trará uma consequência do que foi apresentado no D1, podemos já pensar nos elementos de coesão desse tópico. Pode ser algo como: “Em decorrência desse cenário, fechar os olhos ao que foge à imagem passa a ser vital para quem a prefere à realidade”.

Conclusão

Para Gilbert Durand, a imagem fornece uma solução apaziguadora aos problemas, mas, para muitos, o que é visto como problema é a própria realidade. Enquanto, para manter a própria paz, fizermos prevalecer sobre o outro e sobre nós mesmos a imagem fixa e imutável, é o potencial de nossa existência que parece, enfim, descansar em paz.

Agora, vamos ao texto pronto.

Qual é o problema?

O pensador francês Gilbert Durand afirmava que a imaginação simbólica é um fator de equilíbrio, pois, por meio dos símbolos, fornece "soluções apaziguadoras aos problemas". Diante de uma realidade ameaçadora, então, criamos sentidos mais ou menos arbitrários para lidar de uma forma mais segura com ela, e com as pessoas com quem convivemos não é diferente. Assim, criamos imagens a respeito dessas pessoas, inclusive de nós mesmos, e, quando as tomamos como absolutas, já não admitimos qualquer outra forma de existência.

Quando nossos olhos se acostumam a ver alguém de uma determinada forma, é difícil verem para fora da forma. Lidamos com as pessoas de uma maneira mediada: entre o "eu" e o "outro" toda uma sorte de convenções é estabelecida. Nossa cultura, nossa história de vida, nossos afetos, nossas ideologias - tudo, de algum modo, que nos caracteriza interfere naquilo que vemos dos outros e de nós mesmos. Na correria do dia a dia, no pouco espaço para o convívio com gente diferente ou gente que vemos todos os dias, mas em situações não habituais, porém, as imagens criadas a respeito delas e de nós mesmos vão se fixando, vão sendo tomadas como absolutas. Para o racista, nesse sentido, a pele negra inferiorizada não é mais uma forma dentre várias de interpretar a alta melanina, é a própria realidade sobre tal pele; para o homofóbico, viver a sexualidade para além da heteronormatividade não é uma outra forma de viver, é um erro; para o "eu", por fim, acostumado que está à identidade criada sobre si, não existe outra forma de ser.

Em decorrência desse cenário, fechar os olhos ao que foge à imagem passa a ser vital para quem a prefere à realidade. Alguém não ser exatamente como a imagem construída para si indica, em última análise, que todas as certezas sobre as quais se assentava a relação com esse indivíduo precisam ser revistas, abandonadas, o que não é sempre confortável. Limitar a identidade pessoal à imagem, portanto, é quase que uma autodefesa empreendida por aqueles a quem a existência potente e diferente deve ser calada em nome de uma identidade fixa e imóvel. Morta na mesmice, em última análise.

Para Gilbert Durand, a imagem fornecia uma solução apaziguadora aos problemas, mas, para muitos, o que é visto como problema é a própria realidade. Enquanto, então, para manter a própria paz, fizermos prevalecer sobre o outro e sobre nós mesmos a imagem fixa e imutável, é a potência de nossa existência que parece, enfim, descansar em paz.

Autoria de LACC.

O texto “Qual é o problema?” materializa toda a discussão analisada ao longo das páginas deste capítulo. Sem recorrer a nada de muito diferente do que conseguimos desdobrar a partir da proposta e dos textos que a integravam e com um planejamento cuidadoso, pudemos chegar a esse resultado. Mas, nos demais capítulos estudados, vimos algumas outras estratégias para refinar e sofisticar os textos. Que tal, então, tomando como base o que acabamos de ler, buscarmos uma versão mais autoral?

Sobre bruxas e espelhos

Malévola, o novo filme da Disney, de Robert Stromberg, apresenta o clássico “A bela adormecida” sob um novo olhar, a partir do qual a antiga vilã é enfatizada. Mais do que um outro ponto de vista sobre o mesmo sujeito, tem-se uma realidade nova, na qual os personagens exibidos são inteiramente outros ao espectador conhecedor dos anteriores. Seus perfis não são mais únicos e tampouco o é a realidade. O que é dado como fantasia, entretanto, nem sempre reverbera na realidade: criamos imagens acerca das pessoas, inclusive de nós mesmos, e, quando as tomamos como absolutas, não mais admitimos quaisquer outras formas de existência, lançando à fogueira tudo aquilo que as contraria.

Enfitecidos pelo costume, é só a nós mesmos que nossos olhos conseguem ver ao se depararem com alguém. Nossa cultura, nossa história de vida, nossos afetos, nossas ideologias – tudo, de alguma maneira, que nos caracteriza interfere naquilo que vemos dos outros e de nós mesmos –, a resposta do “espelho, espelho meu”, no

limite, só é aceita caso revele aquele mesmo que pergunta. Na correria do dia a dia, no pouco espaço para o convívio com gente diferente ou gente que vemos todos os dias, mas em situações não habituais, porém, as imagens criadas a respeito delas e de nós mesmos vão se fixando como absolutas. Para o racista, nesse sentido, a pele negra inferiorizada não é mais uma forma dentre várias de interpretar a alta melanina, é a própria realidade sobre tal pele; para o homofóbico, viver a sexualidade para além da heteronormatividade não é uma outra forma de viver, é um erro; para o "eu", por fim, acostumado que está à identidade criada sobre si, não existe outra forma de ser. A alteridade espelha aquele que a olha e, ao fazê-lo, deixa de ser outra.

À diferença, à alteridade, em tal cenário, cabe apenas a fogueira. Alguém não ser exatamente como a imagem construída para si indica, em última análise, que todas as certezas sobre as quais se assentava a relação com esse indivíduo precisam ser revistas ou abandonadas, o que não é sempre confortável. Limitar a identidade pessoal à imagem, portanto, é quase que uma autodefesa empreendida por aqueles a quem a existência potente e diferente deve ser calada em nome de uma identidade fixa e imóvel. Nas fogueiras desses zeladores do que é sempre o mesmo, toda forma de ser diferente é heresia, é bruxaria inaceitável.

Ao final do filme, descobrimos que é Aurora, a Bela Adormecida, a narradora. Sem conhecer "quem é quem", de acordo com a tradição, ela pode conhecer Malévola sem que a imagem de bruxa se sobrepusesse a tudo o que a personagem poderia ser. Na vida real, porém, nem sempre estamos abertos a isso, e, limitados a uma única versão de nós mesmos e dos outros, enfim, quebramos tudo o que não é espelho.

Autoria de LACC.

Percebe-se que, nessa última redação, ainda que tenhamos mantido o mesmo fundamento da anterior, há um esforço cuidadoso maior em relação à forma de expressar as ideias, pois não é mais apenas o conteúdo que importa. A menção ao filme da Disney, logo na contextualização, abre um campo semântico que será trabalhado ao longo da dissertação – no D1, por exemplo, a escolha de termos como "feitiço" e "espelho, espelho meu" não é por acaso e retoma o universo das bruxas da ficção.

Já no D2, a atmosfera mágica busca alusões na História, nos processos de queima de mulheres que eram consideradas feiticeiras malévolas. Por fim, a referência inicial reaparece na conclusão, mas de modo a fechar o texto.

Texto complementar

[...] Nenhuma exclamação ["Estou vendo!"] escapou dos lábios de Virgil. Parecia estar fitando o vazio, desorientado, sem foco, com o cirurgião a sua frente, ainda com o curativo na mão. Foi só quando o cirurgião falou – dizendo: "Então?" – que um olhar de reconhecimento atravessou o rosto de Virgil.

Depois ele me disse que, nesse primeiro momento, não fazia a menor ideia do que estava vendo. Havia luz, movimento e cor, tudo misturado, sem sentido, um borrão. E então, do meio da nódoa veio uma voz que dizia: "Então?". Foi nesse instante, e somente nesse instante, ele disse, que finalmente se deu conta de que aquele caos de luz e sombra era um rosto – e, na realidade, o rosto de seu cirurgião.

SACKS, Oliver. *Um antropólogo em Marte*. CARVALHO, Bernardo (Trad.). São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

No artigo "Ver e não ver", publicado no livro *Um antropólogo em Marte*, Oliver Sacks narra o caso de Virgil, que fora praticamente cego desde os primeiros anos de vida. Depois de quase 45 anos sem enxergar, mas, mesmo assim, com uma vida suficientemente plena, trabalhando como massagista e com uma vasta carta de clientes, estabelecendo relações sociais diversas e com total autonomia de ir e vir pela cidade, Virgil decide se submeter à operação – e o instante em que retira os curativos dos olhos é o narrado anteriormente.

Esse momento, entretanto, não condiz com aquilo que se esperava. Para Sacks, reside, no senso comum, a ideia de que seria só voltar a poder ver para que, efetivamente, Virgil visse algo. No entanto, a visão, de acordo com ele, não é independente da experiência do olhar. Em outras palavras, é preciso aprender a ver.

É possível fazer a mesma análise para as imagens que criamos. É necessário conhecê-las para que possamos ver o mundo construído a partir delas. Contudo, não devemos nos esquecer de que há infinitas possibilidades para compor nossas imagens e, quando ignoramos isso, talvez nós é que fiquemos cegos para um mundo mais complexo e diversificado.

Quer saber mais?



Conto

- No conto "O segredo do Bonzo", de Machado de Assis, discute-se, por meio de uma ficção primorosa e irônica, o processo da sobreposição da imagem à realidade.



Filme

- No clássico filme de ficção científica *Matrix*, de Lilly e Lana Wachowski, narra-se a história de Neo, um personagem que descobre que a realidade cotidiana não é tão real assim.

RESUMO teórico

CONSTRUINDO A DISSERTAÇÃO

O primeiro passo é mapear o processo criativo por completo, passando pela(o):

- leitura da proposta;
- elaboração da tese;
- conclusão.
- estudo dos textos da coletânea;
- planejamento;

Planejamento

Depois da primeira reflexão, analise a proposta e os textos da coletânea. O primeiro ponto será identificar sobre quais imagens escreveremos:

- pessoas;
- instituições;
- fatos;
- situações.
- livros;

Alguns fatores parecem interferir na forma como nos relacionamos com a realidade:

- história de vida;
- condição econômica;
- afetos;
- cor de pele;
- cultura;
- gênero.
- visão política;

Tudo isso interfere em nossa relação com o mundo que nos cerca.

Capítulo 26

Grades de correção I: dissertação clássica



Rawpixel/Stockphoto.com

No decorrer dos capítulos deste material, temos analisado e produzido textos, mas ainda não sabemos, ao certo, como é a grade de correção de uma dissertação, quais aspectos serão mais valorizados nela e como podemos nos preparar a partir desses critérios. Dessa forma, é muito importante conhecer esses parâmetros para conferirmos nosso rascunho com segurança como se estivéssemos examinando um esqueleto organizado.

O que é relevante na correção do texto

Sabemos que qualquer tipo de avaliação gera um certo desconforto. Com uma prova de produção de texto não é diferente. Por isso, é essencial que o corretor de redação tenha em mente, desde o princípio, que é necessário priorizar e apontar aspectos fundamentais em uma dissertação, para não comprometer a evolução e o desenvolvimento do autor em seu processo de escrita e reescrita.

Então, ao se deparar com a tarefa de avaliar uma produção textual de caráter dissertativo, que tem no máximo 30 linhas, alguns pontos ganham mais relevância. Em uma situação de prova, em que apenas se confere nota ao texto, os seguintes elementos básicos precisam ser facilmente reconhecidos:

1. Quando se trata da **dissertação clássica**, o primeiro fator a ser analisado é se ela está dentro do tema. O que discutimos em capítulos anteriores sobre **assunto e tema** se aplica aqui.
2. É importante que o texto seja escrito de acordo com o **gênero textual** solicitado na proposta de redação.

3. No texto, é necessário desenvolver seu tema central: a tese. Um texto sem tese tende a não produzir argumentos; assim, observar a presença da tese é fundamental após os dois primeiros pressupostos. Chamamos os tópicos 1 e 2 de pressupostos porque não adequar seu texto ao **tema** ou ao **gênero** exigidos leva à anulação de sua dissertação.

4. Quando a tese não é bem desenvolvida, o texto não deixa claro seu ponto de vista, podendo desencadear:

- falta de argumentos;
- parágrafos extremamente expositivos que não requerem defesa ou caminho lógico no texto;
- impossibilidade de escolhas lexicais de qualidade, visto que é difícil selecionar bons termos quando não se tem clareza sobre o que será defendido.

Esses fatores, percebidos já na introdução, influenciam a leitura do desenvolvimento, pois pode ser fatigante dar credibilidade a um texto que falha já no princípio.

Por exemplo, com uma tese presente, mas excessivamente subjetiva, a dissertação fica propensa à afirmação de inúmeras opiniões cristalizadas de difícil defesa por meios objetivos. Assim, ao produzir redações que pretendem defender que algo é “inerente ao ser humano”, entre outras questões similares, enfrentaremos dificuldades para justificar argumentos, ou seja, a imprecisão da tese pode acarretar a **subjetividade**.

Veja, a seguir, como construir uma tese que permita uma argumentação lógica ainda que o tema não seja tão objetivo.

TESE 1	TESE 2
“defender a democracia é importante”	“para que haja algum desenvolvimento social, defender a democracia é importante”
Com essa construção, o autor toma a ideia da defesa da democracia como uma totalidade.	Essa construção permite que duas ideias em relação desencadeiem argumentos.

Na tese 1, o argumento “ser importante” é uma opinião pessoal usada para justificar uma ideia coletiva, como se a manutenção da democracia fosse importante para todos, sempre. Já a tese 2, esse mesmo argumento é utilizado, porém estabelecendo um vínculo com “desenvolvimento social”. Dessa forma, é essa relação que deverá ser defendida em forma de argumentação, e não por meio de uma noção subjetiva.

A conclusão, por sua vez, só ganhará destaque se todo o restante do texto estiver **coeso** e **coerente**. Sem isso, ela pode influenciar pouco na avaliação geral.

Os critérios avaliados

Para nossos estudos, teremos como base os critérios divulgados pela Fuvest, uma banca muito respeitada em São Paulo. Não é necessário distingui-la tão fortemente das outras bancas que também pedem dissertações clássicas, afinal, os parâmetros costumam ser sempre os mesmos – o que muda são as subdivisões e o peso que se dá a cada etapa do texto.

Essa grade se subdivide em três grandes blocos:

- A. Desenvolvimento do tema e organização do texto dissertativo-argumentativo;
 - B. Coerência dos argumentos e articulação das partes do texto;
 - C. Correção gramatical e adequação vocabular.
- Cada bloco vale 4, 3 e 3, respectivamente, somando 10.

A. Desenvolvimento do tema e organização do texto dissertativo-argumentativo

Verifica-se se o texto configura-se como uma dissertação argumentativa e se atende ao tema proposto ou sugerido. Pressupõe-se, então, que o candidato demonstre habilidade de compreender a proposta de redação e, quando esta contiver uma coletânea, que ele se revele capaz de ler e de relacionar adequadamente as ideias e informações dos textos que a integram. No que diz respeito ao desenvolvimento do tema, verifica-se, além da pertinência das informações e da efetiva progressão temática, a capacidade crítico-argumentativa que a redação venha a revelar.

A paráfrase de elementos que compõem a proposta de redação não é um recurso recomendável para o desenvolvimento adequado do tema. Não se recomenda, também, que o texto produzido se configure como uma dissertação meramente expositiva, isto é, que se limite a expor dados ou informações relativos ao tema, sem que se explicita um ponto de vista devidamente sustentado por uma argumentação consistente.

Fuvest: Manual do candidato. Disponível em: <www.fuvest.br/wp-content/uploads/Manual-Cand-Fuvest2018.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2017.

- 0,0:** Fuga do tipo textual ou fuga total do tema proposto. **Em ambos os casos, a redação será anulada.**
- 0,5:** O texto ainda não pode ser inteiramente reconhecido como uma dissertação argumentativa, já que apenas relata/expõe fatos. A interpretação dos textos motivadores é insuficiente.
- 1,0:** Texto majoritariamente expositivo/descritivo, mas que contém opinião. Há desvio, restrição a particularidades ou ampliação demasiada do tema proposto e/ou há cópia da coletânea.
- 1,5:** É perceptível o tipo textual. O texto traz alguns trechos com potencial argumentativo (que exigem sustentação), mas que não foram desenvolvidos adequadamente. O texto considera o tema proposto ou sugerido, mas ainda carrega trechos significativos que particularizam demais a discussão. Há, como desencadeadora, apenas uma constatação objetiva, mas ainda não se pode caracterizá-la plenamente como tese.
- 2,0:** O texto configura-se como uma dissertação argumentativa, mas ainda apresenta trechos expositivos inadequados, sem utilidade argumentativa ou a argumentação ainda não é suficientemente consistente. O texto atende ao tema proposto ou sugerido; além disso, o aluno compreende a proposta, lê e relaciona os textos motivadores. Há indício de ponto de vista objetivo, mas ele ainda não é formulado de maneira detectável.

- 2,5:** O texto configura-se como uma dissertação argumentativa, e há um empenho para desenvolver as afirmações apresentadas. O texto atende ao tema proposto ou sugerido, e o aluno faz bom uso da coletânea, interpretando-a de forma segura e dialogando com ela sem que precise expô-la na superfície da produção textual. Tese adequadamente construída, mas ainda pouco amadurecida.
- 3,0:** O texto configura-se como uma dissertação argumentativa, e há o desenvolvimento de muitas das afirmações apresentadas. O texto atende ao tema proposto, e, além de demonstrar boa interpretação da coletânea, o aluno traz elementos que a extrapolam, demonstrando também compreender algumas relações entre o tema e seu próprio conhecimento de mundo. Tese bem-construída e amadurecida, com senso crítico.
- 3,5:** O texto configura-se como uma dissertação argumentativa, e há o desenvolvimento de todas as afirmações apresentadas que dependem de explicação. O texto atende ao tema proposto, e o aluno demonstra ter encontrado diversos pontos de semelhança entre o que a coletânea propõe e suas próprias leituras e vivências, afirmando, com isso, a autoria da redação. Tese bem-construída e amadurecida, com uma associação clara, segura e concreta entre a tese proposta e os argumentos.
- 4,0:** O texto configura-se como uma dissertação argumentativa e apresenta trechos expositivos e/ou narrativos subordinados à argumentação que contribuem efetivamente para a construção da ideia. Há domínio do movimento argumentativo. O texto extrapola de maneira madura e segura o tema proposto; além disso, o aluno transcende os elementos da coletânea e consegue analisar as relações entre todos os elementos enfocados na proposta, questionando-os e/ou problematizando-os, ainda que não os traga todos para a superfície da dissertação. O candidato apresenta competência e originalidade em argumentar e interpretar a partir de uma seleção de fatos e opiniões fundamentados em seu conhecimento de mundo. Além disso, é um texto com tese substancial, original e amadurecida, que tem argumentos consistentes, comprováveis e autorais.

B. Coerência dos argumentos e articulação das partes do texto

Avaliam-se, conjuntamente, a coerência dos argumentos e das opiniões e a coesão textual, ou seja, a correta articulação das palavras, frases e parágrafos.

A coerência reflete a capacidade do candidato de relacionar os argumentos e organizá-los de forma a deles extrair conclusões apropriadas e, também, sua habilidade para o planejamento e a construção significativa do texto. Devem-se evitar contradições entre frases ou parágrafos, falta de encadeamento das ideias, circularidade ou quebra da progressão argumentativa, uso de argumentação baseada apenas no senso comum e falta de conclusão ou conclusões que não decorram do que foi previamente exposto.

Quanto à coesão, serão verificados, entre outros, o estabelecimento de relações semânticas entre partes do texto e o uso adequado de conectivos.

Fuvest: Manual do candidato. Disponível em: <www.fuvest.br/wp-content/uploads/Manual-Cand-Fuvest2018.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2017.

- 0,0:** Texto completamente incoerente, sem coesão detectável ou com trechos ofensivos e/ou com caráter indevidamente provocativo. **Em todos os casos, a redação será anulada.**

- 0,5:** Texto com pouca articulação entre palavras, frases e parágrafos. No interior dos parágrafos, os argumentos não se relacionam. Na macroestrutura, ou seja, na percepção do texto como um todo, as conclusões às quais se chega não decorrem do que foi previamente exposto.
- 1,0:** Texto em que se nota a tentativa mais cuidadosa de articulação entre palavras, frases e parágrafos, mas que ainda apresenta falhas nessa articulação. No interior dos parágrafos, ainda que alguns argumentos comecem a se relacionar, não há planejamento, e, por isso, as conclusões são inapropriadas. Na macroestrutura, falta relação entre a conclusão e o que foi previamente exposto. O texto ainda pode apresentar contradições e quebras ou circularidades entre os parágrafos.
- 1,5:** Texto que articula palavras, frases e parágrafos, mas que o faz de maneira mecânica, ou seja, não demonstra propriedade na elaboração linguística de um raciocínio e na escolha de conectivos. Na construção dos parágrafos, há conclusões, mas ainda não são plenamente apropriadas. Os parágrafos de desenvolvimento começam a se encadear entre si ou a conclusão se conecta a apenas um parágrafo de desenvolvimento, sendo este, por sua vez, desconectado dos outros.
- 2,0:** Texto que articula palavras, frases e parágrafos de maneira satisfatória, que demonstra propriedade na escolha de maior parte dos elementos coesivos, mas que ainda apresenta falhas ou inseguranças nessa escolha. Há algumas conclusões apropriadas para os raciocínios expostos no interior dos parágrafos, e os argumentos se relacionam de maneira fluida e plenamente visível. Na percepção do texto como um todo, há planejamento do raciocínio proposto, o que reflete uma boa conexão entre a tese e o restante do texto ainda que possa haver alguma descontinuidade entre os parágrafos.
- 2,5:** Texto que articula bem palavras, frases e parágrafos, que demonstra propriedade e segurança na escolha dos elementos coesivos e que propõe relações semânticas maduras. No interior dos parágrafos, as conclusões são verossímeis e apropriadas, refletindo uma percepção sofisticada das relações com que se trabalha. Ainda que se valha do senso comum em alguns trechos, isso é feito de maneira a reinventá-lo sem criar circularidades. Na macroestrutura, ou seja, na percepção do texto como um todo, há uma argumentação clara e organizada. A conclusão é uma reflexão que se abre nas entrelinhas da argumentação, mas se concretiza apenas no fim do raciocínio, sem prejuízo para a plena compreensão do que se pretende. Além disso, é possível que o texto crie relações ou pontos de semelhança entre elementos diferentes para compor uma analogia que permeie parte da dissertação.
- 3,0:** Texto que articula com excelência palavras, frases e parágrafos, construindo um conjunto de relações por meio da manutenção de um campo semântico e fazendo disso seu principal elemento coesivo. Também faz o uso seguro de conectivos que, como resultado, apresenta conexões maduras. No interior dos parágrafos, as conclusões são verossímeis e apropriadas, refletindo uma percepção sofisticada das relações com que se trabalha. Ainda que se valha do senso comum em alguns trechos, isso é feito de maneira a reinventá-lo sem criar circularidades. Na macroestrutura, ou seja, na percepção do texto como um todo, há uma argumentação clara, organizada e plenamente coerente. A conclusão é uma reflexão que se abre nas entrelinhas da argumentação, mas se concretiza apenas no fim do raciocínio sem prejuízo para a plena compreensão do que se pretende.

Além disso, o texto pode criar relações ou pontos de semelhança entre elementos diferentes para compor uma analogia que permeia toda a dissertação.

Atenção!

Algumas bancas limitam notas altas no item B caso a nota no item A seja igual ou inferior a 1,5. Os dois itens da grade estão, portanto, intimamente interligados.

C. Correção gramatical e adequação vocabular

Avaliam-se o domínio da norma-padrão escrita da língua portuguesa e a clareza na expressão das ideias. Serão examinados aspectos gramaticais como ortografia, morfologia, sintaxe e pontuação, e o emprego adequado e expressivo do vocabulário. Espera-se que o candidato revele competência para expor com precisão e concisão os argumentos selecionados para a defesa do ponto de vista adotado, evitando o uso de clichês ou frases feitas. Avalia-se, também, a seleção adequada do vocabulário, tendo em vista as peculiaridades do tipo de texto exigido.

Fuvest: Manual do candidato. Disponível em: <www.fuvest.br/wp-content/uploads/Manual-Cand-Fuvest2018.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2017.

- 0,5:** O texto não apresenta domínio do padrão culto da língua, ou seja, há desvios variados e recorrentes que prejudicam a leitura.
- 1,0:** O texto revela domínio insatisfatório do padrão culto da língua, ou seja, há desvios recorrentes que prejudicam a compreensão de trechos e ideias, mas não do todo textual. Há detectável restrição vocabular, o que se pode verificar pela constante imprecisão de termos e/ou pela repetição de palavras semelhantes.
- 1,5:** O texto revela domínio mediano do padrão culto da língua, uma vez que respeita as estruturas sintáticas, mas apresenta desvios pontuais que prejudicam a compreensão de trechos específicos do texto. Ainda há detectável restrição vocabular, o que se pode verificar pela pontual imprecisão de termos e/ou pela repetição de palavras semelhantes.
- 2,0:** O texto revela domínio do padrão culto da língua, uma vez que respeita as estruturas sintáticas e apresenta desvios gramaticais pontuais que prejudicam pouco a leitura do texto. Ainda que haja problemas de pontuação, acentuação e grafia, por exemplo, não são recorrentes e nem graves a ponto de prejudicar o entendimento de partes do texto ou a fluidez da leitura. Há repetição branda de palavras e imprecisão específica de vocabulário. É possível aprimorar a maneira de expor as ideias por meio de uma escolha mais refinada de vocábulos e construções sintáticas. Percebe-se a tentativa de refino vocabular, porém com imprecisão na seleção de termos.
- 2,5:** Texto com bom domínio do padrão culto da língua e raros desvios gramaticais que não interferem na leitura. Há repetição de palavras ou imprecisão vocabular, mas em pouquíssima quantidade. É possível perceber a intenção de refino do vocabulário por meio da variedade e precisão vocabular e/ou no uso de construções sintáticas variadas.
- 3,0:** Texto com domínio pleno, autoral e/ou inventivo dos recursos linguísticos e do padrão culto da língua. Não há desvios gramaticais. A seleção vocabular e as construções sintáticas revelam originalidade. Os recursos linguísticos demonstram propriedade e capacidade em expor bem ideias com poucas palavras.

A aplicação em um texto

Unesp 2017

Tema: A riqueza de poucos beneficia a sociedade inteira?

Alegria de poucos

A livre competição no mercado mostra-se como um pilar essencial para o sistema capitalista. Assim, como consequência, a riqueza e os meios de produção tendem a ser propriedade de uma pequena parcela da sociedade. Dessa forma, em uma cultura marcada pela visão ampla de um lucro cada vez maior, a desigualdade na distribuição de renda entende-se como necessária. E, portanto, o indivíduo tem propensão a ser explorado para que poucos - realmente - se beneficiem.

Em "entende-se como necessária", é possível que a autora tenha tentado dizer que "é entendida como necessária pelo senso comum". Pela forma como a expressão foi colocada, temos a impressão de que a tese poderia ser contrária ao que realmente é. Caso a leitura seja dificultosa neste ponto, é possível que a coerência fique minimamente prejudicada (item B).

Por isso, quando acumular capital torna-se objetivo principal, o investimento em marketing amplia-se. Ou seja, os chefes das empresas, por visarem o (ao) aumento de suas riquezas, procuram maneiras de tornar seu produto desejável - mesmo com preços altos. Fazendo uso de propagandas que apresentem para o consumidor que a felicidade provém da aquisição de um objeto ou de uma comida, os empresários passam a manipular os cidadãos por meio da compra constante. A propaganda da rede Pão de Açúcar, ao criar o logo slogan "Lugar de gente feliz", evidencia a influência criada para gerar consumo.

Ainda, em conjunto com a ampliação de propagandas, quando a ideia do lucro maior prevalece, o indivíduo tende a ser explorado. Logo, além da influência sobre o aumento das aquisições, os donos de corporações, em grande parte, não concedem todos os direitos trabalhistas aos seus funcionários.

A fim de manter a elevação do acúmulo de dinheiro, os chefes ~~tem~~(têm) propensão a pagar menos pelo trabalho do empregado, aumentar as cargas horárias e, também, não conceder 13º salário e férias remuneradas. Desse modo, a riqueza de pequena fração das pessoas passa a prejudicar, majoritariamente, o restante da sociedade.

Neste ponto, como se trata de algo que burla a lei em vigência no momento da redação, deve-se tomar cuidado com a possibilidade de comprovação do que se afirma. Tudo que é afirmado deve ser seguido de possibilidades de comprovação no mundo real. Há, então, um problema de argumentação (item A). Além disso, os desvios gramaticais e ortográficos apontados no corpo do texto levam a descontos no item C.

À vista disso, a tendência que o lucro ~~maior~~ possui é aumentar, visto que os meios para tal acontecimento são diversos. Dessa forma, a riqueza que pequena parcela da população possui prejudica o restante da sociedade de diversas maneiras e, também, a manipulação desta torna-se frequente. Assim, a desigualdade de renda e a exploração dos trabalhadores tendem a contribuir para que a manutenção do sistema vigente seja efetiva.

Natália Olim Martins

Notas:

- A: 3,0:** O texto configura-se como uma dissertação argumentativa, e há o desenvolvimento de muitas das afirmações apresentadas. O texto atende ao tema proposto, e, além de demonstrar boa interpretação da coletânea, o aluno traz elementos que a extrapolam, demonstrando também compreender algumas relações entre o tema e seu próprio conhecimento de mundo. Tese bem-construída e amadurecida, com senso crítico.
- B: 2,5:** Texto que articula bem palavras, frases e parágrafos, que demonstra propriedade e segurança na escolha dos elementos coesivos e que propõe relações semânticas maduras. No interior dos parágrafos, as conclusões são verossímeis e apropriadas, refletindo uma percepção sofisticada das relações com que se trabalha. A conclusão é uma reflexão que se abre nas entrelinhas da argumentação, mas se concretiza apenas no fim do raciocínio sem prejuízo para a plena compreensão do que se pretende.

C: 2,5: Texto com bom domínio do padrão culto da língua e raros desvios gramaticais que não interferem na leitura. Há repetição de palavras ou imprecisão vocabular, mas em pouquíssima quantidade. É possível perceber a intenção de refino do vocabulário por meio da variedade e precisão vocabular e/ou no uso de construções sintáticas variadas.

Nota da banca oficial: 8,2

Dúvidas frequentes

Mesmo com tudo detalhado, ainda há algumas dúvidas que podem nos pegar de surpresa:



Sobre utilizar a primeira pessoa, há 3 possibilidades:

- **Uso da primeira pessoa do singular:** há bancas que aceitam seu uso caso a redação tenha uma argumentação muito boa, mas a maior parte das bancas zera o texto. Dessa forma, é melhor evitar.
- **Uso de primeira pessoa do plural que necessariamente inclui o leitor:** em construções como "vivemos em uma sociedade capitalista", o leitor necessariamente está incluído, já que nossas noções de "leitor universal" são limitadas a pessoas que vivem na nossa cultura. Portanto, costuma ser liberado pela maior parte das bancas examinadoras, mas vale consultar o manual para ter certeza.
- **Uso de primeira pessoa do plural que não necessariamente inclui o leitor:** quando escrevemos "somos protetores dos animais", por exemplo, corremos o risco de o leitor pensar: "Nós quem?". Isso pode afetar um pouco a credibilidade da argumentação, logo seu uso não é recomendado.

O título é um elemento da dissertação clássica. A recomendação é que esteja sempre presente, pois poderá ser descontado algum ponto da nota caso essa exigência esteja explícita na proposta e o candidato não obedeça.

Em relação ao uso da coletânea, vale a seguinte regra: não é permitida sua cópia nem é recomendável parafraseá-la, mas deve-se utilizar suas informações na maior parte das provas.

Já no que diz respeito aos palavrões, às vezes queremos nos valer de um trecho de música que traz alguma palavra considerada inapropriada. Nesse caso, a melhor sugestão é substituir o termo por sua letra inicial seguida de ponto final (exemplos: "p.", "b.", "c."). Fora do uso literário, é melhor evitar.

PARA PRATICAR

Corrija as redações a seguir, observando os critérios adotados neste capítulo. Lembre-se de justificar cada trecho e apontar seus respectivos problemas de acordo com os itens da grade.

Texto 1

Tema: A internet e o excesso de informações

A verdadeira mentira

Desde o começo do processo de globalização e durante seu avanço, a população mundial vivencia uma brutal era de transformações informacionais. Devido à necessidade de acesso imediato ao conhecimento são criados diversos meios de obtê-lo com mais facilidade, mas o excesso de informação que chega aos indivíduos não garante qualidade. Dessa forma, a responsabilidade pela veracidade dos dados é tanto do usuário quanto do anunciante.

A função de refletir e debater o texto é de quem o lê. Muitas vezes uma notícia falsa é compartilhada repetidamente e, como parte dos leitores não discute o tema ou procura saber se é verídico, ela pode gerar uma fatalidade. Um exemplo foi o caso de uma mulher que foi morta pelos moradores de um bairro no Guarujá porque foi publicado no jornal local que ela sequestrava crianças. Pela repercussão que a notícia teve, muitos acreditaram mesmo sem conhecer a moça ou procurar outras vias de informação. Assim, a capacidade de perceber se uma informação é verdadeira torna-se essencial.

Entretanto, quem transmite as notícias deve ter conhecimento sobre o assunto. Textos que trazem dados concretos ou descobertas científicas são mais confiáveis que os baseados em opinião própria ou senso comum. A carta aberta ao Brasil, do americano Mark Manson, criticava o brasileiro e apontava que o fator principal que originou a crise era a cultura do país. No entanto, o texto não apresentava pesquisas que sustentassem ou comprovassem os argumentos colocados. Por isso a pessoa que escreve deve verificar se o texto condiz com a realidade.

Portanto, as novas formas de se obter dados são necessárias, mas é preciso também que os seres humanos criem um senso crítico. Como consequência, o transmissor precisa se certificar ao escrever um texto que tenha como base elementos concretos. Visto isso, existirá certa harmonia entre notícia e telespectador.

Natália Olim Martins

Texto 2

Tema: Linguagem e mito

Linguagem, mitos e seus caminhos opostos

Datado da Pré-história, mito e linguagem estão vinculados. Ambos surgiram da necessidade humana de dar sentido à realidade e possuem numerosas formas representativas. Dessa forma, os dois possuem a mesma utilidade, mas enquanto o mito se funda nas emoções e afetividade, a linguagem acompanha os avanços da humanidade.

As alegorias surgiram para explicar os fenômenos. Assim, elas são representadas por meio de histórias nas quais existe a exaltação do sentimento.

O mito grego da deusa da agricultura Deméter explica o porquê de haver três meses de infertilidade. Quando sua filha, Perséfone, se apaixona por Hades e vai morar com ele no inferno, Deméter desiste de ajudar a humanidade com o plantio, mas após um acordo ela pode ver sua filha durante o período de gestação e ajudar os homens nesse mesmo tempo. Portanto, nas crenças predominam as relações afetivas.

O dialeto é o modo de comunicação humana e varia de acordo com a sua necessidade. Assim sendo, desenvolvimento e comunicação andam lado a lado. Na linguagem da moda, por exemplo, é visível a constante mudança no vestuário, como o uso dos espartilhos que, ao longo do tempo, foi substituído pelo sutiã. Desta maneira, os signos sofrem frequentes oscilações, acompanhando o progresso humano.

Diante disso, é evidente que os dois possuem o mesmo princípio. Todavia, as lendas têm um lado que apela para o sentimento. Já a língua adquiriu um caráter científico e mutável. Por isso, é visível a mesma base para eles, mas com o passar do tempo cada um se desprende, tornando-se membro independente.

Natália Olim Martins

Texto 3

Tema: Espionagem no contexto da globalização

Espionagem: malsucedida e duplo foco

A espionagem tornou-se corriqueira durante as 1ª e 2ª Guerras Mundiais e a digital, durante a Guerra Fria. No entanto, nos presentes dias, as formas de controle dos dados e o modo como são obtidos vem causando problemas entre quem vigia e quem é vigiado. Dessa forma, a vigilância das informações não tem sucesso ou seu foco é desviado, interferindo nas relações entre as nações.

Uma justificativa para a monitoração de informações é a proteção de um país. Fazendo uso disso, os líderes políticos teriam como precaver tentativas de atentados, assaltos em grande escala e até a corrupção. Assim, logo após o ataque às Torres Gêmeas, no dia 11 de Setembro de 2001, foi decretado o fim das leis contra a espionagem nos Estados Unidos com a finalidade de prevenir o terrorismo. Porém, o recente ataque à Maratona de Boston em 2013 – onde duas bombas explodiram, ferindo 264 pessoas e causando a morte de 3 – mostra que a fiscalização norte americana não possui a eficiência esperada.

Atualmente, os países têm monitorado (muitos ilegalmente) uns aos outros. Entretanto, o conteúdo obtido pode gerar desconforto visto que ele é, em sua maioria, privado. Quando veio a público que telefonemas, e-mails e mensagens da presidente Dilma Rousseff haviam sido interceptados pela Agência de Segurança Nacional (NSA), administrada por Barack Obama, houve grande repúdio da opinião pública porque o Brasil era visto como prejudicial aos EUA. Por consequência, isto mostra que a espionagem, não só estadunidense, mudou seu rumo preventivo para econômico-político.

Dessa maneira, apesar da vigilância ter como princípio proteger uma nação é possível observar a ineficiência dos sistemas operacionais atuais. Ainda, os estados vêm priorizando as estratégias políticas em nome de seus próprios benefícios. Visto isso, as alianças são ignoradas e causam sérios problemas e rupturas nas relações sociais, política e econômica.

Natália Olim Martins

Texto complementar

Entenda como é feita a correção das questões e da redação do Enem

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) divulgará o gabarito oficial do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) no dia 16 de novembro. A correção é feita usando a metodologia da Teoria de Resposta ao Item (TRI), em que o valor de cada questão varia conforme o percentual de acertos e erros dos estudantes naquele item.

Dessa forma, um item em que grande número dos candidatos acertaram a resposta será considerado fácil e, por essa razão, valerá menos pontos. Já o estudante que acertar uma questão com alto índice de erros ganhará mais pontos por aquele item.

Por isso, não é possível calcular a nota final apenas contabilizando o número de erros e acertos em cada uma das provas. Se dois candidatos acertam o mesmo número de questões, não significa que terão a mesma pontuação. O estudante só tem como saber a nota final no Enem quando o resultado sair.

A correção é feita por meio de um sistema de reconhecimento, no qual a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e a Cesgranrio extraem os dados com as respostas das questões objetivas de cada participante, durante a etapa de digitalização. Por isso, é imprescindível que o preenchimento do cartão-resposta tenha sido realizado com caneta esferográfica de tinta preta. O mesmo vale para a folha de redação. Os rascunhos e as marcações assinaladas nos cadernos de questões não serão considerados para fins de correção.

O processo de correção é feito tanto pela Cesgranrio quanto pelo Inep, para conferência. As redações são corrigidas pela Fundação para Vestibular da Universidade Estadual Paulista (Vunesp). O Inep, já com as notas da redação repassadas pela Vunesp e os resultados das questões objetivas, processa o resultado, dando origem ao Boletim de Desempenho, que será disponibilizado aos participantes em 19 de janeiro de 2018.

Redação

O texto produzido na redação do Enem é corrigido por pelo menos dois avaliadores, de forma independente, sem que um conheça a nota atribuída pelo outro. Esses dois professores avaliam o desempenho do participante de acordo com as cinco competências exigidas na redação.

Cada avaliador atribuirá uma nota entre 0 e 200 pontos para cada uma das cinco competências, e a soma desses pontos comporá a nota total de cada avaliador, que pode chegar a 1.000 pontos. A nota final do participante será a média aritmética das notas totais atribuídas pelos dois avaliadores.

Se entre as notas dadas pelos dois corretores houver diferença superior a 100 pontos (no somatório geral) ou de mais de 80 pontos em qualquer uma das cinco competências, a redação segue para um terceiro avaliador. No caso de a discrepância continuar depois da terceira avaliação, a redação será corrigida por uma banca com três professores, que vai dar a nota final.

A redação receberá nota zero se apresentar características como fuga total ao tema, texto com menos de sete linhas, não obediência à estrutura dissertativo-argumentativa, cópia integral de textos motivadores da proposta, impropérios, e se a folha de redação for entregue em branco.

[...] a presidente do Supremo Tribunal Federal, ministra Cármen Lúcia, decidiu manter a decisão do Tribunal Regional Federal da 1ª Região que determinou a suspensão da regra que previa a anulação da redação que violasse os direitos humanos. Apesar disso, a competência cinco, que vale 200 pontos, determina que a redação deve ter uma proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos. Esse item não foi modificado pela decisão judicial.

O título é opcional na produção da redação e será considerado como linha escrita. Porém, o título não será avaliado em nenhum aspecto relacionado às competências da matriz de referência.

Sabrina Craide. "Entenda como é feita a correção das questões e da redação do Enem". *Agência Brasil*, 5 nov. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-11/entenda-como-e-feita-correcao-das-questoes-e-da-redacao-do-enem>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

■ Quer saber mais?



Livro

- O livro *Modernidade Líquida*, de Zigmunt Bauman, traz o olhar do ensaísta polonês a respeito das questões sociais contemporâneas.

RESUMO teórico

GRADES DE CORREÇÃO I: DISSERTAÇÃO CLÁSSICA

Os critérios avaliados são:

Desenvolvimento do tema e organização do texto dissertativo-argumentativo

Coerência dos argumentos e articulação das partes do texto

Correção gramatical e adequação vocabular

O que é relevante na correção do texto

Assunto e tema

Gênero textual

Tese: argumentos, defesa do ponto de vista, escolha lexical

Domínio da norma culta

Coesão e coerência

Capítulo 27

Grades de correção II: Enem



devenancei.gov/f56c4p10no.com

Os critérios de correção apontam caminhos, e, quando um desses critérios é a famosa proposta de intervenção, nosso pensamento já se volta para questões relacionadas à sociedade e aos direitos humanos. O Enem, como veremos, é uma prova que almeja candidatos cidadãos, cientes de sua presença no mundo e de seus papéis enquanto seres políticos.

A prova do Enem segundo o Inep

Até hoje, ano a ano, aprendeu-se muito sobre a prova de redação do Enem. A banca organizadora sempre se preocupou em detalhar o que seria exigido no exame e em divulgar seus elementos de avaliação. Por ser uma prova de abrangência nacional, expor os critérios e explicá-los também se torna importante para proporcionar homogeneidade e transparência em sua correção. Assim, muito do que analisaremos neste capítulo foi divulgado no próprio site do Inep, órgão responsável pelo exame.

Vejamos, a seguir, um trecho da Cartilha do Participante de 2016:

“A prova de redação exigirá de você a produção de um texto em prosa¹, do tipo dissertativo-argumentativo², sobre um tema de ordem social, científica, cultural ou política³. Os aspectos a serem avaliados relacionam-se às competências que devem ter sido desenvolvidas durante os anos de escolaridade⁴. Nessa redação, você deverá defender uma tese⁵ – uma opinião a respeito do tema proposto –, apoiada em argumentos consistentes⁶, estruturados com coerência e coesão⁷, formando uma unidade textual⁸. Seu texto deverá ser redigido de acordo com a modalidade escrita formal da Língua Portuguesa⁹. Por fim, você deverá elaborar uma proposta de intervenção social¹⁰ para o problema apresentado no desenvolvimento do texto que respeite os direitos humanos¹¹.”

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Redação no Enem 2016: cartilha do participante*. Brasília, DF: MEC/INEP, 2016. p. 7.

A partir do trecho apresentado, destacamos os 11 principais elementos a serem comentados em relação ao Enem. Todos eles já foram trabalhados em capítulos anteriores e serão revisados aqui.

1 Um texto em prosa é todo tipo de texto que não está em verso, ou seja, que tem parágrafos e sequências sintáticas. Todos os vestibulares pedem textos em prosa porque é por meio deles que se torna possível avaliar o uso dos mais diversos mecanismos linguísticos.

2 O texto dissertativo-argumentativo foi estudado nos primeiros capítulos. É um tipo de produção textual que precisa de argumentação para existir, sendo constituído pela exposição de ideias e também pela defesa de um ponto de vista baseado nessa exposição. Não basta, portanto, fazer uma lista de informações a respeito do tema.

3 Os temas do Enem, segundo o manual, podem ser de quatro diferentes ordens, o que nos ajuda a delimitar as possibilidades da prova:

- Social – desigualdade, publicidade infantil, convivência em grupo etc.
- Científica – redes sociais, internet, avanços tecnológicos em geral etc.
- Cultural – racismo, machismo, xenofobia, intolerância religiosa etc.
- Política – política representativa, participação política, corrupção etc.

4 O conteúdo que será cobrado deve fazer parte do desenvolvimento do aluno durante os anos de escolaridade, isto é, fica claro que não é esperado que o candidato traga para o texto referências excessivamente complexas ou que exijam algum conhecimento de nível acadêmico mais alto.

- 5 A exigência de uma tese, o norteador de todo o nosso estudo a respeito de dissertação, está explicitada no manual. É necessário, portanto, posicionar-se.
- 6 Por “argumentos consistentes”, entende-se que se refere à expansão da tese, à explicação dos caminhos que nos levam a defender um ou outro ponto de vista. Verificar o uso do parágrafo-padrão é uma boa saída para a revisão do rascunho.
- 7 Coerência e coesão são os elementos que garantem a verossimilhança e a continuidade do que se escreve. Ou seja, ao observarmos o texto, pode-se afirmar que suas colocações têm fundamento? Além disso, elas fazem sentido e se relacionam? O texto apresenta progressão na construção de ideias? Esses questionamentos são importantes para percebermos a clareza e a sequenciação na escrita.
- 8 A unidade textual está bastante ligada à coerência e à coesão. É a ideia de abordar o mesmo tema com o mesmo olhar do começo ao fim, do texto, para que ele não pareça estar dividido em blocos estanques.
- 9 Modalidade formal da Língua Portuguesa é a norma culta, aquilo que as gramáticas estabeleceram como padrão.
- 10 Proposta de intervenção são possíveis soluções que propomos ao problema central. O capítulo sobre conclusões traz alguns exemplos.
- 11 O respeito aos direitos humanos é a base da prova do Enem. Esse critério não desclassifica o candidato automaticamente, mas pode penalizá-lo em até 200 pontos na prova, caso proponha qualquer forma de desrespeito em sua produção textual.

Saiba mais



A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi elaborada por representantes de diferentes regiões do mundo e proclamada pela Assembleia Geral da ONU em 1948. Ela estabelece, pela primeira vez, a proteção universal dos direitos humanos. Está disponível em: <<https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/>>. Acesso em: 14 nov. 2017.



A estrutura básica do Enem pode ser resumida pelo seguinte esquema:



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Redação no Enem 2016: cartilha do participante*. Brasília, DF: MEC/INEP, 2016. p. 7.

Atenção!

O esquema proposto pelo Inep não difere em nada da estrutura básica que estudamos até aqui. Os elementos “tese” e “argumentos”, por exemplo, podem ser revisados em capítulos anteriores.

As competências

Os critérios do Enem são conhecidos como “competências” e são os seguintes:

Competência 1	<i>Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa.</i>
Competência 2	<i>Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.</i>
Competência 3	<i>Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.</i>
Competência 4	<i>Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.</i>
Competência 5	<i>Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.</i>

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Redação no Enem 2016: cartilha do participante*. Brasília, DF: MEC/INEP, 2016. p. 8.

Vamos analisar detalhadamente cada competência.

Competência 1

Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa

A primeira competência a ser avaliada em seu texto é o domínio da modalidade escrita formal da língua. Você já aprendeu que as pessoas não escrevem e falam do mesmo modo, uma vez que são processos diferentes, cada qual com características próprias. Na escrita formal, por exemplo, deve-se evitar, ao relacionar ideias, o emprego repetido de palavras como “e”, “ai”, “daí”, “então”, próprias de um uso mais informal. Por isso, para atender a essa exigência, você precisa ter consciência da distinção entre a modalidade escrita e a oral, bem como entre registro formal e informal. Outra diferença entre as duas modalidades diz respeito à constituição das frases. No registro informal, elas são muitas vezes fragmentadas, já que os interlocutores podem complementar as informações com o contexto em que a interação ocorre, mas, no registro escrito formal, em que esse contexto não está presente, as informações precisam estar completas nas frases. A entoação, recurso expressivo importante da oralidade, e as pausas, que conferem coerência ao texto, são muitas vezes marcadas, na escrita, pelos sinais de pontuação. Assim, as regras de pontuação assumem também essa função de organização do texto.

Na redação do seu texto, você deve procurar ser claro, objetivo, direto; empregar um vocabulário mais variado e preciso, diferente do que utiliza quando fala; e seguir as regras prescritas pela modalidade escrita formal da Língua Portuguesa. [...]

Os quadros a seguir apresentam os seis níveis de desempenho que serão utilizados para avaliar a Competência 1 nas redações do Enem 2016.

200 pontos	<i>Demonstra excelente domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro. Desvios gramaticais ou de convenções da escrita serão aceitos somente como excepcionalidade e quando não caracterizarem reincidência.</i>
160 pontos	<i>Demonstra bom domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro, com poucos desvios gramaticais e de convenções da escrita.</i>
120 pontos	<i>Demonstra domínio mediano da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro, com alguns desvios gramaticais e de convenções da escrita.</i>
80 pontos	<i>Demonstra domínio insuficiente da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa, com muitos desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita.</i>
40 pontos	<i>Demonstra domínio precário da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa, de forma sistemática, com diversificados e frequentes desvios gramaticais, de escolha de registro e de convenções da escrita.</i>
0 ponto	<i>Demonstra desconhecimento da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa.</i>

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Redação no Enem 2016: cartilha do participante*. Brasília, DF: MEC/INEP, 2016. p. 13-4.

Competência 2

Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa

O segundo aspecto a ser avaliado em seu texto é a compreensão da proposta de redação. Ela exige que o participante escreva um texto dissertativo-argumentativo, que é o tipo de texto que demonstra a verdade de uma ideia ou tese. É mais do que uma simples exposição de ideias. Nessa redação, o participante deve evitar elaborar um texto de caráter apenas expositivo. É preciso apresentar um texto que expõe um aspecto relacionado ao tema, defendendo uma posição, uma tese. É dessa forma que se atende às exigências expressas pela competência 2 da Matriz de Avaliação do Enem. O tema constitui o núcleo das ideias sobre as quais a tese se organiza. Em âmbito mais abrangente, o assunto recebe uma delimitação por meio do tema, ou seja, um assunto pode ser abordado por diferentes temas. [...]

A sua redação atenderá às exigências de elaboração de um texto dissertativo-argumentativo se combinar os dois princípios de estruturação:

- I. Apresentar uma tese, desenvolver justificativas para comprová-la e uma conclusão que dê fecho à discussão elaborada no texto, compondo o processo argumentativo.

TESE – É a ideia que você vai defender no seu texto. Ela deve estar relacionada ao tema e deve estar apoiada em argumentos ao longo da redação.

ARGUMENTOS – É a justificativa para convencer o leitor a concordar com a tese defendida. Cada argumento deve responder à pergunta “por quê?” em relação à tese defendida.

- II. Utilizar estratégias argumentativas para expor o problema discutido no texto e detalhar os argumentos utilizados.

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS – São recursos utilizados para desenvolver os argumentos, de modo a convencer o leitor:

- exemplos;
- dados estatísticos;
- pesquisas;
- fatos comprováveis;
- citações ou depoimentos de pessoas especializadas no assunto;
- pequenas narrativas ilustrativas;
- alusões históricas; e
- comparações entre fatos, situações, épocas ou lugares distintos. [...]

Os quadros a seguir apresentam os seis níveis de desempenho que serão utilizados para avaliar a Competência 2 nas redações do Enem 2016.

200 pontos	Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente, a partir de um repertório sociocultural produtivo e apresenta excelente domínio do texto dissertativo-argumentativo.
160 pontos	Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente e apresenta bom domínio do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão.
120 pontos	Desenvolve o tema por meio de argumentação previsível e apresenta domínio mediano do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão.

80 pontos	<i>Desenvolve o tema recorrendo à cópia de trechos dos textos motivadores ou apresenta domínio insuficiente do texto dissertativo-argumentativo, não atendendo à estrutura com proposição, argumentação e conclusão.</i>
40 pontos	<i>Apresenta o assunto, tangenciando o tema, ou demonstra domínio precário do texto dissertativo-argumentativo, com traços constantes de outros tipos textuais.</i>
0 ponto	<i>Fuga ao tema/não atendimento à estrutura dissertativo-argumentativa. (Nestes casos a redação recebe nota 0 (zero) e é anulada.)</i>

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Redação no Enem 2016: cartilha do participante*. Brasília, DF: MEC/INEP, 2016. p. 15 e 19-20.

Competência 3

Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista

O terceiro aspecto a ser avaliado em seu texto é a forma como você, em seu texto, seleciona, relaciona, organiza e interpreta informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa do ponto de vista defendido como tese. É preciso elaborar um texto que apresente, claramente, uma ideia a ser defendida e argumentos que justifiquem a posição assumida por você em relação à temática da proposta de redação. Essa competência trata da inteligibilidade do seu texto, ou seja, de sua coerência, da plausibilidade entre as ideias apresentadas. [...]

Os quadros a seguir apresentam os seis níveis de desempenho que serão utilizados para avaliar a Competência 3 nas redações do Enem 2016.

200 pontos	<i>Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema proposto, de forma consistente e organizada, configurando autoria, em defesa de um ponto de vista.</i>
160 pontos	<i>Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, de forma organizada, com indícios de autoria, em defesa de um ponto de vista.</i>
120 pontos	<i>Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, limitados aos argumentos dos textos motivadores e pouco organizados, em defesa de um ponto de vista.</i>
80 pontos	<i>Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, mas desorganizados ou contraditórios e limitados aos argumentos dos textos motivadores, em defesa de um ponto de vista.</i>
40 pontos	<i>Apresenta informações, fatos e opiniões pouco relacionados ao tema ou incoerentes e sem defesa de um ponto de vista.</i>
0 ponto	<i>Apresenta informações, fatos e opiniões não relacionados ao tema e sem defesa de um ponto de vista.</i>

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Redação no Enem 2016: cartilha do participante*. Brasília, DF: MEC/INEP, 2016. p. 20-2.

Competência 4

Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação

Os aspectos a serem avaliados nesta competência dizem respeito à estruturação lógica e formal entre as partes da redação. A organização textual exige que as frases e os parágrafos estabeleçam entre si uma relação que garanta a sequenciação coerente do texto e a interdependência das ideias. Esse encaideamento pode ser expresso por conjunções, por determinadas palavras, ou pode ser inferido a partir da articulação dessas ideias. Preposições, conjunções, advérbios e locuções adverbiais são responsáveis pela coesão do texto, porque estabelecem inter-relação de orações, frases e parágrafos. Cada parágrafo será composto de um ou mais períodos também articulados; cada ideia nova precisa estabelecer relação com as anteriores. Assim, na produção da sua redação, você deve utilizar variados recursos linguísticos que garantam as relações de continuidade essenciais à elaboração de um texto coeso. [...]

Os quadros a seguir apresentam os seis níveis de desempenho que serão utilizados para avaliar a Competência 4 nas redações do Enem 2016.

200 pontos	Articula bem as partes do texto e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos.
160 pontos	Articula as partes do texto com poucas inadequações e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos.
120 pontos	Articula as partes do texto, de forma mediana, com inadequações, e apresenta repertório pouco diversificado de recursos coesivos.
80 pontos	Articula as partes do texto, de forma insuficiente, com muitas inadequações e apresenta repertório limitado de recursos coesivos.
40 pontos	Articula as partes do texto de forma precária.
0 ponto	Não articula as informações.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Redação no Enem 2016: cartilha do participante*. Brasília, DF: MEC/INEP, 2016. p. 22 e 24.

Competência 5

Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos

O quinto aspecto a ser avaliado em seu texto é a apresentação de proposta de intervenção para o problema abordado. Por isso, a sua redação, além de apresentar uma tese sobre o tema, apoiada em argumentos consistentes, deve oferecer uma proposta de intervenção na vida social. Essa proposta deve considerar os pontos abordados na argumentação. A proposta deve manter um vínculo direto com a tese desenvolvida no texto e demonstrar coerência com os argumentos utilizados, já que expressa a sua visão, como autor, das possíveis soluções para a questão discutida.

A proposta de intervenção precisa ser detalhada; deve conter, portanto, a exposição da intervenção sugerida e o detalhamento dos meios para realizá-la. Deve refletir os conhecimentos de mundo de quem a redige, de modo que a coerência da argumentação será um dos aspectos decisivos no processo de avaliação. É necessário respeitar os direitos humanos, não romper com valores como cidadania, liberdade, solidariedade e diversidade cultural. [...]

Ao redigir seu texto, procure evitar propostas vagas, gerais; busque propostas mais concretas, específicas, consistentes com o desenvolvimento de suas ideias. Antes de elaborar sua proposta, procure responder às seguintes perguntas: O que é possível apresentar como proposta de intervenção na vida social? Como viabilizar essa proposta?

Seu texto será avaliado, portanto, com base na combinação dos seguintes critérios:

- a. *presença de proposta x ausência de proposta; e*
- b. *proposta com detalhamento dos meios para sua realização x proposta sem o detalhamento dos meios para sua realização.*

Os quadros a seguir apresentam os seis níveis de desempenho que serão utilizados para avaliar a Competência 5 nas redações do Enem 2016.

200 pontos	<i>Elabora muito bem proposta de intervenção, de forma detalhada, relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.</i>
160 pontos	<i>Elabora bem proposta de intervenção relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.</i>
120 pontos	<i>Elabora, de forma mediana, proposta de intervenção relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.</i>
80 pontos	<i>Elabora, de forma insuficiente, proposta de intervenção relacionada ao tema, ou proposta não articulada com a discussão desenvolvida no texto.</i>
40 pontos	<i>Apresenta proposta de intervenção vaga ou apenas citada, precária ou relacionada apenas ao assunto.</i>
0 ponto	<i>Não apresenta proposta de intervenção ou apresenta proposta não relacionada ao tema ou ao assunto.</i>

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Redação no Enem 2016: cartilha do participante*. Brasília, DF: MEC/INEP, 2016. p. 24-5.

Análise de redação

A diversidade não tolerada

A liberdade religiosa é um direito garantido pela Constituição de 1988 do Brasil. Entretanto, a intolerância religiosa ainda é um problema no território nacional. Assim, fiéis são ~~vítimas~~ vítimas de violência constantemente, e algumas religiões são as mais perseguidas.

A introdução nos apresenta um texto dentro do tema proposto e aponta para um problema, o que já é bastante interessante quando se trata de Enem. O cuidado principal precisa ser com a tese, já que ela pode desencadear um desenvolvimento com poucos argumentos.

A extensão do território brasileiro faz com que tenham (o verbo "tenham" não tem um sujeito explícito, o que dificulta a compreensão. O problema é de concordância) muitos costumes, culturas e religiões diferentes. O fato de uma pessoa acreditar que a sua religião é melhor que as outras faz com que a intolerância exista. É impossível que em um país tão diversificado ~~existem~~ exista uma só religião.

O parágrafo traz algumas afirmações sem que haja argumentação para comprová-las. Como chegamos, por exemplo, à existência da intolerância a partir do fato de que há quem creia que sua religião é melhor que a dos outros? Esse caminho, ainda que óbvio para muitos, precisa ser feito com cuidado.

As religiões afro-brasileiras como a Umbanda, (não há vírgula aqui) são as mais perseguidas, os seus fiéis são as principais vítimas de ataques. A Constituição ~~prevê~~ prevê a liberdade de expressão, que permite críticas, mas a liberdade de um acaba quando a dignidade de outro é ferida, então ela vira crime. A laicidade do Estado tem que ser garantida, assim como a dignidade de cada cidadão do país, que deve ter o direito de seguir a religião que quiser. (O "que deve ter o direito" é ambíguo. Quem deve ter o direito? O país ou cada cidadão do país?)

No D1, há uma sequência de informações e pouca defesa de algo. É preciso atentar também para os vários problemas sintáticos que dificultam o acesso à ideia central. Além disso, até aqui não há referências externas, o que prejudica a Competência 2.

Há aqui apenas fatos, pouco se defende. Mais uma vez, esse planejamento precisa ser feito na elaboração da tese.

Uma intervenção nas escolas, mostrar para os alunos que a religião não define caráter, é uma forma de educar as crianças para que elas não se tornem futuros intolerantes. (Período sintaticamente confuso) O Estado já garantiu uma lei que protege os religiosos, mas tem que ser levado com mais vigor. (A expressão "ser levado com mais vigor" é vaga e traz problemas de concordância) A laicidade é um direito dos cidadãos, ela tem que ser protegida por eles e pelo Estado.

A proposta de intervenção é pouco detalhada e acaba, portanto, vaga demais. Para aprimorá-la, é necessário articular os agentes ao que foi exposto no corpo do texto e especificar mais suas ações.

Luisa Alexia Verillo Viger

Competência 1	160 pontos	Demonstra bom domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro, com poucos desvios gramaticais e de convenções da escrita.
Competência 2	120 pontos	Desenvolve o tema por meio de argumentação previsível e apresenta domínio mediano do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão.
Competência 3	160 pontos	Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, de forma organizada, com indícios de autoria, em defesa de um ponto de vista.
Competência 4	200 pontos	Articula bem as partes do texto e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos.
Competência 5	80 pontos	Elabora, de forma insuficiente, proposta de intervenção relacionada ao tema, ou proposta não articulada com a discussão desenvolvida no texto.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Redação no Enem 2016: cartilha do participante*. Brasília, DF: MEC/INEP, 2016. p. 14.

O acolhimento plano de todas as crianças, no entanto, é inviável, mas deve-se organizar mecanismos para evitar o maior número de conflitos. A predominância de uma religião, o surgimento de outra são fatos que devem ser previstos, de acordo com a autodeterminação individual a escolha da crença.

Se, como em "Capitães da Areia", a superioridade de uma religiosidade em relação as outras é explicitamente tida como verdadeira, o Estado e outros segmentos sociais devem intervir. Medidas preventivas como ensino religioso visando ao conhecimento da diversidade, desde o Ensino Infantil ao Fundamental I e atos Públicos como exposições, visitas a templos de religiões diversas são fundamentais à coexistência pacífica. O incremento das ferramentas de denúncia, como um maior rigor na lei em caso de reincidência, pode reduzir o número de infrações caso seja acompanhado por cursos e avaliações em relação ao respeito à diversidade.

Marcelo Kenzo Naya Takahashi

Competência	Pontuação	Descrição
Competência 1		
Competência 2		
Competência 3		
Competência 4		
Competência 5		

Competência	Pontuação	Descrição
Competência 2		
Competência 3		
Competência 4		
Competência 5		

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Uefs 2016

Textos Motivadores

Texto 1

Um estudo divulgado nesta segunda-feira, 19, pela ONG britânica Oxfam afirma que, em 2016, as 37 milhões de pessoas que compõem o 1% mais rico da população mundial terão mais dinheiro do que os outros 99% juntos. O relatório tem o objetivo de influenciar as discussões a serem travadas no Fórum Econômico Mundial (FEM), que reúne os ricos e poderosos no resort suíço de Davos entre 21 e 24 de janeiro. No estudo divulgado, a Oxfam extrapolou os dados para o futuro e indica que, em 2016, o 1% mais rico terá mais de 50% dos bens e patrimônios existentes no mundo. "Nós realmente queremos viver em um mundo no qual o 1% tem mais do que nós todos juntos?", questionou Winnie Byanyima, diretora-executiva da Oxfam e copresidente do Fórum Econômico Mundial.

A diretora da Oxfam lembra que, há algum tempo, os que se preocupavam com a desigualdade eram acusados de ter "inveja", mas que apenas em 2014 algumas personalidades, como o papa Francisco, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, e a diretora do Fundo Monetário Internacional (FMI), Christine Lagarde, manifestaram preocupação com a desigualdade social. "O crescente consenso: se não controlada, a desigualdade econômica vai fazer regredir a luta contra a pobreza e ameaçará a estabilidade global", afirma.

"OXFAM: Em 2016, 1% mais ricos terão mais dinheiro que o resto do mundo". Disponível em: <www.cartacapital.com.br/economia/oxfam-em-2016-1-mais-ricos-terao-mais-dinheiro-que-resto-do-mundo-8807.html>. Acesso em: 26 jan. 2016.

Texto 2

O relatório lembra que a pirâmide social se altera muito pouco com o passar do tempo. Na versão 2012 do documento (em inglês), o topo da pirâmide era formado por 0,6% da população, que detinha 39,3% da riqueza mundial, enquanto na base estavam 69,3% dos adultos, com 3,3% da riqueza. Há, entretanto, afirma o Credit Suisse, mobilidade significativa entre os estratos da pirâmide. Essa é mais frequente e de maior magnitude quando a oportunidade é mais igualitária entre as diversas pessoas.

A igualdade de oportunidade, entretanto, tem sido abalada, nos últimos anos, nos países desenvolvidos, em especial na Europa, o melhor, ainda que imperfeito, modelo de igualitarismo existente. Na semana passada, relatório divulgado pela Federação Internacional da Cruz Vermelha mostrou que as medidas de austeridade aplicadas para conter a crise mundial está afetando as pessoas que já eram mais vulneráveis. De acordo com a entidade, os pobres estão ficando mais pobres, há mais gente cuja renda está a seguir da linha da pobreza, e a desigualdade está aumentando. Segundo a Cruz Vermelha, as "consequências em longo prazo" da crise ainda estão por vir, uma vez que a questão do desemprego na Europa é uma "bomba-relógio".

No Brasil, a desigualdade social tem sido reduzida, por conta de programas sociais, como o Bolsa Família, e do consistente aumento do salário mínimo, mas a disparidade entre as oportunidades oferecidas ainda é monstruosa. No trecho em que trata do Brasil, intitulado "gigante adormecido", o estudo do Credit Suisse aborda a imensa desigualdade no país, lembrando que há 221 mil milionários no Brasil e que 315 mil brasileiros estão no 1% mais rico do mundo. O alto nível de desigualdade, afirma o banco, reflete a alta dispersão de renda, que, por sua vez, está relacionada "à educação muito desigual na população e à separação entre os setores formal e informal da economia".

LIMA, José Antônio. "O profundo buraco da desigualdade do mundo". Disponível em: <www.cartacapital.com.br/sociedade/0-7-da-populacaopossui-41-da-riqueza-mundial-6716.html>. Acesso em: 25 jan. 2016.

Texto 3



"DESIGUALDADE social". Disponível em: <<http://geoconceicao.blogspot.com.br/2012/04/desigualdade-social.html>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

Texto complementar

Ainda que faça referência à prova de 2014, o texto a seguir nos ajuda a refletir sobre a permanência dos problemas apresentados bem como as deficiências do processo escolar.

Redação: calcanhar de Aquiles do Enem

Última prova mostra queda no desempenho e aumento de notas zero

Redigir um texto dissertativo-argumentativo sobre a publicidade infantil no Brasil. Trazendo essa proposta, a prova de redação do último Exame Nacional do Ensino Médio, realizado em novembro de 2014, revelou-se o calcanhar de Aquiles de muitos estudantes brasileiros. Segundo balanço divulgado pelo Ministério da Educação, dos mais de 6 milhões de candidatos, 529 mil, ou 8,5%, tiraram nota zero na modalidade – um número cinco vezes maior que o do ano anterior. Além disso, a média geral na redação caiu quase 10% em relação a 2013.

Buscando uma justificativa para o baixo desempenho, mídia, professores e alunos apontaram, de saída, o tema da proposta de redação como o fator de complicação. Eles alegaram que a publicidade infantil não havia sido suficientemente debatida pela sociedade e, portanto, permanecia alheia à maioria dos jovens. De fato, dentre as redações que levaram nota zero, cerca de 250 mil foram anuladas por fugir ao tema ou desobedecer outros critérios da prova. “O maior fracasso de 2014 em relação a 2013 resulta de um agravante: o desconhecimento do tema específico cobrado na prova”, acredita Ieda de Oliveira, professora e pós-doutorada em Análise do Discurso pela Université de Paris XIII.

Para Maria das Dores Soares Maziero, professora universitária e membro do grupo de pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita, da Unicamp, entretanto, dizer que os alunos foram mal na redação porque não estavam preparados para falar sobre publicidade infantil é reduzir o problema. “O aluno não vive descolado da realidade, ele também é consumidor e sabe do apelo da publicidade. Quantas coisas não teve vontade de ter porque viu em uma propaganda?” Além disso, a professora defende que a coletânea de textos que acompanhava a proposta dava pistas suficientes para a produção de um texto adequado ao tema. “Um bom aluno é capaz de aprender o tempo todo, inclusive com a coletânea que está sendo dada na prova”, diz.

Na visão de Rogério Chociay, professor do Departamento de Teoria Linguística e Literária da Unesp de Rio Preto, a queda de 10% na média e o aumento dos zeros são, na verdade, esperados diante da evolução do exame. Nos últimos anos, o Enem refinou seus critérios de correção e tornou-se mais exigente. “Se antes algumas redações ou tentativas de textos eram aceitas e corrigidas, agora não são mais”, lembra o professor, que já integrou a comissão de redação do Enem. [...]

Atualmente, são critérios para anulação da redação: fuga ao tema, cópia do texto motivador, texto insuficiente, não atendimento ao tipo textual indicado, partes desconectadas e textos que ferem os direitos humanos.

Ponta do iceberg

Algo com que todos os especialistas concordam é que a queda na média geral e o aumento de notas zero nas redações do Enem são apenas a ponta do iceberg. O problema mais profundo reside no fato de que, em grande parte das escolas públicas brasileiras, os alunos têm pouca oportunidade de escrever e, sobretudo, de ouvir um retorno sobre sua produção escrita. “O professor é mal remunerado e tem pouco tempo para fazer o básico, como preparar e dar aula, como é que vai dar redação para salas que chegam a ter 40 alunos? Como vai ter tempo para corrigir uma por uma?”, indaga Maria das Dores.

Devido a esta dificuldade, quando costumam dar algum tipo de produção textual, os docentes acabam se concentrando na correção dos aspectos mais superficiais, como erros de ortografia e pontuação. [...] Aspectos gramaticais, entretanto, estão longe de ser o principal problema dos textos. A dificuldade maior dos alunos que concluem o Ensino Médio está relacionada à habilidade de argumentar, associar dados e visões de mundo.

Pouca leitura, pouca prática de exercícios de produção de textos e baixo repertório cultural também contribuem para a diminuta qualidade média da produção textual dos brasileiros, aponta Ieda. Segundo a especialista, é preciso, por um lado, despertar no aluno o hábito e o prazer da leitura e, por outro, exercitá-lo nas técnicas de estruturação do texto e no domínio da língua. "Ler é condição indispensável para escrever, mas não é condição suficiente. Produzir textos com base apenas no modelo de autores experientes é como tocar um instrumento de ouvido, sem teoria musical. Além de ler, o aluno precisa também aprender técnicas de estruturação do texto e adquirir um conhecimento sólido da língua", aconselha.

PAIVA, Thais. "Redação: calcanhar de Aquiles do Enem". *Carta Educação*, 17 mar. 2015. Disponível em: <www.cartaeducacao.com.br/reportagens/redacao-o-calcanhar-de-aquiles-do-enem/>. Acesso em: 20 jul. 2017.

■ Quer saber mais?



Livro

- O livro *Gramática, pra que te quero? Os conhecimentos linguísticos nos livros didáticos de português*, de Marcos Bagno, pretende discutir a relação entre língua oral e língua escrita e a forma como os livros didáticos mais modernos ainda encaram a norma culta. O autor, linguista fortemente atuante no cenário político, foi, durante muitos anos, consultor do Inep.



Documentário

- O documentário *Escolarizando o mundo* traz uma reflexão a respeito do modelo escolar ocidental, provocando-nos a pensar sobre possíveis mudanças para aquilo que já não funciona mais. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=6t_HN95-Urs>. Acesso em: 14 nov. 2017.

RESUMO teórico

GRADES DE CORREÇÃO II: ENEM

A prova de redação do Enem objetiva discutir temas de relevância social, problematizando questões importantes para o crescimento do indivíduo como ser pensante e crítico.

Os critérios de avaliação do exame são claros e bem explicados, proporcionando maior transparência na correção.

As competências do Enem

Competência 1

Avalia o domínio da norma-padrão na escrita.

Competência 2

Apura se o aluno entendeu a proposta de redação e usou seu repertório para desenvolver o tema sem fugir da estrutura de um texto dissertativo-argumentativo.

Competência 3

Verifica a capacidade de formulação de argumentos do aluno.

Competência 4

Analisa os mecanismos linguísticos utilizados pelo aluno para a construção de sua argumentação.

Competência 5

Observa se a proposta de intervenção está de acordo com o desenvolvimento do texto e se respeita os direitos humanos.

Capítulo 28

Grades de correção III: gêneros textuais

RossHelen/Stockphoto.com

Todo gênero textual pode ser exigido em uma prova; então, como sabermos de que maneira a avaliação de nossas produções será orientada? Em que podemos nos basear para escrevê-las?

Diferentemente das grades de correção estudadas anteriormente, os critérios para a análise de textos de acordo com seus gêneros consideram outros fatores, como se observassem outra camada textual. Assim, podemos aliar o conhecimento desses aspectos com nossa prática de texto cotidiana para facilitar a adequação de nossas produções aos gêneros solicitados.

A avaliação por gêneros textuais

Cada exame tem por objetivo selecionar pessoas que apresentam perfis mais próximos do esperado para sua respectiva universidade. Instituições como Unicamp ou UFPR, entre outras, avaliam se, na produção de um texto, o candidato é capaz de dominar conteúdos e se expressar com clareza a respeito do que leu. Pela atuação na redação, presume-se algo sobre o desempenho acadêmico futuro de quem ingressa, por isso é inevitável que as dissertações sejam instrumentos políticos e ideológicos.

Alguns vestibulares optaram por um modelo de prova que envolve os mais variados gêneros discursivos ou textuais. Essa escolha de muitas das bancas visa à discussão da ideia de “bitola” (modelo pronto, programado, mecânico) que a dissertação pode carregar consigo. Por vezes, o estudo de redação se resume ao ensino de um “conjunto de estratégias”, e o aprendizado por meio de gêneros textuais busca eliminar a possibilidade de “fórmulas mágicas”.

Uma das principais consequências dessa mudança é a transformação no ensino de redação, que é repensado e movimentado, ou seja, passa a não existir uma acomodação das práticas escolares em torno do estudo da dissertação, e o que se busca é desestabilizar modelos pré-prontos.



AntonioGuillem/Stockphoto.com

Portanto, abala-se a cultura da preparação, do treinamento, isto é, não se decora mais um método para um exame. Dessa forma, buscou-se um tipo de prova que fizesse o aluno assumir o papel de leitor e autor de textos – uma prova de leitura e escrita baseada em gêneros textuais.

Os gêneros discursivos estão presentes nos parâmetros curriculares nacionais e ainda são pouco explorados. Como já discutimos, gêneros textuais não são determinados previamente, mas construídos conforme as situações e moldados socialmente; são formas relativamente estáveis de enunciados, vistos em sua historicidade, e não como unidades convencionais ou modelos. Podem ser considerados gêneros discursivos: *e-mail*, carta, manifesto, convite, relatório, reportagem, editorial, resumo, entrevista, notícia, conto, poema, crônica, texto didático, panfleto, tabela, entre muitos outros.

Sendo avaliações de leitura e escrita, consideram-se todas as ferramentas de que o aluno dispõe para produzir as propostas solicitadas. Por exemplo: como selecionar elementos necessários nos textos motivadores da coletânea? Se se trata de um resumo, é importante que a escolha seja diferente da que seria feita para um texto argumentativo.

Atenção!

Em hipótese alguma deve haver cópia da coletânea, apenas apropriação de conteúdo e informação.

Sobre as propostas, as instruções das tarefas são balizadoras das escolhas linguísticas, assim fazer a prova também é uma situação de interlocução real. A modalidade escrita, que varia no contexto, precisa adequar-se ao gênero, ajudando-o em sua constituição. Deve-se atentar, porém, à norma culta, que sempre será cobrada, sendo importante, então, incorporar a situação dada.

Uma possível grade de correção

É fundamental frisar que usaremos uma grade como base para avaliação, mas há outras possíveis. No entanto, todas as grades que avaliam gêneros textuais consideram os mesmos quesitos, ora com subdivisões diferentes, ora com pesos distintos entre os critérios.

Aqui, trabalharemos com uma grade que se subdivide em duas: a **grade específica**, que avalia se o candidato cumpriu **propósito**, **interlocução** e **gênero**; e a **grade holística** que, como o próprio nome sugere, avalia o texto a partir de um olhar mais amplo, levando em conta aspectos como **clareza**, **coesão**, **coerência**, **norma culta** e **fluidez**.

Pensar textos em geral (inclusive a dissertação) por meio dos ensinamentos desses parâmetros pode auxiliar muito a melhora da escrita. Perguntas como “por que estou escrevendo?” e “quem sou eu enquanto escrevo?” garantem a lógica daquilo que produzimos e faz com que o trabalho tenha um caminho mais claro.

GRADE ESPECÍFICA

Avalia o cumprimento dos seguintes critérios:

- propósito;
- interlocução;
- gênero.

Cada item pode ser pontuado com as notas 0 ou 1, isto é, há apenas duas possibilidades: ou o critério é obedecido ou não.

Esta grade pode variar de 0 a 3 pontos, influenciando diretamente a grade holística. Além disso, ela muda anualmente dependendo das propostas.

Caso o candidato zere esta etapa, o texto todo será automaticamente anulado.

GRADE HOLÍSTICA

Avalia os seguintes aspectos textuais:

- qualidade do que foi produzido;
- autoria;
- modalidade;
- coesão.

Diferentemente da grade específica, os elementos desta grade são analisados como um todo. Dessa forma, sua pontuação pode variar de 0 a 5 pontos, apenas sendo possível notas com números inteiros. Além disso, não há mudança independentemente da proposta.

GRADE ESPECÍFICA (0 a 3)**Propósito (0 ou 1)**

Realização de todas as tarefas solicitadas na proposta.

Interlocução (0 ou 1)

Identificação específica do emissor (imagem de si) e do receptor do texto (imagem do outro), de forma clara e coerente com o gênero e contexto solicitados.

Gênero (0 ou 1)

Cumprimento do gênero adequado ao contexto proposto.

GRADE HOLÍSTICA (0 a 5)**0**

Produziu totalmente outro gênero, não apresentou interlocução, mas cumpriu o propósito, ainda que tenha apresentado uma leitura errada do texto-fonte (incoerência grave em relação ao conteúdo).

1

Produziu totalmente outro gênero, evidenciando leitura equivocada da proposta de redação, mesmo que tenha apresentado a interlocução adequada e cumprido o propósito; e/ou não foi capaz de produzir a interlocução adequada ao gênero e à proposta, e o propósito está plenamente superficial; e/ou não cumpriu o propósito e não formou bem o gênero e/ou a interlocução. A modalidade (linguagem e coesão) mal construída contribui para a não configuração de um ou dois itens da grade específica.

2

Produziu texto com falhas no cumprimento do gênero e da interlocução, mas atingiu um propósito adequado; e/ou produziu texto com pequenas falhas no cumprimento do gênero e/ou da interlocução e desenvolveu o conteúdo do propósito superficialmente devido a uma leitura mínima da proposta. A modalidade (linguagem e coesão) contribui para a superficialidade do texto e não permite avanço na construção de uma unidade.

3

Construiu o gênero e a interlocução segundo os parâmetros da proposta e produziu o propósito de forma apropriada, mas o aproveitamento dos textos-fonte poderia ter sido mais constante e profundo. A modalidade (linguagem e coesão) prejudica a construção de uma unidade.

Observação: para chegar a esta pontuação, o texto precisa ter sido avaliado com 3 pontos na grade específica.

4

Contemplou adequadamente o gênero e a interlocução. No propósito, já é possível perceber uma análise profunda dos textos-fonte, evidenciando uma leitura de qualidade da proposta. A modalidade (linguagem e coesão) permite pequenos desvios que não prejudicam a construção de uma unidade de texto.

5

Formou bem o gênero e a interlocução e soube aproveitar os textos-fonte, revelando sua autoria. Todos esses recursos costurados por uma modalidade (linguagem e coesão) apropriada indicam um bom projeto de texto.

Atenção!

A soma total das notas desta grade é 8, e não 10.

Análise de redações

Para a análise de textos, tomaremos como base a proposta 1 da prova de redação da Comvest 2016.

Texto 1

Você é um estudante universitário que participará de um **concurso de resenhas**, promovido pelo Centro de Apoio ao Estudante (CAE), órgão que desenvolve atividades culturais em sua Faculdade. Esse concurso tem o objetivo de **estimular a leitura** de obras literárias e **ampliar o horizonte cultural** dos estudantes. A **resenha** será lida por uma **comissão julgadora** que deverá selecionar os dez melhores textos, a serem publicados. Você escolheu resenhar a fábula de *La Fontaine* transcrita abaixo. Em seu texto, você deverá incluir:

- uma síntese da fábula, indicando os seus elementos constitutivos;
- a construção de uma situação social análoga aos fatos narrados, que envolva um problema coletivo;
- um fechamento, estabelecendo relações com a temática do texto original.

Seu texto deverá ser escrito em **linguagem formal**, deverá indicar o **título da obra** e ser assinado com um **pseudônimo**.

É interessante observar que a proposição da situação está bem delimitada para que o candidato interprete o personagem solicitado. Sem a entrega em relação à interlocução, ou seja, em relação a quem escreve e a quem lê, o texto pode ficar mecânico. Além disso, gênero e propósitos também são bem demarcados, então, para se sair bem, o candidato será obrigado a revisar os textos parecidos com os quais teve contato ao longo da vida. Portanto, preparar-se para provas que pedem gêneros textuais demanda leitura e observação das mais variadas plataformas.

A Deliberação Tomada pelos Ratos

Rodilardo, gato voraz,
aprontou entre os ratos tal matança,
que deu cabo de sua paz,
de tantos que matava e guardava na pança.
Os poucos que sobraram não se aventuravam
a sair dos buracos: mal se alimentavam.
Para eles, Rodilardo era mais que um gato:
era o próprio Satã, de fato.

*Um dia em que, pelos telhados,
foi o galante namorar,
aproveitando a trégua, os ratos, assustados,
resolveram confabular
e discutir um modo de solucionar
esse grave problema. O decano, prudente,
definiu a questão: simples falta de aviso,
já que o gato chegava, solerte. Era urgente
amarrar-lhe ao pescoço um guizo,
concluiu o decano, rato de juízo.
Acharam a ideia excelente,
e aplaudiram seu autor. Restava, todavia,
um pequeno detalhe a ser solucionado:
quem prenderia o guizo – e qual se atreveria?
Um se esquivou, dizendo estar muito ocupado;
Outro alegou que andava um tanto destreinado
em dar laços e nós. E a bela ideia
teve triste final. Muita assembleia, ao fim nada decide – mesmo sendo de frades
ou de veneráveis abades...*

*Deliberar, deliberar ...
conselheiros, existem vários;
mas quando é para executar,
onde estarão os voluntários?*

*Fábulas de La Fontaine. AMADO, Milton ; AMADO, Eugênia Amado.
(Trad.) Belo Horizonte: Itatiaia, 2003. p. 134-6.*

Decano o membro mais velho ou mais antigo de uma classe, assembleia, corporação etc.

Solerte engenhoso, esperto, sagaz, artiloso, arguto, astucioso.

Guizo pequena esfera de metal com bolinhas em seu interior que, quando sacudida, produz um som tilintante.

Frade indivíduo pertencente a ordem religiosa cujos membros seguem uma regra de vida e vivem separados do mundo secular.

Abade superior de ordem religiosa que dirige uma abadia.

COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em:
<www.comvest.unicamp.br/vest_anteriores/2016/download/comentadas/F2_redacao.pdf>.
Acesso em: 17 jul. 2016.

Objetivos da proposta

Nesta proposta, foi solicitado ao candidato que, munido de uma fábula de La Fontaine, produzisse uma resenha que trouxesse em si não apenas uma síntese da fábula, mas também um contexto análogo à narrativa em questão. Por isso, seria fundamental que noções de metáfora, analogia e alegoria estivessem presentes, noções estas adquiridas ao longo dos anos de escolarização. Talvez o maior desafio dessa proposta seja justamente encontrar essas relações de analogia na realidade. Há, entre as exigências, portanto, duas competências que também apareceram quando trabalhamos dissertação: a capacidade de perceber metáforas e a crítica social. Tudo aquilo que foi visto, então, pode ser reaproveitado desde que haja cuidado com a maneira como isso será feito, pois, caso o candidato produza um texto de forma dissertativa, pode desconfigurar o gênero.

Sobre o texto solicitado

Espera-se que o candidato se coloque no lugar de um sujeito interessado em participar de um concurso de resenhas dentro da universidade e que produza uma resenha da fábula de La Fontaine "A deliberação tomada pelos ratos". Essa resenha deve incluir uma síntese da fábula e a apresentação de uma situação social análoga aos fatos narrados, envolvendo um problema coletivo. O candidato deve finalizar o texto estabelecendo relações com a temática do texto original. [...]

Espera-se que o candidato também produza um relato sobre uma situação social análoga à da fábula que envolva um problema coletivo. Este problema pode resultar de relações de poder marcadas por uma grande assimetria e, conseqüentemente, por ameaças de um grupo em relação a outro. [...]

COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em: <www.comvest.unicamp.br/vest_anteriores/2016/download/comentadas/F2_redacao.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2016.

No trecho destacado, é notória a importância do personagem para a composição da interlocução. Se não acreditarmos que somos o sujeito pedido pela proposta, as chances de conseguirmos desempenhá-lo são pequenas.

Há, também, neste parágrafo, uma explicação da interpretação esperada da fábula.

Exemplos de redações acima da média

Exemplo 1

A fábula "A Deliberação Tomada pelos Ratos", escrita por La Fontaine, apresenta uma situação-problema desencadeada por um gato de nome Rodilardo que caça inúmeros ratos, matando-os e comendo-os. Os ratos, preocupados com sua situação, decidem se reunir para discutir e encontrar alguma solução. Assim, concluem que se houvesse um sinal para alertá-los da presença do felino, poderiam ter tempo para se esconder e salvar suas vidas, o que foi proposto pelo rato mais velho e experiente. Os demais concordaram, inclusive com a ideia de pendurar-lhe uma esfera de metal barulhenta no pescoço. Porém, nenhum dos ratos se comprometeu a fazê-lo, tornando a ideia infrutífera.

La Fontaine, com esta fábula, transmite a moral de que, embora seja importante deliberar os assuntos, é imprescindível executá-los. Situação semelhante ocorre quando uma comunidade enfrenta problemas com a segurança pública. Em um determinado bairro com alto índice de violência, pouco adianta lastimar-se dos crimes ocorridos ou discutir soluções em uma

rede social. Caso este alto índice de violência ocorra em razão da ausência de escolas ou atividades culturais, essa comunidade deverá se organizar e levar os fatos às autoridades competentes para que providenciem o necessário e, com a participação de todos, seja resolvido concretamente o problema.

O receio de eventuais retaliações pode levar essa comunidade a amedrontar-se, assim como os ratos da fábula. Para colocar o queijo no gato, ou seja, para efetivar uma transformação nesse bairro, é preciso sair da toca, enfrentar a questão e exigir os próprios direitos. No caso, um serviço de segurança e educação prestados adequadamente pelo Estado.

E. A.

COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em: <www.comvest.unicamp.br/vest_antiores/2016/download/comentadas/F2_redacao.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2016.

O texto foi produzido por um candidato que compreendeu plenamente o que foi solicitado pela proposta. Além de apresentar um excelente domínio da norma culta, o texto trabalha a ideia de analogia com bastante clareza. É possível perceber a desenvoltura do autor quando se notam semelhanças entre a fábula e as situações da realidade cotidiana: os problemas de segurança pública em uma comunidade. Há, portanto, a crítica esperada e a consciência textual necessária para a composição de uma resenha.

Exemplo 2

O grande terror de Rodilardo

Em fábulas, é recorrente o uso de animais como principais personagens de uma pequena história com um final de teor moralizante. A trama e o conflito têm como foco o núcleo central dos animais personificados e o seu universo, porém a situação vivida por eles é inevitavelmente transportada para a nossa realidade quando a lemos, para o universo humano e as relações sociais por nós vividas.

Na fábula de La Fontaine, "A deliberação tomada pelos ratos", os ratos vivem sob o terror do gato Rodilardo, chegando a se assemelhar ao terror vivido na França durante o governo de Robespierre. Rodilardo, assumindo uma política do medo, matava os ratos que se atreviam a sair dos buracos das paredes onde se escondiam. Os ratos, assim como diversos povos (além dos franceses) que viviam sob o controle de um Estado autoritário, opressor e violento, sentindo-se insatisfeitos e encurralados, discutem uma possível solução para a situação deplorável em que vivem.

Apesar de acreditarem terem chegado num meio de melhorar significativamente suas vidas, os ratos, que são também o povo oprimido, voltam a um impasse: ninguém se dispõe a lutar e sofrer por um bem maior.

Quando deparados com o medo, os ratos, que buscavam soluções como leões, voltam ao seu tamanho inicial e à sua insignificância, e os homens, ao desistirem da luta, também voltam a ser ratos, em estado de minoridade e acomodados com uma situação abominável, porque, enfim, dá menos trabalho.

C. M.

COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em:
<www.comvest.unicamp.br/vest_antiores/2016/download/comentadas/F2_redacao.pdf>.
Acesso em: 17 jul. 2016.

Nessa redação, o autor também apresenta um texto que cumpre bem o que foi solicitado. Como podemos notar durante a leitura, a resenha se distingue da anterior única e exclusivamente porque opta por uma outra organização dos mesmos elementos da fábula, fazendo a relação análoga com questões políticas. É importante observar tais distinções para que tenhamos consciência de que a produção de textos diferentes em uma situação similar de comunicação pode desencadear formas diferenciadas, porém igualmente funcionais.

Exemplos de redação abaixo da média

Exemplo 1

Falta de execução

Para participar do concurso de resenhas, promovido pelo Centro de Apoio ao Estudante, que desenvolve atividade em minha faculdade, resolvi resenhar a fábula de La Fontaine, chamada "A Deliberação Tomada pelos Ratos".

No início da fábula, um gato voraz é citado, cujo nome é Rodilardo. O felino causou a morte de vários ratos ao seu redor e os poucos que sobraram, mal aventuraram-se a sair do buraco, tamanho o medo dos roedores. Até que certo dia, num momento de distração de Rodilardo, os ratos conseguiram fazer uma reunião para solucionar a situação e ficou decidido um plano para deter o gato, todavia um grande detalhe ficou sem solução: Quem executaria o plano? E a assembleia terminou sem nada decidido.

A fábula constrói uma situação social, onde são realizadas inúmeras assembleias e poucas acabam solucionadas. Além de um problema grave que é a falta de voluntários para executar o que foi decidido, seja por não querer lidar com a situação ou por falta de preparo.

F. D.

COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em: <www.comvest.unicamp.br/vest_anteriores/2016/download/comentadas/F2_redacao.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2016.

O que caracteriza esse texto como abaixo da média é especialmente a dificuldade de encontrar a situação análoga exigida. Além disso, por se pautar quase que exclusivamente no enunciado da proposta, o candidato demonstra insegurança e produz uma redação que se distancia de uma resenha crítica e autoral.

Exemplo 2

La Fontaine atual

No mundo de hoje podemos analisar qualquer cenário em que esteja presente uma sociedade, onde um conjunto de indivíduos esteja em apuros devido a um problema.

Esse problema vai crescendo e se tornando maior e a sociedade antes acomodada passa a ficar preocupada e assutada, mediante as perdas e ao problema que está ocorrendo.

Um meio rápido para solucionar é se reunir e discutir para ver o que será feito. Então a melhor ideia é dita e todos apoiam. Porém ninguém ousa a se arriscar a tentar, por estar acomodado e com medo.

Portanto não adiantaria ter a solução sem a prática devido ao fato de que quando surge um problema, às vezes precisa ser tomado iniciativa rápidas e eficientes que possam ser a solução, mas nem sempre devido ao falta de iniciativa em fazer a prática se torna um novo problema.

COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em: <www.comvest.unicamp.br/vest_antiores/2016/download/comentadas/F2_redacao.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2016.

Nessa redação, há um distanciamento muito grande do que foi solicitado. Sem que se organize em torno da ideia de resenha, o candidato recorre a aspectos muito pontuais da fábula sem elaborar as relações exigidas.

Gêneros mais solicitados em vestibulares

Entre as mais variadas provas que pedem um texto adequado a um contexto específico de produção, a maior parte delas escolhe textos mais próximos do cotidiano dos leitores de jornais para avaliar um candidato. **Artigos de opinião, cartas argumentativas, resenhas e editoriais** aparecem com bastante frequência. Muitas vezes, a situação de produção nem é tão detalhada, como vimos na Unicamp, então basta que tenhamos conhecimento mínimo a respeito da composição daquele gênero.

Para que isso seja feito com bastante cuidado e propriedade, podemos consultar os demais capítulos deste material e, munidos de um jornal (ou vários), procurar identificar os tipos textuais no corpo dos gêneros encontrados. Assim, temos mais chance de nos aproximarmos do candidato leitor e crítico que essas bancas esperam.

Saiba mais

Jean de La Fontaine foi um poeta e fabulista francês. Considerado o pai da fábula moderna, considerou o gênero como uma pintura em que podemos encontrar nosso próprio retrato. Escreveu "A Lebre e a Tartaruga", "A Cegonha e a Raposa", "A Raposa e as Uvas", entre várias outras histórias.



Autor desconhecido/Wikimedia Commons (Domínio público)

PARA PRATICAR

Foram produzidos cinco textos a partir da proposta a seguir. Corrija-os, considerando os critérios discutidos neste capítulo.

Comvest 2011

Coloque-se na posição de um articulista que, ao fazer uma pesquisa sobre as recentes catástrofes ocorridas em função das chuvas que afetaram o Brasil a partir do final de 2009, encontra a crônica de Drummond, publicada em 1966, e decide dialogar com ela em um **artigo jornalístico opinativo** para uma série especial sobre cidades, publicada em revista de grande circulação. Nesse artigo você, necessariamente, deverá:

- relacionar três (3) problemas enfrentados recentemente pelas cidades brasileiras em função das chuvas com aqueles trabalhados na crônica;
- mostrar em que medida concorda com a visão do cronista sobre a questão.

Os dias escuros

Amanheceu um dia sem luz – mais um – e há um grande silêncio na rua. Chego à janela e não vejo as figuras habituais dos primeiros trabalhadores. A cidade, ensopada de chuva, parece que desistiu de viver. Só a chuva mantém constante seu movimento entre monótono e nervoso. É hora de escrever, e não sinto a menor vontade de fazê-lo. Não que falte assunto. O assunto aí está, molhando, ensopando os morros, as casas, as pistas, as pessoas, a alma de todos nós. Barracos que se desmancham como armações de baralho e, por baixo de seus restos, mortos, mortos, mortos. Sobreviventes mariscando na lama, à pesquisa de mortos e de pobres objetos amassados. Depósito de gente no chão das escolas, e toda essa gente precisando de colchão, roupa de corpo, comida, medicamento. O calhau solto que fez parar a adutora. Ruas que deixam de ser ruas, porque não dão mais passagem. Carros submersos, aviões e ônibus interestaduais paralisados, corrida a mercearias e supermercados como em dia de revolução. O desabamento que acaba de acontecer e os desabamentos programados para daqui a poucos instantes.

Este, o Rio que tenho diante dos olhos, e, se não saio à rua, nem por isso a imagem é menos ostensiva, pois a televisão traz para dentro de casa a variada pungência de seus horrores.

Sim, é admirável o esforço de todo mundo para enfrentar a calamidade e socorrer as vítimas, esforço que chega a ser perturbador pelo excesso de devotamento desprovido de técnica. Mas se não fosse essa mobilização espontânea do povo, determinada pelo sentimento humano, à revelia do governo incitando-o à ação, que seria desta cidade, tão rica de galas e bens supérfluos, e tão miserável em sua infraestrutura de submoradia, de subalimentação e de condições primitivas de trabalho? Mobilização que de certo modo supre o eterno despreparo, a clássica desarrumação das agências oficiais, fazendo surgir de improviso, entre a dor, o espanto e a surpresa, uma corrente de afeto solidário, participante, que procura abarcar todos os flagelados.

Chuva e remorso juntam-se nestas horas de pesadelo, a chuva matando e destruindo por um lado, e, por outro, denunciando velhos erros sociais e omissões urbanísticas; e remorso, por que escondê-lo? Pois deve existir um sentimento geral de culpa diante de cidade tão desprotegida de armadura assistencial, tão vazia de meios de defesa da existência humana, que temos o dever de implantar e entretanto não implantamos, enquanto a chuva cai e o bueiro entope e o rio enche e o barraco desaba e a morte se instala, abatendo-se de preferência sobre a mão de obra que dorme nos morros sob a ameaça contínua da natureza; a mão de obra de hoje, esses trabalhadores entregues a si mesmos, e suas crianças que nem tiveram tempo de crescer para cumprimento de um destino anônimo.

No dia escuro, de más notícias esvoaçando, com a esperança de milhões de seres posta num raio de sol que teima em não romper, não há alegria para a crônica, nem lhe resta outro sentido senão o triste registro da fragilidade imensa da rica, poderosa e martirizada cidade do Rio de Janeiro.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Correio da Manhã*, 14 jan. 1966.

Texto 1

O Rio de Janeiro dos poetas, das letras de bossa nova, do ideal de luxo tropical está bem distante da realidade descoberta pela temporada de chuvas do fim de 2009. Serve assim como metonímia da situação do Brasil como um todo. Mas o Rio de Janeiro de um cronista, mesmo que ainda poeta, fornece a melhor descrição da verdadeira situação da habitação brasileira e os serviços públicos relativos à sua manutenção.

Na sua terrivelmente atual crônica de 1966, Carlos Drummond de Andrade mostra o cenário que todos observamos pelo Brasil. A terrível destruição desoladora de "Os Dias Escuros" se projeta pela contemporaneidade de muitas cidades brasileiras. A precariedade que justifica o termo "ocupação" ao invés de "habitação" na referência aos "barracos que desmancham como armações de baralho" é perturbadora, e a causa prática da devastação enfrentada pela população aparentemente invisível ao olhar do governo, que pouco faz para dignificar suas condições. Assim o povo sofre a calamidade tripla: um governo ineficiente; condições de vida infortúnias, e a força da natureza.

O "raio de sol que teima em não romper", o auxílio da população melhor posicionada e a mobilização de recursos improvisados, pode fornecer um ponto de luz no tema da crônica e na realidade, mas é de fato uma assistência que não deveria ser necessária. O governo que tarda em agir (pois a situação exige projetos de habitação em larga escala) já proporcionou comentários suficientes. Que sua falta de ação seja revertida antes que seja necessária outra publicação que se refira à mesma catástrofe, daqui a mais quarenta anos.

COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em:
 <www.comvest.unicamp.br/vest_anteriores/2011/download/comentadas/redacao.pdf>.
 Acesso em: 17 jul. 2016.

Texto 2

No fim de 2009, diversas cidades brasileiras enfrentaram problemas devido às fortes e frequentes chuvas. Para muitas famílias, foi um período de "dias escuros", tal como o nome da crônica de Drummond. Na mesma, o cronista relata a perda de muitas famílias devido a desabamentos de casas e tantos mortos soterrados. Lendo tal texto, não é difícil recordar dos acontecimentos recentes de Angra dos Reis, a imagem de barracos e pousadas vindo à baixo repetiu-se inúmeras vezes nos telejornais.

Drummond escreve de uma cidade "ensopada de chuva" e rios enchendo que poderia muito bem ter acontecido no ano passado, quando, por exemplo, cidades históricas do interior paulista foram destruídas pela enchente, e não há mais de 40 anos.

Há ainda o despreparo do governo para ajudar tantos desabrigados. Um fato atual ou ainda estamos falando da crônica? Não há como separar.

Mesmo anos atrás, o escritor nos apontou problemas de nossa sociedade que acabaram acarretando desgraças. Ele nos falou dos problemas de estruturas e submoradias, falta de condições sanitárias e todas as outras críticas que ouvimos especialistas relatarem há poucos meses como causa dos recentes desastres.

Nada foi feito naquela época e os problemas persistiram até os dias de hoje, "o eterno despreparo". E enquanto nenhuma medida é tomada afim de não se repetir as mesmas desgraças, ficamos como Drummond, tomados pelo remorso e sentimento de culpa por não ter sido feito nada para impedir algo que já era previsto.

COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em:
 <www.comvest.unicamp.br/vest_anteriores/2011/download/comentadas/redacao.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2016.

Texto 3

Todos dizem que o Brasil é um bom país para se morar, pois não temos que enfrentar grandes catástrofes naturais como a ação de vulcões e terremotos. Porém a falta de planejamento na construção civil e a ocupação ilegal (principalmente nas encostas dos morros) fazem com que a chuva se torne algo preocupante.

Basta a água começar a cair que logo nos preocupamos com possíveis desastres como enchentes, moradias que desabam por falta de estrutura e a terra que desliza dos barrancos de encostas de morros, colocando a vida de pessoas em perigo, em razão da ocupação ilegal. Isso tudo sem contar o trânsito que se torna um verdadeiro caos.

A crônica define bem o drama das pessoas e colocou muito bem o fato do Governo estar despreparado para tais acontecimentos. Além disso, pode-se notar também a falta de consideração das autoridades, que parecem fechar os olhos para esses problemas.

A crônica destacou também as pessoas que tentam ajudar (mesmo sem preparo) e como o povo brasileiro se mostra corajoso e solidário nessas horas. Porém as vezes as mídias exaltam demais a bravura do povo (o que é justo) e acabam esquecendo da incompetência do Governo.

COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em:
<www.comvest.unicamp.br/vest_anteriores/2011/download/comentadas/redacao.pdf>.
Acesso em: 17 jul. 2016.

Texto 4***Do caos à segurança.***

Angra dos Reis, cidade do Rio de Janeiro, cidade de São Paulo, Alagoas, estes foram alguns dos protagonistas de grandes catástrofes ambientais ocasionadas pela chuva e intensificadas pela ação antrópica a partir do final de 2009.

O intenso desenvolvimento e crescimento urbano traz consigo muitas ações contra o meio-ambiente: a impermeabilização do solo e o acúmulo de lixo em lugares inadequados. Com isso, a água da chuva intope os bueiros, aumenta o nível da água do rio, acarretando enchentes, inundações e intensa proliferação de doenças como o surto de leptospirose e diarreia.

Alem disso, com a expansão das cidades, as favelas se dirigem para a periferia se instalando muitas vezes nas encostas dos morros, que é super instável e tem grandes chances de desabar a qualquer momento.

Quando essas catástrofes ambientais acontecem, o caos se instala. Milhares de pessoas perdem sua moradia, entes queridos e vão se alojar em escolas, ginásios totalmente desamparados e sem o mínimo necessário de infraestrutura e saneamento básico adequado. O trânsito, o congestionamento, ruas alagadas; o desespero se alastra por toda a cidade e meios de comunicação.

É nesse momento que assisti-se a um governo ausente de suas obrigações para com a sociedade, a uma infraestrutura primitiva, a um despreparo total das organizações oficiais. Mas é no meio do caos que emerge um sentimento humanitário, como o da Associação Médicos Sem Fronteira que atua de forma brilhante no Estado de Alagoas.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

UEG 2016

Neste momento de crise no País, é cada vez mais frequente a impressão de que as pessoas estão insatisfeitas com a realidade. Entretanto, parece que para muitos a vida segue alegre e sem problemas. A esse respeito, leia a coletânea a seguir:

Texto 1

Precisamos de clareza nas ideias, coragem nos desafios, informação e vontade, e do alimento dos afetos bons. Num livro interessante alguém verbaliza velhas coisas que a gente só adivinhava; um filme pode nos lembrar da generosidade humana; uma conversa pode nos tirar as escamas dos olhos. Estar informado e atento é o melhor jeito de ajudar a construir a sociedade que queremos, ainda que sem ações espetaculares. Mas, se somos desinformados, somos vulneráveis; se continuarmos alienados, bancaremos os tolos; sendo fúteis cavamos a própria cova; alegremente ignorantes podemos estar assinando a nossa sentença de atraso, vestindo a mordaça, assumindo a camisa de força que, informados, não aceitaríamos.

LUFT, Lia. Alegres e ignorantes. Veja. 03 mar. 2010.

Texto 2



ALVES, Aline et al. A influência da mídia no comportamento humano. Acesso em: 09 set. 2015.

Texto 3

Tenho um colega de trabalho que só vive feliz. E não importa se está fazendo frio, calor, se o Vasco ganhou ou se o Flamengo perdeu. Nada disso importa. Ele está sempre feliz. Sempre. Mas mal sabe ler o pobre. Sério que digo pobre não com aquele ar de superioridade e sarcasmo que normalmente vem acompanhando essa expressão. Digo com um ar de compaixão, mas também de inveja. Esse meu amigo, por exemplo, tudo bem que está excluído de tantas coisas legais, tantos mistérios que só são revelados quando lemos, quando nos debruçamos em certas teorias e nos esforçamos para entendê-las e contextualizá-las. Está excluído de um mundo que eu nem me imagino sem. Aliás, que nós, que gostamos de Neruda, entendemos os questionamentos de Freud e somos surpreendidos com as obras de Picasso não nos imaginamos sem. Ele não se importa se o dólar caiu ou subiu, ou se a qualquer momento o mundo pode mergulhar em um colapso econômico. Mas mesmo assim é feliz. Olho para ele e tento, pergunto quais são suas expectativas, seus sonhos. E simplesmente constato: não há expectativas. Não há idealizações, não há um futuro que o "surpreenderá" pela beleza e pelo recolhimento das sementes plantadas no hoje. E assim ele vive, um dia depois do outro.

ARAÚJO, Magno Paulo. Disponível em: <www.viverembrasil.com.br/o-ignorantes-sao-mais-felizes-pormagno-paulo/>. Acesso em: 2 set. 2015.

Texto 4

A ignorância é Felicidade! Frase aparentemente inocente e despreziosa, mas que está cheia de significados e implicações filosóficas. Ela aparece no filme Matrix, numa importante discussão acerca da verdade. Parece supor alguém que conhece os dois lados da moeda: a ignorância e o conhecimento. Alguém que trilhou caminhos bem definidos para alcançar o alvo-conhecimento e, agora, olhando para trás, chega à conclusão que era mais feliz no tempo da ignorância. "Melhor tivesse ficado sem conhecer a verdade, na ignorância", chega-se a afirmar. De fato, conhecer, muitas vezes, é atormentador.

"A ignorância é felicidade". Disponível em: <<http://filosofiacalvinista.blogspot.com.br/2012/05/ignorancia-e-felicidade.html>>. Acesso em: 2 set. 2015.

Texto 5

O mundo foi feito para pessoas ignorantes. Se você um dia tentar quebrar esse ciclo com arrogância e soberba apenas irá se igualar a quem tanto te ignora; se você quiser quebrar esse ciclo com educação e cultura estará agindo como um extraterrestre perdido em sua órbita; se tentar com amor e compaixão será decepcionado muito facilmente; se for com confiança, será traído o mais breve possível; porque como eu disse, o mundo foi feito para pessoas ignorantes, e fugir dele, é a mesma coisa que fazer parte do próprio. [...] Não dê valor ao seu dinheiro, ele é o único meio pelo qual você dá importância no final do mês. Políticos continuarão a roubar, os preços continuarão a subir, e pessoas continuarão a se matar. Entenda que essa é a nossa reação em cadeia e não há amizade que dure. Você sentirá saudade de quando era jovem, sentirá falta de sua força física, dos amigos da faculdade, dos amigos de trabalho, dos seus filhos quando eram pequenos, sentirá falta do seu pai, e vai compreender que a dor voltará sempre, dia após dia. Porque nós somos todos ignorantes, e ignorantes não sabem tomar atitudes na hora certa, no momento certo e na ocasião certa. Nós todos erramos. Mas não se ofenda com o termo ignorância, pois muitos dos ignorantes nem sabem que são.

IGLESIAS, Luan. Disponível em: <<http://culturalizese.tumblr.com/page/6>>. Acesso em: 09 set. 2015.

Texto 6

Todo campo de visão pessoal é sempre limitado. A consciência iletrada não é menos rica em conteúdo do que a presunçosa que julga ver mais longe. Não é pelo diâmetro do horizonte intelectual que se deve achar o grau de representatividade da consciência da realidade nacional. A definição desse grau terá que ser baseada na maneira como a consciência representa os fatores que a condicionam, ou seja, na menor ou maior clareza com que inclui na conceituação de um fato objetivo, a percepção simultânea das condições e influências que a determinam nesse ato a proceder como procede. As ideias da comunidade, as categorias da consciência crítica da realidade são determinadas por essa mesma realidade. São induzidas empiricamente da objetividade do real e procedem do processo econômico-social. A consciência da realidade consiste na representação possuída pelo indivíduo em comunidade.

AGUIAR, Geraldo Medeiros de. Apontamentos sobre "Consciência e Realidade Nacional" de Álvaro Vieira Pinto. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/gmaguiar/apontamentos-sobre-consciencia-e-realidade-nacional>>. Acesso em: 16 set. 2015

Com base na leitura da coletânea, [...] discuta a questão-tema a seguir:

Neste momento de crise, qual é o melhor caminho: ser inconsciente e feliz ou consciente e insatisfeito?

Carta argumentativa

A **carta de leitor** é um gênero textual, comumente argumentativo, que circula em jornais e revistas. Seu objetivo é emitir um parecer de leitor sobre matérias e opiniões diversas publicadas nesses meios de comunicação.

Considerando a definição desse gênero textual, a leitura da coletânea e, ainda, suas experiências pessoais, escreva uma carta de leitor a um jornal ou revista de circulação nacional, emitindo seu ponto de vista – contrário, favorável ou outro que transcenda esses posicionamentos – a respeito da situação exposta no **Texto 1** da coletânea.

Observação: Ao concluir sua carta, **não** a assine; subscreva-a com a expressão **um(a) leitor(a)**.

Texto complementar

A Comvest, órgão que cuida da elaboração da prova da Unicamp, é atualmente reconhecida como uma das bancas que mais dialoga com o frescor das pesquisas acadêmicas sobre ensino de texto. Em seu *site*, existe o cuidado de apresentar, todos os anos, os detalhes da elaboração da prova, o que acaba funcionando como um objeto de vanguarda no mundo dos vestibulares. Por isso, ler um pouco sobre sua filosofia pode ser instigante, ajudando a compreender a função deste tipo de prova no processo escolar e reproduzir o que é pedido em qualquer outro vestibular. Confira o texto a seguir:

A prova de redação da Unicamp pauta-se em alguns princípios essenciais: solicitar a escrita a partir de uma situação específica de comunicação verbal, com subsídio de textos-fonte, configurando um gênero de texto específico. Isso implica situar a produção escrita quanto ao gênero, aos interlocutores, ao propósito a que se deve atender, à forma de circulação do texto. Esses princípios estão explicitados em documentos oficiais que orientam e regulam o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, tais como as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCM, 2006) e os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua (PCN, 1997).

A proposta curricular desses documentos estabelece, entre outras premissas, que o trabalho de escrita deve estar baseado em uma concepção de língua como (inter)ação e na diversidade de gêneros do discurso, o que implica considerar os aspectos inerentes a qualquer tipo de interação verbal: quem são os interlocutores, quais as finalidades da interação, qual o gênero etc.

Levando em consideração tais princípios, os candidatos inscritos no vestibular Unicamp são, a cada ano, expostos a demandas variadas de uso da linguagem, uma vez que os próprios gêneros, interlocutores e temas variam.

Dessa forma, são desafiados a mobilizar conhecimentos e estratégias distintas, a fim de cumprir o solicitado nas duas propostas da prova. A temática, antes de ser o ponto de partida da produção, como ocorre nas "redações sobre o tema X", emerge desses parâmetros da situação apresentada no enunciado.

A avaliação por meio da produção de determinados gêneros discursivos é importante porque possibilita aos candidatos o uso estratégico de seus conhecimentos sobre a linguagem e sobre as restrições que os gêneros impõem. O trabalho com os gêneros permite que os candidatos não fiquem presos a modelos de texto preestabelecidos, mas que mobilizem seus conhecimentos na elaboração de uma tarefa específica e detalhadamente orientada, tal como acontece nas práticas cotidianas de uso da escrita. Um exemplo disso é a proposta de elaboração de um gênero como a resenha de um outro texto. Dependendo do propósito comunicativo, do tipo de interlocutor que é definido e dos textos-fonte, a resenha pode atender a diferentes objetivos, possibilitando que a execução da tarefa ocorra de forma flexível e adaptada ao contexto de produção previsto no enunciado. Uma resenha de um texto literário ou uma resenha de uma obra filmográfica compartilham certas características formais, mas se distanciam em termos de seu propósito mais específico. É possível dizer que em ambas o principal objetivo é apresentar, de forma acurada e crítica, um determinado produto cultural a um determinado público. Para tanto, será mobilizada uma série de recursos linguísticos e de recursos textuais de natureza expositiva e argumentativa com o objetivo de concretizar a apresentação do produto cultural. Nesse sentido, ambas apresentam características discursivas comuns, mas não se estruturarão da mesma forma.

Desse modo, a semelhança de gêneros não significa que os candidatos não sejam desafiados sempre da mesma maneira e possam, indistintamente, aplicar conhecimentos sobre um "modelo" do que é denominado resenha. O treinamento exaustivo de modelos de gênero termina por deixar em segundo plano a reflexão fundamental sobre uma série de aspectos na escrita do candidato, tais como:

1. *o modo como o locutor (aquele que escreve, no caso) e o interlocutor (aquele a quem se destina o texto escrito) estão representados na linguagem do texto;*
2. *a pertinência do registro de linguagem adotado (formal, semiformal, informal) na escolha das palavras e expressões;*
3. *o modo como o tema das obras é abordado;*
4. *as estratégias de argumentação adotadas;*
5. *o uso da norma-padrão e das formas de organização textual que atenderão aos tópicos anteriores (estrutura das sentenças, elementos de coesão etc.).*

A avaliação dos aspectos mencionados depende dos parâmetros da situação de escrita, ou seja, dos interlocutores pressupostos, do propósito da produção e dos textos-fonte oferecidos. Nesse sentido é que a redação solicitada no Vestibular Unicamp deve ser vista como a reprodução de uma prática situada de escrita e não como mero exercício de redação.

Universidade Estadual de Campinas; Comissão Permanente Para os Vestibulares. 2ª fase: redação. 2016. Disponível em: <https://comvest.unicamp.br/vest_antiores/2016/download/comentadas/F2_redacao.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2017.

■ Quer saber mais?



Vídeo

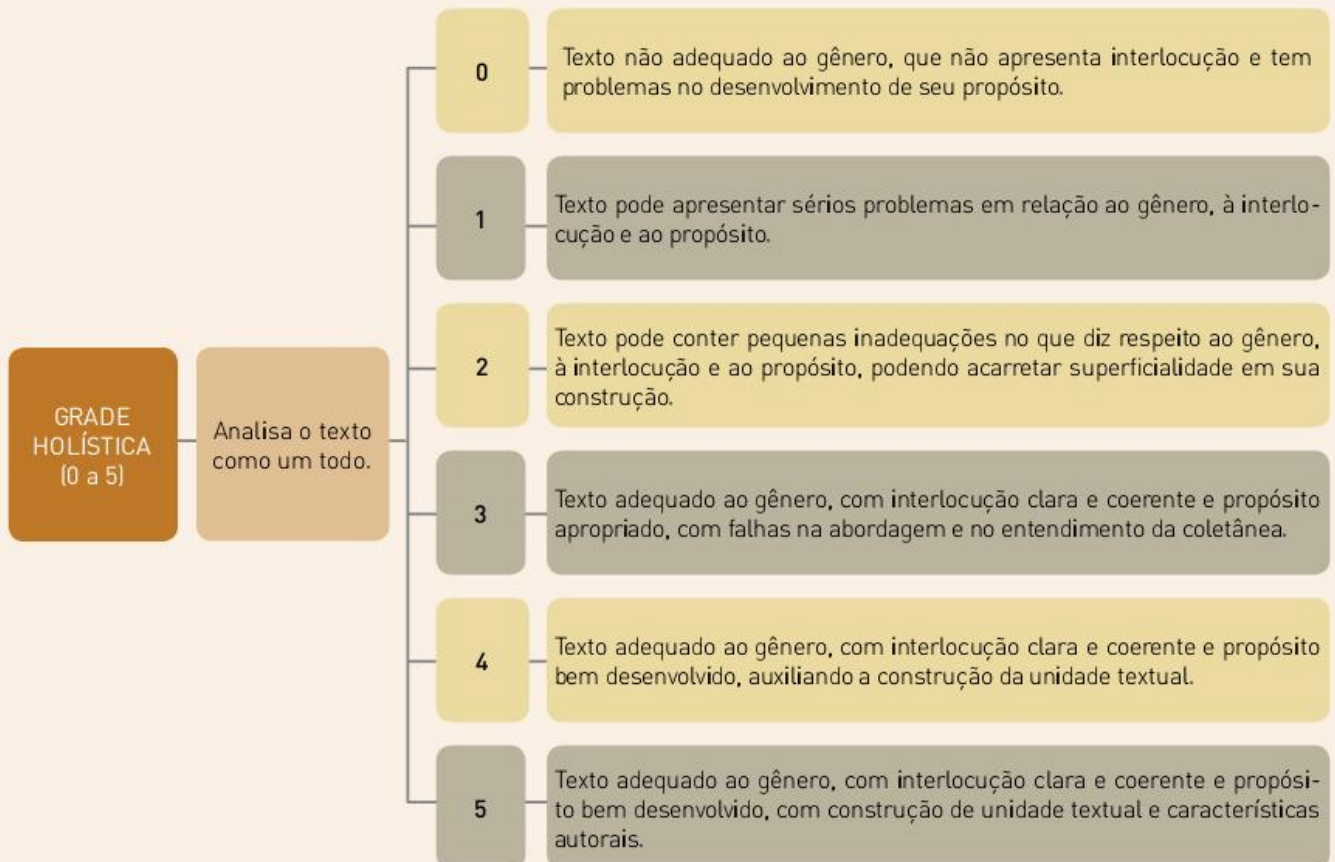
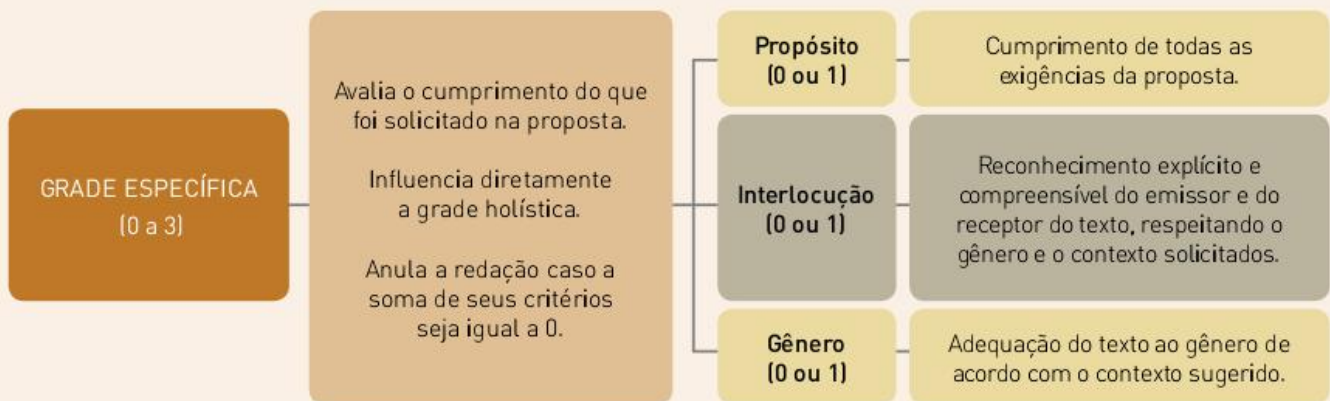
- Lya Luft, no programa *Sempre um Papo*, fala do lançamento do seu novo livro, mas também divaga sobre questões filosóficas. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=vBR3TsWTuqo>. Acesso em: 17 nov. 2017.



Filme

- No filme *O fabuloso destino de Amélie Poulain* (classificação indicativa: 14 anos), a protagonista nos leva a divagar sobre acontecimentos cotidianos e sobre a felicidade que pode estar presente nas situações mais simples.

RESUMO teórico



Capítulo 29

Revisão I

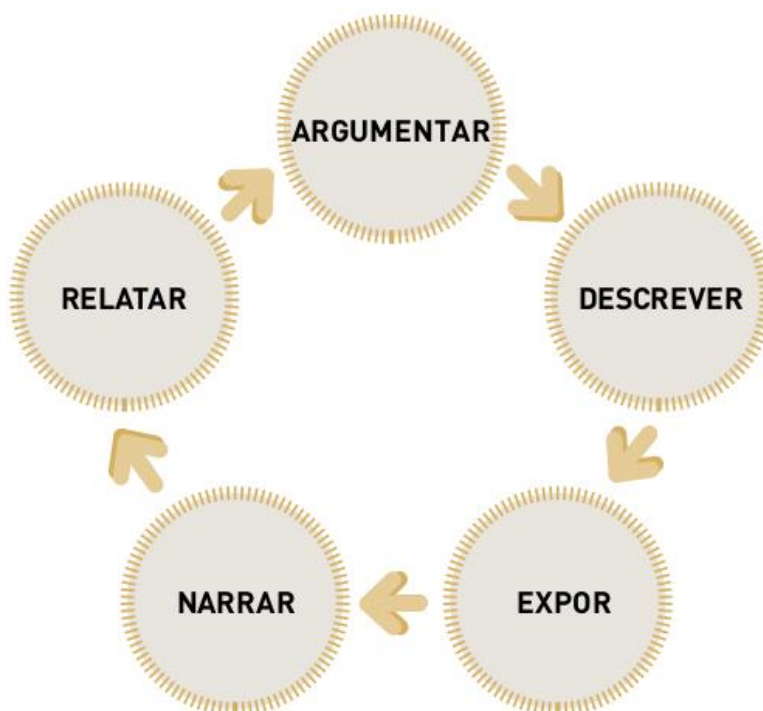
EmirMemedovski/Stockphoto.com

É hora de rever os principais conceitos estudados ao longo do nosso percurso de aprendizagem. Neste e nos próximos capítulos, repassaremos os conteúdos mais relevantes, portanto o momento é de atenção e foco para o trabalho final.

As anotações feitas no decorrer dos estudos também são um complemento interessante.

Tipos e gêneros textuais

Já vimos que os **tipos textuais** são as peças que formam os textos que conhecemos. Eles podem ter por função:



Com o uso dos **tipos**, podemos compor os **gêneros textuais**, que, geralmente, aparecem de forma híbrida. Por exemplo, a dissertação pedida nos exames tem uma base argumentativa, mas comporta outros tipos que podem auxiliar a sustentação do seu objetivo central que é **argumentar**.

Usaremos a proposta de redação da Universidade Federal do Paraná para entender como isso funciona, mas esse não é o único exemplo possível. Encontraremos, provavelmente, outros exames com esse caráter.

Nem tudo o que é exigido nessa prova pode prontamente ser designado como gênero, pois este tem um contexto, uma simulação de situação real de interlocução e, às vezes, o que se pretende saber é apenas se o aluno é capaz de construir textos híbridos com instruções simples.

Podemos notar que alguns dos textos pedidos são, inclusive, muito próximos da dissertação, ou seja, seremos levados a exercitar um pouco de tudo o que aprendemos.

Análise da prova

UFPR 2017

1. Considere o seguinte texto:

Uma janela para o mundo

Escrever é um ato não natural. Como observou Charles Darwin, "o homem tem uma tendência instintiva para falar, basta ver o balbúcio de nossas crianças pequenas, ao passo que criança alguma tem tendência instintiva para cozinhar, preparar infusões ou escrever". A palavra falada é mais velha do que nossa espécie, e o instinto para a linguagem permite que as crianças engatem em

conversas articuladas anos antes de entrar numa escola. Mas a palavra escrita é uma invenção recente que não deixou marcas em nosso genoma e precisa ser adquirida mediante esforço ao longo da infância e depois.

A fala e a escrita diferem em seus mecanismos, é claro, e essa é uma das razões pelas quais as crianças precisam lutar com a escrita: reproduzir os sons da língua com um lápis ou com o teclado requer prática. Mas a fala e a escrita diferem também de outra maneira, o que faz da aquisição da escrita um desafio para toda uma vida, mesmo depois que seu funcionamento foi dominado. Falar e escrever envolvem tipos diferentes de relacionamentos humanos, e somente o que diz respeito à fala nos chega naturalmente. A conversação falada é instintiva porque a interação social é instintiva: falamos às pessoas “com quem temos diálogo”. Quando começamos um diálogo com nossos interlocutores, temos uma suposição de que já sabem e do que poderiam estar interessados em aprender, e durante a conversa monitoramos seus olhares, expressões faciais e atitudes. Se eles precisam de esclarecimentos, ou não conseguem aceitar uma afirmação, ou têm algo a acrescentar, podem interromper ou replicar.

Não gozamos dessa troca de feedbacks quando lançamos ao vento um texto.

Os destinatários são invisíveis e imperscrutáveis, e temos que chegar até eles sem conhecê-los bem ou sem ver suas reações. No momento em que escrevemos, o leitor existe somente em nossa imaginação. Escrever é, antes de tudo, um ato de fazer de conta. Temos que nos imaginar em algum tipo de conversa, ou correspondência, ou discurso, ou solilóquio, e colocar palavras na boca do pequeno avatar que nos representa nesse mundo simulado. [...]

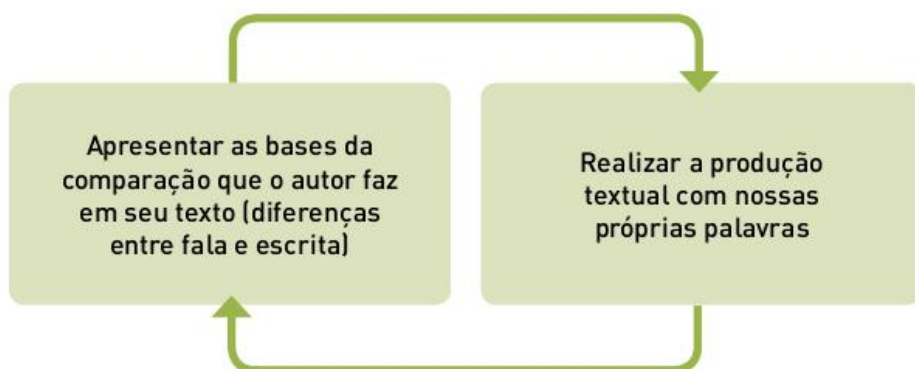
PINKER, Steven. *Guia de escrita: como conceber um texto com clareza, precisão e elegância*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 41-2.

- Elabore um resumo desse texto, entre 10 e 15 linhas, respeitando as características do gênero textual.
- Apresente as bases da comparação que o autor faz.
- Escreva com suas próprias palavras, sem copiar trechos do texto.

A estrutura dessa prova é composta de cinco propostas, cada uma pedindo pequenos textos (de 10 a 15 linhas) que vão exigir leitura e escrita atentas. Nesse caso, o que se pede é um **resumo**, um texto que traz as informações mais relevantes do texto-base, mas em uma extensão menor.

Resumos são textos que, muitas vezes, foram sugeridos ao longo de nosso processo escolar. Fizemos resumos das matérias, respondemos a questões em provas com resumos do que sabíamos ou apresentamos aos colegas trabalhos com ideias complexas resumidas. O objetivo de um resumo é sempre o mesmo, e o principal tipo que será tratado é o **expositivo**, porque vamos apenas expor aquilo que é característica do texto-base.

Para produzir o resumo, há outras duas exigências, a que devemos atentar:



Ao longo de nossos estudos, ressaltamos várias vezes a impossibilidade de cópia de qualquer coletânea, afinal isso também será avaliado.

Dúvidas como “eu preciso citar o texto-base no começo?” podem ser respondidas por nós mesmos, ao inserirmos essa questão em nossa realidade:

Se fosse um resumo de uma matéria a ser emprestado para um colega, seria necessário citar de que texto se trata?

Provavelmente sim. É com esse tipo de recurso que seremos capazes de produzir o melhor texto possível.

2. Considere o seguinte texto:

Esquerda, Direita ou Centro?

Vivemos, no Brasil de hoje, um momento curioso em que todos, de repente, resolveram politizar-se. Até pouco tempo atrás, vigorava um senso comum de que não valeria a pena discutir a respeito de política, porque, afinal de contas, políticos são todos corruptos. Opinião política era considerada uma coisa tão pessoal, que não era de bom tom perguntar a respeito disso a ninguém, assim como não se perguntaria quanto uma pessoa ganha ou qual seria a sua fé (ou ao menos assim ditavam os bons costumes). Agora, em especial no que concerne à política, já não me parece que as coisas são assim. Um maior acesso à informação, aliado à abertura de um novo canal de diálogo nas redes sociais, tem feito com que as pessoas passem mais frequentemente a dar voz às suas opiniões, entrando, por isso mesmo, muitas vezes em confronto com conhecidos e familiares. Nisso, há um agravante: justamente por não termos prática de debater a respeito de política, há uma enorme confusão de conceitos dentro do que hoje constitui o diálogo político médio no Brasil, o que em nada ajuda a mitigar a situação de confronto.

É notório que tenha havido, recentemente, um crescimento no número de pessoas que se identificam como de direita (sabendo bem o que é isso ou não). Esse crescimento tem ocorrido não sem um enorme esforço de desinformar essas mesmas pessoas a respeito do que é ser de esquerda e, por extensão, também a respeito do que é ser de direita. Reitero o caráter pessoal deste texto por um motivo simples: não há uma única acepção possível do que é ser de esquerda ou ser de direita. Isso ocorre evidentemente porque existe um espectro de possibilidades entre o máximo da esquerda e o máximo da direita.

Dentro de uma sociedade humana organizada, a vida política envolve questões atuantes em dois eixos, o econômico e o social, que caracterizam, mediante leis (da parte do governo) e costumes (da parte da sociedade), a existência humana em comum. Cada um desses eixos abrange uma pluralidade de questões, as quais, por vezes, têm participação em ambos os eixos simultaneamente.

Há, basicamente, dois tipos de indivíduo no centro: os que têm de fato uma postura comedida e apregoam um posicionamento moderado em todas as questões; e aqueles que simplesmente têm um posicionamento misto, sem fortes inclinações nem para um lado nem para o outro. Alguns talvez não tenham interesse em política; outros podem estar indiferentes com a situação atual, sem grandes intenções de mudá-la nem de perpetuá-la; outros ainda podem apenas ser cautelosos e acreditar que é preciso moderação para abordar questões complexas e polêmicas. A partir da definição do que é ser de centro, podemos tentar identificar o que poderia significar ser de esquerda e ser de direita, ao menos em uma definição inicial, por mais insuficiente que ela possa ser para um diálogo mais aprofundado.

Não é difícil ver que essas posições extremas são perigosíssimas. Entretanto, certamente há ocasiões em que ambas têm seu valor: em uma situação de extrema injustiça e ausência de qualquer outra solução, é compreensível que pessoas adotem uma posição revolucionária, da mesma forma como é compreensível que, em uma situação de extremo contentamento geral, pessoas estejam prontas para impedir, até por meios violentos, que se estrague o bom funcionamento da sociedade. O grande perigo reside no erro de diagnose, tanto de se fazer a revolução quando ela não é necessária como de se defender a manutenção de uma situação injusta.

Mais do que isso: há enorme perigo em não perceber que essas posições extremas não são o único caminho para se orientar a sociedade mais para a esquerda ou mais para a direita, isto é, operando mudanças sociais a fim de buscar melhorias para a qualidade de vida da maioria (movimento à esquerda) ou focando em coibir mudanças sociais a fim de preservar o funcionamento atual da sociedade (movimento à direita). Há que se notar ainda que os dois movimentos podem ser feitos ao mesmo tempo, para áreas diferentes de nossa sociedade, preservando as leis e tradições que são frutuosas, mas dando espaço para mudanças nos pontos em que elas são necessárias.

Quando digo vida política, claro, não me refiro apenas à política como o exercício de cargos governamentais; refiro-me à vida do ser humano como organismo político, isto é, um organismo partícipe de uma πόλις (pólis), ou seja, um πολίτης (polítēs), um membro de uma sociedade humana organizada.

Por democracia próspera e saudável, defino uma sociedade não perfeita, mas em que há o bastante para todos de forma mais ou menos semelhante, a ponto de não haver necessidade para uma revolução, mas, ao mesmo tempo, a ponto de ainda haver (como talvez sempre haja) questões sociais e/ou econômicas a serem resolvidas. Antes de estar pensando em um exemplo real, penso aqui em um ideal do qual as diferentes sociedades humanas se aproximam mais ou menos.

ANTUNES, Leonardo. Disponível em: <www.jornalja.com.br/esquerda-direita-ou-centro/>. Acesso em: 06 jul. 2016. (Adapt.).

Segundo o autor, o maior acesso à informação modificou a participação das pessoas no debate a respeito de política. Escreva um texto explicitando como o autor caracteriza o cenário atual no tocante a essa participação e, com base na distinção que ele faz entre os diferentes posicionamentos políticos, defina em qual deles você se enquadra.

O seu texto deve:

- ter de 10 a 12 linhas;
- definir sua posição atendo-se aos elementos apresentados no texto-base;
- justificar a posição assumida por você.

Importante: Você será avaliado pela consistência dos argumentos escolhidos e pela clareza e organização de seu texto, **não pela posição que tomar**.

O texto exigido pela segunda proposta da prova deverá mesclar **exposição** e **argumentação**. É importante fazer uma contextualização para o leitor (como é feito na introdução de uma dissertação comum) utilizando as informações do texto-base como ponto de partida, expondo a distinção entre os conceitos de direita e esquerda mencionados pelo autor.

Depois de exposto o raciocínio dele, o nosso deverá ser construído, de forma a nos posicionarmos em relação à questão. Será necessária uma justificativa, ainda que pequena, que aborde os motivos que levaram a essa colocação.

O texto final será um híbrido equilibrado entre dois **tipos de texto**.

3. Veja o texto a seguir:

Considere o texto a seguir, em que Neil Degrasse Tyson aborda a relação entre equilíbrio social e desenvolvimento científico e tecnológico:



Escreva um texto em que você explicita e desenvolva a linha de raciocínio do autor.

Seu texto deve:

- ter no mínimo 6 e no máximo 8 linhas;
- ser desenvolvido em dois parágrafos;
- citar, de forma contextualizada, pelo menos um dos cientistas apresentados no quadro.

A exigência dessa proposta envolve a leitura cuidadosa e adequada de um texto verbo-visual sobre desenvolvimento científico e tecnológico e equilíbrio social.

O texto produzido a partir dessa análise tem características muito parecidas com o que foi elaborado a partir da primeira proposta: há a necessidade de **expor** o pensamento do autor do texto-base. Porém, a forma como isso é realizado é diferente. Na primeira proposta, o texto-base é em prosa, relativamente longo, e nossa tarefa é sintetizar as ideias trabalhadas; já nesta proposta, o texto-base é verbo-visual, com períodos curtos, e nosso papel é desenvolver as ideias expostas. Será preciso exercitar a escrita, mas também o senso crítico em relação às questões que o autor coloca.

Nessa última proposta, foi exigido, novamente, um olhar cuidadoso para um texto verbo-visual. Dessa vez, um gráfico que traz informações organizadas de forma diferente, não se tratando de um texto em prosa nem de um quadrinho, como foi a terceira proposta. Assim, outros movimentos de leitura serão valorizados.

Saiba mais

Neil deGrasse Tyson é um astrofísico, cosmologista, autor e divulgador científico. Nascido no Bronx, em Nova York (EUA), começou a se interessar pela ciência aos 9 anos. Famoso por declarações tão polêmicas quanto críticas, frequentemente Tyson aparece na mídia estadunidense, sendo dele o seguinte pensamento: "Metade da minha biblioteca é de livros velhos porque eu gosto de saber como as pessoas pensavam sobre seu mundo em seu tempo. Assim eu não fico me achando por algo que nós acabamos de descobrir e posso ser humilde em relação ao nosso próximo passo. Posso ver as pessoas que acertaram, e a grande maioria que errou".



© Mohd | Dreamstime.com

**4. Considere o texto a seguir:**

A ascensão política de Donald Trump nos EUA, a decisão britânica de deixar a União Europeia e a definição contrária ao acordo de paz na Colômbia têm sido elencados como exemplos de uma crise da democracia global e dos sistemas de representação política. [...]

Para o filósofo norte-americano Jason Brennan, os três casos são símbolo de problemas na tomada de decisões políticas. Esses impasses favorecem a participação das pessoas em detrimento do conhecimento que elas têm sobre a realidade em questão – o que leva, segundo ele, a escolhas irracionais.

Este é o caso específico do "brexit", na visão de Brennan, em que as pessoas tomaram "uma decisão estúpida" porque não tinham informações sobre a realidade britânica. É o modelo que aproximou Trump da Presidência dos EUA, apesar de fazer campanha com pouco apego a fatos reais e a mentir em 71% das suas declarações, segundo o site PolitiFact, que checa discursos políticos. [...]

*Em entrevista à Folha, por telefone, Brennan falou sobre suas críticas aos sistemas democráticos, reunidas no recente livro *Against Democracy (Contra a democracia)*, em que sugere a implementação de um sistema político diferente: a epistocracia. Ele defende que apenas uma elite com conhecimento aprofundado sobre temas de relevância nacional possa tomar decisões.*

Criticado por sua visão de mundo "elitista", ele diz que a democracia ainda é o melhor sistema de governo, mas que isso não significa que não precise evoluir.

Epistocracia (ou epistemocracia, como também aparece citado em trabalhos acadêmicos no Brasil) é um conceito de sistema político baseado na ideia de epistem. O termo foi usado por Platão na filosofia grega, no século 4 a.C., para se referir ao "conhecimento verdadeiro", em oposição à opinião infundada, sem reflexão.

Por esse sistema, o poder político não deveria ser distribuído igualmente a todos os cidadãos, em contraposição à democracia, mas sim estar nas mãos das pessoas sábias.

Fonte: <www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/11/1829957>.

Escreva um texto argumentativo posicionando-se em relação à proposta apresentada por Jason Brennan.

O seu texto deve:

- ter de 10 a 12 linhas;
- explicitar em linhas gerais as ideias de Jason Brennan;
- assumir uma posição contra ou a favor dela, contrapondo argumentos se for contra, ou reforçando os já apresentados se for a favor.

O texto exigido pela quarta proposta da prova deverá, assim como o texto da segunda, mesclar **exposição** e **argumentação**. No entanto, aqui o foco é a argumentação. O texto também será, portanto, um híbrido entre dois **tipos de texto**, mas sem o mesmo equilíbrio.

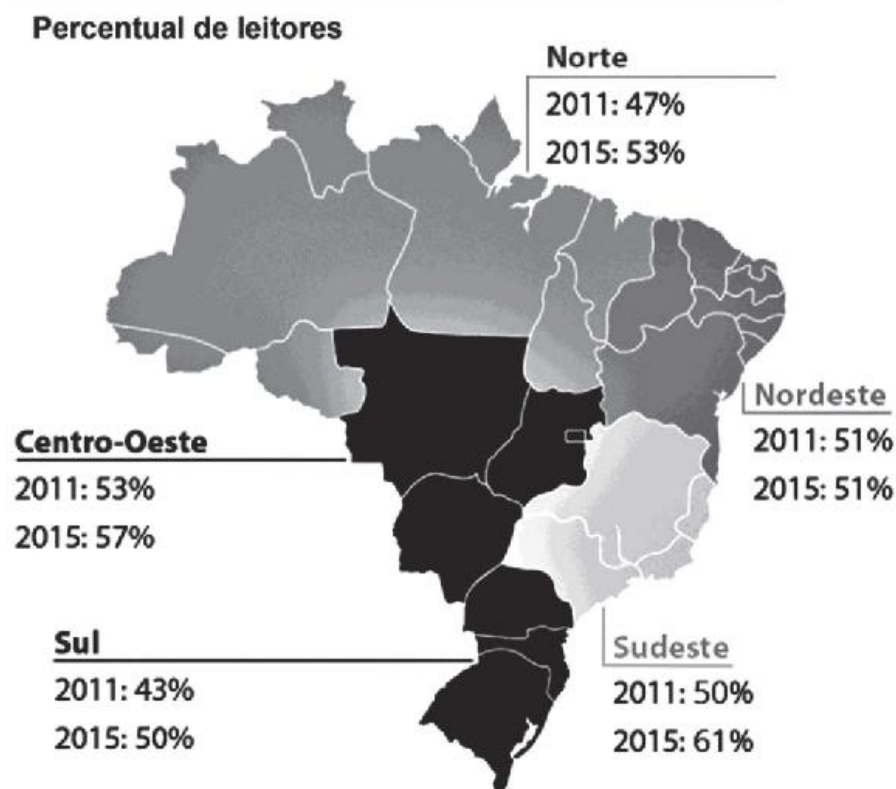
Note que o posicionamento do autor deverá aparecer “em linhas gerais”, ou seja, de forma resumida. Como vimos anteriormente, é importante produzirmos uma contextualização para o leitor; neste caso, será relevante escrever sobre a crise da democracia e a ascensão de figuras políticas controversas.

Depois de exposto o raciocínio do texto-base, nosso posicionamento pode ganhar bastante força, dado que o foco é o **argumento**.

5. Confira o texto a seguir:

O gráfico a seguir apresenta os resultados da 4ª edição da pesquisa nacional Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Ibope e encomendada pelo Instituto Pró-Livro. O país possui, atualmente, 104,7 milhões de leitores (56% da população), o que representa um crescimento de 6 pontos percentuais em relação à última apuração, feita em 2011. Foram ouvidas, ao todo, 5.012 pessoas em todas as regiões do Brasil, com uma população de 5 anos ou mais.

Evolução da leitura no Brasil - 2011 e 2015

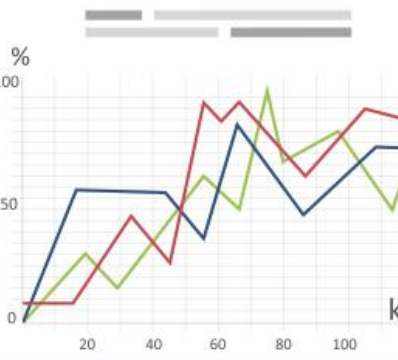
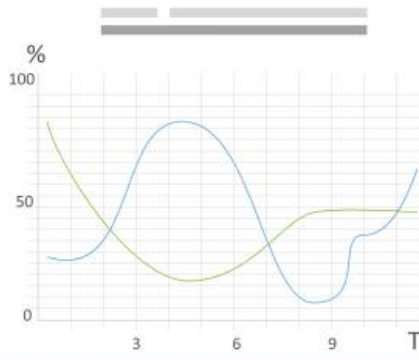
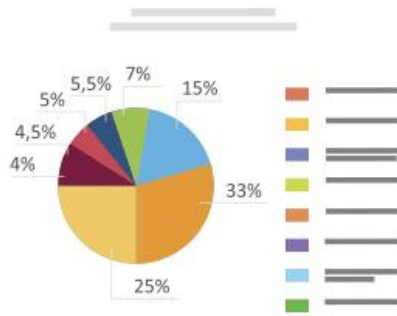
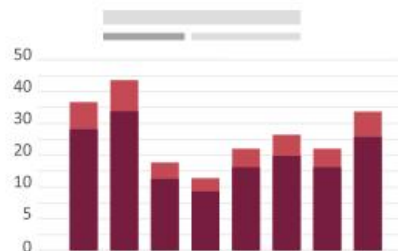
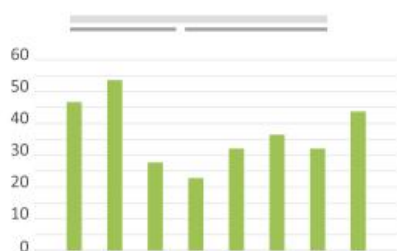


Fonte: <<http://entretenimento.ne10.uol.com.br/literatura/noticia/2016/05/18/615476.php>>.

Escreva um texto, com no mínimo 10 e no máximo 12 linhas, em que você apresente a um leitor as informações do enunciado e do infográfico, explicando as correlações possíveis entre os dados.

Atenção!

Os gráficos estão presentes nos mais variados momentos de uma prova de vestibular. Comumente associado a determinados ramos do conhecimento, muitas vezes causam desconforto quando aparecem em questões de Língua Portuguesa. Porém, ler um gráfico é interpretar um texto como qualquer outro e requer os esmos cuidados e atenção. Por isso, é engrandecedor entender que o mundo é um todo e que a segmentação em disciplinas escolares não precisa se estender para uma divisão nas nossas formas de pensar.



Arts777/Stockphoto.com

Nesta etapa, já é possível notarmos a estrutura geral da prova, isto é, todos os textos pedidos são pequenos híbridos de **tipos de texto**, sendo alguns mais próximos de **gêneros textuais** (por terem suas situações de produção mais detalhadas) e outros menos.

PARA PRATICAR

Para as duas propostas a seguir, determine os tipos textuais que precisam ser trabalhados e a proporção de cada um deles dentro do texto, indicando se devem estar em equilíbrio ou se um deles deve prevalecer, apontando de qual se trata.

UFPR 2016

1. Considere a seguinte charge.



Gazeta do Povo, 08 jul. 2015.

Segundo a mitologia grega, Narciso era um belo rapaz, filho do deus do rio Céfiso e da ninfa Liríope. Quando nasceu, o adivinho Tirésias profetizou que ele teria uma vida longa se não visse a própria face. Depois de adulto, após uma caçada, ele se debruçou numa fonte para beber água. Nessa posição, viu seu rosto refletido na água e se apaixonou pela própria imagem. Ali ficou, imóvel na contemplação de seu rosto refletido, e assim morreu.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de Mitologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

A charge de Benett apropria-se do mito de Narciso para questionar um comportamento atual. Em um texto de 8 a 10 linhas:

- explicita qual é o comportamento criticado na charge e a relação que o autor estabelece entre essa tendência atual e o mito grego;
- posicione-se em relação à crítica de Benett e justifique o ponto de vista defendido por você.

2. Considere o texto a seguir.

Complexo de vira-lata dos brasileiros

Pouco depois de chegar a São Paulo, fui a uma loja na Vila Madalena comprar um violão. O atendente, notando meu sotaque, perguntou de onde eu era. Quando respondi "de Londres", veio um grande sorriso de aprovação. Devolvi a pergunta, e ele respondeu: "sou deste país sofrido aqui".

Texto complementar

A leitura como agente do conhecimento

É lendo que desenvolvemos nosso pensamento crítico. Sem ele, os jovens serão sempre presa fácil da propaganda enganosa e da alienação

Recentemente, no rádio, um locutor falava em liberdades individuais, no direito de cada cidadão ser o agente de suas próprias decisões e na importância da diversidade de opiniões. Imaginei que fosse alguma ONG em defesa da democracia. Nada disso. O texto era patrocinado por um fabricante de cigarros! A liberdade a que se referia, no fundo, era uma só: a de optar por ser fumante, contrariando todas as informações médicas disponíveis.

São complexos os desafios da educação nos dias de hoje. Creio que alguns deles nem sempre são lembrados. É preciso formar nossas crianças e jovens de maneira que sejam capazes de perceber que discursos válidos e civilizadores podem ser utilizados como ações de marketing e propaganda (e também por políticos corruptos e regimes autoritários).

Fazer com que compreendam o funcionamento das sociedades fundadas em economias de mercado, para que saibam, por exemplo, separar consumo de consumismo ou propaganda de propaganda enganosa. Que discutam o que é autoridade (a confiança conquistada legitimamente), autoritarismo (a obediência obtida à força) e omissão (a desresponsabilização diante, por exemplo, de pessoas inexperientes ou dependentes e, num outro patamar, diante da sociedade).

Que tenham claro que a liberdade é muito boa, mas tem limites: ninguém tem direito de desrespeitar o direito dos outros. Que compreendam que são responsáveis também pela sociedade em que vivem.

Que aprendam a estudar (poucas escolas ensinam isso) e tenham o melhor preparo técnico possível sem esquecer de certas características de qualquer ser humano: somos incapazes de viver sem uma sociedade; somos capazes de construir linguagens e símbolos; temos dificuldade de distinguir a subjetividade da objetividade; somos efêmeros (morremos), corporais e passíveis de prazer e sofrimento; podemos pensar em assuntos abstratos como justiça, moral, política e estética; transformar a natureza e a sociedade e, ainda, fazer projetos para, com sorte e competência, construir um futuro melhor.

É importante que saibam respeitar, conviver e ser capazes de se identificar com hábitos, valores e crenças diferentes dos seus. Que discutam sobre por que têm sido levados a escolher suas profissões sem um mínimo de autoconhecimento (considerando apenas salários e a profissão da moda em detrimento de vocações). Que debatam formas alienantes e sub-reptícias de exclusão, como o "culto da celebridade" (que valoriza a pessoa "descolada" e sua "imagem", desprezando a pessoa "comum"). E também os hábitos culturais que misturam o público e o privado, para que possam analisar as práticas que transformam vidas e relações humanas em ações de marketing e pessoas em produtos de consumo.

Que conheçam os extraordinários avanços da modernidade, mas também suas inúmeras contradições. Que tenham acesso à multifacetada cultura de nosso país. Que estejam conscientes das desigualdades de nossa sociedade (por serem imorais e injustificáveis, elas costumam deixar nossas crianças e jovens confusos e céticos).

E ainda que sejam levados a compreender que não são a plateia, mas sim os protagonistas do futuro e que, na escola, estão se preparando para construí-lo e ressignificá-lo.

Não sou pedagogo e conheço pouco os diferentes métodos educacionais. Sejam quais forem, a meu ver, deveriam ter por base assuntos como esses. Eis por que a leitura sempre terá um papel fundamental: desenvolvemos nosso pensamento crítico, principalmente, por meio dela. Sem ele, nossas crianças e jovens, tanto faz de que classe social, serão presa fácil da propaganda enganosa, da alienação e do niilismo.

AZEVEDO, Ricardo. "A leitura como agente do conhecimento". *CartaCapital*, 14 out. 2010.
Disponível em: <www.cartacapital.com.br/educacao/carta-fundamental-arquivo/a-leitura-como-agente-do-conhecimento>.
Acesso em: 20 jul. 2017.

■ Quer saber mais?

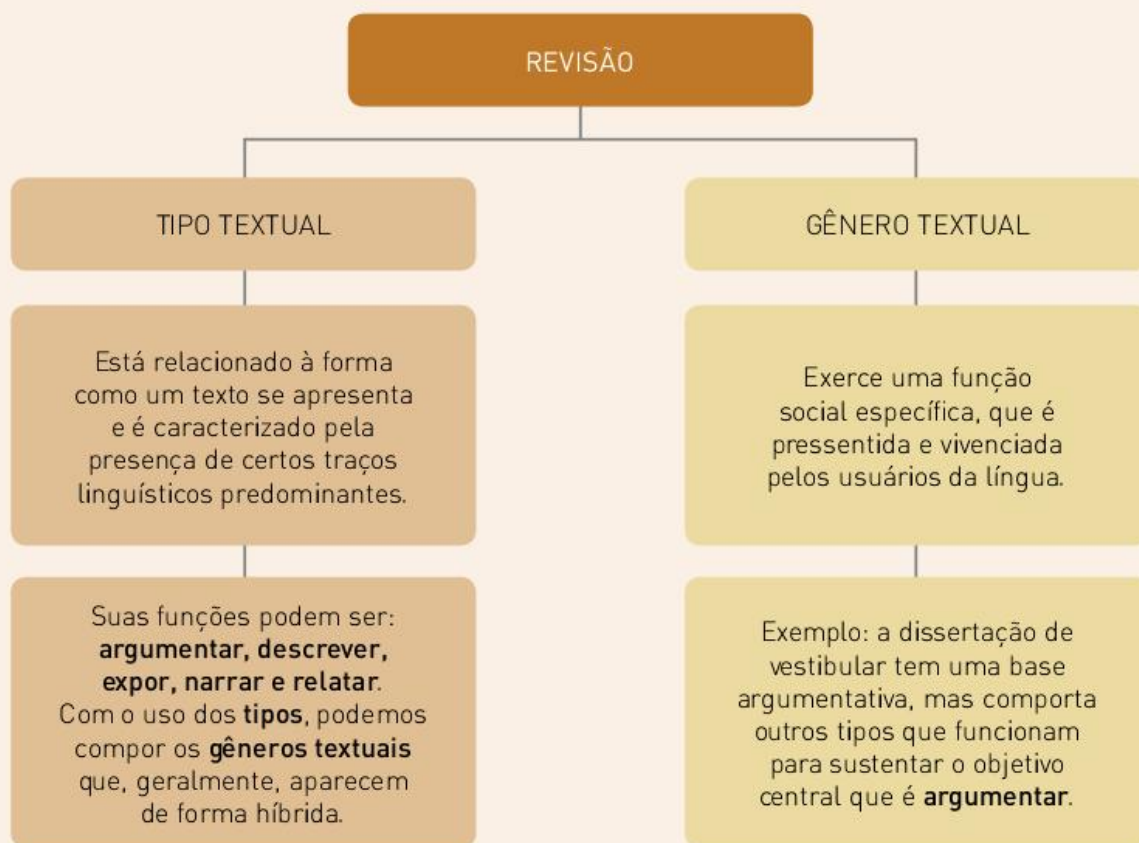
Documentário

- No vídeo *Paulo Freire contemporâneo* é possível ter contato com o pensamento de um dos maiores teóricos sobre pedagogia do Brasil e refletir a respeito do nosso próprio processo de educação. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=5y9KMq6G8l8>.

Poema

- No poema "Catir feijão", de João Cabral de Melo Neto, o autor compara o processo de escrita com o de catir feijão, mostrando o trabalho que há em cada tarefa, aproximando-as.

RESUMO teórico



Capítulo 30

Revisão II



PeopleImages/Shutterstock.com

Chegou a hora de rever os principais conceitos e de lembrar o que é essencial para a redação de um bom texto.

Tudo o que construímos até aqui nos dá embasamento suficiente para obter sucesso no vestibular e para o começo de um brilhante futuro acadêmico. Vamos lá!

A introdução

A **introdução** de uma dissertação é sempre composta de **contextualização** + **tese**. Assim, vejamos como podemos construir cada uma dessas partes.

Contextualização

É o momento em que o tema é apresentado ao leitor, já que ele não teve acesso à coletânea. É possível pensar essa parte como uma resposta a algumas perguntas, como:

- O que será discutido neste texto?
- Por que esse tema será abordado?
- Qual é a relevância da análise dessa temática?
- Há algum fato recente que possa ser relacionado a esse assunto?
- Existe alguma narrativa que metaforize essa questão?

A contextualização é um espaço para fatos e constatações que não precisam de sustentação.

Atenção!

Vale lembrar que a **tese** é o coração da dissertação, pois é a partir dela que se organiza todo o raciocínio do texto. Dessa forma, ela merece mais atenção na estrutura textual.

Tese

É a posição do autor a respeito do tema. Considerando que a ideia da dissertação é expor uma opinião e sustentá-la por meio da argumentação, é importante definir claramente a tese a ser defendida, que deve ser um **recorte da realidade**. Várias pessoas podem vivenciar um mesmo fato e, ainda assim, descrevê-lo de forma distinta a outrem. Isso ocorre devido às diferentes formações morais, culturais, éticas e sociais de cada ser humano e às perspectivas diversas que um indivíduo tem sobre algo. Nesse sentido, cada olhar é um ponto de vista e cada forma de olhar é um recorte.

A exposição formal do ponto de vista no texto é o que chamamos de tese.

Como sugestão, elabore uma tese em que fiquem evidentes **dois** aspectos. Exemplos:

- Causa e consequência - o que mantém o fenômeno ocorrendo e o que ele desencadeia;
- Sociedade e indivíduo - quais características sociais ajudam na manutenção do fenômeno e como o cidadão reage aos estímulos relacionados a esse fenômeno.

O desenvolvimento

Composto usualmente de dois ou três parágrafos, o desenvolvimento expande as ideias iniciadas na tese. Cada um deles tem uma estrutura interna que pode ajudar a organizar os argumentos a serem trabalhados. Essa disposição é subdividida em:

1. tópico frasal;
2. ampliação do tópico;
3. fecho/concretizações.

A seguir, vamos expor as partes em ordem predeterminada, sabendo que, depois de apreendidas as funções de cada uma delas, essa ordem pode ser subvertida.

Tópico frasal

É um resumo do assunto que será discutido no parágrafo. Por meio dele conhecemos a questão a ser tratada, pois ele contém todas as informações que serão abordadas.

Sugestão: na dissertação, opte por um tópico **contestável**, de modo que possa ser defendido em seguida, no que se chama de expansão do tópico frasal.

Tenha em mente que o **tópico ocupa, mais ou menos, 25% do espaço do parágrafo.**

Expansão do tópico

É o desenvolvimento do que foi explicitado no tópico frasal. O leitor não sabe de onde foi tirada a afirmação inicial e, provavelmente, não pensa como você, por isso convém preocupar-se em mostrar que suas ideias são relevantes e verossímeis. Nesse momento, serão expostos os argumentos, ou seja, o que temos de lógico e palpável para sustentar nosso ponto de vista. Trata-se de afirmações comprováveis por quem escreve e contestáveis por quem lê, baseadas em evidências da realidade (isso não significa que, necessariamente, o leitor refutará o que foi escrito, mas que não foi colocado algo inquestionável, um fato ou uma crença. Exemplos: "A Revolução Industrial começou no século XVIII", "O aborto não deve ser legalizado porque Deus não quer" ou "Todo indivíduo contemporâneo sonha em comprar um carro").

Considere que a expansão ocupa, mais ou menos, 50% do espaço do parágrafo.

Fecho ou exemplo

É a finalização do parágrafo, em que podemos optar por concretizar o raciocínio (isso é bastante importante caso a argumentação esteja em um plano excessivamente abstrato) ou concluir a ideia iniciada no tópico frasal.

Tenha em vista que o fecho ocupa, mais ou menos, 25% do espaço do parágrafo; este é outro espaço para fatos e / constatações que não precisam de sustentação.

Atenção!

Argumentos

Os parágrafos de desenvolvimento são o momento da argumentação, em que apresentamos a sustentação da tese, ou seja, são abordados os argumentos, as razões que levam o escritor a adotar uma ou outra postura.

Pode-se entender essa etapa como a resposta às questões da tese. No entanto, essa justificativa deve ser coesa, isto é, ter uma sequência lógica, não bastando apenas expor razões, mas relacioná-las de forma contínua.

A conclusão

É a parte do texto em que se fecha o raciocínio. É importante lembrar que, por ser o desfecho de uma reflexão, a apresentação de dados ou ideias novas que ainda não tenham sido abordadas no decorrer da redação pode ferir a unidade textual.

É fundamental que a conclusão surja de forma coerente e que trate, necessariamente, daquilo que já foi desenvolvido. Observe o silogismo clássico a seguir:



Saiba mais

A teoria sobre silogismos foi escrita por Aristóteles. Com origem no grego antigo, a palavra "silogismo" significa conexão de ideias, raciocínio, e é um termo cunhado dentro da filosofia aristotélica para designar a argumentação lógica perfeita com proposições, das quais decorre uma conclusão.



arekai/Stockphoto.com

Nicholas,
Estátua de
Aristóteles,
1956, mármore,
Parque
Aristóteles,
Estagira, Grécia.



Exemplo 1

Vivemos em uma sociedade marcada pela produtividade.

Nela, o indivíduo costuma internalizar que seu valor é dado pela capacidade de produzir.

Logo, quando não mais se consegue produzir, ou se repensam os valores, ou se estará fadado à exclusão.

Tese	<i>Quando inseridos em um contexto que tem a produtividade como uma de suas maiores marcas, os indivíduos tendem a naturalizar a ideia de que só têm valor enquanto podem produzir algo.</i>
D1	<i>Como a produtividade se transforma em uma das maiores marcas dessa sociedade? Que estímulos são dados para isso?</i>
D2	<i>Como se dá essa naturalização?</i>
Conclusão	<i>Quando não mais se consegue produzir, ou se repensam os valores, ou se estará fadado à exclusão.</i>

Exemplo 2

Vivemos em uma sociedade que prega que tudo aquilo de que precisamos ou o que queremos está à venda e que, se está à venda, é uma necessidade ou um desejo.

Nela, o indivíduo costuma sufocar tudo aquilo que poderia ser, toda sua individualidade e toda sua humanidade.

Logo, em um dado momento, fica difícil separar o que é corpóreo e humano daquilo que foi colocado como uma necessidade de consumo.

Tese	<i>Quando inseridos em um contexto em que a compra é definida como solução para tudo aquilo de que precisamos ou o que queremos, os indivíduos passam a valorizar mais o ter do que o ser.</i>
D1	<i>De que forma o ato de comprar se torna fundamental para a sociedade?</i>
D2	<i>Como se dá a supervalorização do ter em detrimento do ser?</i>
Conclusão	<i>Quando se tem a compra como solução para tudo aquilo de que precisamos ou o que queremos, fica difícil separar o que é corpóreo e humano daquilo que foi colocado como uma necessidade de consumo.</i>

PARA PRATICAR

Identifique os seguintes elementos da estrutura-padrão do texto dissertativo na redação a seguir:

- Contextualização
- Tese
- Tópicos frasais do desenvolvimento
- Exemplos

Tema: **Felicidade e consumo**

Multifelicidade

Antenor, habitante do País do Sol, afrontava diversos níveis do relacionamento humano devido à sua má cabeça, que, diferentemente das outras, não estava habituada ao que era tomado como normalidade. João do Rio, em sua ficção "O homem da cabeça de papelão" põe em xeque a felicidade e a uniformidade fixadas. Felicidade, porém, parece ser passível de múltiplas definições, visto que é entendida de formas distintas em contextos diferentes. No capitalismo, em que o lucro é a tônica, é entendida como a realização de desejos materiais e sentimentais e torna-se um padrão a ser buscado.

Posto que a sociedade atual fixou sua definição, a felicidade tornou-se um alvo; houve uma padronização do comportamento daqueles que, pressionados pelo grupo em que se inserem, desejam ser felizes. Dentro dessa lógica, porém, vale ressaltar que felicidade está fortemente associada à plenitude, dada pelo alcance dos objetivos, possibilidade quase irreal, já que são reinventados ininterruptamente. Segundo Drummond, "Há duas épocas na vida, infância e velhice, em que a felicidade está numa caixa de bombons."; nas outras, portanto, a caixa de bombons é insuficiente. Quando uma rede de eletrodomésticos usa como slogan "Vem ser feliz", por exemplo, aponta para o fato de que, no mundo do consumo, em um primeiro momento a felicidade se encontra onde o produto está, porém, ainda que se leve o produto para casa, a felicidade continuará na loja.

A padronização, porém, para tornar iguais os desejos individuais, também exclui os diferentes. Se alguém procura o bem-estar fora do que é dado, choca-se com a ideia de "normalidade". O enquadramento em um molde é importante para que o fluxo instituído – que minimiza o pensar sobre o próprio consumo – se mantenha. Em um contexto em que cabeças de papelão, sempre tão iguais, organizam-se homogeneamente para reger a sociedade independentemente de qualquer questionamento moral ou ético, uma que se mostre a "máquina sensível do tempo", como apontou João do Rio, não poderia atuar.

Embora tivesse uma cabeça incrível, Antenor sentiu o impulso de deixá-la no relojoeiro para consertar; quando a resgatou, não a colocou porque a cabeça de papelão lhe havia conferido sucesso.

Por a felicidade permitir, então, um sem número de interpretações, será inevitavelmente reinterpretada a cada contexto. No atual, fixá-la como meio para o lucro e para o distanciamento da reflexão cumpre coerentemente os anseios sistêmicos. O homem estará, por isso, cada vez mais distante de ter a liberdade da interpretação sobre a felicidade novamente, ou seja, as cabeças correrão o risco de, por muito tempo, ficarem esquecidas no relojoeiro e do embrulho nunca saírem.

Autoria de GAC.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Uerj 2016

No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha, não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

No trecho anterior, o escritor Walter Benjamin aborda a dificuldade de expressar experiências desumanizadoras, como as vividas em uma guerra. Em diversos países, ações de resgate da memória de vítimas de guerras, ditaduras e processos de dominação indicam uma percepção da importância de transmitir essas experiências à sociedade. No Brasil, o lema divulgado no Dia Internacional do Direito à Verdade também sugere uma forma de lidar com o passado, em direção ao futuro.



Disponível em: <cnv.gov.br>.

A partir da leitura do conjunto dos textos desta prova e de suas próprias reflexões, redija um texto argumentativo-dissertativo, em prosa, com 20 a 30 linhas, em que apresente seu posicionamento acerca da necessidade de conhecer experiências históricas de violência e opressão, para a construção de uma sociedade mais democrática. Utilize a norma-padrão da língua e atribua um título à sua redação.

Texto complementar

Duas formas de refinar o texto

(Serve melhor para textos cujas estruturas já estão organizadas)

Pela forma

Quando o texto já tem uma organização mínima dentro de uma estrutura, possibilitando a localização da tese e dos argumentos, o autor consegue começar a pensar no refino da forma. Isso significa que pode haver uma oportunidade de melhoria na seleção de palavras e minimização de repetições no texto, o que contribui para a construção de uma argumentação harmônica e de uma ilustração bem feita, além de trabalhar o plano da expressão.

Como escolher melhor as palavras e as construções sintáticas: o ponto de partida é adquirir mais vocabulário. Ler redações publicadas como "acima da média" pela Fuvest até 2013 ou outros textos de fontes confiáveis pode ajudar bastante nisso. Em um caderno, escreva as expressões que lhe chamarem a atenção e consulte seu significado em um dicionário, anotando sua definição; copie frases inteiras que trazem informações complexas de maneira simples e aproprie-se dessas formas, usando suas estruturas, mas fazendo as modificações necessárias de acordo com o tema exigido, seus argumentos etc.; treine, redigindo textos com expressões e estruturas novas.

Como minimizar as repetições: a repetição frequente de termos indica que há um "padrão de erro" em seu texto. Notada essa tendência, é recomendado que, depois de escrever o rascunho da redação, seja feita uma pausa para um café ou a resolução de outras questões. Volte para o texto passados uns 20 minutos, pelo menos, e releia sua dissertação procurando por palavras repetidas. Perceba que não se trata de uma verificação superficial, e sim de uma busca atenta por repetições. É bem possível que as palavras-chave do tema tenham aparecido muitas vezes, assim como os conceitos mais importantes (como "indivíduo", "sociedade", "capitalismo") que circundam a discussão.

Como trocar as palavras que se repetem: as formas mais comuns de evitar a repetição de vocábulos são a substituição deles por sinônimos ou pronomes e a elipse dos termos. A expansão de um conceito também é bastante útil ao longo do texto, embora ainda seja pouco utilizada. Observe:

O indivíduo inserido no consumo tende a participar pouco da política, e, por isso, a política perde força em relação à economia, o que prejudica o próprio indivíduo.

Indivíduo, nesse caso, é todo aquele que vive em sociedade. Política são as ações e escolhas que regem as relações sociais. Ao fazer a troca desses termos por suas explicações, tem-se:

Todo aquele que vive em sociedades que têm como tônica o consumo tende a participar pouco das escolhas que regem as relações sociais, e, por isso, a política perde força em relação à economia, o que prejudica o próprio indivíduo.

Note que não é um simples "copiar e colar". Há adaptações que precisam ser feitas para garantir o **sentido** do que se pretende dizer. Exercitar essas trocas agiliza o processo em situação de prova.

Como escolher os exemplos e como escrevê-los no texto: exemplo é aquilo que exemplifica. Parece óbvio, mas, às vezes, podemos acabar nos perdendo no raciocínio, trazendo um pensamento de algo próximo à ideia que apresentamos, e não dela em si. Exemplo é a evidência do mundo concreto que você pode fornecer para o leitor para que ele compreenda onde a lógica que você construiu aparece quando se observa a realidade.

Vamos supor que se queira mostrar para o leitor que o indivíduo tem se protegido cada vez mais. Para isso, parte-se do pressuposto de que ele não concorda e, então, explica-se que a sociedade é marcada pelo medo e por uma forte influência midiática para que sejam naturalizadas as ideias de que o espaço público é perigoso e de que todo outro ser humano é um potencial criminoso. Para facilitar o acesso a essas abstrações, pode-se diluir o exemplo na própria argumentação. Veja:

Se **todos os dias, às 18h, são exibidas cenas de perseguição policial**, e elas sempre se dão no espaço público, a imagem que é repetida inúmeras vezes se torna conhecida.

Observe que o exemplo é só o que está em negrito - o que o circunda ainda é do plano argumentativo. Esse é o exemplo diluído: ele ocupa menos espaço e é mais natural, mais refinado. Quanto mais contemporâneo for o exemplo, maior é a chance de ser autoral, porque é mais provável que a leitura sobre ele seja pessoal, e não algo que está apenas sendo reproduzido.

Como construir uma ilustração: toda ilustração tem como base uma analogia, que existe a partir da identificação das semelhanças entre dois objetos genericamente diferentes. Seu uso faz mais sentido para um texto argumentativo caso tenha como base um **campo semântico complexo**. Mesmo que sejam utilizados elementos cotidianos para a composição, ainda será mais interessante se esses itens se relacionarem. Um camaleão, por exemplo, seria um desses elementos simples, mas é justamente a ideia de mudança de cor que faz com que se abra uma possibilidade interessante de analogia. A pura e simples descrição de personagens ou objetos pode cair em uma comparação e empobrecer o texto.

Pelo conteúdo

Um texto se destaca por meio de seu conteúdo quando a análise que propõe em relação a um determinado tema toca outros temas, ou seja, quando, para a defesa da tese, são mobilizados conhecimentos de outro recorte temático. Como isso é feito?

A sugestão é o seguinte exercício: faça uma lista de características sociais (como você acha que é a nossa sociedade? Como, em geral, as pessoas se comportam?) e de temas que já caíram nos vestibulares a que deseja concorrer (a listagem de temas já deve envolver o seu olhar sobre o tema). Exemplo:

Características sociais	Temas
Individualismo	Fuvest 2012: Participação política (pouca participação)
Consumismo	Fuvest 2013: Consumismo (crença de que o melhor que o mundo tem a oferecer pode ser adquirido no <i>shopping</i> por meio de um cartão)
Apreço pela velocidade	Fuvest 2014: Situação da população idosa (ideia de que tudo o que é velho precisa ir para o lixo)
Proteção do indivíduo	Fuvest 2015: Camarotização da sociedade
Uso frequente da tecnologia	
Distanciamento em relação ao próprio corpo	

Podemos notar que tudo o que aparece na lista da esquerda potencialmente pode estar na coluna da direita, e tudo o que está na da direita é, necessariamente, também uma característica social. O tempo todo está sendo falado sobre a mesma sociedade, e cada elemento da esquerda pode ser ligado de uma forma diferente com cada elemento da direita (todos podem ser interligados).

Por exemplo, qual é a relação entre:

Individualismo	Fuvest 2012: Participação política (pouca participação)
----------------	---

Parece, em princípio, que o individualismo leva à falta de participação política. Ou seja, é uma relação de causa. E, por sua vez, o que leva ao individualismo poderia ser:

Consumismo	Fuvest 2013: Consumismo (crença de que o melhor que o mundo tem a oferecer pode ser adquirido no <i>shopping</i> por meio de um cartão)
------------	---

Outra relação de causa. Nesse sentido, cada relação que se encontra (e elas são de diversas naturezas: causa, consequência, finalidade, soma, negação etc.) rende 1 parágrafo de argumentação. Se dissermos, então, que o "individualismo leva à falta de participação política", precisaremos, em seguida, provar para o leitor que essa relação realmente existe. Eis a argumentação.

Parece simples, mas, a título de provocação, e se o tema for "lixo" e a característica for o apreço pela velocidade? E se o tema for "corpo" e a característica for o consumismo?

Confira a redação a seguir, retirada do vestibular de 2013 da Fuvest.

A difícil tarefa de ser

Tyler Durden, concretização de uma série de desejos secretos e de frustrações do personagem principal de "O Clube da Luta", abre uma discussão acerca do ser e do sentir numa era em que o consumo é imperativo. O filme, baseado no livro homônimo, levantou polêmicas ao retratar um indivíduo desconectado de sua identidade que buscou satisfazer no consumo suas faltas. Esse consumo, no entanto, não evitou a criação de Durden por camadas mais profundas de sua mente, não evitou a criação de um rapaz plenamente consciente de suas vontades e de seu corpo. O longa-metragem aponta a metáfora: vivemos sufocando Tyler Durden, aquele que sabe quem é e o que quer, já que há uma ideologia circundante pregando que tudo aquilo de que precisamos ou que queremos está à venda e que, se está à venda, é uma necessidade ou um desejo.

Quando o lucro é esperado, nascemos todos endividados. A ideia de se cumprir um protocolo gerado a partir do gênero, por exemplo, que impõe o que se deve ter e o que se deve ser, é quase unânime. Uma mulher malculada é menos feminina e todas as ferramentas de que precisa para acionar o comando "feminilidade", que muitas vezes é cobrado para sua inserção social, estão disponíveis num centro de compras. O que pouco se discute é a relação de um ser humano, hoje, com seu corpo; ela pode ir além daquilo que se pode comprar. O Tyler Durden social por vezes clama por dor ou por angústia - que são humanas, que criam arte, que movimentam - mas recebe como resposta: "não estão à venda". Clama por um reconhecimento de fatores femininos no próprio corpo, mas eles estão em um rimel. O centro de compras branco, iluminado, transparente e seguro vende apenas o que foi denominado como "o melhor que o mundo tem a oferecer", renegando "o humano que o mundo tem a receber".

É nesse interím que acontece uma uniformização. Não se consegue discutir escolha de valores porque ela não mais existe. Existe sim uma pequena gama de valores à venda e todos os desejos acabam por ela limitados. Desejos já dados como naturais e confirmados como naturais sob o argumento de que a maioria está desejando a mesma coisa; inadaptado é aquele que não adequa seu desejo ao leque oferecido.

Difícil, pois, se torna distinguir o que é corpóreo e humano do que é parte da dívida a que fomos expostos. Difícil seria separar Tyler Durden da mente que o criou. Difícil passa a ser, para a maioria dos inseridos na engrenagem capitalista, reconhecer um desejo que não tenha sido criado e que não esteja à venda.

A redação apresentada não tem grandes refinamentos de forma, mas a associação entre consumo, *shopping*, cartão de crédito e corpo não é óbvia. É justamente essa relação que deixa o texto mais denso e mais interessante. Essa redação recebeu nota 9,25.

■ Quer saber mais?



Livro

- A obra *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*, de Norberto Bobbio, esclarece alguns aspectos do momento político atual. Com a globalização em curso, a análise dos problemas políticos e econômicos expandiu-se para além das fronteiras dos Estados nacionais.



Livro / Peça de teatro

- A obra *Calabar: o elogio da traição*, de Chico Buarque de Hollanda e Ruy Guerra, faz uso de figurações, questionando a versão oficial de um fato histórico. A intenção dos autores, no entanto, não era denunciar um erro: o alvo era o próprio regime militar.

RESUMO teórico



Gabaritos

Capítulo 16 Propostas baseadas em textos verbo-visuais

Para praticar

Imagem I

Podemos perceber uma divisão espacial: de um lado, um prédio de alto padrão e, do outro, uma comunidade bem mais pobre. Enquanto essa comunidade se caracteriza por uma série de construções baixas, mais ou menos com as mesmas formas simples, o edifício tem uma arquitetura moderna e se ergue verticalmente por muitos metros. Tal qual camarotes, das sacadas do prédio é possível ver o que circunda, quase como um lembrete diário de que se ocupa o lugar de desejo, conforme construído em nossa sociedade. Por outro lado, embaixo, vê-se o prédio, talvez como meta, sonho ou objeto de desejo. Se o que é valorizado é restrito a um espaço e passa a conferir valor a quem o ocupa, é possível compartilhá-lo? É coerente com esse sistema crermos que existe valor em todos os espaços?

Sugestão de tese

Quando a vida se torna uma competição, o topo do pódio é pequeno demais para todo mundo. O efeito disso é que, imerso na busca pela vitória, o indivíduo vai, aos poucos, deixando de pensar que qualidade de vida pode ser um direito de todos, e não um prêmio a poucos vencedores.

Imagem II

A presença da cerca indica uma divisão que não existiria sem ela. Em outras palavras, é a mão do homem que traça a separação, definindo quem pode estar do lado de dentro e quem deve permanecer do lado de fora. Por meio dessa divisão, então, criam-se identidades. Ao mesmo tempo, o fato de essa cerca ser composta de arames farpados indica que a segmentação proposta não é fruto de um acordo pleno com todos que interagem com ela. Mas como são definidos esses acordos? Quem delimita o que não é delimitado?

Sugestão de tese

Criamos fronteiras que nos separam, identificam, mas, à medida que perdemos de vista o fato de elas serem apenas invenções, passamos a crer que aquilo que elas definem é absoluto. A intolerância e a violência contra tudo o que, sem autorização, as ultrapassa, passam a ser frequentes.

Proposta de redação

Ao escrever a redação, é importante perceber que a proposta pede uma dissertação acerca da mentalidade da nossa sociedade, portanto não se trata de criticar o consumo ou de propor outro modelo econômico. Nesse sentido, deve-se estar atento aos aspectos dessa cultura que, de algum modo, vão dando forma à nossa maneira de pensar e de agir e aos efeitos desse processo.

Além disso, trata-se de um tema bastante palpável da nossa atualidade. Buscar exemplos para concretizá-lo é necessário para indicar tal realidade na dissertação.

Capítulo 17 Análise de textos: a evolução argumentativa

Para praticar

A introdução é eficaz para a proposta, pois começa com uma contextualização apresentando o conceito sobre o qual se vai dissertar e, em seguida, desenha-se um ponto de vista pertinente. No desenvolvimento, porém, as coisas desandam. Quanto ao D1, trata-se de um parágrafo inteiramente expositivo, pois o autor se limitou a resumir o que leu na coletânea. Em outras palavras, não vemos, nesse trecho, um raciocínio argumentativo, mas apenas o que escreve Kant.

Já em relação ao D2, o problema é de outra natureza. O autor até traz um tópico-frasal que indica uma relação potencialmente argumentativa. No entanto, já começa a expansão com um exemplo e, depois, não sai mais dele. Além de optar por uma abordagem demasiadamente particular (como se só o canal de televisão específico propusesse uma interpretação de mundo de acordo com seus próprios interesses), os casos apresentados também são muito pouco contemporâneos. Ao ler o parágrafo, parece tratar-se de alguém que aprendeu, nas aulas de História, que há manipulação, mas que não a percebe cotidianamente.

Assim, considerando a tese e o que já foi utilizado, talvez pudéssemos propor os seguintes parágrafos:

D1) Quando se paga por tudo, o conhecimento passa a ser responsabilidade de quem o fabrica. Na sociedade contemporânea, para que se mantenha ininterrupto o sistema, é preciso que acreditemos que não somos capazes, por nós mesmos, de produzir coisa alguma – se não o somos, compramos. Dessa forma, por

crermos não ser capazes de inventar nossa própria beleza, compramos maquiagens e roupas; como incapazes de inventar nossa própria felicidade, abrimos garrafas de refrigerante e nos refugiamos em supermercados que garantem que ela está ali. Com o conhecimento, algo similar acontece: não nos cabe mais ter acesso a diversas fontes, compará-las, problematizá-las, mas compramos o saber em apostilas, em revistas semanais ou nas palavras do jornalista do telejornal noturno.

D2) Ao fazê-lo, porém, ficamos à mercê dos produtores. O mundo que nos chega por meio deles tende a ser muito mais um reflexo deles mesmos do que, de fato, de toda a pluralidade que se poderia levar em consideração. Acomodados que estamos com alguém que interprete a realidade por nós mesmos, tornamo-nos papagaios repetindo as palavras do dono.

Proposta de redação

É importante ficar atento ao fato de que a proposta se organiza em torno de uma pergunta com duas opções de resposta. Para redigir a tese, então, é preciso decidir se interpretará a publicação de imagens trágicas como “banalização do sofrimento” ou como “forma de sensibilização”.

Outro ponto com o qual se deve tomar cuidado é a argumentação, sendo ideal evitar recorrer a moralizações. Nesse sentido, o aluno deve perceber que a proposta não pede que ele aborde como deveríamos nos comportar diante dessas imagens trágicas, apenas que nos posicionemos.

Capítulo 18 Polêmicas

Para praticar

As respostas são pessoais, mas seguem algumas sugestões:

a) Há um mito de que as cotas nas universidades diminuem a qualidade dos cursos. Na verdade, segundo pesquisas recentes da Fapesp, o aproveitamento de alunos oriundos de programas de inclusão, como Prouni ou cotas, tende a ser similar ou mesmo superior ao dos alunos ingressos por meios tradicionais. O que se observa, então, é que, por mais que haja uma diferença de oportunidades no ingresso aos centros universitários, quando essas oportunidades são equiparadas oferecendo-se o mesmo curso aos

alunos, o rendimento passa a, de fato, ser mostrado e comparado. Assim, a insistência na ideia da queda de qualidade revela desinformação ou aversão a medidas que visem à reparação de desigualdades historicamente construídas.

- b) Reside, no senso comum, a ideia de que a redução da maioria penal é uma medida eficaz contra a violência. Em primeiro lugar, se o medo da prisão fosse, de fato, o principal motivador da redução da criminalidade, não haveria tantos infratores com mais de 18 anos. Em segundo lugar, quando uma proposta dessas é feita, são desconsiderados os índices de crimes cometidos por jovens entre 16 e 18 anos (apenas 1% dos assassinatos) e o de reincidência daqueles que passam pelo sistema prisional (70%). O que parece realmente motivar tal medida é uma reação passional e imediatista diante dos crimes escolhidos como relevantes por uma mídia sensacionalista e por políticos em busca de votos. Constitucionalmente, entretanto, o que se espera é que haja objetividade ao lidar com os problemas nacionais.
- c) Parece pouco refletida a crítica à adoção de crianças por casais homossexuais com base na ideia de que haverá uma influência na sexualidade infantil. O que aparentemente é esquecido em um argumento como esse é que a maioria dos homossexuais são filhos de casais heterossexuais, ou seja, não parece haver uma determinação parental nos comportamentos sexuais dos filhos. Desconsiderar aspectos como esse, porém, além de reforçar e aumentar preconceitos, cria obstáculos para a adoção, isto é, a fila de crianças abandonadas (por relações heteronormativas, aliás) não diminui. Refletir mais cuidadosamente, portanto, parece uma postura adequada ao se tratar essa questão.

Proposta de redação

Apesar de o tema já ter sido discutido ao longo do capítulo, é essencial para uma boa dissertação que a objetividade na versão final da redação seja mantida. Por mais que tenhamos tentado, anteriormente, apresentar estratégias para evitar cair em posicionamentos subjetivos, é ideal se certificar disso durante todo o processo de escrita.

Outro ponto importante é que há, sim, o direito de contrariar a coletânea, todavia, para refutar os dados, é preciso trazer informações novas e reconhecidas.

Capítulo 19 Conclusão I

Para praticar

Texto 1

A conclusão desta primeira redação deve levar em conta a discussão feita ao longo do texto. Nesse sentido, é importante atentar para a oposição construída em torno das ações que parabenizamos e das que compreendemos como estranhas. Além disso, conforme as conclusões apresentadas no decorrer do capítulo, é possível "brincar" com algumas das ideias utilizadas.

A seguir, uma sugestão de conclusão:

Ensurdecidos, portanto, com as palmas que parabenizam sempre aqueles que asseguram o ter, já não ouvimos mais coisa alguma. Quem agoniza, então, nessa história, passa a ser a própria empatia humana.

Texto 2

Mais uma vez, a conclusão deve ser organizada em torno da retomada do debate desenvolvido no texto. Para tanto, é importante levar em consideração que o camarote, conforme debatido na dissertação, demanda o espaço da pista, e que isso não é só uma metáfora. Ademais, de novo, "brincar" com os sentidos figurativos do camarote, da "bebida que pisca", pode ser uma boa estratégia de finalização.

A seguir, uma sugestão de conclusão:

Se, no vídeo, a "bebida que pisca" é concebida como o troféu a ser erguido, na vida social, ela produz tanto brilho que até ofusca. A quem a bebe e a agita do alto dos camarotes sociais, talvez já seja difícil enxergar que, para a manter acesa e continuar se embriagando com o que ela representa, o gosto indigesto da esfera pública deve continuar sendo sentido por quem é restrito à pista.

Proposta de redação

É importante considerar que a proposta trata de um tema bastante atual, portanto buscar informações e opiniões diversas pode ser um bom caminho para uma problematização aprofundada do assunto. Além disso, a foto presente na proposta remete às ocupações escolares, o que indica uma nova forma de fazer política, ou seja, os alunos não estão em busca de um representante que mude a educação, são eles mesmos, com as próprias mãos, que começam a fazer essa mudança. Nesse sentido, uma boa abordagem poderia ser feita a partir da transformação do conceito de "política" operada por esses jovens.

Capítulo 20 Conclusão II

Para praticar

Sugestão para o texto I:

Logo, para enfrentar tal problema, é preciso agir, primordialmente, na cultura. A aprovação da lei, nesse sentido, tem o mérito de desvincular o *Bullying* da ideia de mera brincadeira, mas é preciso que, de fato, forneça a professores e pais o repertório para lidar com a questão por meio de palestras, por exemplo. Mais do que isso, a contratação nas escolas de psicólogos preparados pode ajudar agressores e agredidos a entenderem melhor o que os leva a tal cenário e quais as melhores formas de contorná-lo. Ainda no que concerne às escolas, em vez de simplesmente abordar o tema, é importante trazer o convívio com a diferença para a ordem do dia, reformulando práticas e fomentando a percepção da diferença como algo que engrandece, e não como ameaça. Aos pais, caberia participar dessa reformulação e desses debates a

fim de enxergarem outras maneiras de se portar diante dos filhos. É na junção desses esforços que reside a chance de, de uma vez por todas, abdicarmos dessa herança de hostilidade.

Sugestão para o texto II (exemplo real):

Dessa maneira, é necessário tomar providências intervencionistas quanto à questão dos abusos publicitários infantis. A exemplo de países como a Inglaterra e a Suécia, o Estado Brasileiro deveria criar leis que normatizem a publicidade infantil, proibindo comerciais em certos horários ou para determinadas faixas etárias. A iniciativa privada responsável pelo marketing infantil precisa evitar associar aspectos do universo infantil aos produtos, principalmente os menos saudáveis, visando diminuir a compra compulsória. E a sociedade civil deve combater os apelos da publicidade infantil através de campanhas de conscientização nas escolas, palestras para os pais e alertas nas redes sociais, a fim de que futuramente os cidadãos brasileiros estabeleçam-se como consumidores conscientes, controlados e responsáveis consigo mesmos e com o mundo.

Proposta de redação

Ao escrever, é essencial considerar que se trata de uma redação propositiva, isto é, deverá apresentar propostas de intervenção em relação ao tema abordado. Isso deve ser especialmente observado na conclusão, a qual, além de evidenciar agentes variados e ações minimamente exequíveis, detalhadas e com relações claras com o que foi desenvolvido antes, deve ser estruturada de acordo com o que foi visto no capítulo. Porém, é importante perceber que, sendo um texto que caminha para propostas de intervenção, é imprescindível que os outros parágrafos dialoguem com isso. Assim, na tese, já é necessário indicar as questões, e, no desenvolvimento, é preciso deixar claro que o tema, de fato, traz problemas.

Capítulo 21 Análise da conclusão

Para praticar

As respostas são pessoais, mas seguem algumas sugestões:

Planejamento 1

A história, então, não acabou, e o passado ainda é atual. O presente, no entanto, não é para aqueles que, historicamente, sempre ficaram para trás, por baixo, ou em qualquer lugar que não fosse o desejado. O legado do passado escravocrata, enfim, ainda marca quem outrora teve as costas marcadas pelas chibatadas e, enquanto dermos as costas para essas costas, o racismo perdurará.

Planejamento 2

Para enfrentar esse cenário, portanto, são imprescindíveis ações que transformem, primordialmente, a cultura. Nesse sentido, cabe ao Estado o desenvolvimento das mais diversas ações afirmativas, como as cotas nos espaços universitários, pois isso garantirá ao negro uma representatividade maior

nos espaços de poder. Ainda no âmbito governamental, é necessária uma maior fiscalização quanto aos salários pagos a essa parcela da população, a divulgação de mais canais de denúncias contra o racismo e a garantia da segurança das pessoas vítimas dele. A indústria midiática, por sua vez, poderia ser obrigada a apresentar em suas produções porcentagens de atores e atrizes negros mais conformes à realidade do país. Além disso, poderia ser aumentado o alcance de ativistas e ONGs favoráveis à equiparidade dos direitos de negros e brancos. É apenas a partir da junção desses esforços que, enfim, caminharemos rumo a um Brasil que enfrente, efetivamente, o racismo.

Proposta de redação

Apesar de já ter lido duas redações elaboradas a partir das propostas apresentadas, é importante atentar para a autoria de seu texto. Além disso, há alguns aspectos mais específicos referentes a cada uma delas. Em relação à primeira (Unesp 2015), é essencial trabalhar o racismo como um legado do passado escravocrata brasileiro desde a tese. O cuidado, porém, é não cair em um relato histórico, isto é, a História, aqui, serve apenas para estabelecer a conexão com o presente, mas é o racismo contemporâneo que deve ter destaque.

Já quanto à proposta do Enem 2016, é preciso estar atento ao fato de ela exigir uma possível intervenção, a qual, ainda que se concentre na conclusão, deve ser indicada antes. A tese, então, já deve antecipá-la em linhas gerais, e o desenvolvimento deve provar que o racismo é um problema no Brasil.

Capítulo 22 Sofisticação textual

Para praticar

Essa questão, que alia o funcionamento de instrumentos linguísticos, como os dicionários, à poesia da língua, coloca como maior dificuldade compreender que estabelecer relações entre palavras não é o mesmo que fornecer sinônimos. Se a chave de leitura estivesse na sinonímia, os itens a e b estariam significativamente comprometidos.

a) É importante que sejam observados no texto de Francisco Buarque de Hollanda o uso e as funções de um dicionário analógico e, assim, inferir elementos para a sua definição: palavras em relação, analogias, sentidos próximos ou relacionados, palavras semelhantes que ampliam o sentido original de outra.

A seguir, um exemplo de resposta real para o item a:

O dicionário analógico mencionado no texto, diferentemente de um dicionário de sinônimos, traz várias relações de palavras, de fato análogas. A diferença é que o critério para relacionar tais palavras é voltado para o lado conotativo, apresentando vários tipos de palavras que poderiam servir para uma metáfora, ou algum tipo de alegoria, de uma mesma ou bem próxima função.

b) É ideal recorrer a pistas presentes no texto: os extensos parênteses que listam palavras relacionadas entre si (não apenas sinônimos), afirmações que mostram a possibilidade, aberta pela consulta ao dicionário, de escrever e dar acabamento a novas canções, fechar palavras cruzadas, decifrar enigmas.

A seguir, um exemplo de resposta real para o item b:

A partir dos termos entre parênteses, que não mostram apenas uma definição bruta, mas usam da gradação para enriquecer o texto, como no exemplo “[brocas, carunchos, busanos, (...), gafanhotos, bichos-carpinteiros]”, que claramente não se referia especificamente a traças, mesmo que quisesse falar delas.

Outra pista presente no texto é a parte em que o autor menciona a ajuda no acabamento de romances e canções, que geralmente costumam trazer bastantes características conotativas também.

Proposta de redação

A proposta traz alguns conceitos, como a imaginação sendo construtora de realidades. O diferencial em relação a tudo o que já foi visto (vale lembrar que a estrutura da dissertação clássica será cobrada aqui) é a presença de uma narrativa já na coletânea. Com o exemplo do texto que utiliza *Toy Story* na teoria deste capítulo e com o incentivo da própria proposta, seria interessante se arriscar no uso de analogias para a elaboração da redação.

Capítulo 23 Refinos de linguagem I

Para praticar

Possíveis respostas:

1. Altruísmo: “preocupação desinteressada com o outro”.
2. Desigualdade social: “ausência de proporção entre camadas da sociedade”.
3. Amizade: “relacionamento social baseado em grande afeição”.
4. Fronteira: “o limite entre dois espaços físicos ou abstratos”.

Proposta de redação

Espera-se que sejam discutidas e relacionadas as três concepções de trabalho apresentadas pela proposta. É ideal tentar determinar o que se definirá como “trabalho” e as possibilidades de esse conceito se alterar conforme se alteram também os contextos histórico e social. Vale lembrar que a estrutura dissertativa estudada nos capítulos anteriores também deverá ser aplicada.

Capítulo 24 Refinos de linguagem II

Para praticar

1. a) É importante conhecermos outras formas de pensar, pois, quando as conhecemos,

podemos ter mais noção sobre a nossa própria.

b) As fronteiras são tidas, muitas vezes, como inquestionáveis, pois respeitá-las é uma garantia de aceitação perante um grupo.

c) As redes sociais têm se mostrado o meio de comunicação mais usado porque permitem realizar as mesmas tarefas de outros meios de uma forma muito mais rápida.

2. a) As discussões políticas, que são observadas hoje nas redes sociais, surgem de crenças muito fixas.

b) Os jovens, que estão inseguros, ficam cada vez até mais velhos na casa dos pais.

c) Os indivíduos no Brasil, onde o preconceito de classe ainda é presente, estão se isolando uns dos outros.

Proposta de redação

Aprova pede uma dissertação argumentativa clássica sobre uma reflexão extraída da leitura dos textos motivadores. Todos eles tratam de escolhas e, como pontuou a proposta, há escolhas pequenas e de maior impacto, que não deixam de estar interligadas. Aqui, é interessante que as ideias de características sociais sejam retomadas para que se organizem em torno de uma tese que traga relações. Responder a perguntas como “por que fazemos as escolhas que fazemos?” pode ser um bom ponto de partida.

Capítulo 25 Construindo a dissertação

Para praticar

Ainda que a escolha e a resposta sejam pessoais, é importante verificar se todos os passos apresentados ao longo do capítulo foram seguidos. Além disso, as indicações dos conteúdos argumentativos precisam ser consistentes, por exemplo, um tópico com uma palavra só pode ser bastante trabalhoso de desenvolver quando for escrever o texto. Nesse sentido, vale a pena rever o planejamento proposto para o texto feito durante o capítulo.

Outro ponto importante é trazer a indicação de exemplos para os parágrafos de desenvolvimento. Além de atuais, eles devem concretizar o item da proposta escolhida: fatos, livros, instituições ou situações.

Proposta de redação

A análise da proposta feita durante o capítulo pode servir de base para a montagem do seu texto, no entanto, é importante expandir o que já foi trabalhado, ou seja, os exemplos devem ser mais autorais e a contextualização deve ser feita a partir das suas referências. É interessante notar como o tema, ainda que abstrato e, à primeira vista, difícil, faz parte da vida cotidiana e interfere nela.

Além disso, este é um bom momento para conferir o quanto a análise sugerida pela proposta pode servir de ponto de partida para os mais diversos temas.

Capítulo 26

Grades de correção I: dissertação clássica

Para praticar

Texto 1

A verdadeira mentira

Desde o começo do processo de globalização e durante seu avanço, a população mundial vivencia uma brutal era de transformações informacionais. Devido à necessidade de acesso imediato ao conhecimento, são criados diversos meios de obtê-lo com mais facilidade, mas o excesso de informação que chega aos indivíduos não garante qualidade. Dessa forma, a responsabilidade pela veracidade dos dados é tanto do usuário quanto do anunciante. A função de refletir e debater **em um texto é de quem o lê**. Muitas vezes uma notícia falsa é compartilhada repetidamente e, como parte dos leitores não discute o tema ou procura saber se é verídico, **o tema costuma ser verídico, o que não é, muitas vezes, é o que se divulga sobre ele; há, por isso, de se tomar cuidado com a construção aqui** ela pode gerar uma fatalidade **[mais uma vez, pelo descuido em relação às construções sintáticas, há uma confusão em relação ao conteúdo – não é a notícia em si que desencadeia uma fatalidade, mas as informações inverídicas compartilhadas]**. Um exemplo foi o caso de uma mulher que foi morta pelos moradores de um bairro no Guarujá porque foi publicado no jornal local que ela sequestrava crianças. Pela repercussão que a notícia teve, muitos acreditaram mesmo sem conhecer a moça ou procurar outras vias de informação **[esse exemplo não é o mais apropriado, pois a consequência de uma notícia com informações falsas não é a morte – isso aconteceu em virtude de desvios de comportamento]**. Assim, a capacidade de perceber se uma informação é verdadeira torna-se essencial. Entretanto, quem transmite as notícias deve **o “dever” é mais recomendado para textos estilo Enem ou que exijam proposta de intervenção; em outros casos, a moralização pode atrapalhar a análise]** ter conhecimento sobre o assunto. Textos que trazem dados concretos ou descobertas científicas são mais confiáveis que os baseados em opinião própria ou senso comum. A carta aberta ao Brasil, do americano Mark Manson, criticava o brasileiro e apontava que o fator principal que originou a crise era a cultura do país **[essa informação sobre a carta tem pouca conexão com o que foi desenvolvido antes. Talvez seja interessante avisar ao leitor, de alguma forma, que o elemento a seguir é um exemplo. A coesão deve ser garantida por quem escreve e não por quem lê]**. No entanto, o texto não apresentava pesquisas que sustentassem ou comprovassem os argumentos colocados. Por isso a pessoa que escreve deve verificar se o texto condiz com a realidade.

Portanto, as novas formas de se obter dados são necessárias, mas é preciso também que os seres humanos criem um senso crítico. Como consequência, o transmissor precisa se certificar ao

escrever um texto que tenha como base elementos concretos. Visto isso, existirá certa harmonia entre notícia e telespectador.

A introdução está dentro do tema e há um posicionamento. Porém, é importante tomar cuidado com o eco entre “qualidade”, “responsabilidade” e “veracidade”, que podem distrair o leitor, chamando sua atenção para a forma em um texto cujo foco é o conteúdo. O eco gera descontos relacionados ao item C. Os problemas do D1 são de ordem gramatical e estrutural (itens B e C). É importante ressaltar que a mudança em pequenos detalhes já aprimoraria o texto, dado que as ideias são coerentes.

OD2 tem como foco o exemplo da carta, o que pode ser um contratempo. Quando o exemplo torna um espaço que deveria ser destinado ao argumento, ele faz com que a nota do item A seja prejudicada. Mais uma vez, vale observar se a proposta dá abertura para que se diga como as coisas devem ser. A maior parte das provas que pedem dissertação clássica preferem a análise.

Notas:

(A) 2,5: O texto configura-se como uma dissertação argumentativa, e há um empenho para desenvolver as afirmações apresentadas. O texto atende ao tema proposto ou sugerido, e o aluno faz um uso da coletânea, interpretando-a de forma segura e dialogando com ela sem que precise expô-la na superfície da produção textual. Tese adequadamente construída, mas ainda pouco amadurecida.

(B) 1,5: Texto que articula palavras, frases e parágrafos, mas que o faz de maneira mecânica, ou seja, não demonstra propriedade na elaboração linguística de um raciocínio e na escolha de conectivos. Na construção dos parágrafos, há conclusões, mas ainda não são plenamente apropriadas. Os parágrafos de desenvolvimento começam a se encadear entre si ou a conclusão se conecta a apenas um parágrafo de desenvolvimento, sendo este, por sua vez, desconectado dos outros.

(C) 2,0: O texto revela domínio do padrão culto da língua, uma vez que respeita as estruturas sintáticas e apresenta desvios gramaticais pontuais que prejudicam pouco a leitura do texto. Ainda que haja problemas de pontuação, acentuação e grafia, por exemplo, não são recorrentes e nem graves a ponto de prejudicar o entendimento de partes do texto ou a fluidez da leitura. Há repetição branda de palavras e imprecisão específica de vocabulário. É possível aprimorar a maneira de expor as ideias por meio de uma escolha mais refinada de vocábulos e construções sintáticas. Percebe-se a tentativa de refino vocabular, porém com imprecisão na seleção de termos.

Texto 2

Linguagem, mitos e seus caminhos opostos

Datado da Pré-história, mito e linguagem estão vinculados **[construção confusa: seria “datados”?]**. Ambos surgiram da necessidade humana de dar sentido à realidade e possuem numerosas **formas** representativas. Dessa **forma** **[repetição]**, os dois possuem a mesma utilidade, mas enquanto o mito se funda nas emoções e **na** **[falta de paralelismo]** afetividade, a linguagem acompanha os avanços da humanidade.

As alegorias surgiram para explicar os fenômenos. Assim, elas são representadas **[as alegorias já são representações. Dizer que representações são representadas é um caminho tortuoso para apresentar a ideia]** por meio de histórias nas quais existe a exaltação do sentimento. O mito grego da deusa da agricultura Deméter explica o porquê de haver três meses de infertilidade. Quando sua filha, Perséfone, se apaixona por Hades e vai morar com ele no inferno, Deméter desiste de ajudar a humanidade com o plantio, mas após um acordo ela pode ver sua filha durante o período de gestação e ajudar os homens nesse mesmo tempo. Portanto, nas crenças predominam as relações afetivas **[conclusão inapropriada em relação ao que se havia defendido antes; o salto entre as informações é muito grande]**.

O dialeto é o modo de comunicação humana e varia de acordo com a sua necessidade. Assim sendo, desenvolvimento e comunicação andam lado a lado. Na linguagem da moda, por exemplo, é visível a constante mudança no vestuário, como o uso dos espartilhos que, ao longo do tempo, foi substituído pelo sutiã. Desta maneira, os signos sofrem frequentes oscilações, acompanhando o progresso humano. Diante disso, é evidente que os dois possuem o mesmo princípio. Todavia, as lendas têm um lado que apela para o sentimento. Já a língua adquiriu um caráter científico e mutável. Por isso, é visível a mesma base para eles, mas com o passar do tempo cada um se desprende, tornando-se membro independente.

Há grandes chances, a partir da tese, de esse texto ficar excessivamente expositivo. Isso porque a pretensão de defesa é bem próxima de um consenso. O D1 tem como foco o exemplo do mito, o que pode ser um problema, pois, como visto anteriormente, ele ocupa o lugar que deveria ser designado à argumentação, prejudicando a nota relacionada ao item A. O D2 começa com pouquíssima relação com o D1, caracterizando uma falha de coesão (item B). E, mais uma vez, o exemplo é o centro do parágrafo, prejudicando o processo argumentativo. A conclusão chega a uma “evidência” que não foi sustentada ao longo da argumentação.

Notas:

(A) 2,0: O texto configura-se como uma dissertação argumentativa, mas ainda apresenta trechos expositivos inadequados, sem utilidade argumentativa ou a argumentação ainda não é suficientemente consistente. O texto atende ao tema proposto ou sugerido; além disso, o aluno compreende a proposta, lê e relaciona os textos motivadores. Há indício de ponto de vista objetivo, mas ele ainda não é formulado de maneira detectável.

(B) 1,5: Texto que articula palavras, frases e parágrafos, mas que o faz de maneira mecânica, ou seja, não demonstra propriedade na elaboração linguística de um raciocínio e na escolha de conectivos. Na construção dos parágrafos, há conclusões, mas ainda não são plenamente apropriadas. Os parágrafos de desenvolvimento começam a se encadear entre si ou a conclusão se conecta a apenas um parágrafo de desenvolvimento, sendo este, por sua vez, desconectado dos outros.

(C) 2,0: O texto revela domínio do padrão culto da língua, uma vez que respeita as estruturas sintáticas e apresenta desvios gramaticais pontuais que prejudicam pouco a leitura do texto. Ainda que haja problemas de pontuação, acentuação e grafia, por exemplo, não são recorrentes e nem graves a ponto de prejudicar o entendimento de partes do texto ou a fluidez da leitura. Há repetição branda de palavras e imprecisão específica de vocabulário. É possível aprimorar a maneira de expor as ideias por meio de uma escolha mais refinada de vocábulos e construções sintáticas. Percebe-se a tentativa de refino vocabular, porém, com imprecisão na seleção de termos.

Texto 3

Espionagem: malsucedida e duplo foco

A espionagem tornou-se corriqueira durante as 1ª e 2ª Guerras Mundiais e a digital ("a digital" ficou solto; não necessariamente se pensa em "espionagem digital" logo de cara), durante a Guerra Fria. No entanto, nos presentes dias, as formas de controle dos dados e o modo como são obtidos ~~vem vêm~~ causando problemas entre quem vigia e quem é vigiado. Dessa forma, a vigilância das informações não tem sucesso ou seu foco é desviado, interferindo nas relações entre as nações.

Uma justificativa para a monitoração de informações é a proteção de um país. Fazendo uso disso, os líderes políticos teriam como prevenir tentativas de atentados, assaltos em grande escala e até a corrupção. Assim, logo após o ataque às Torres Gêmeas, no dia 11 de Setembro de 2001, foi decretado o fim das leis contra a espionagem nos Estados Unidos com a finalidade de prevenir o terrorismo. Porém, o recente ataque à Maratona de Boston em 2013 - onde duas bombas explodiram, ferindo 264 pessoas e causando a morte de 3 - mostra que a fiscalização ~~norte-americana norte-americana~~ não possui a eficiência esperada.

Atualmente, os países têm monitorado (muitos ilegalmente) uns aos outros. Entretanto, o conteúdo obtido pode gerar desconforto visto que ele é, em sua maioria, privado. Quando veio a público que telefonemas, e-mails e mensagens da presidente Dilma Rousseff haviam sido interceptados pela Agência de Segurança Nacional (NSA), administrada por Barack Obama, houve grande repúdio da opinião pública porque o Brasil era visto como prejudicial aos EUA. Por consequência, isto ~~isso~~ mostra que a espionagem, não só estadunidense, mudou seu rumo preventivo para econômico-político.

Dessa maneira, apesar ~~da de a~~ vigilância ter como princípio proteger uma nação, é possível observar a ineficiência dos sistemas operacionais atuais. Ainda, os estados vêm priorizando as estratégias políticas em nome de seus próprios benefícios. Visto isso, as alianças são ignoradas e causam sérios problemas e rupturas nas relações social, política e econômica.

Se a tese pretende defender que a vigilância interfere nas relações entre as nações, é necessário se basear em exemplos para compor a argumentação. A tese precisa ser uma problematização um pouco mais densa.

O D1 traz apenas fatos, ou seja, informações já dadas como verdadeiras pela maior parte das pessoas. Se nada está sendo defendido, esse não é um processo argumentativo.

OD2 é composto de relato. Há apenas uma sequência de acontecimentos, sem a defesa de uma ideia. A conclusão acaba apenas retomando as questões dos parágrafos anteriores.

Notas:

(A) 1,0: Texto majoritariamente expositivo/descriptivo, mas que contém opinião. Há desvio, restrição a particularidades ou ampliação demasiada do tema proposto e/ou há cópia da coletânea.

(B) 2,0: Texto que articula palavras, frases e parágrafos de maneira satisfatória, que demonstra propriedade na escolha de maior parte dos elementos coesivos, mas que ainda apresenta falhas ou inseguranças nessa escolha. Há algumas conclusões apropriadas para os raciocínios expostos no interior dos parágrafos, e os argumentos se relacionam de maneira fluida e plenamente visível. Na percepção do texto como um todo, há planejamento do raciocínio proposto, o que reflete uma boa conexão entre a tese e o restante do texto ainda que possa haver alguma descontinuidade entre os parágrafos.

(C) 2,5: Texto com bom domínio do padrão culto da língua e raros desvios gramaticais que não interferem na leitura. Há repetição de palavras ou imprecisão vocabular, mas em pouquíssima quantidade. É possível perceber a intenção de refino do vocabulário por meio da variedade e precisão vocabular e/ou no uso de construções sintáticas variadas.

Proposta de redação

A proposta é bastante simples, isto é, apresenta uma propaganda amplamente divulgada, com um slogan comumente repetido por crianças e adultos no dia a dia, e solicita que se discorra sobre determinada visão de mundo que essa propaganda veicula. Então, será necessário recorrer a características sociais já trabalhadas e exemplos de textos já estudados ou produzidos que podem facilmente ser reaproveitados, pois a proposta é semelhante a outras já vistas (Fuvest 2013, por exemplo).

Capítulo 27 Grades de correção II: Enem

Para praticar

Texto 1

Chuta que é intolerância

O Brasil, país caracterizado por ~~inumeras inúmeras~~ etnias durante sua formação cultural, teve como principal influência a moral cristã-católica, deixando ~~(há um problema sintático aqui: quem é o sujeito de "deixando"?)~~ sua tradição de forma muito marcante até os dias de hoje. Contudo, outras religiões como as ~~afrobrasileiras afro-brasileiras~~ têm seus cultos e símbolos desvalorizados e seus seguidores sofrem diariamente com a discriminação e ~~com~~ o preconceito. Entretanto, a política brasileira "teoricamente" ~~lo termo soa irônico, o que não é bom em uma~~

~~dsertação) laica e a educação ainda eurocêntrica eurocêntrica~~ nas escolas são as principais causas de uma contínua cultura do preconceito religioso.

Nos poderes executivo e legislativo, a laicidade é somente ~~teórica teórica~~ já que há explícita a influência da religião em discursos públicos e também na formulação de leis sem qualquer tipo de punição. ~~(As leis não têm qualquer tipo de punição ou a influência? Esse tipo de ambiguidade faz com que a leitura precise acontecer mais de uma vez, explicitando a falta de clareza nas ideias.)~~ A mistura da política com religião tende a beneficiar poucas destas religiões. Um claro exemplo é a lei aprovada recentemente na qual animais não poderiam ser usados em cultos religiosos afetando assim diretamente religiões de origem africana, mas que não faz qualquer tipo de citação ao "típico" ~~(as aspas demonstram má escolha vocabular)~~ peru de Natal utilizado nas festas cristãs, também caracterizado com ritual religioso.

Apesar de, no Brasil, a população negra majoritária, não há incentivo nas escolas sobre o estudo da história de nossos antepassados africanos ou ~~asiáticos asiáticos~~ ou mesmo dos nativos americanos ~~(enumeração confusa)~~, o estudo é centralizado no continente europeu. ~~(quebra sintática)~~ Tendo como consequência a desvalorização de suas culturas e religiões, caracterizando um dos motivos de preconceito sobre as religiões que descem destes locais ~~(que locais? O referente está mal formulado)~~ pelo simples desconhecimento sobre elas.

Embora o brasileiro tenha acesso a ~~inumeras inúmeras~~ culturas distintas, ainda há preconceito religioso que deve ser combatido. Através do esdarecimento da história ~~destes desses~~ dogmas por meio da educação das escolas, de modo a inserir uma educação religiosa no currículo escolar, abrangendo todas as principais religiões e suas características. ~~(Período longo e com problemas de sequenciação sintática)~~ A imposição de maior laicidade na política deve ser intensa de forma que todas as religiões sejam ~~tratados tratadas~~ de forma igualitária e justa. A longo prazo através do esclarecimento, a população se torna mais aberta e menos preconceituosa intolerante.

Victoria Del Moro Cespedes - 840 na correção oficial

A introdução mostra que a candidata produziu um texto dentro do tema proposto e há uma tese interessante a ser defendida. Há de se tomar cuidado, porém, com a linguagem e com a coesão. As ideias estão dispostas de forma confusa.

No D1, há argumentos que mostram que, no governo, a laicidade do Estado não é levada a sério, mas, ainda assim, o raciocínio poderia estar bem elaborado. O exemplo colabora para a argumentação, o que valoriza esse parágrafo.

As ideias em D2 são boas, mas um questionamento crítico sobre o porquê de a escola atuar da forma como funciona poderia dar densidade ao que se pretende defender.

A proposta de intervenção é detalhada, mas ainda não é suficiente. Para melhorá-la, é preciso articular os agentes ao que foi exposto no corpo do texto, especificando mais suas ações.

Competência 1	160 pontos	<i>Demonstra bom domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro, com poucos desvios gramaticais e de convenções da escrita.</i>
Competência 2	160 pontos	<i>Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente e apresenta bom domínio do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão</i>
Competência 3	160 pontos	<i>Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, de forma organizada, com indícios de autoria, em defesa de um ponto de vista.</i>
Competência 4	200 pontos	<i>Articula bem as partes do texto e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos</i>
Competência 5	160 pontos	<i>Elabora bem proposta de intervenção relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto</i>

Texto 2

O preconceito socioeconômico e a intolerância religiosa

O Brasil, fruto de um passado histórico colonial, apresenta a religiosidade em sua população de forma heterogênea, comumente atrelada à origem étnico-social do indivíduo. O mito do "brasileiro cordial", segundo o qual seríamos um povo extremamente tolerante, se apresenta também no pouco destaque dado à questão da intolerância religiosa como um fenômeno: não são apenas agressões em indivíduos, mas especificamente a grupos socioeconômicos mais vulneráveis. Tal como Jorge Amado ilustra em sua obra "Capitães da Areia", a divisão ocorre tanto no nível espacial (entre Cidade Alta e Baixa) quanto à crença (paralelismo sintaticamente mal construído) [o cristianismo das elites e os cultos africanos dos mais humildes]. Dados que explicitam essa tendência, portanto, não surpreendem, já que somente comprovam a discriminação herdada de períodos anteriores. As religiões afro-brasileiras, vítimas dos anos de escravidão; o judaísmo, do antissemitismo histórico: essa persistência de preconceitos comprova a eficácia insuficiente das ações preventivas e punitivas tomadas até então. Se existe um canal à de denúncia de atos discriminatórios, em conjunto com leis rigorosas, é necessário o foco nas ações preventivas. O acolhimento plano de todas as crianças, no entanto, é inviável, mas deve-se organizar mecanismos para evitar o maior número de conflitos. A predominância de uma religião, o surgimento de outra são fatos que devem ser previstos, de acordo com a autodeterminação individual a escolha da crença. Se, como em "Capitães da Areia", a superioridade de uma religiosidade em relação as outras é explicitamente tida como verdadeira, o Estado e

outros segmentos sociais devem intervir. Medidas preventivas como ensino religioso visando ao conhecimento da diversidade, desde o Ensino Infantil até o Fundamental I e atos Públicos como exposições, visitas a templos de religiões diversas são fundamentais à coexistência pacífica. O incremento das ferramentas de denúncia, como um maior rigor na lei em caso de reincidência, pode reduzir o número de infrações caso seja acompanhado por cursos e avaliações em relação ao respeito à diversidade.

Marcelo Kenzo Naya Takahashi - 940 na correção oficial

O autor produziu um texto dentro do tema proposto e trouxe referências de seu conhecimento de mundo que apontam para a maturidade da análise. Essas questões são muito valorizadas na Competência 2.

Os dois parágrafos de desenvolvimento são muito bem escritos. Há desenvolvimento da argumentação e preocupação com a explicação de cada informação adicionada.

Na conclusão, a ansiedade para deixá-la completa acabou desorganizando um pouco o raciocínio. Para garantir que a proposta ficará organizada, é importante seguir a ordem: agente, ação, detalhamento e relevância para o problema. Perde-se um pouco na Competência 5 por isso.

Competência 1	200 pontos	<i>Demonstra excelente domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro. Desvios gramaticais ou de convenções da escrita serão aceitos somente como excepcionalidade e quando não caracterizarem reincidência.</i>
Competência 2	200 pontos	<i>Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente, a partir de um repertório sociocultural produtivo e apresenta excelente domínio do texto dissertativo-argumentativo.</i>
Competência 3	200 pontos	<i>Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema proposto, de forma consistente e organizada, configurando autoria, em defesa de um ponto de vista</i>
Competência 4	200 pontos	<i>Articula bem as partes do texto e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos</i>
Competência 5	160 pontos	<i>Elabora bem proposta de intervenção relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.</i>

Texto 3

Intolerância Religiosa

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, apelidada de "Constituição Cidadã", preciza e assegura a liberdade de crença religiosa às

pessoas, além de proteção e respeito a todas as religiões. Nesse sentido, a intolerância religiosa é um crime inafiançável inafiançável e imprescritível, que fere a dignidade do indivíduo. Nesse cenário, a intolerância religiosa no Brasil é fruto de preconceitos sócio-culturais socioculturais e tem como consequência a violência e a discriminação de certos setores da sociedade.

Em um país pós-escravista e eurocêntrico, a cultura africana se mostra grande alvo de preconceitos. No atual contexto brasileiro, as escolas persistem em ensinar apenas a história da Europa e a ignorar (problema de paralelismo sintático) a existência de um continente africano que, forçosamente, por meio da escravidão sistemática de negros adotada por Portugal, também colonizou o Brasil. A falta de diversidade no ensino não reflete a realidade de nosso país, no qual a maior parte da população é negra. Nesse cenário, o preconceito contra a cultura africana é instaurado pela falta de conhecimento e pela generalização de estereótipos estereótipos conservadores que servem à manutenção dos privilégios daqueles que se beneficiam de uma cultura eurocêntrica.

A violência para com as religiões afro-brasileiras é consequência de uma sociedade intolerante e preconceituosa. Apesar de atitudes agressivas, ofensas e tratamento diferenciado a alguém por conta de sua religiões religião serem crime, a generalização desse comportamento é nítida e fica exposta nas estatísticas: segundo a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, entre 2011 e 2014 foram 75 denúncias de discriminação contra religiões afro-brasileiras. Tal discriminação não necessariamente é física, podendo também se expressar no imaginário popular: palavras como "macumba" são usadas pejorativamente contra religiões como Candomblé e Umbanda, sendo comum ouvir-se, até na TV, expressões como "chuta que é macumba" e que tais religiões são "coisa do Diabo".

A sociedade brasileira tem um nítido problema de intolerância e preconceito. Nesse cenário, o governo deve trabalhar em conjunto da com a população para por um fim nessa situação. O Governo Federal, em parceria com os governos Estaduais e Municipais, pode podem envolver as escolas em projetos de conscientização dos alunos, por meio de aulas e livros didáticos, da diversidade de nosso país e da necessidade do respeito a todos, independente independentemente de seu credo. As famílias podem conversar com suas crianças e jovens, ensinando-os a tolerância e o respeito para com o próximo, mesmo que esse tenha uma cultura diferente. Dessa maneira, a segurança de todos poderá ser garantida, sem preconceitos ou discriminação.

Mariana Thaís Limberg - 820 na correção oficial

A introdução mostra que a candidata produziu um texto dentro do tema proposto, mas a tese é pouco densa, ainda que esteja presente, o que pode desencadear problemas na argumentação. Os conectivos começam a se repetir.

No D1, há argumentos históricos, o que é muito bom para a argumentação no Enem. Além disso, a discussão se aprofunda minimamente.

Dados estatísticos, mesmo quando colhidos da coletânea, são aliados. Mais uma vez, a argumentação está bem construída.

A proposta de intervenção é um pouco detalhada, mas ainda não é suficiente, já que fica apenas no plano da conscientização, sem sugerir como a proposta deve ser realizada.

Competência 1	160 pontos	<i>Demonstra bom domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa e de escolha de registro, com poucos desvios gramaticais e de convenções da escrita.</i>
Competência 2	200 pontos	<i>Desenvolve o tema por meio de argumentação consistente, a partir de um repertório sociocultural produtivo, e apresenta excelente domínio do texto dissertativo-argumentativo.</i>
Competência 3	200 pontos	<i>Apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema proposto, de forma consistente e organizada, configurando autoria, em defesa de um ponto de vista.</i>
Competência 4	160 pontos	<i>Articula as partes do texto com poucas inadequações e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos.</i>
Competência 5	120 pontos	<i>Elabora, de forma mediana, proposta de intervenção relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto.</i>

Proposta de redação

É importante argumentar em relação ao quadro de desigualdade social e apresentar soluções para a atual situação, respeitando os direitos humanos. Para isso, será essencial lembrar a estrutura de provas que pedem intervenção e organizar-se dentro desse suporte básico, destacando, na conclusão, as possíveis soluções.

Capítulo 28 Grades de correção III: gêneros textuais

Para praticar

Texto 1

O Rio de Janeiro dos poetas, das letras de bossa nova, do ideal de luxo tropical está bem distante da realidade descoberta pela temporada de chuvas do fim de 2009. Serve assim como metonímia da situação do Brasil como um todo. Mas o Rio de Janeiro de um cronista, mesmo que ainda poeta, fornece a melhor descrição da verdadeira situação da habitação brasileira e os serviços públicos relativos à sua manutenção.

Na sua terrivelmente atual crônica de 1966, Carlos Drummond de Andrade mostra o cenário que todos observamos pelo Brasil. A terrível destruição

desoladora de "Os Dias Escuros" se projeta pela contemporaneidade de muitas cidades brasileiras. A precariedade que justifica o termo "ocupação" ao invés de "habitação" na referência aos "barracos que desmancham como armações de baralho" é perturbadora, e a causa prática da devastação enfrentada pela população aparentemente invisível ao olhar do governo, que pouco faz para dignificar suas condições. Assim o povo sofre a calamidade tripla: um governo ineficiente; condições de vida **infértimas infelizes**, e a força da natureza.

O "raio de sol que teima em não romper", o auxílio da população melhor posicionada e a mobilização de recursos improvisados, pode fornecer um ponto de luz no tema da crônica e na realidade, mas é de fato uma assistência que não deveria ser necessária. O governo que tarda em agir (pois a situação exige projetos de habitação em larga escala) já proporcionou comentários suficientes. Que sua falta de ação seja revertida antes que seja necessária outra publicação que se refira à mesma catástrofe, daqui a mais quarenta anos.

Importante: o autor desse texto leva em consideração que o leitor talvez não conheça a crônica sobre a qual se fala. Por isso, ele cuida de apresentá-la ao leitor, como realmente aconteceria numa situação real de interlocução. Quando abrimos o jornal, tudo aquilo sobre o que se fala é referenciado.

Além disso, há um excelente uso do vocabulário, escolhas sintáticas maduras e uma leitura de mundo crítica e ampliadora, que permite a interpretação da crônica e o diálogo dela com a realidade.

É um texto nota 8/8

Comentário da Comvest

Nesse artigo jornalístico opinativo, há um claro trabalho de autoria que confere autonomia e sustentação ao texto, formulado em sintonia refinada com a leitura da crônica proposta. As condições de produção para a boa realização da proposta foram levadas em consideração: o gênero a ser trabalhado, a interlocução a ser construída, a leitura da crônica e o propósito da escrita, que era estabelecer um diálogo entre as recentes catástrofes oriundas das chuvas no Brasil e a crônica de Drummond. Trabalhando com três pontos de intersecção entre a contemporaneidade e a crônica, fica clara a posição do articulista nessa relação.

Texto 2

No fim de 2009, diversas cidades brasileiras enfrentaram problemas devido às fortes e frequentes chuvas. Para muitas famílias, foi um período de "dias escuros", tal como o nome da crônica de Drummond. Na mesma, o cronista relata a perda de muitas famílias devido a desabamentos de casas e tantos mortos soterrados. Lendo tal texto, não é difícil recordar dos acontecimentos recentes de Angra dos Reis, a imagem de barracos e pousadas vindo à baixo repetiu-se **inúmeras inúmeras** vezes nos telejornais.

Drummond escreve de uma cidade "ensopada de chuva" e rios enchendo que poderia muito bem ter acontecido no ano passado, quando, por exemplo, cidades históricas do interior paulista foram destruídas pela enchente, e não há mais de 40 anos.

Há ainda o despreparo do governo para ajudar tantos desabrigados. Um fato atual ou ainda estamos falando da crônica? Não há como separar.

Mesmo anos atrás, o escritor nos apontou problemas de nossa sociedade que acabaram acarretando desgraças. Ele nos falou dos problemas de estruturas e submoradias, falta de condições sanitárias e todas as outras críticas que ouvimos especialistas relatarem há poucos meses como causa dos recentes desastres.

Nada foi feito naquela época e os problemas persistiram até os dias de hoje, "o eterno despreparo". Enquanto nenhuma medida é tomada afim de não se repetir as mesmas desgraças, ficamos como Drummond, tomados pelo remorso e sentimento de culpa por não ter sido feito nada para impedir algo que já era previsto.

Importante: o artigo definido usado antes da citação da crônica nos deixa na dúvida sobre o autor acreditar ou não que o leitor conhece o texto em questão. Ainda que, em seguida, haja uma explicação da crônica original, seria interessante o refino da linguagem. Elementos de coesão como "Há ainda" dão um aspecto de "lista" para o texto, como se o autor deixasse escapar que está cumprindo ordens (as da proposta). Por isso, ainda que seja um artigo muito bom, poderia, mesmo em situação de prova, ser mais bem feito. Pelas razões expostas, perde 1 ponto na grade holística.

Nota: 7/8

Comentário da Comvest

Nesse texto, o autor compõe um artigo de opinião que poderia ser publicado em um jornal dialogando com a crônica apresentada como coletânea. Quando o aluno opta por um texto com tom mais informativo (que remonta um passado histórico), cumpre adequadamente os propósitos da proposta e, devido à organização dessas informações, se insere adequadamente no gênero solicitado. O bom uso da norma culta e a coerência sintática garantem a fluidez, ainda que possam haver ajustes.

Texto 3

Comentário da Comvest

O autor dessa redação abaixo da média teve um mau desempenho sobretudo por um problema central: pressupor a crônica como um texto compartilhado entre quem escreve e quem lê a redação. Dito de outro modo, o candidato colocou-se na posição de quem escreve para o avaliador (que obviamente conhece a crônica, por dever de ofício).

A partir do que a banca avaliadora nos apresenta, fica bastante claro que um dos elementos fundamentais para a composição de qualquer gênero textual foi deixado de lado pelo autor: a interlocução. Ou seja: quem sou eu e quem é o outro? Será que esse outro sabe aquilo que eu sei? A situação de comunicação, portanto, precisa ser muito bem avaliada. Se vamos escrever para um jornal de grande circulação, é possível que a crônica à qual precisemos nos referir não seja de conhecimento prévio do leitor e que, por isso, precisemos "apresentá-la" a ele. É esse detalhe que faz com que o texto não seja

considerado um texto bom, já que cumpre com outros requisitos e não apresenta graves problemas gramaticais, por exemplo.

Texto 4

Comentário da Comvest

Esse texto é frágil por desconsiderar completamente, para a elaboração do artigo jornalístico, a leitura da crônica e o diálogo com ela. Essa leitura e relação eram pontos nodais do propósito da redação. Com isso, o gênero se descaracteriza, aproximando-se de um texto dissertativo pouco usual para um articulista de matérias em revistas de grande circulação, prejudicando a interlocução. Do ponto de vista formal, o texto é razoavelmente bem escrito e fluido, dado o uso dos recursos coesivos e lexicais quase sempre adequados. Entretanto, é um texto que poderíamos chamar de "coringa", que parece já "pronto" e que desconsidera a importância da leitura integral da proposta, leitura que evitaria equívocos como os que se verifica nessa redação.

Provavelmente habituado à prática dissertativa, o aluno, nesse caso, parece tomar a crônica de Drummond como um elemento motivador de reflexão apenas, sem que precisasse manter-se o tempo todo em diálogo. Quando estamos trabalhando com uma coletânea de dissertação argumentativa, é mais comum que haja esse "descolamento", mas a produção de gêneros textuais geralmente carrega mais regras a serem consideradas e exige uma interação específica com esses textos-base.

Texto 5

Comentário da Comvest

Em vez de colocar-se na posição de um articulista que, em um artigo jornalístico opinativo para uma série especial sobre cidades, a ser publicado em uma revista de grande circulação, dialoga com a crônica de Drummond publicada em 1966, o candidato escreve um texto em que simula uma entrevista com Drummond, cujas respostas são trechos copiados do texto-fonte.

Nesse texto, o aluno desconsidera todo o enunciado e aquilo que havia sido pedido. Ainda que respeite a crônica, acaba entendendo "diálogo" de uma maneira muito literal, o que prejudica toda a produção textual, já que não só o gênero não é cumprido, mas também a interlocução e o propósito. Além disso, os problemas de norma culta (modalidade) interferem na coesão e na clareza.

Todos os comentários da Comvest foram retirados de: COMVEST – Redações Comentadas Unicamp-2016. Disponível em: <www.comvest.unicamp.br/vest_antiores/2011/download/comentadas/redacao.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2016.

Proposta de redação

É importante se posicionar dentro do gênero carta do leitor, ou seja, um tipo de carta comumente enviado por leitores às publicações. Portanto, há uma interlocução delimitada: quem escreve é o leitor do veículo de comunicação em questão; quem lê é a publicação em si, mas também todos os outros leitores. O objetivo é se posicionar em relação à questão principal da proposta com base na

situação do texto 1. Cumpridos os três requisitos, é ideal verificar a presença de clareza, uso da norma culta e autonomia dentro do gênero.

Capítulo 29 Revisão I

Para praticar

Ambos os textos exigem **exposição e argumentação** com foco na argumentação.

A proposta 1 abre um pequeno espaço para **narração** devido ao mito de Narciso. A proposta 2 abre um pequeno espaço para **relato**, caso julgue necessário (porque o texto-base traz relato também).

Proposta de redação

A primeira proposta pede uma **carta do leitor**, ou seja, uma carta escrita por um leitor da publicação que tem por objetivo comentar algum conteúdo veiculado pela mídia em questão. Neste caso, deve-se comentar a matéria divulgada pela revista Superinteressante, posicionando-se em relação a ela. O posicionamento em si não é relevante, mas sim a coerência na construção do texto dentro da situação sugerida.

No **artigo de opinião**, gênero apresentado pela proposta 2, será necessário novamente se posicionar, mas dessa vez sem um interlocutor individual. O artigo, que será publicado, deverá ter como foco todos os leitores da publicação.

O principal aspecto que diferenciará os dois textos (da primeira e da segunda propostas), além do tema, é a **interlocução**.

Capítulo 30 Revisão II

Para praticar

[Antenor, habitante do País do Sol, afrontava diversos níveis do relacionamento humano devido à sua **má cabeça**, que, diferentemente das outras, não estava habituada ao que era tomado como normalidade. João do Rio, em sua ficção "O homem da cabeça de papelão" põe em xeque a felicidade e a uniformidade fixadas.] **contextualização** [Felicidade, porém, parece ser passível de múltiplas definições, visto que é entendida de formas distintas em contextos diferentes. No capitalismo, em que o lucro é a tônica, é entendida como a realização de desejos materiais e sentimentais e torna-se um padrão a ser buscado.] **tese** [Posto que a sociedade atual fixou sua definição, a felicidade tornou-se um alvo; houve uma padronização do comportamento daqueles que, pressionados pelo grupo em que se inserem, desejam ser felizes.] **tópico frasal** Dentro dessa lógica, porém, vale ressaltar que felicidade está fortemente associada à plenitude, dada pelo alcance dos objetivos, possibilidade quase irreal, já que são reinventados ininterruptamente. Segundo Drummond, "Há duas épocas na vida, infância e velhice, em que a felicidade está numa caixa de bombons."; nas outras, portanto,

a caixa de bombons é insuficiente. [Quando uma rede de eletrodomésticos usa como **slogan** "Vem ser feliz", por exemplo, aponta para o fato de que, no mundo do consumo, em um primeiro momento a felicidade se encontra onde o produto está, porém, ainda que se leve o produto para casa, a felicidade continuará na loja.] **exemplo**

[A padronização, porém, para tornar iguais os desejos individuais, também exclui os diferentes. Se alguém procura o bem-estar fora do que é dado, choca-se com a ideia de "normalidade".] **tópico frasal** O enquadramento num molde é importante para que o fluxo instituído – que minimiza o pensar sobre o próprio consumo – se mantenha. Em um contexto em que cabeças de papelão, sempre tão iguais, organizam-se homogeneamente para reger a sociedade independentemente de qualquer questionamento moral ou ético, uma que se mostre a "máquina sensível do tempo", como apontou João do Rio, não poderia atuar. Embora tivesse uma cabeça incrível, Antenor sentiu o impulso de deixá-la no relojoeiro para consertar; quando a resgatou, não a colocou porque a cabeça de papelão lhe havia conferido sucesso.

Por a felicidade permitir, então, um sem número de interpretações, será inevitavelmente reinterpretada a cada contexto. No atual, fixá-la como meio para o lucro e para o distanciamento da reflexão cumpre coerentemente os anseios sistêmicos. O homem estará, por isso, cada vez mais distante de ter a liberdade da interpretação sobre a felicidade novamente, ou seja, as cabeças correrão o risco de, por muito tempo, ficarem esquecidas no relojoeiro e do embrulho nunca saírem.

Proposta de redação

Para a elaboração da redação, é ideal discutir a necessidade de conhecer experiências históricas de violência e opressão para a construção de uma sociedade mais democrática. A proposta leva em consideração o atual momento político e dialoga com reivindicações de alguns grupos. Será interessante pensar em questões como "em que medida a História pode realmente ensinar algo a uma sociedade?" ou "por que há quem ignore o ensino de História como algo relevante para a formação de um cidadão?". Mais uma vez, o texto pedido aqui é uma dissertação clássica.